ANTONI DI MONTI



LÁBIOS TRÊMULOS

(ROMANCE DAS BOÎTES ÍNTIMAS)

"Lábios Trêmulos"

Romance das Boîtes

Íntimas)

DE

ANTONI DI MONTI

Um romance repleto de profundas concepções, revelando com sinceridade e destemor, numa linguagem espirituosa e vibrante, alguns ambientes da vida íntima e misteriosa do Rio de Janeiro.

Os personagens dêste romance, apesar de possuirem certas afinidades entre si, apresentam caracteres muito

Antoni Di Monti

Ao Sr. Joaquim Thomaz,



ofereço

LÁBIOS TRÊMULOS

homenagem



de Antoni Di Monti

(ROMANCE DAS BOÎTES ÍNTIMAS)

Rio, 1957



ANTONI DI MONTI, muito jovem, iniciou a sua vida artística no teatro, cujas atividades teve de abandonar por motivo de sua incorporação ao Exército, durante a última guerra. Passou, então, a colaborar para uma revista carioca, cuja secção teatral criou e desenvolveu com interessantes reportagens. Na caserna, começou a escrever os seus dois primeiros livros: "NÃO SEI SE VOLTAREI", um relato autobiográfico da infância, com o qual estreou em 1950, merecendo elogios da crítica, e "IREMOS LONGE DEMAIS!", impressões sôbre o teatro, a pintura, e as viagens que já se encontra, à venda, dentro em breve, estará em nossas principais livrarias.

Neste volume, DI MONTI nos apresenta "LÁBIOS TRÊMULOS", onde revela o mistério das "boîtes" íntimas, refúgio das criaturas mais extravagantes, cuja vida inquieta e atormentada oscila entre o amor desesperado — trágico desencanto das naturezas supersensíveis — e a loucura genial dos artistas livres e inspirados.

Os leitores, à medida que se forem inteirando das páginas dêste romance, irão descobrindo novos sentimentos, novas idéias, novos horizontes, novos

mundos... E sentirão com Rose, o amor exaltado e insaciável, o ciúme obsidente que a torturava de minuto a minuto, a atração e o medo das aventuras perigosas, e, também, a angústia e o desengano dos corações jovens e já perdidos, à margem do convívio social.

Embora Eugene O'Neill escreva, em "Raro Interlúdio: "*Existem coisas que não se pode dizer... a memória está demasiado cheia de écos!... Existem segredos que não se deve revelar... A memória está revestida de espelhos!...*", eu afirmo: **nada pode estão tão oculto, tão íntimo, que não seja possível descobrir no ser humano. A dificuldade está em conseguir observar de perto, sondar e revelar êsses aspectos sempre mantidos em segrêdo. E sobretudo, devemos reconhecer e respeitar, em cada criatura, uma parcela de espírito, de alma, por mais prisioneira, sufocada e escondida que ela esteja!...**



Do Autor:

"NÃO SEI SE VOLTAREI"

(1950)

"IREMOS LONGE DEMAIS"

(À sair breve)

"OS ANJOS MORREM NO MAR"

(No prelo)

•

"LÁBIOS TRÊMULOS"

(Romance Das Boîtes Íntimas)

ESCLARECIMENTO

Os personagens dêste romance são criaturas humanas e autênticas, com suas lutas, seus ideais, seus fracassos. Talvez sejam as mais divertidas, mas são também as mais infelizes.

Embora o livro se baseie em figuras e dramas da vida real, com detalhes colhidos em fontes do domínio público, não há alusão intencional a pessoas ou fatos, sendo obra para mentalidades já formadas e dotadas de superior compreensão da vida e dos homens.

O autor

P R E F Á C I O

Aos leitores, que, às vêzes, costumam dizer: "Êsses escritores têm cada idéia!", quero, antes de tudo, expor as razões por que fui levado a escrever esta obra.

Embora realizada em duas semanas apenas, há pouco, nas minhas férias, quando me afastei do Rio de Janeiro, ela foi imaginada, construída mentalmente durante alguns anos, pois...

A primeira idéia surgiu, mais ou menos em meados de 1946, quando, ao regressar de Montevidéu, após a obrigatória e confusa baldeação na fronteira, tomei o mesmo carro, que conduzia os integrantes do Ballet Clássico Francês "Les Etoîles de L'Opera de Paris".

Uma senhora, creio que a responsável pelo guarda-roupa do pequeno, mas homogêneo e brilhante conjunto, estava sentada à minha frente, um tanto nervosa, aborrecida com os transtornos por que acabara de passar e manteve ligeira conversação comigo.

Contei-lhe que também havia atuado em teatro, mas por motivo de fôrça maior, fôra obrigado a abandoná-lo. Ao mesmo tempo, uma jovem bailarina indagou-lhe ao meu respeito, e pude ouvir a última frase de sua resposta: "Se le han muerto las ilusiones..." Quis esclarecer-lhe que isso não era exato, mas, não houve oportunidade.

Alguns anos mais tarde, descansando na bela casa de campo em que meu amigo Renato Ronchi vive em Jacarepaguá, assisti, subjugado, à caça e morte de uma delicada libélula, por uma enorme aranha.

Quando o pintor, chegou à varanda, mostrei-lhe o que havia sucedido, e êle, muito abalado, indagou-me: "Por que você não me chamou? Eu teria evitado isso!"

Eu também lamentava a destruição da pobre libélula. Desejei explicar-lhe a minha inquietação, que não me fôra possível, naquele momento, pronunciar sequer uma palavra, porém não houve jeito.

Recentemente, um jovem amigo publicou um trabalho pretensioso e pornográfico. Solicitou-me que o criticasse. Li e analisei a obra, que me causou desgôsto e depressão. Pretendi convencê-lo do êrro que havia praticado. Infelizmente, êle não me deu razão. Esperava apenas elogios.

A pedido do próprio autor, entreguei o referido livro ao crítico de um jornal carioca; mas, êste, após verificar a obra, interpelou-me: "Você, por acaso, gostaria de ser demitido do seu emprêgo?"

Por conseguinte, nêste volume, posso, afinal, responder a essas três pessôas.

À primeira, direi que a Ilusão nunca morre, ela é eterna, e está sempre viva e inquieta, desembarcando aqui, acolá, ou mesmo anônima e apenas nu-

merada, nos campos de batalha! O teatro não é o único cemitério de ilusões...

À segunda, explicarei que aquêle instante dramático me havia provocado uma concentração espiritual demasiado intensa, a ponto de não me deixar soltar nenhum gemido. Uma poderosa inspiração, às vêzes, nos torna graves, silenciosos...

E à terceira, que, infelizmente, ainda não se convenceu do seu lamentável equívoco, inclinando-se cada vez mais para o sensacionalismo pornográfico, e, também, quer arrasar justos preconceitos, lançarei o meu derradeiro apêlo: — Então você não percebe que, assim, jamais encontrará receptividade em nosso meio?

Nêsse "duelo literário" em que nos empenhamos, quero demonstrar-lhe, aqui, ser possível escrever um romance sôbre o mesmo tema, com personagens de idêntica natureza, sem usar palavrões.

Agora, desejaria apenas afastar-me novamente daqui, de todos e de tudo, para um lugar tranquilo e ignorado, onde pudesse descansar algum tempo e dormir muitas noites, aquelas centenas de noites em que permaneci acordado e refletindo, refletindo, ansioso para que chegasse logo a luz clara e radiante da manhã!

ANTONI DI MONTI

Rio de Janeiro, maio de 1951

"O PECADO FOI MEU, EU BEM O COMPREENDI"

OSCAR WILDE

O trem vinha das planícies do Sul, avançando em direção ao Rio de Janeiro... Uma passageira — A Ilusão — estava sendo transportada da sua cidadezinha pacata, no interior, para a grande Capital. Nesta, sòmente conhecia uma prima, de profissão indefinida; igualmente jovem, fascinante e sonhadora!

Mas Rose não ía apenas ao encontro de Vivien. Ía ao encontro da vida que julgava faltar em sua casa modesta, em sua família pequena e simples, em sua rua sem calçamento, em seu bairro sem cinema, em sua cidade sem "boîtes", em seus habitantes sem ação...

De fato, dentro de poucas horas, ela estaria cercada por outro cenário, deslumbrante! E vivendo outra vida, muito movimentada e sensacional. Entretanto, isso tudo teria que pagar com o sacrifício de sua própria mocidade!

Nos seus vinte anos, sorridente, debruçada na janela do trem, acenava aos que, nos campos, ou nas lavouras, interrompiam os seus trabalhos para admi-

rá-la... E de longe, cada vez mais longe, ela ainda podia vê-los acompanhando-a com seus gestos e olhares...

Êsses olhares foram tornando-se mais frequentes, profundos e indiscretos à medida que o carro, já próximo à cidade, avançava pelas estações suburbanas. Dezenas, centenas de homens inquietos concentravam a atenção nela, como se todos estivessem à sua espera desde há longo tempo...

A Rose, porém, apenas despertava curiosidade os anúncios espalhafatosos dos cartazes cinematográficos, que lhe anunciavam filmes ainda inéditos, emoções ainda não experimentadas.

Qual dentre aquêles homens, sedentos de um corpo jovem e virgem como o seu, poderia oferecer-lhe o mesmo vigor? Qual dêles estaria com boas intenções, para torná-la uma encantadora espôsa, ou uma companheira dedicada e inseparável? Algum dêles também reconheceria nela o espírito e a honestidade?

A Ilusão talvez se entregasse a êles sem nada exigir em troca, sem mesmo ser forçada a isso; contudo, não queriam quase todos, além de possuí-la, maltratá-la e até destruí-la?

Rose sorria contente ao ver que o Rio se avizi-

nhava a cada minuto passado. Antegozava o prazer do encontro com êsse novo e extraordinário ambiente. Empinava-se tôda, repuxava o vestido vermelho, colado ao corpo divinal, alisava os seios pequenos mas bem modelados, e com gestos graciosos jogava a cabeleira farta e loira sôbre os ombros seminus...

Queria chegar triunfante! Era ansiosamente aguardada! E, em tôda parte, os olhares interessados cobiçavam-na, mas ela era A Ilusão, e apenas sorria...

Oh! maravilhosa Ilusão, de lábios ainda à espera de muitos beijos!

Ângelo também viera ao Rio mas para concluir, aperfeiçoar os seus estudos. Entretanto, a grande cidade o absorvera com múltiplos problemas e, perdido nos caminhos e atalhos da sua vida palpitante, deixou-se conduzir para um novo ambiente. O que, a princípio, lhe pareceu extraordinário, quase inadmissível, foi pouco a pouco se tornando comum aos seus olhos e aceitou, com prazer, as chaves de um reino, no qual a sua própria natureza iria aos poucos sendo devassada..

— Que pretendiam dêle, as novas amizades?

Sentado num canto do quarto, abandonado, lembrava-se de Diana. A saudade dava-lhe um nó na garganta e obrigava-o a olhar repetidas vêzes o retrato dela, sôbre a mesinha de estudos, entre duas pilhas de romances. O seu também devia ser escrito, por que não? Um romance que começára sôbre a areia branca de uma praia enfeitada de coqueiros, numa tarde de dezembro, mês amigo, de férias e liberdade! Então, o que restava dêsse amor? Apenas a promessa de que ela estaria sempre à sua espera e de que êle se afastaria por alguns anos apenas...

O calor obrigara grande parte dos habitantes do Rio a fugir para outros lugares. Êle, porém, não abandonara a Capital; apenas o seu pensamento ía para bem longe: «O que estará ela fazendo? Ainda me aguarda com igual crença e fervor?»

Não pôde mais conter-se. Apanhou uma fôlha de papel e começou a escrever-lhe apressadamente, num desabafo:

«Escrevo-lhe esta carta num dos últimos dias do mês de dezembro. Através dêstes dias agitados, ainda conservo na lembrança as noites em que conversava com você, na praia de verde mar, sol e solidão, como só essa Iracema sabe ser. Aproximamo-nos. Tornamo-nos amigos!

Você bem sabe, hoje em dia é difícil conseguir

amizades, muito mais ainda conservá-las. Todavia, estou certo de que você, como eu, sente-se feliz em manter para sempre esta nossa amizade, mesmo afastados um do outro. Peço-lhe, portanto, que me escreva tôdas as vêzes que puder.

Depois do nosso abraço, fiquei alguns minutos perplexo, julgando que não devia ter partido assim tão cedo, uma vez que as minhas férias não haviam terminado. O aparêlho alçou vôo para o azul do céu. Uma prece subiu-me do coração aos lábios... Pela primeira vez ía sentir saudade de Fortaleza.

Aqui ando fazendo mil coisas para não pensar, para não sentir, para não morrer. Mandando botar molduras em quadros, pendurando cavalo-marinho, jarrinhos-de-barro-português e ventarolas na parede, providenciando a abertura de uma janela para o poente e aprendendo a guiar um cadillac «Rabo de Peixe» que um amigo acaba de trazer da América. Quando nada disto dá resultado, nem minhas doidices e nem carneiro assado, aí então só «batida», mas eu detesto beber sòzinho ou em má companhia.

Você me perdôe, eu sei que com o tempo (minutos, talvez), isto passa. Mas, no momento, eu sinto ódio, bastante ódio de você, e, depois, um sentimento de pena e saudade de mim próprio (pelo que eu deixei de ser, que eu deixo de ser em cada minuto, em cada pessoa que passa).

Uma raiva de não ter quinze anos quando tudo era perdoável e belo, da vida estar passando e, aqui, nunca me poderem dar mais do que agitação, sem amor... Nada mais!

É meia noite. Morro de sono, porém, mais de tédio».

Faltavam apenas algumas horas para o ano terminar... Ângelo estava quase pronto para sair. Recebera convite de Castro e Nélio, dois jovens inseparáveis, colegas da Faculdade, cuja convivência muito apreciava pela maneira afetuosa com que sempre o tratavam, considerando-o uma espécie de «padrinho» nessa amizade aparentemente indestrutível. Dentro de poucas horas, estariam todos reunidos, para comemorar mais uma passagem de ano.

Bateram à porta. Para surprêsa de Ângelo, entraram Juno e Pavo, uma dupla famosa que vivia perigosamente e à cata de sensações.

— Querido, vamos festejar aqui a... —

Ângelo quis explicar que já estava pronto para se retirar, mas ambos, com grande desembaraço, fizeram-no sentar, tiraram-lhe o paletó, a gravata e colocaram-no à vontade, como se fôra êle que acabasse de visitá-los. Discutiram alguns instantes,

pois Juno estava lamentando que iriam perder o convite para a festa que naquela noite seria dada em casa de uma atriz tornada célebre pelas suas apresentações extremamente exóticas.

— Se você quiser ir àquela «bacanal», vai!... — disse Pavo, meio aborrecido.

Mas, à conclusão de que no quarto de Ângelo estariam mais à vontade, chegaram a um acôrdo; resolveram então, voltarem à rua a fim de comprar bebidas.

Ângelo, que havia esboçado pouca resistência, ainda se achava sentado, conjecturando sôbre aquela intempestiva mudança de programa, quando, para sua maior surpresa, apareceram Castro e Nélio.

— Resolvemos buscá-lo. Está pronto? Vamos!

Ângelo explicou-lhes a mudança ocorrida no programa daquela noite, mas êles não gostaram da confusão pois Castro antipatizava solenemente com Pavo. Poderia suceder alguma briguinha; quando menos uma discussão desagradável.

— Deixaremos esta maleta aqui — disse Castro — enquanto daremos uma voltinha para ver como está a Avenida.

— Não demorem — solicitou Ângelo.

— Não se preocupe conosco — explicou Nélio — iremos só até a Galeria Cruzeiro.

Novas pancadas soaram à porta. Desta vez, bem fortes, violentas. Pavo e Juno forçavam-na com os pés, pois estavam sobrecarregados de garrafas de vermouth, sanduiches e um enorme bôlo de amêndoas. Pavo deu uma palmada na testa e exclamou: — Falta o gêlo! Juno foi buscá-lo correndo... Voltou mais agitado, ainda, e quis abrir uma garrafa antes que Ângelo lhe oferecesse o sacarrolhas. Não conseguia destapá-la. Forçou-a junto à pia e o resultado foi lastimável. O vinho jorrou inesperadamente sôbre o seu blusão e dando um pulo para trás, êle meteu os pés dentro da bacia em que Pavo, malajeitado, procurava partir a pedra de gêlo. A bacia entornou-se, formando um pequeno lago e os pedaços de gêlo deslizaram pelo assoalho, escondendo-se sob os móveis. Houve uma súbita e forte atracação entre ambos, enquanto Ângelo olhava aborecido aquela cena prejudicial.

— Deixe-me cuidar das bebidas — gritou Pavo, erguendo-se ameaçador, com um cabo de faca. — Cuide dos sanduiches!... Agarrou o bolo, atirando-o para Juno. Êste, que se distraíra limpando o blusão, levantou os braços tentando apanhá-lo. O bolo roçou-lhe as mãos e foi espatifar-se contra um busto de mulher colocado sôbre o guarda-roupa. Felizmente cessou logo o conflito, pois todos puseram-se a rir doidamente.

Nélio e Castro regressaram com Irineu e Fábio. Êstes foram apresentados a Ângelo e, sentindo-se à vontade, começaram a dançar, cada qual no seu estilo. Fábio fazia evoluções clássicas, piruetas, entre os móveis e defronte a um biombo de espelhos. Possuía leveza e graça nos movimentos e só não conseguira destacar-se no «ballet» por falta de maior coragem para ingressar numa carreira então pouco compensadora. De quando em quando, chocava-se com Irineu que, tirando a roupa, agitava-se num «swing» desenfreado.

Pavo, contaminado por aquela animação, colocou as mãos nas cadeiras e, girando um guarda-chuva, pôs-se a imitar uma cena teatral em evidência. Castro olhava-o com desdém... Ao notá-lo, Pavo falou: — Eu sei que você me detesta. Continue comendo as suas empadinhas... Muita gente só come isso e até engorda!

— Muito pior, eu ignoro-o. E estou comendo o que foi feito em casa, ouviu?

— Hum, pudera!, uma insignificância como a sua... Saia feto!

— Hipócrita! — disse Castro.

— **Sinceramente,** hipócrita — frisou Pavo, sorrindo triunfante.

Ângelo, vendo que o ambiente estava um tanto acalorado, apagou as luzes, substituindo-as por

pequenas e coloridas lâmpadas, que deram um aspecto mais íntimo e repousante ao quarto. A um canto, Nélio, que se afastara de Castro durante a discussão dêste com Pavo, aceitava os cálices seguidos que Juno, já meio embriagado, lhe oferecia, com sorrisos e piscadas maliciosas. — Serão famosos bailarinos — dizia, apontando os dois excêntricos. — Um está criando algo notável: «O Ballet do Gato Afogado»; enquanto o outro...». Mas Irineu interompeu-o: — Estou me preparando é para o Carnaval! Olhem só o «biquini» com que sairei êste ano — disse, enrolando um lenço à volta das cadeiras oscilantes. — Que tal? «Sereia 1950!».

— E eu, para acompanhá-lo — adiantou Fábio — me vestirei de «Banhista 1800», de touca, botinas e saia até aqui em baixo...

— Credo, você vai ser detido... — fez Nélio.

— Eu, preso? Ora que sucesso!! — bradou Irineu, com sua voz arrastada, mas poderosa.

À meia noite, Ângelo apagou as luzes e acendeu sòmente uma pequena lâmpada vermelha que estava atrás de uma grande máscara de diabo. Pavo soltou um grito de pavor, ao mesmo tempo que Castro dava gostosa gargalhada provocadora. Juno ainda mantinha-se conversando e bebendo; murmurava ao ouvido de Nélio: — Eu só gosto de cria-

turas frias .O romantismo, para mim, é bobagem! Brincadeira do tempo de criança... — Entretanto, na prática, desmentia tudo.

Todos trocaram abraços e muitos votos de felicidade. Alguém chegou tarde. — Deve ser Vivien, uma amiga minha — explicou Castro. — Pedi-lhe que viesse ter aqui, conosco, caso não nos encontrase lá na «Gruta dos Loucos».

— Hum, que maravilha! — exclamou Juno para a recém-chegada. Mas Pavo, despeitado e enciumado, acrescentou logo: — A Dama da Meia Noite chegando a la «Boîte du Diable»!

— Que audácia! — respondeu-lhe Vivien, com uma pôse de semideusa.

«Diana,

Sòmente hoje chegou-me às mãos sua primeira carta. Estou ciente de tudo. Quanto às sapatilhas, eu não tive culpa, você bem sabe que eu as mandaria se fôsse coisa possível. E agora, cá para nós dois, acho melhor você ir encerrando suas atividades artísticas aí, pois, minha pequena, o prazer de aparecer em público não compensa as despesas e as contrariedades que tem tido; sobretudo, o cansaço...

Logo vi que o negócio do festival não ia sair assim baratinho, como me dizia. Em todo caso, você já alcançou algum sucesso na vida. É mais feliz do que eu. Acho que não compreendi bem o que me manda dizer sôbre o Afonso.

Brigou com você por causa do que «havia entre nós dois»? Êle não aceitou a transferência para Natal? Acabe com a preguiça e escreva-me uma carta bem grande sôbre êsses assuntos.

Minha querida, as coisas aqui no Rio não estão, em absoluto, me agradando. A obra está saindo-me mais custosa do que supunha. Não quis falar-lhe aí, mas embarquei com apenas um conto e duzentos. Minha cara Diana, só você conseguiria que eu embarcasse. Eu bem que ainda quis retroceder, à última hora, arranjando aquela confusão. Lembra-se? Mas você teve fôrças sôbre mim e ganhou a parada. Em três dias você me chutou daí para cá e de avião. Eu, por você, fiz isso e farei coisas maiores, eu juro! Saberei vencer tôdas as dificuldades que se me apresentarem e, dentro em breve, já estarei formado e voltarei para casarmos. Sei que seus pais continuam opondo-se; porque não combina outro endereço para eu

lhe escrever? Preciso estar sempre em contato com você. Não pode imaginar nem de longe a falta que você me faz. Quando entro numa leitaria para lanchar e me vejo só, na mesa, olho em redor e noto amigos conversando, rindo juntos, invade-me uma profunda tristeza e uma saudade imensa se apodera de mim, pois lembro-me dos meses felizes em que convivemos quase continuamente, rindo, falando, brigando e fazendo as pazes... Como era bom! Deus permita que as coisas se regularizem logo e que eu possa ter você de novo ao meu lado. Peço-lhe que me escreva. Escreva sempre. De minha casa, nenhuma palavra. Você, pelo menos, pode me dar um pouco de alívio. Escreva, pois. Não desanime, nem julgue que desanimei. Cada vez mais, agora, estou firme no propósito de vencer. Tenho estudado bastante, pois os exames se aproximam. Mas como é difícil concentrar a atenção nos estudos, nesta época, em que o Rio já começa a ser contaminado pela febre carnavalesca. E os meus amigos já estão quase doidos.

Recomenda-me ao Nico e diz-lhe que vou mandar o «Put the blame on name, boys!».

Você tem ido tomar cajuína e à nossa praia?

Não deixe de pensar noutro enderêço e aceite um abraço e beijos dêste maluco que muito lhe quer.

Ângelo»

Certamente não se encontraria título mais acertado para aquêle subterrâneo: «A Gruta dos Loucos». Ali habitavam cinco ou seis criaturas, as mais extravagantes. O número delas não era fixo, pois frequentemente alguma outra pessoa juntava-se ao grupo, para uma pousada, ou várias noites, conforme o laço que a unisse ao amigo.

A casa ficava entre os bairros Flamengo e Botafogo, numa rua tranqüila, de duas quadras apenas. No final, um tanto escondida pelo jardim mal cuidado e onde as plantas cresciam à vontade, ainda mantinha-se o casarão velho, cuja pintura já não denotava uma côr exata.

Ângelo empurrou a porta de mansinho e atravessou o corredor escuro que levava à escada junto à parede. Desceu-a cautelosamente, agarrando-se ao corrimão e procurando com os pés os degraus invisíveis. A única segurança era estar convencido de que alguns dos amigos se encontrasse lá em baixo, porque, do jardim, já avistara uma luz débil coando através das telas de arame e vidros foscos.

Ensaiou mais alguns passos, no escuro, com as mãos estendidas como sonâmbulo e, atingindo uma superfície de madeira, golpeou-a levemente. Devia ser a porta. Ninguém o atendeu. Era incrível! E a luz acesa? E o rádio ligado baixinho?... Tornou a bater forte; inùtilmente. Então procurou uma fresta e espiou para dentro. O que viu deixou-o intrigado. Sôbre a cama desfeita, alguém estava estendido, dormindo, num entorpecimento tão grande que não despertava nem se movia. Estaria morta aquela criatura?! Observou melhor, achando-a parecida com Vivien.

A curiosidade espicaçava-o, produzindo-lhe agitação, mas procurou conter-se a fim de não atrair a atenção dos inquilinos do andar térreo. Infelizmente, não havia um espaço por onde pudesse atirar um seixo sôbre aquêle corpo pesado. Resolveu, pois, retirar-se do local .Fê-lo com mais cuidado ainda, a fim de não ser notada a sua visita. Alcançando a rua, resolveu tomar um taxi para, com maior rapidez, chegar à residência de Castro, o único jovem que, além de conviver ali diàriamente, também morava fora, com a família, na Tijuca.

Denotou ao motorista que estava com pressa, no seu modo de lhe dar o enderêço e, ao mesmo tempo, observar o relógio.

Sòmente quando o carro avançava vertiginosa-

mente pela avenida Beiramar, lembrou-se de um caso que Castro lhe havia narrado, poucos dias antes, ao qual, a princípio, não dera maior importância. «Você conhece Vivien?». Ângelo respondeu-lhe afirmativamente, cabisbaixo. «Então vou contar-lhe o que se passou esta noite...». E o amigo narrou, detalhadamente, como Vivien havia chegado àquela turma, ficando companheira de Rody, um poeta inglês que tanto possuía de inspiração quanto de loucura...

Vivien, supersensível, deixara-se envolver pela personalidade mórbida do escritor que, sentindo-a em suas garras, procurava apossar-se muito mais do seu espírito que do seu sexo duvidoso. Contìnuamente recitava-lhe poemas tétritos que ultrapassavam os de Augusto dos Anjos e assombravam a desprevenida Vivien, a qual arregalava os seus lindos olhos verdes. Ela, a fim de conquistar mais depressa a amizade de Rody, expunha tudo o que lhe ía no íntimo. Certa ocasião, revelou, insensatamente, o seu maior segrêdo: um temor que a torturava há muitos anos, mas que já se revestia de certo prazer. O prazer mórbido que viria acentuar ainda mais a potencialidade criminosa que residia no poeta. Era o desejo de que a estrangulasse num momento de êxtase; ao que Rody revidou: — «E o que mais anseio é...» Vivien percebeu que, afinal, estava diante do seu próprio destino. Tudo dependia então da

sua fôrça de vontade. Mas... talvez já fôsse tarde, pensava Ângelo, o seu cadáver estava abandonado sôbre aquela modesta cama, num quarto escuso e misterioso. E aquêle desalinho não era sinal visível de que houvera luta entre ambos? Quem sabe se, nos últimos instantes, se arrependera dêsse estranho pacto de morte?

Na casa de Castro, um belíssimo bungalô, Ângelo foi prontamente atendido por uma empregada solícita, que lhe contou ter o amigo se ausentado em companhia de outros jovens para um pique-nique. Contudo, não lhe revelou para onde haviam ido...

Era horrível aquela situação. Fazia tudo para mudar de pensamento e não se sentir só e desesperado. Aonde estaria um amigo sincero e confidente ao qual pudesse comunicar a ocorrência e que não o comprometesse junto à polícia? Todos, todos eram uns loucos varridos que, em seus caprichos, facilitavam tudo... Não seria melhor abandonar de vez tôdas aquelas amizades turbulentas e voltar a uma vida tranqüila e livre de tais pesadelos?

Decidiu, pois, regressar ao seu quarto e esperar pelo dia imediato. O mistério já estaria divulgado e dêle se ocupariam os jornais, reclamando a caça imediata ao criminoso e uma pesquiza minuciosa na vida de todos os frequentadores da «Gruta dos Lou-

cos». Mas para onde teria fugido Rody? Outro mistério...

Na manhã seguinte, saltou cedinho do leito, onde passara a noite a se remexer, buscando solução para o caso cujo desenlace testemunhara sòzinho e silencioso... Não teve paciência de preparar o seu próprio café e saíu para tomá-lo no primeiro bar na esquina. Ali encontrou-se com Osiris, também amigo de Castro, e indagou a respeito do pessoal.

— Foram à Barra da Tijuca — disse-lhe, Osiris, despreocupado.

Ângelo seguiu imediatamente para aquêle longínquo recanto. Desceu do ônibus no final da linha, no Leblon, e estava tão abofado que passou ao primeiro lotação ali estacionado. Êste correu pela avenida Niemeier, espremido entre o paredão que sustentava a base do morro ameaçando ruir e a murada que circundava o precipício tentador. Havia perigo de ambos os lados. Sim, o perigo estava em tôda parte.

A paisagem marítima era algo de soberbo, com as ilhas enfeitando aquela imensidão esverdeada, onde a espuma branca erguia-se alta, após cada nova onda, lavando os rochedos. O mar estava inquieto como êle. Deixou de admirá-lo e voltou o rosto para a frente em direção ao caminho que oferecia os maiores perigos naquela corrida desenfrea-

da por uma série de curvas, pistas que se tornaram famosas em vários certames internacionais.

Em Conrado, o lotação parou. Ângelo viu, com tristeza, que todos apearam do veículo e o motorista estava apenas aguardando a sua saída. «Será que tomei um lotação só para meio caminho?» imaginou êle, decepcionado. Discutiu com o homem, sem resultado. Felizmente logo surgiu uma caminhonete da Prefeitura e nela pôde obter uma carona até à Barra.

Depois, alugou um pequeno barco para atravessar algumas centenas de metros, uma espécie de pântano. O negrinho remador cada vez que extendia e firmava a estaca, olhava-o desajeitado, sem compreender o que o moço fôra fazer ali, sòzinho, sem calção de banho e nenhum embrulho. «Deve ser algum turista maluco, dêsses que alugam tudo no pequeno chalet lá no areial» matutava...

Ângelo desceu no meio do barro, buscando lugar firme e accessível. Com alguns passos atingiu a areia onde os pés afundavam, dificultando a marcha. Estaria atrazado? Quem sabe, os rapazes já haviam abandonado o local para se dirigirem a alguma outra região pitoresca, nas redondezas?

Suspirou e sorriu ao mesmo tempo, ao notar Nélio, o companheiro de Castro, junto a uma rede extendida, fotografando um grupo de pescadores no

seu trabalho paciente e obstinado de consertá-la. O rapaz foi surpreendido em pleno bate-chapa e até os velhos riram maliciosamente dos gritos e abraços que ambos deram. «Êsses moços de hoje parecem até crianças!...»

— Onde está Castro? — quis logo saber Ângelo.

— Continue andando até às pedras. Está lá naquêle promontório, observando os outros pescadores...

Ângelo tirou os sapatos, sentindo-se mais à vontade e rumou à praia. A uns duzentos metros, notou um jovem sôbre uma pedra alta que gesticulava para alguém que estaria abaixo, no pequeno golfo. Foi difícil a caminhada sôbre as pedras, equilibrando-se, mas não podia deixar de avançar. Castro já notara a sua presença e olhava-o curioso, boquiaberto. Gritou para os amigos — Oba! Olha quem vem aí!...

Chamou a atenção de Ângelo e êste distinguiu duas cabeças erguidas, espiando-o. Mal pôde apertar a mão de Castro, pois o local era tão perigoso que os pés não tinham onde firmar posição. Contudo, ajeitou-se entre duas pedras maiores e fêz com que o amigo sentasse a seu lado. Certificou-se de que estavam sós, pois Irineu e Fábio já haviam pulado novamente na baía, cujas águas límpidas permitiam ver moços mergulhadores, cheios de apetre-

chos, dos pés à cabeça, ora fazendo evoluções perigosas, no fundo dágua, ora mantendo-se à superfície, boiando, como mortos... Isto, por alguns segundos, distraíra a atenção de Ângelo.

— Castro!, fui à «Gruta». Acho que Vivien está lá deitada, mas **morta**!...

— O que?! — rugiu Castro surprêso. — Você está doido! E não é p'ra menos, com essa cara de espanto... Deve estar muito cansado.

— Eu não!... Mais doida era Vivien de ter ficado sòzinha à espera daquele tarado...

— Quem? Rody?

— Exatamente, o inspirado Rody!

Castro pôs-se a rir. — Ambos estão aqui, seu tonto! Não vê aquele barquinho lá longe?

Ângelo quis encostar-se na pedra, mas não conseguiu apoio, suas pernas tremiam com a decepção e o desespêro. Ainda pôde perguntar — Afinal, quem é que está lá no quarto?

— É Rose, uma prima de Vivien, gaúcha, loira e parecidíssima com ela, que, ontem, à noite, chegou duma viagem de trem, muito exgotada. Logo mais vou apresentá-la a você... Ela deseja ser modêlo.

Ângelo compreendeu, com tristeza, que se arriscara à-tôa. Felizmente, tinha poupado maiores aborrecimentos pois, se após aquela visita houvesse avi-

sado à polícia, cometeria, sem dúvida, uma gafe irreparável. Entretanto, ainda não se sentia totalmente sossegada. E foi assim que arriscou mais uma pergunta a Castro: — E você não acha que é um perigo deixá-los a sós, naquela distância?

— Qual nada!, nunca vi um par de amigos mais dedicados e felizes... Êles bem que se entendem!

Irineu e Fábio emergiram dágua, em «biquinis» amarelos doirados e seus corpos bronzeados exibiam perfeição e beleza. Ambos riram despreocupadamente, como se houvessem passado tôda a sua juventude naquêle cenário primitivo. Irineu mergulhou de novo e Fábio também saltou, em sua direção.

Apenas Castro e Nélio mantinham-se separados. Haveria alguma nova rusga na velha amizade?

«Diana,

Nem de longe pode supor a grande falta que me está fazendo. Ontem, nem saí de casa. Chorei profundamente pensando em você. Você me faz muita falta, juro-lhe. Se em Fortaleza, quando por qualquer motivo, ficava sem vê-la eu sofria muito, imagina agora que estamos tão longe um do outro. Deus permita que o tempo passe ligeiro. Fui muito bem nos exames e,

na classe, já estou bastante adiantado.

Como vai de saúde? Gripou-se outra vez? Tome cuidado para não adoecer. Alimente-se sempre bem. E repouse!

Sabes o que comemoramos hoje? Não. É bem melhor esquecer... É outro mês de separação.

Eu quisera ser poeta para escrever êste soneto que li, há muitos anos, num velho livro de leitura:

QUERER BEM

"Querer bem é guardar dentro da alma, escondida,
como num relicário, a lembrança de alguém;
é sonhar acordado, é ter suspensa a vida
num olhar que nem sabe o encanto que êle tem.

É aquela crença forte e sempre desmentida
naquele que se espera e que talvez não vem.
É aquela dor atroz e sempre incompreendida
que a gente vai sofrendo e não conta a ninguém.

Querer bem é perdoar o que ninguém perdôa.
Melodia do céu, que dentro da alma sôa,
evangelho de luz, que o coração ensina;

é a vontade de ver feliz quem nos maltrata,
é a esperança que anima, a dúvida que mata,
é a saudade, depois, quando tudo termina.

É aquela crença forte e sempre desmentida".

Eis aí, minha querida Diana, eis aí bem delineado o meu estado de alma com relação ao meu amor por você. Às vêzes, eu creio ardentemente; outras vêzes, como por encanto, minha crença se amortece, parecendo desmentir minhas convicções.

«É a esperança que anima, a dúvida que mata». Momentos há, em que minha alma se plenifica de esperanças e então eu creio no nosso amor, em tôda a sua verdade, em tôda a sua pujança. Outras vêzes, o meu coração é assaltado por uma dúvida profunda, que me faz titubear e me põe triste!...

Não se apoquente porém, minha querida Diana, isso tudo faz parte do «querer bem». É tudo natural. Façamos dêsse soneto de «Colombina», o nosso breviário de amor. Decoremos êsses versos e repitamos sem cessar essas palavras bem baixinho para que só o nosso coração possa ouvir.

«é a vontade de ver feliz quem nos maltrata». Nesse verso, Colombina ensina-nos a ser pacientes. Quantas vêzes uma palavra irrefletida, um ato não pensado, vem ofender a amiga. Aceitemos êsse «maltrato» e, em troca, dediquemos à ela, uma maior parcela de amor. Isso que é «querer bem».

Ângelo»

O vento de outono circulava pelas largas avenidas da Esplanada do Castelo, desfolhando as amendoeiras. Na praça, alguns garotos travessos brincavam ruidosamente e corriam, enfrentando a morte que a todo instante passava num carro em disparada.

No edifício, o elevador subiu tanto, como se fôsse atingir o céu. Ivone abriu, sorridente, a porta do apartamento. Rose, que já havia se tornado amiga dela, uma freguesa da casa de modas onde estava em experiência, foi quem introduziu Ângelo no novo ambiente.

A sala de estar era ampla e luminosa, com móveis modernos, mas inspirados em linhas antigas; belíssimos quadros, de diversas escolas, adornavam as paredes claras. Dois dêles chamaram especialmente a atenção de Ângelo: uma aquarela, pelo movimento gracioso das figuras, «As Três Graças», rodopiando sôbre a relva, e uma notável marinha, pela beleza do colorido e da sugestão de uma vela branca se destacando solitária...

Ivone, que abraçara Rose com muita alegria, caminhou pela sala, pisando com rítmo e elegância. Ângelo admirava o seu corpo esbelto, que parecia estar convidando-o para a dansa. Observou que ela era possuidora de uma perfeita harmonia de conjunto, onde o gesto, a fala, a mímica, tudo se

juntava, proporcionando-lhe uma agradável contemplação. Ela notou o seu olhar insistente e a fim de distraí-lo, solicitou que a seguisse até o terraço para admirar a magnífica visão do Rio de Janeiro, à noite...

Era a despedida do dia. O momento de orar. O Rio respandescia de luzes e de estrêlas. No balcão, pendurado no céu, havia um silêncio tão profundo, como o silêncio do mar que lá em baixo se mostrava calmo, resignado ante a tremenda avalanche de terra que lhe despejavam.

— Más que trabalho, heim? — fêz Ângelo, surprêso, pois nunca sua vista havia abarcado todo aquêle trecho.

— Sim, isso ainda levará muitos anos...

— E a «Cidade-Mulher» vai perdendo as suas curvas... — lamentou Rose, retirando-se para o interior à procura de Abel, um jovem pintor ali residente e para o qual estava posando.

No alto do Pão de Açúcar, uma pequena luz vermelha atraía os olhares. Ângelo perguntou a Ivone: — Já comprou o seu aparêlho de televisão?

— Ainda não — respondeu ela — em verdade, estou muito pouco interessada. Aqui temos o «nosso aparêlho». Com o auxílio de Abel, projetamos paisagens e cenas muito lindas, enquanto eu declamo os

versos de acôrdo com o que se vê na tela... Você vai gostar!

— Ah! você declama?

— Sim, desde criança tive preferência pela declamação e pela dansa, quando era requisitada para animar tôdas essas festinhas cheias de alegria que enchem o período da infância.

— Êsses dias de grata camaradagem — lembrou Ângelo.

— Muitas vêzes, eu mesma organizava os recitais e costumava improvisar um gesto, uma atitude, que provocava espanto e admiração nas coleguinhas. Felizmente os meus pais não se opuseram à minha vocação.

— Isso é raro! — aparteou êle.

— Li muito. Estudei a obra de nossos poetas e, em certos poemas, completava a declamação expressando alguns trechos através dos movimentos do corpo. Ritmos originais: Macumba, alegria, tristeza, misticismo; tudo juntando-se para causar emoção profunda e inquietadora. Ah! se a nossa vida agora fôsse tão animada e feliz como o foi a nossa infância!

— O que nos falta? — indagou Ângelo.

— Ora, falta essa poesia, essa encantadora sinceridade que em criança possuimos. Êsse mundo de

fantasia e irrealidade que trazemos. A poesia deve sempre existir em nós, no ambiente que nos rodeia; enfim, no mundo em que vivemos.

Aproveitando aquela sugestão que a presença e as confidências de Ivone lhe davam, Ângelo disse:
— Não poderíamos por acaso crear, aqui, êsse ambiente de poesia, essa atmosfera espiritual.

— Como?! — fêz ela, entre surprêsa e curiosa.

— Ora, vocês são artistas e podem transformar tudo. Vamos crear uma espécie de «Boîte». onde possamos, neste mundo caótico, viver horas de encantamento. E, ansioso para que tudo se tornasse realidade, indagou — Mas que nome lhe daremos?

— «Boite do Sonhador!» — exclamou ela, sentindo uma alegria palpitante, e dizendo:

"Cuando no haya poetas, qué será de la vida?
Qué será de los astros y la fuente y la flor?
El silencio, y la sombra, en la tierra dormida...
Que será de las almas? Qué será del amor?..."

O apartamento de Ruivo ficava no sétimo andar de um edifício novo e meio desocupado. Ali ainda havia algum espaço e liberdade; duas coisas hoje tão raras, mas muito preciosas. Podia-se conversar alto, mesmo pela madrugada afora.

Para inaugurar o aparêlho de televisão que havia adquirido num passe de mágica, assim como o apartamento e os seus móveis caros, êle convidara, numa quinta-feira, quase tôda a rapaziada conhecida. Era impossível contar tanta gente espalhada por todos os cantos, desde o corredor que nascia atrás da porta com «ôlho mágico» até o terraço, sôbre a avenida Copacabana, no outro extremo.

Até mesmo na cozinha, alguns rapazes mantinham-se de pé ao redor de Vivien, procurando fugir um pouco à monotonia dos programas iniciais que eram televisados. Êstes ainda eram uma tentativa em nosso meio e êles não podiam passar a noite sem a ajuda de um copinho de uisque...

— Mas haverá bebida que se apresente? — indagou ela.

— Bebida que se apresente lá na sala, para todos, acho que não — esclareceu Juno; pelo menos, essa que tem aqui dá para nós quatro. Não é, querida? — Estendendo uma garrafa de licor, serviu-a com prazer; depois, aos dois jovens que ainda não conhecia, mas com os quais entrava em camara-

dagem. Com a ausência de Pavo, sentia-se livre e disposto a conseguir novos conhecimentos. O amigo ignorava a sua presença naquela festa. Ultimamente, Juno procurava evitar-lhe a companhia. Tão inseparáveis desde a infância, já não se correspondiam mais, desde que Pavo começara a sentir-se enfêrmo e a demonstrar com isso algum perigo de contágio. As amizades iam-se desfazendo, à medida que a sua doença avançava, e êle sofria duplamente. Àquela hora talvez estivesse sòzinho, no seu quarto acanhado, sem janela e sem a necessária assistência. Mas a êle que importava? Até o cuidar de um amigo doente era ridículo sentimentalismo... Achava que a cura dependia do próprio enfêrmo. Tinha razão; todavia, enganava-se no caso de Pavo. Êste definhava mais por falta de sua companhia, de sua amizade quase perdida... E Juno, alegre e despreocupado, dizia as palavras de Henry Miller: «Ser, simplesmente, é maravilhoso porque não tem fim e porque não exige nenhuma demonstração. Ser é uma música, uma profanação do silêncio para o maior proveito do silêncio; **ser** é algo que se situa por cima do bem e do mal».

Ruivo agitava-se, procurando manter uma atmosfera de animação nos seus colegas. Chegando à cozinha, falou ao pequeno grupo: — Vocês, aí, escondidinhos, heim? Será que estão fazendo fila para entrar na geladeira?...

— Pudera! — disse Vivien, sorridente — o terraço está entravado e, na sala, o calor não deixa ninguém sossegado.

— Se vocês viessem mais cedo — aconselhou Ruivo — poderiam tomar de assalto o balcão, lá está fresquinho...

Todos riram alegremente, alguns derramando água gelada sôbre o chão, mas Ruivo não se preocupava com êsses inconvenientes nos dias de reunião. Voltou ao terraço a fim de despejar os cinzeiros, mania da qual não se afastava nem cinco minutos. Atravessou a sala com dificuldade, procurando caminho entre as pernas dos que, havendo chegado atrazados, se espalhavam sôbre um tapete acolhedor.

No fundo da sala, apertados no «soumier» verde e sob um enorme retrato de Ruivo (só igualado pelos cartazes de cinema), estavam uns oito rapazes cujos olhos e dentes brilhavam na penumbra. Eram os únicos que permaneciam aparentemente atentos ao programa de cortinas, desenhos e jornais que se sucediam na pequena tela. Dentre êles, Joe, o mais achegado a Ruivo, censurou-lhe: — Afinal, você não pára com êsse constante vaivém? Nunca vi uma criatura mais agitada. E o pior é que está cheio de outras manias. Querem uns exemplos? Quando está viajando de bonde chega

até a descer se encherga, na rua, uma caixinha de fósforos; apenas para esmagá-la com os pés... Não sabe ler um livro sem arrancar-lhe as capas e dá pena ver tamanho estrago e burrice. Quando conversa com a gente, fica puxando a orelha... Olhem lá!, como está fazendo agora, no terraço. Oh! é irritante!!

— Silêncio! — implorou Ariel, um madurão circunspecto.

No terraço, Norman era a atração máxima. Sempre vestindo o seu paletó branco, impecável, sôbre as calças cinzas, deslumbrava a todos com seu sorriso franco e farto, com seu cabelo negro, limpo e brilhante. Era a jovialidade em pessoa. Quem poderia resistir à sua encantadora presença? Poderia até mesmo estar calado, que a sua companhia era suficiente para proporcionar um atrativo em qualquer festa. Apenas havia que lhe criticar e condenar a displicência na escolha de suas amizades. À sua roda, não havia seleção. Por que, afinal, sendo um jovem artista, de promissoras possibilidades para o canto e podendo, com a sua erudição e elegância, reter as melhores companhias, apresentava-se quase tôdas as noites, em plena Cinelândia, com algumas criaturas cujas figuras e origens pouco respeito impunham?

Ali, Rose, simpática, de traços delicados e rosto

quase sem pintura, admirava-o muito; mas o ambiente não lhe estava agradável porque Norman se fizera acompanhar de dois jovens do seu grupo. Por isso ,deixou o terraço e foi ao encontro de Ângelo, no corredor.

— Quando se inaugurará **oficialmente** a «Boîte do Sonhador» — desejou ela saber.

— Será no próximo sábado. Ivone não tem descansado nas arrumações, dia e noite. E que dizer, então, do Abel, com suas decorações? Êle anda mais louco que uma cabra!

— Eu que o diga! — emendou Rose — até abandonou o nosso trabalho. Imagina só, deixou-me incompleta!... Felizmente, já arranjei um emprêgo como modêlo, numa loja da rua Sete de Setembro.

— E o pior é que me encarregaram do discurso inaugural — prosseguiu Ângelo — de maneira que terei de encomendar-me a Deus para estar à altura das circunstâncias. Pode imaginar que todos os nossos amigos «sonhadores» estarão presentes? Pobre, pobre de mim! Ainda bem que as minhas conversações anteriores me foram preparando para êsse acontecimento que julgo o mais transcendental de minha vida misteriosa...

— Abel falou-me da transformação de seu quarto em uma Boîte: «La Boîte du Diable». Oh! que maravilha! Compreendi perfeitamente os seus

delírios decorativos. Comigo está passando o mesmo. Se, pelo menos, não pudesse trocar de quando em quando os quadros, morreria de tédio. E você ainda pode receber os amigos a seu gôsto! Eu tenho limitações forçosas. Contudo, de vez em quando me permito a «liberdade» de reunir-me com algum «sonhador» e então os quadros, as telas, as cerâmicas, as chaves, os pássaros, tudo o que constitue nossa verdadeira vida na «Boîte do Sonhador» toma um renovado interêsse. E Ivone é, sem dúvida, a minha melhor amiga. Convidou-me novamente para acompanhá-la ao teatro. Iremos ao Municipal. Amanhã, Barrault dará sua última função de assinatura com «Les Adieux». Como segui todos os espetáculos, irei também vê-lo mais uma vez. Tanto êle como sua companhia têm causado sensação. O público entregou-se a um entusiasmo sem limites.

Ariel, que se avizinhara de ambos e ouvia atentamente a conversa, falou: — Vocês querem saber quais as minhas impressões pessoais? Por serem muito favoráveis, não chegaram ao delírio coletivo que despertou nos demais. Alguns espetáculos me pareceram extraordinários: «Hamlet» e «Les fausses confidences». Outros, um pouco menos: «Partage de Midi», «Les fourberies de Scapin», «Occupe-toi d'Amélie», «Le procés», «La seconde surprise de l'amour». O resto, sem nenhum valor. Em geral, posso assegurar-lhe que não me fez es-

quecer as temporadas magníficas da «Comédie Française» e de Jouvet. Mas, as pessoas, talvez pelo alto preço das entradas, estão convencidas que, por fim, viram bom teatro. As audácias na montagem não me pareceram tais, depois das inovações da Companhia de Tairoff (1920). Quanto ao seu trabalho interpretativo, pareceu-me perfeito. Mas, não eram também perfeitos Victor Francen, Victor Boucher, Ledoux, Roland e Jouvet? Não eram magníficas também tôdas as primeiras atrizes que os acompanharam? O snobismo do público não conhece limites. Se não fôsse mais que isso, não me importaria. O que me aborrece é a injustiça e a falta de memória dos críticos mais cotados.

— Pois a mim, o que mais me irrita, são os rapazes que frequentam essas temporadas, opinou Ângelo.

— Já observei... — disse Rose, sorrindo — são uns camaradas «snobs», metidos a falar francês e conquistadores de autógrafos. Nos intervalos, desfilam pelos corredores do Municipal, com pôse de graça, agitando os programas à guiza de leques. As plumas... e as caudas invisíveis!

Houve uma rápida troca de desaforos entre Joe e uma pequena irritante, apelidada «Dona Chica», porque esta o chamou de costureirinha de quinta classe... Ninguém interviu na contenda.

O programa de televisão já havia terminado e Ruivo entretinha-se em colocar e recolocar discos escolhidos, na rádio-vitrola. Bruno, um baixote, ricaço e apelidado «Catatao», extremamente ridículo quando se exibia num mambo-jambo desengonçado, auxiliava-o, retendo alguns discos sôbre os joelhos. Discutia a possibilidade de obtê-los, pois não os encontrava nas lojas. Albertina, a sua companheira, ùltimamente chamada «A Mercenária», não se afastava dêle e procurava impressionar Ruivo com suas jóias e trejeitos. Mas êste jamais presenteara alguém. Costumava mesmo recusar qualquer objeto que lhe dessem, com a estúpida alegação de que não poderia retribuir a generosidade... E até chegava a evitar a amizade daqueles que, não levando a sério sua declaração, lhe ofereciam bibelôs, livros, ou mesmo utensílios para a sua cozinha mal aparelhada. Não obstante, aceitou uma bola de cristal, contendo uma casinhola sob a neve, que Josino, um vizinho de fisionomia caricatural, lhe trouxera de Buenos Aires. Costumava revirar o objeto de quinze em quinze minutos, a fim de presenciar o efeito da neve caindo lentamente, ao som de um minueto, mas ficava irritado quando alguém fazia o mesmo. Entretanto, obrigava todos a verem e reverem seu album de fotografias. No meio da noite, um vozerio, danado e incontrolável, enchia o apartamento. Comentava-se tudo. Criticava-se até

uma almofada, na qual fôra bordado um gato preto abocanhando um peixe. «Que falta de gôsto!», rosnava Arturo, um decorador. Mas o barulho cessou sùbitamente, ao tocar a campainha. Esta era uma combinação de notas musicais num ritmo agradável e que serviu de prefixo para a entrada de Lulu Frenesi. A totalidade dos rapazes sorriu para o retardatário, porque sabia que, então, começava a melhorar parte da reunião: o «show».

Como sempre, Lulu deu uma porção de desculpas a fim de se esquivar aos insistentes pedidos que exigiam alguma coisa sensacional.

— Primeiro, deixa - me cumprimentá-los — disse cìnicamente. E, fazendo uma reverência caprichada, curvou-se com delicadeza e desenvoltura. Depois, olhou para Ruivo, o qual, largando a pilha de discos nas mãos do atônito Bruno, começou a acertar luzes e a bater palmas a fim de chamar a atenção geral; inclusive dos que se encontravam afastados, no terraço. Todos formaram uma roda apertada e, dentro dela, Frenesi começou a despir-se peça por peça até ficar inteiramente nu... Num movimento oscilante e contínuo dos braços, pernas e cabeça, demonstrou que a sua dança possuía tanto de original quanto de provocadora e maluca. Meia hora depois, exausto, caiu nos braços dos que lhe estavam mais próximos e reclamou impaciente:

— Meus sais! Meus sais!

Um moreno alto e elegante ofereceu-lhe imediatamente umas balas.

— Que é isso? — perguntou Ruivo, aflitíssimo. — Está fazendo concorrência aos meus «drops»? E entremeava a sua agitação, com estrondosas gargalhadas.

— Apresenta-me êsse «sonho» — implorou-lhe Rose.

— Quem? Roberto? O mineiro?

— Sim, êsse fascinante desconhecido...

Frenesi sentou-se, abafado com tanto calor e a aproximação dos rapazes o irritou ainda mais: — «Champagne for me! I want champagne!» — pedia arrogantemente para êles. Albertina trouxe-lhe água gelada numa taça, a qual, ainda cheia, foi arremessada ao terraço, com uma praga, em português: — Saia lavadeira! «I want champagne! CHAMPAGNE!, did you hear me?» — frisou bem. Albertina quase rompeu em soluços e repelindo a ofensa, gritou-lhe: — Insolente!

Entretanto, com a aproximação de Norman, Lulu foi se acalmando e respondendo a uma pergunta que êle lhe fizera, contou: — De fato, estive na América. Trabalhei e vivi em Nova York, durante três anos, e, para vocês, digo: é o melhor lugar do mundo para se viver, divertir e trabalhar. Aquele que tem oportunidade para ir, que vá, e, se,

no princípio, as coisas parecerem diferentes e aborrecidas, não perca a coragem, porque eu sòmente, depois do segundo ano, comecei a conhecer de perto o povo americano, os divertimentos... No último ano, então, Nova York era um paraíso para mim. Voltei por duas razões. Primeiro, não me adaptei ao clima rigoroso, muito calor no verão e muito frio no inverno; por outro lado, atendendo à insistência do meu pai, que me deu uma casa em Ipanema, mobiliou, botou empregados (jardineiro, cozinheira, etc.), comprou um automóvel «Renault» para mim, etc., mas Nova York é Nova York e pretendo voltar para lá daqui uns tempos, a não ser... que algo de anormal aconteça.

— E que é feito do seu cadillac?

— Oh! anda por aí, com uns amigos, de farra, pela nossa querida Copacabana. Ângelo foi o primeiro a usá-lo...

Rose passou todo resto da noite ao lado de Roberto. Parecia haver interêsse numa amizade sincera e duradoura. Distraiu-o bastante contando-lhe como havia sempre sentido grande atração pelo trabalho de modêlo profissional, e que, então, no Rio, poderia estudar melhor pintura, canto e alguns idiomas. Chegou mesmo a demonstrar, com ingénuas declarações de amor, os seus adiantamentos em espanhol e francês. Marcaram um encontro para

ir ao cinema, no dia seguinte. Ao deixarem o apartamento, ela se voltou para Ruivo e lhe falou docemente: — Sou uma mulher agradecida...

Ruivo, abraçando ambos, disse: — Rose Maia e Roberto Freitas, estimo que sejam felizes!

Era domingo... Dia geralmente triste e cheio de solidão para os que vivem abandonados numa grande cidade; principalmente para Rose, porque Roberto não viria namorá-la. Os rapazes quase sempre reservam o sábado e o domingo para ficar com suas preferidas: as pequenas de boa família e vantajoso dote. Nos outros dias da semana vão matando o tempo com as aventuras. Seria êle um D. Juan dêsse tipo? Ela nem ousava imaginar semelhante coisa; isso já seria um comêço de desprêzo e ela o amava com todo seu coração ainda jovem e sonhador.

Permanecera deitada toda a manhã, relembrando lentamente aquelas horas em que se esforçara por atingir ao cimo do rochedo. Sim, sempre que sua alma era duramente batida pelas vagas imensas da discórdia e da estupidez humanas, retomava o seu caminho para o alto daquele rochedo, acessível sòmente aos privilegiados e de onde podia vislum-

brar os seus novos horizontes. Ah! como gostaria de ali ficar para sempre...

Deveria sair? O sol entrava pelo aposento, gritando-lhe que também havia vida lá fora, mas o vozeria do povo, que subia em ondas intermitentes, causava-lhe um mal estar infinito. Entretanto, talvez pudesse encontrar algumas criaturas inteligentes no seu caminho... Quantas também saíam famintas de ternura em busca dessa amizade que lhes negavam todos os dias, tôdas as noites... Mas quando elas teriam a paz, essa promessa de felicidade? Quando teriam essa ternura de uma companhia certa e dedicada? Quando seriam, afinal, ela e Roberto, dois amantes!

As horas amargas de silêncio e meditação foram passando, até que, por fim, chegou a noite...

Algum amigo viria buscá-la? Não esperava ninguém. Sabia, tinha quase certeza de que estava irremediàvelmente só. Sentiu uma nostalgia tão grande porque Roberto estava longe.

De repente bateram à porta. Seu coração dava pulos. Ângelo, Castro e Nélio vieram convidá-la para um passeio. Iriam a um «show»: «Carnaval no Gêlo». Algo sensacional.

— E Vivien? Por que não está? — indagou Ângelo.

— Anda desaparecida... — disse Rose, tristonha.

— Não invente tragédia! — reparou Castro.

Com dificuldade, conseguiram lugares nas arquibancadas. Pouco antes de começar o espetáculo, veio sentar-se ao lado de Rose uma antiga companheira de escola. — Mas como êste mundo é pequeno! — exclamou Rose. — E que coincidência! Desde antes da guerra não se falavam, mas prontamente recuperaram a amizade interrompida e dali a alguns momentos trocavam confidências. Rose não pôde apresentá-la aos companheiros porque os três estavam vivamente interessados nas evoluções dos patinadores, um dos quais havia sofrido um pequeno acidente, não interrompendo, porém, o seu trabalho.

Gracie, a jovem modêlo, contou à amiga o seu único e absorvente caso de amor. O tablado de gêlo parecia um espêlho mágico que lançava reflexos de côres maravilhosas, mas Rose sòmente conseguia ver, como numa tela de cinema, as cenas em que tomavam parte aqueles dois personagens cujo relato escutava cheia de profunda emoção. Ademais de ouvi-la, ia analisando os fatos que lhe apresentava. Sim ,era o mesmo conflito que havia sentido ainda há pouco, que estava vivendo...

Quando se despediram, Rose convidou-a a visitar Ivone e Abel. — Eu os conheço! — revelou Gracie. — Estou posando para um quadro que vai causar muita sensação...

— Por que o Abel não veio consigo?

— Ah! êle é muito esquisito. Pode ser a atração máxima, mas desde que seja instalada defronte ou próxima do lugar onde vive, perde o encanto e interêsse.

Afinal, a «Boîte» estava pronta para ser inaugurada. Logo à entrada, na primeira sala, todos faziam reverência ao «Sonhador», cuja estátua fôra colocada num canto bem iluminado, fazendo-a sobressair e revelando sua atitude enigmática. O que estaria sonhando?...

A sala havia sido decorada em estilo rústico, com as paredes forradas de uma palhinha muito alva, cadeiras toscas e mesinhas de troncos de peroba. Numa pequena árvore, estavam distribuídos os mais atraentes pássaros de nossa terra, com lindas plumagens e que antes cantavam ou gritavam, nas florestas, mas ali então permaneciam silenciosos, como se estivessem ouvindo a conversa dos sonhadores... Além de serem os mais belos ornamentos, emprestavam ao ambiente uma estupenda originalidade. Na «Gruta dos Loucos» eram as plantas que chamavam a atenção; na «Boîte do Sonhador», porém, eram os pássaros.

— Por tôda sala, para qualquer parte onde

voltamos os olhos — disse Rose — estão êles a espreitar-nos...

— Eu adoro-os! — exclamou Ivone.

— Pois é, você adora natureza morta; ao passo que eu gosto é de natureza viva...

Ivone sentia-se contente ao ver que Ângelo atendera à sua solicitação, levando uma grande turma de rapazes. Fêz uma rápida inspecção do pessoal, notando que alguns elementos não haviam sido convidados, porque pertenciam a outros grupos, de Copacabana ou Niterói... De fato, seria melhor assim, que Juno ficasse lá pela sua ilhota e Ruivo — tão bairrista quanto um «João-de-Barro», no seu apartamento, com a televisão; da mesma forma, Irineu e Fábio, que certamente provocariam brigas e escândalos. Êles próprios arranjariam motivo para isso.

Ângelo, que fôra indicado para presidente da «Boîte», conversava atentamente com Ivone sôbre o programa daquela noite, enquanto os moços se movimentavam pelas salas, completamente à vontade, dando cada qual expansão aos seus talentos, exquisitices e loucuras...

Dario, moreno-chocolate, cantando suavemente melodias napolitanas e brindando a todos com seus olhares doces e sorridentes. Era um bâlsamo; o «Curió» da «Boîte».

Gino, com a sua piteira de um palmo e meio, falando sem parar, engasgando-se com o próprio riso descontrolado e entortando o corpo.

Willy, alto e calmo — a inocência em pessoa —, sempre lembrando Beethoven, Bach e Chopin. Proferindo sentenças, referindo-se a cada assunto, com todos os pormenores e conservando seu maneirismo de fidalgo. Estava em traje de gala.

Fredy, esguio, elegante e correto, com seu cabelo liso muito penteadinho, brilhando como espêlho, e o narizinho arrebitado. Franzia as sobrancelhas e olhava o bloco com desprêzo, pronto a dançar um frevo ou a dar um «baile» no primeiro que o desacatasse... Isso era inevitável, porque ninguém «engolia» a descrição de dezenas de aventuras que êle diàriamente divulgava.

Osiris, com seu rosto branco, testa ampla e cabelos curtos e crespos. Lépido, muito prestativo e querendo ornamentar qualquer canto de sala com suas pôses estatuárias e seus turbantes originais. Varejava todos os recantos, escolhendo os melhores lugares para suas exibições.

Francis, curiosa como «Saíra», mas apelidada «a ceguinha», porque nunca percebia «as maravilhas» que às vêzes estavam à sua frente, exibindo sua dentadura saliente e taconeando o assoalho, tentando um ritmo provocante.

Gervásio, de olhos grandes e cílios enormes, de turco. Místico, ora caindo num mutismo indecifrável, produto quicá do seu extremado fervor religioso, ou, de repente, como por um milagre, transformado em baiana, baiadera, ou Salomé...

Vitório, de cabelos ondulados e sorriso mecânico, arreganhado. Venenoso e de mau gênio, estendia, como um polvo, os seus tentáculos para todos os lados... Forjava mil confusões em tôrno de seus romances e nunca deixava ninguém seguro se, no dia seguinte, estaria morando no mesmo local, ou amando a mesma criatura.

Márius, com feições simiescas, arisco, com seus olhinhos inquietos. Declamava e cantava sem ritmo, mastigando e engolindo palavras, ou sambava, revirando as mãos como Carmen Miranda.

Luciano, com rosto oval, olhinhos escondidos, com sua magreza impressionante, parecendo uma «Saracura». Sempre queixando-se de fortes dores de cabeça, motivada pela excessiva dose de um vinho branco, cuja marca ninguém conseguia descobrir, mas na esperança de que tudo melhorasse com a leitura de mais um capítulo de Dostoiewsky.

Mme. Ninon, com seu toque de francesa sabida e camarada, exibindo broches, colares e bolsas que trouxera, não de Paris mas da Argentina, a fim de vendê-los com vantagem. Atrevida como uma «Te-

soura», estava sempre superexcitada e disposta a conseguir amizades que a levassem a novas aventuras em que pudesse esquecer o seu último desengano sentimental ou lhe dessem a ilusão de que ainda era aproveitável, apesar dos anos acumulados e bem vividos. Eterna candidata ao amor!

Sírius, com seu jeito de gata, muito precioso; comentando: — Na minha família, somos oito irmãos, mas eu sou o único doido...

Oscar, de perfil grego, o «Tangará», rodopiando onde houvesse espaço, querendo mostrar suas habilidades de bailarino. Quando parado, falava sôbre sua próxima viagem à América e prometia escrever a «tout le monde et son père»...

Castro e Nélio, juntinhos, num canto, quietos e conversando baixinho...

Rody e Vivien! Aquêle exibindo uma camisa azul-pavão, convencido e risonho. Ela, infinitamente coquete, querendo cantar... O poeta argumentava: «Não, meu bem, não faça isso, entre os pássaros, só os machos sabem cantar». Seus cochichos despertavam a curiosidade geral.

Julián, um argentino, culto e distinto em tôdas suas manifestações, era extremamente bondoso e tinha grandes simpatias por Rose e Mme. Ninon. Estava, entretanto, quase alheio aos «sonhadores», mais interessado na galeria ornitológica de Ivone.

Abel, apresentando seus desenhos caprichosos, de um estilo próprio e muito apreciado; mas misterioso, jamais deixando que alguém se inteirasse de sua vida íntima. Seu «Superparaíso», passava de mão em mão, encantando todos com suas plásticas de linhas harmoniosas. No meio da tela destacavam-se dois jovens abraçando-se, cujas figuras cheias de movimento e graça, causavam admiração logo à primeira vista.

— É muito estilizada! — criticou um dos rapazes.

— Abel tem talento de sobra! — opinou outro. — A sua arte ainda não está contaminada...

— Eu acho esta experiência deveras estranha. Parece-me surrealista. Muito cerebral. Afinal, o que representa?

— O mundo ideal; onde todos se amam — esclareceu Abel, muito sonhador.

O jovem ficou examinando algum tempo o quadro, e por fim, exclamou: — Utopia!

Rose ainda palestrava com Ivone sôbre os pássaros:

— Êste aqui é um amor, com êsse topete rubro!

— «Aragüirá» — falou Ivone.

— O quê?!

— «Pássaro da luz», minha filha. Para nós, «Tico-Tico-Rei»...

— E que é aquilo, um ninho? — indagou Julián.

— Que enorme! — exclamou Rose.

— É de um «João-teneném» — declarou Ivone.

— Assombroso! — observou Julián, maravilhado. — É digno de um engenheiro...

Abel ainda distribuiu outros desenhos, em que apareciam mulheres de três faces, cavalos empinados sôbre árvores cujos troncos lembravam corpos femininos... e falava do seu desejo de viver um regime monástico. Ainda não tinha recursos suficientes para manter-se — Ivone o ajudava — contudo, sua fôrça de vontade suplantava tôdas as dificuldades e êle pagava-lhe os favores, com suas telas admiráveis. Na sua linguagem simples, de caboclo baiano, expunha com lirismo e emoção, a trajetória da sua vida totalmente dedicada à arte. Acabava por confessar: — Só tenho um amor: a pintura. E quando lhe dirigiam alguma pergunta indiscreta, sorria, balançando o seu corpo como os coqueiros da sua terra. Mudava a conversa para as festas espontâneas e tradicionais do povo baiano. Lembrava o seu saveiro de velas alçadas acompanhando a barquinha branca que levava o Senhor dos Navegantes. A fé do espírito baiano era o melhor de sua personalidade, envolvia-o de um véu diáfano, espiritual. E quase todos o compreendiam

e o amavam, pela sua alma pura e bem intencionada. Uma raridade naquele ambiente.

— «Uh! Mon Dieu!» — fez Mme. Ninon, ao ser-lhe mostrada uma de suas ilustrações: «A segunda caldeira do Inferno». De fato, a composição era de um efeito aterrador. Em primeiro plano, o pecador, com o corpo todo retorcido e recoberto de saliências ponteagudas, cujo contacto com o solo causavam-lhe dôres horríveis, aumentando ainda mais o seu sofrimento. «Quel martyre!» — lamentou Mme. Ninon. «C'est épouventable!». Em seguida, retomando o português, manifestou: — Jamais quero ir para o Inferno. Oh! os meus cabelos virarem raízes...

Ivone, vendo a amiga tão acabrunhada, bateu palmas no meio da sala e ordenou com doçura: — Então, «mulato», vamos oferecer um coquetel à turma?

— «Desejo»? — indagou Abel surpreendido.

— Sim — assentiu ela, com um sorriso infantil, empinando os seios e jogando sôbre os ombros as longas tranças ornadas de rosas negras...

Rose, que estava elegantemente vestida de preto, foi para junto de Ângelo, que parecia mais jovem com seus cabelo cortado à escovinha. Ela tentava passar-lhe a mão na cabeça e implorava: — Oh! deixa-me, querido, só mais uma vez...

— Você está divinamente «enforcada» nessa écharpe vermelha — disse êle.

Francis, aproximando-se de ambos, comentou:

— Olhem, Rose, a sedutora, e Ângelo, o sonhador!

Oscar sacudia as asas com tamanha fúria e ruído, que, de quando em quando, levava um tombo, ia de encontro às paredes, arriscava romper um vaso. «Você assim vai causar muitos estragos...», observou-lhe Gracie, que acabara de entrar na sala, juntamente com Abel, sustentando uma bandeja com vários copos. Mas êle não se preocupou. Ia de um lado para outro, fazendo tanto alarido, que até parecia um «Bentevi»...

Depois de haverem tomado os refrescos, Ivone pediu silêncio a todos e Ângelo tomou da palavra a fim de inaugurar o «Clube dos Sonhadores». Êste conseguiu desembaraçar-se de Rose e postando-se num canto da sala, junto à estátua do Sonhador, começou a falar: «Em todos os clubes, de todos os países, existem condições para que qualquer sujeito seja admitido. Há os que fazem a seleção pelo dinheiro, exigindo jóias acima dos bolsos comuns. Outros, pedem referências que comprovem a boa linha de conduta moral dos candidatos a sócios. Há também os que fazem distinções de côr ou de credo. E há os que admitem todo mundo.

Seria um grande êrro procurar regras a respeito do modo de proceder de cada um, desde que

se trate de pessoas que conheçam o valor e a importância da naturalidade. (Refiro-me à linha que devemos manter...). Seria o mesmo que insistir com um escritor nato, dizendo-lhe que deveria escrever como todo o mundo. A naturalidade vale mais do que tôdas as artes, mais que tôdas as técnicas estudadas.

Há, entretanto, certas indicações e certos preceitos que não devem ser ignorados por ninguém; são preceitos que, no caso do escritor, equivaleriam às regras elementares da gramática.

Aqui, não criamos apenas um clube de artistas e amigos dos artistas, mas, sim, o que vale muito mais, dos Artistas Livres e Sonhadores. Livres de escolas, de preconceitos, de dogmas e de convencionalismos.

Nada pior que a rotina. Fecha tôdas as possíveis escapadas das manifestações de arte que precisam de altura para voar. Contudo, deveremos respeitar e defender aquelas leis que se tornaram eternas pela sua exatidão e grandeza.

Nada existe de mais dissemelhante entre si do que os homens; cada um possui sua personalidade à parte, seu comportamento social e a sua psicologia, uma psicologia de vida que o diferencia de todos os outros.

Pretendemos, portanto, criar aqui, um am-

biente onde haja liberdade para a manifestação artística em todos os sentidos, convindo frisar, porém, que não permitiremos o mau gôsto nem qualquer abuso sensacionalista e desmoralizante.

O nosso Clube será o mais extraordinário de todos os clubes. Possui um nome fácil de pronunciar e difícil de explicar já que muitos poderão interpretá-lo sob múltiplos significados. Talvez, dentro de alguns anos, fique relegado ao reino das excentricidades esquecidas, mas, no momento, se desenvolve com estridência e a todo pano.

A idéia surgiu da reunião de um grupo de artistas amigos neste mesmo local e, dentro em pouco, muitos outros jovens acorreram para aqui, espontâneamente, ou foram convidados para formar parte da nossa rodinha. A princípio, movidos pela curiosidade, mas, depois, francamente aderindo ao ambiente que lhes dá uma medida de liberdade na sua vida sentimental e um pouco de confiança nos seus dotes artísticos.

Queremos congregar, neste Clube, elementos das mais diversas atividades artísticas, sem distinção de classe ou nacionalidade. Para cada reunião, haverá um programa organizado, se possível, com antecedência, a fim de que os números sucedam sem interrupção.

Êste não é um clube onde só é permitido falar

o inglês, como muitos que, ùltimamente, têm aparecido em nosso meio; mas, sim, um clube internacional, ou melhor, universal, onde permitimos que se fale todos os idiomas do mundo. E alguns dos seus componentes, dentro em breve, viajarão para os grandes centros artísticos, tais como Novo York, Paris e Buenos Aires a fim de colher impressões sôbre a evolução das artes nesses meios mais adiantados, mantendo conosco um intercâmbio intenso e produtivo.

«Será uma Babel!», dirão muitos de vocês. De fato, será uma Babel, mas sem confusão. Esperamos que aqui não hajam sentimentos opostos nem preciosidades ridículas. Nosso voto é que cada um reconquiste sua alma e seu ideal perdido lá fora.

«SER UM SONHADOR É UMA TAREFA PARA TODOS;

SER UM BOM SONHADOR, SE NÃO É UM DEVER PARA TODOS, É AO MENOS UM IDEAL PARA TODOS!».

E, a fim de que haja sinceridade desde a sua organização, eu proponho que o cargo de diretora já outorgado à Srta. Ivone Mendes, seja reconhecido por todos daqui em diante. Entretanto, deveremos, nesta mesma noite, eleger um Presidente, bem como um secretário, por meio de votação geral,

para que a vontade livre de cada qual prevaleça por meio do voto.

Não se permitirá a existência de nenhuma «família real» no nosso embiente, uma vez que os cargos já mencionados e imprescindíveis para a manutenção e progresso de um clube, devem forçosamente existir, respeitando-se, pois, as suas diretrizes.

São estas as bases e o caráter de nosso Clube, ràpidamente esboçados nestas palavras improvisadas, é verdade, mas produto de uma inquietação que já trazemos desde o nascimento... Elas precisam, portanto, ser debatidas com cuidado numa conversação geral e interpretação de cada um, a fim de que se proponha um rumo definitivo ao nosso Clube e, de sua situação atual, incerta, flutuante, ainda não efetivada, se converta — de possível sonho a uma realidade, evidenciando tanto a sua função social como o estímulo que despertará às atividades artísticas de cada um de nós».

— Muito bem! Muito bem! — exclamaram todos, entusiasmados, enquanto Ângelo agradecia, sorridente, e, prosseguindo, falou:

— Solicito, pois, a cada um dos presentes, a dar o seu voto, escrevendo na cédula que lhe fôr entregue, os nomes dos seus candidatos.

— Bravos! — gritou Gino, afastado, erguendo sua piteira.

— Hum!, isto está bom! — disse Gracie, saltitando ao lado de Abel, que chegara para junto dela, com um maço de cédulas. — Ajuda-me a distribuí-las, meu amor... Ela, que ainda estava bebendo, disse-lhe, com ternura: — Oh! mas antes prove minha «invenção»... Amarga, benzinho?

— Que tal? Está gostando da reunião? — indagou um desconhecido, nervoso, espantadiço e desconfiado (havia tanta gente ali!). E o companheiro respondeu-lhe irônico: — É... malucos não faltam por aqui. Podíamos até enlatá-los para exportação!!

— Vamos dar o fora antes que nos injetem, que nos transmitam êsses micróbios...

— Que micróbios?

— Os sonhos, seu tapado!

Gino, que estava ouvindo a conversa dos dois clandestinos, gargalhava feito um «Japu»... Juno também riu. Acabava de chegar.

Atendendo a inúmeros pedidos, Willy dirigiu-se ao piano e, com seu garbo, sentou-se, em grande pôse, estendendo as mãos brancas, mais brancas que as teclas que aguardavam ansiosas a carícia mágica dos seus dedos longos e loucos... Tocou, a princípio, a «Valsa da Esquina», de Mignone. Depois, veio a «Dansa do Fogo», de Manuel de Falla. Entretanto, teve que interrompê-la, porque Vitório,

inopinadamente, forçou-o a deixar o piano. Êste aventurou-se a um arranjo do «Concêrto Nº 1», de Tschaikowsky, o qual não chegou a agradar. Faltava-lhe alma e sentido de interpretação. Isto sòmente serviu para realçar ainda mais a boa qualidade da execução de Willy, que regressou triunfante ao seu lugar.

— Ah! se êle pudesse compreender Tschaikowsky... — disse Luciano, introspectivo.

— É pena que êle não tenha noção de música — emendou Gino, autoritário.

Infelizmente, antes que Willy recomeçasse a tocar, ainda houve outro pequeno incidente, porém mais grave, porque, Vitório, despeitado, não lhe perdoou o talento e se pôs a criticá-lo acerbamente, confundindo vida íntima com vida artística, coisa aliás muito comum em nosso meio. Mas do grupo surgiu Ângelo para defender o companheiro e o fêz, em voz alta, esclarecendo o pobre o desprestigiado pianista: «Na vida não valem as pessoas pelo seu sexo, mas, sim, pelo que são, assim como não há razões superiores nem inferiores, mas, sim, pessoas boas e más, inteligentes ou estúpidas».

Willy prosseguiu tocando divinamente, enquanto Vitório saiu mugindo feito um bezerro. Se pudesse, jogaria uma dúzia de garrafas no piano. Estava intratável. O seu vozerio martirizava os ou-

vidos suaves dos sonhadores. Seguiu para o terraço, onde Fredy dava cambalhotas, quase no escuro, o que também lhe obrigou a sair dali aos gritos. Ambos viviam em boa paz; contudo estavam sempre dispostos a brigarem... E se, por acaso, também viesse a se indispor com êle, então Ângelo seria obrigado a expulsá-lo da «Boîte». Felizmente, êste voltara para junto de Ivone a fim de superintender os trabalhos de apuração dos votos, nos quais se entretinham Abel, Gracie, Rose e Julián. Vivien também havia sido convidada para cooperar, porém não demonstrou interêsse, preferindo passar a uma sala contígua, denominada o «Bar dos Poetas»...

Por maioria absoluta de votos, Ângelo foi eleito o Presidente do «Clube dos Sonhadores». Ivone continuaria como diretora. Quanto ao cargo de secretário, houve grande confusão, porque uma boa parte dos votantes confundiram os nomes dos candidatos. As preferências se dividiam entre Márius e Fredy, sendo finalmente, ou errôneamente, concedido para êste, o cobiçado posto.

Ivone, com voz límpida, disse alguns poemas de Olavo Bilac, Adelmar Tavares, Guilherme Augusto dos Anjos, Tancredo Moraes, Olegário Mariano, Paschoal Carlos Magno e Maria Sabina, sendo todos acompanhados pelas projeções luminosas numa diminuta tela. O sentimento que punha em

cada poesia e o ritmo musical do seu verbo fascinaram a todos os presentes. Também houve algumas cenas extras, exibindo jovens nuas sôbre a relva, o que trouxe alguma excitação aos espectadores, já quase incontroláveis.

Depois, aquiesceu em apresentar «Macumba» de Murilo Araújo. Era uma fôrça espontânea e vibrante que nascia nela. Mistério de raças. Magias. Lendas. Êsse estranho simbolismo de beleza selvagem dos trópicos, transformava-se em dança voluptuosa e de uma plasticidade mágica, onde os movimentos e as contorsões produziam arrepios nos «sonhadores»...

No final do recitativo dançado, batendo os pés e agitando as mãos estendidas para o alto, ela, meia curvada, costumava remexer os cabelos da pessoa que lhe estivesse mais próxima. Naquela noite, sentara bem no meio da sala, um jovem-velho, rapaz de seus trinta e cinco anos, mas, que, em virtude das suas inúmeras e complicadas operações para se tornar fascinante, já perdera os cabelos e possuía a pele flácida, sem barba. Esta fôra extraída numa das suas habituais viagens ao estrangeiro, operação dolorosa e caríssima, à qual não deixava de se referir em qualquer palestra. Nessas épocas, sentindo-se saturado do Rio, buscava um pouco mais de ilusão noutro ambiente,

onde ignoravam sua condição de «escravo de si mesmo»...

Êle usava um chinó mal ajeitado, cuja côr também era duvidosa, de um castanho desbotado, e a maquillage pouco disfarçava as pontas salientes, uma das quais lhe caía à testa num «bico de viúva». Ivone ignorava êsse artifício, pois «Mr. Peruca», como era chamado pelos rapazes, fazia sua primeira (e última) aparição na «Boîte do Sonhador»... E os dedos frenéticos dela se afundaram na cabeleira postiça, deixando o idiota que se distraíra acariciando um «Irapurú» mumificado (espécie de mandinga), num estado mais crítico e lastimável que se houvesse, num golpe de mágica, arrancando-lhe as calças!

As gargalhadas foram estrondosas, houve um repentino alvorôço e Mr. Peruca, apanhando a cabeleira desfeita, no sólo, saiu como doido, à procura do elevador, mas não tendo paciência para esperá-lo, desceu os treze andares pela escada. Provàvelmente dali à meia hora já estivesse arrumando as malas para Buenos Aires, Paris ou Veneza... a fim de que se esquecessem o triste acidente, a vaidade ofendida, e, dentro de dois ou três anos, voltaria, com a ilusão de seus encantos renovados, para contar, em detalhes curiosos, a sua vida de luxo e extravagância nas grandes cidades de um mundo, do

qual só conhecia o lado mais inútil e tedioso. Ou talvez estivesse se preparando para ir a uma verdadeira «Boîte» e ali lograr alguma conquista com sua renda de oitenta contos mensais...

Nó «Bar dos Poetas», as vozes desiguais se misturavam com os drinks complexos e misteriosos... Abel não queria revelar a ninguém os ingredientes. Havia uma espécie de maçonaria entre êle e Ivone. E os sonhadores tentavam advinhá-los; chegando muitas vêzes a dizer incoerências.

Sírius, com sua voz velada e meiga, empunhando a «Taça da Amargura», recitava «Elegia», de J. R. Wilcock, que acabava de obter de Julián.

"Nunca la voz de un ángel imitará tu voz
y entre follajes trémulos repetirá mis versos,
y jamás en idénticos, cíclicos universos
volveremos a amarnos con este amor atroz.

Bajo extraños crepúsculos los otoños rosados
verán caer las hojas sobre las hojas muertas;
no nos verán pasar por las plazas desiertas
como Corinto y Tebas seremos olvidados.

No quedará ni un signo de nuestra permanencia,
una carta, un anillo con nuestras iniciales;
nadie sabrá en las diáfanas noches equinociales
que te amé y que me amaste con tanta vehemencia".

Márius avançou de novo pelo salão, sendo alvo dos comentários: — Oh! mais esta criatura não

pára, parece um demônio... — disse Gracie, incomodada.

— Espia aquela outra — indicou Abel — como adeja em tôrno dos rapazes, mas passa ràpidamente defronte às moças. Parece um «Beija-flor»...

— Ah! Oscar? Aquele realmente possui asas...

— Eu acho que é a borboleta da «Boîte»! — disse Pavo, muito solene e deslocado; sêco como um figo.

— Ué, você por aqui?! — exprimiu Abel espantado. E, chamando Ângelo, comentou: — Não podia deixar de aparecer. Afinal, Juno já chegou há bastante tempo...

— Há quanto tempo? — especulou Pavo.

— Há uns quarenta minutos — respondeu Ângelo, suspeitando algo. Mas, antes que êle lhe perguntasse a respeito, Pavo saudou Vitório à sua maneira:-

— Ah! também temos aves de rapina por aqui...

— Só se você fôr uma delas! — atacou-lhe Vitório, irônico, reparando: — Sua presença é maléfica para êste ambiente. Olha como até as fôlhas e os pássaros estão caindo... Você é pior do que...

— Papagaio idiota! — retrucou Pavo, irritado — Nunca vi tamanha pobreza de espírito e de talento!

— Sáia, «Corruira-do-brejo»! —

Rose, que estava entre ambos, apaziguou-os: —

Com licença! Mlle. Gaivota pede silêncio. Vamos beber um pouco... Gaviões!!

— INSETOS! — chamou Abel, atrás do balcão. — Querem uns biscoitinhos?

Pavo avançou na bandeja de bolachas, tão esfomeado como um filhote. Vitório porém não lhe perdoou a oportunidade: — Não disse? É pior que um pardal: intrometido, indesejável e comilão! Se, ao menos, engordasse um pouco...

— E você? Deselegante, sem graça, invejoso e mal educado!

Do outro lado, Osiris, sustentando uma garça, escutava de Sírius, algumas contrariedades. Êste soltava seus cacarejos de uma tristeza poética: — Uma vez mais, a felicidade passa a meu lado. Extendi a mão para agarrá-la. Escapou-me como um pássaro impreciso. Ficou-me o deslumbramento de sua beleza e meus olhos enriquecidos de côres, talvez se tornem mais belos também. E mais profundos... e mais misteriosos... Sinto por ela verdadeira ternura. Quando voltar, a estreitarei com fôrça entre meus braços e beijarei seus lábios de fogo! Afinal, você não está me ouvindo?

— Claro que estou! — disse Osiris, imponente.
— Ora então por que você fica assim, numa pôse dessas? Parece que lhe estão filmando...

— Sim, nos olhos dêstes sonhadores existem

câmeras que me focalizam onde quer que eu esteja. Sou um astro! Um deus! Quero brilhar...

— Uma «estrêla» pode ser...

— Quero ofuscar! — repetia Osiris, colocando sôbre a cabeça uma corôa de plumas e permanecendo extático.

Luciano, abordando Gracie, espevitada e elegante num costume leve e decotado, dizia:

— Deu-me muito prazer notar que você se entende às mil maravilhas com Ângelo, o nosso presidente... Êle é cultíssimo, cheio de simpatia. Mas, por certo, o romance, ora em projeto, perigará com a separação da viagem.

— Que viagem?! — indagou Gracie entre surprêsa e desconcertada.

— Então, querida, você não sabe que êle deseja ir à América?

— Eu acho que você está enganado. Oscar é que pretende partir para Nova York. Como não viu Ângelo próximo, chamou Oscar, que se achava um tanto menos aflito, para se certificar de tudo e prosseguiu; objetando: — De qualquer forma, continuaremos nosso romance...

— Entretanto — ponderou Luciano — o que para você seria o Amor, para êle talvez não signifique mais que outra experiência... E você vai sofrer, meu bem, já que aos vinte anos ainda se des-

garra fàcilmente o coração, quando o coração que se ama não chega a nos pertencer por inteiro.

— Não me importa! — desabafou Gracie — Quando eu amo, AMO! Tanto faz ser correspondida ou não. E, abandonando Luciano com sua magreza e desencanto, disparou ao encontro de Oscar, no Bar.

Ali, Rody, erguendo uma taça para Juno, segredava-lhe: — Vivien me falou de como você se despiu e se coroou de flôres frente ao espêlho. A cena deve ter sido anacreôntica. Que pena não haver estado a seu lado para recolher a esplendorosa realidade de seu corpo perfumado, com lábios trêmulos de desejo! Houvéssemos acrescentado um novo capítulo a «Les chansons de Bilitis». Dá-lo por feito. E quando volte a contemplar-se nas águas quietas — novo e triunfante Narciso — pense outra vez em mim. Alguma coisa recolherá meu espírito da volutuosidade de seus olhares. Alguma coisa lhe chegará de meu saboroso deleite imaginário.

Bem próximo, no canto do balcão, Gervásio, cheio de boas intenções, mas amargurado, resmungava para Abel: — É a angústia em nosso mundo íntimo que nos vai encerrando, dia a dia, no círculo de nosso isolamento; obrigando-nos a olhar para dentro de nós mesmos, para nossa alma, nosso sofrimento. Contudo, ainda sentimos as dores alheias, as outras almas, as outras tragédias, destinadas como a nossa, a se debaterem neste mundo confuso

e agitado. Ainda acabarei os meus dias num convento!...

Mme. Ninon que permanecera no interior do apartamento durante uma hora pelo menos, reapareceu, no bar, investigando com Abel: — Que é da vida daquele rapaz loiro que há tempos esteve comigo aqui, e nunca mais se lembrou de mim? É inexplicável a conduta de certas pessoas. Abrimo-lhes os braços, recebêmo-los carinhosamente e, depois...

— O uruguaio?

— Pior para êles — disse Gervásio metendo-se na conversa — São seres inferiores que não têm nada mais que impulsos primários. Comer... e o outro. Quando cheguem a velhos, se encontrarão tão sós...

Abel, a quem não ocorria a lembrança do desconhecido, querendo mudar de assunto, interpelou Mme. Ninon:

— Eu já disse à senhora que me enviaram alguns metros de um cordãozinho de seda azul e branca, para pendurar as chaves da Argentina? Fico muito grata pela sua gentileza...

— «Ah! Julián no se olvidó?»

— Êle m'a entregou ainda há pouco. A decoração da parede desta sala vai ficar notável. Vou gravar nela o nome dos grandes poetas argentinos.

— «Y de las poetisas, también!... Oh, estoy segura de que éste rincón se quedará precioso!»

— Observa Madame, quantas lembranças, quantas evocações sentimentais, quantos instantes de emoção vividos intensamente? — falou Abel, um tanto exagerado, pois também havia abusado um pouco das bebidas (afinal, êle preparava-as e tinha que lhes provar o sabor...) À senhora devo os últimos. Agradeço de todo coração! — exclamou afinal, beijando-lhe as mãos...

Julián, notando aquela efusão sentimental, chegou-se a êles. Mme. Ninon então narrou-lhe: — Há poucos dias tive a felicidade de que um amigo peruano me trouxesse uma chave da Catedral de Cuzco. Assim, Perú está maravilhosamente representada em minha coleção. Dentro em pouco, voltará da Espanha uma amiga pintora e ela me trará, nada menos que seis chaves de diferentes regiões. Uma, sei que é de Jerez de la Frontera, outra de Madrid, outra de Cádiz, outra de Málaga... Como você vê, sòmente me faltará a do céu. Alcançá-la-ei alguma vez? Eu creio que sim. Nossa condição de «sonhadores» nos faz padecer tanto na terra, que Deus nos deve abrir as portas de par em par. Não crê você o mesmo?

— «Claro que si!» «Ayer me fuí a lo de Mme. Flora» — comentou Julián — «me habló de un ensueño de amor que le endulza muchas de sus horas... Dios mio! como se ama en esta tierra...»

Rose, que estava ao lado de Julián, ouvia inte-

ressada a conversação e não pôde reter algumas palavras:

— Oh! como Mme. Flora é simpática! Um encanto de mulher. Julián teve uma ótima idéia em apresentar-nos.

— «Pero, por qué no la trajeron a la Boîte?»

— «No fué posible» — explicou Julián — «ella tuvo de seguir hoy mismo en el avión de la mañana».

— «Pobrecita, se fué tán temprano!...» — lamentou Mme. Ninon.

— «Usted sabe, aquel amor que había dejado allá en Córdoba...», — lembrou-lhe Julián.

— Que lhe dure, que lhe dure essa felicidade! — exclamou Mme. Ninon — voltando a falar em português — E, sobretudo, que nasça no coração do objeto de seus amores, essa benfeitora confiança que faz mais bela a entrega! Eu também sigo o meu romance. Rudolph reune tôdas as excelências do mundo... menos uma. Seu clima é nórdico. E como o meu é tropical... Assim me tem você, pois, feliz e descontente, iludida e abatida. Com diferenças de temperatura, as efusões perdem muitos de seus encantos. Ainda bem que seu caráter é nobre, que seu espírito é elevado, que sua inteligência é viva, que seu corpo é perfeito. Ah! se tivesse um pouco mais de pimenta! De que lhe servirá o sangue de artista que corre pelas suas veias, se a paixão dêle é as focas...

— As focas?! — fêz Abel, meio intrigado, dividindo a atenção entre os remorsos de Gervásio e os ímpetos de Mme. Ninon. Esta, reunindo dois formosos tucanos, numa prateleira suspensa atrás do balcão, concluiu:

— Já vê vocês que difícil é ser totalmente ditosa... Como não esperar as chaves do céu?! «Oh! l'amour!...» Abel, sirva uns «drinks» para nós. «Ténga la bondad! Saludemos a nuestro inteligente Julián que muy pronto regresará a su querido Buenos Aires».

— «Me escribirá también, verdad»? — suplicou Rose.

— «Como no!, muñequita de cristal» — respondeu êle, beliscando-lhe a face, carinhosamente — «Jamás le olvidaré!»

A um canto, isolado, entre rôlas, pombas e perdizes, Ivone conversava com Ângelo: — Recebi sua última cartinha em Curitiba, estando de cama, com uma infecção num dente que me obrigou a um tratamento de penicilina e a dez dias de encerramento. Sofri muito. Graças a Deus, tudo passou. Pois bem: sua carta, com as suculentas fotografias dos apolos, deve haver contribuído para o meu restabelecimento. Foi a sua, uma obra de caridade que encontrará sua justa recompensa.

— O Abel possui uma assinatura dessas re-

vistas de educação física — disse Ângelo — há pouco estive observando ali, naquela estante...

— Também aliviou meus pesares — continuou Ivone — quando, de passagem por São Paulo, encontrei, providencialmente, um amigo muito simpático, que recebeu uma bolsa de estudos. Creio que estuda no Instituto Mackenzie, não tenho bem certeza... Tem vinte e sete anos, um corpo atlético, uma doçura deliciosa, uma inteligência vivíssima, toca o piano com gôsto refinado e se chama **Edgar,** como Poe... A atração foi recíproca. Durará? Não durará? Já não me preocupo. Serei feliz todo o tempo que possa. No momento, ocupa por completo o meu espírito. Creio que com êle se passa o mesmo... Convidei-o a conhecer a nossa «Boîte», mas não creio que virá... É um tanto tímido.

— Cauteloso! — emendou Ângelo.

— E você? É verdade o que já andam sussurrando por aí, que você já não se preocupa mais com sua garota lá de Fortaleza e anda de romance com a Gracie...

— Mentiras... Ilusões! — disse Ângelo, sorrindo.

— Olha lá! Ela deve estar ciumenta; do contrário, não estaria agora me olhando assim... Não acha?

— O que estará ela arquitetando com Juno?

— Oh! já ia até me esquecendo — falou Ivone

— dando uma palmadinha na testa — Juno ficou encarregado de fazer um discurso, de outra forma não o teria convidado.

— A apresentação da obra máxima do Abel?

— Sim, por enquanto... — manifestou ela, erguendo-se e caminhando em direção de Juno. Êste, assim que todos ficaram quietos e silenciosos, principiou a falar diante de uma enorme tela, que havia sido colocada num lado da sala, oposta à estátua do «Sonhador»: — Oscar Wilde foi o feliz autor de um dos mais discutidos romances da literatura contemporânea, comentado, debatido, negado, aplaudido em tôdas as partes do mundo. Nenhum livro causou como êsse tanta sensação e levantou tantas polêmicas. Retratando fielmente a sociedade inglêsa dêste século, com tôdas suas futilidades e seus vícios ocultos, surgiu como uma afronta à moralidade britânica tão recatada e fechada consigo mesma. «O Retrato de Dorian Gray» despia, por assim dizer, a alma de tôda uma aristocracia tradicional e severa, mostrando aos olhos curiosos do público as podridões dos lugares mais sórdidos de Londres. Nas entrelinhas dessa obra, advinha-se logo até que ponto iam as brincadeiras dos rapazes de Oxford, seus gestos prediletos, cheios de malícia, entremeados de experiências novas.

O processo, que mais tarde levantou contra o autor o pai de Lord Alfred Douglas, veio, ainda

mais, por em evidência o grande escândalo que foi a prisão de Oscar Wilde, e a ousadia de tôda sua vida. Tenho a certeza que, se «O Retrato de Dorian Gray» tivesse sido escrito em francês, com temas parisienses, hoje estaria esquecido por completo.

O que mais encanta em todo conjunto é o próprio retrato que tem uma vida e vai, aos poucos, se transformando, reflexo fiel que era, do caráter sórdido do maravilhoso adolescente. Vários pintores têm procurado fixar em suas telas a expressão ao mesmo tempo irônica e arrogante de Dorian, tal qual, a descrita no famoso livro. Mas em vão. Suas tentativas resultam quase sempre num fracasso completo.

Surge-nos agora, mais um trabalho de um pintor nacional, Abel Sampaio, baiano de nascimento, que, por mais de dois anos trabalhou na confecção do seu quadro ainda completamente desconhecido. Tem a obra dois metros por um e meio e representa «o retrato, em corpo inteiro, dum jovem duma extraordinária beleza». Como o imaginou Wilde, assim Abel o reproduziu: «com os lábios rubros deliciosamente delineados, os olhos azuis em que se espelha a franqueza de sua índole, e o cabelo loiro irrepreensìvelmente frisado». Como Basílio, êle também conseguiu apanhar o efeito que queria: «um sorriso apenas esboçado» e «o fulgor dos olhos». Em nada deixou de seguir as descrições do

livro. Procurou estudar a indumentária da época, que é quase igual a atual, porque Wilde faleceu ainda nesse século e Dorian Gray viveu no nosso tempo. Não o deturpou, como fizeram alguns artistas estrangeiros que o colocaram ao lado de candelabros de mil e oitocentos, vestido com trajos do século dezoito.

Abel Sampaio é um rapaz, ainda jovem, cheio de idéias. Não faz da pintura uma profissão. Por isso não pensa mandar o seu retrato a parte alguma, «nem tenciona expô-lo». Se Lord Henrique, realmente existisse, na certa, com um sorriso cínico, retrucaria: «Não tenciona expô-lo? Por quê, meu caro amigo? Tem alguma razão? Que esquisitos, vocês os pintores são! Fazem tudo para criarem fama. Apenas a têm, parecem aflitos em a atirarem fora. É uma tolice, pois só há no mundo uma coisa pior do que falarem de nós — é não falarem de nós. Um retrato como êste colocá-lo-ia muito acima de todos os jovens da Inglaterra e causaria inveja a todos os velhos, se é que os velhos são capazes de qualquer emoção».

Mas Abel sabe que a sua obra ainda não está, de todo, terminada. Cada dia retoca-a em algum detalhe. Num afã de perfeição corrige o desenho ou aprimora a nuance das côres. Não fôsse o artista criador de coisas belas.

«O Retrato de Dorian Gray», como o idealisou é o mais verdadeiro que se tem realizado. Nem o filme horroroso que produziu Hollywood e que deformou completamente o personagem de Wilde, conseguiu apreender o clima mórbido que flutua no romance. O quadro de Abel é o único que traduziu com fidelidade o sentido real da alma de Dorian.

Muitos negarão o valor dêste pintor brasileiro, nosso amigo «sonhador», criticá-lo-ão e acharão inúmeros defeitos no seu trabalho. Mas não «é a diversidade de opiniões sôbre uma obra de arte que mostra que a obra é nova, complexa e vital?»

«Quando os críticos divergem, o artista está de acôrdo consigo mesmo».

Tanto Juno como Abel receberam muitos aplausos; enquanto Ivone e Mme. Ninon seguravam Rose, que estava muito pálida e fôra acometida de uma estranha e súbita indisposição. Apenas balbuciava algumas palavras ininteligíveis e fitava aterrorizada aquêles dois olhos que, da tela, a seguiam por tôda parte.

Rody, que não pôde conter a sua inspiração, ergueu uma taça para o retrato, exclamando: —

O DORIAN DA RÉPLICA!

"O espêlho convexo de tua arte,
refletiu a perfeição pura de Dorian!
Dominando todo o quadro,
o olhar imenso e profundo,
é um abismo de volutuosa fascinação!

A bôca, sensual e lasciva,
revela nos lábios os segredos mais ocultos do "bass-fond".
Não existe sequer um traço de espiritualidade,
a banhar a carne que palpita,
nas nuances violentas de tuas côres!

Dorian, Dorian!
Devias ter mesmo esta alma assim,
esta alma de anseios tentaculares,
abraçando em tôdas tuas formas,
as formas mais variadas do amor de ralé!...
Sente-se que incarnaste e realizaste
incògnitamente,
os mesmos êxtases de Messalina e
tiveste arroubos de um César desvairado!

Em teus olhos abismais,
refletiste as obras perversas
do sádico Marquês
e sorriste alucinado,
diante das chagas espirituais
que semeaste!...

E, como fundo de tua vida,
esta vida negra mais brilhante que ónix,
há um mistério de penumbra
que os séculos não dissiparão!

E viverás Dorian,
de uma forma ou outra,
como um formoso diamante,
escuro e rudimentar,
eternamente brilhando,
na mesma radiação escura
de tua existência fatal!

— Que eloqüência! — exclamou Oscar.

Mme. Ninon acompanhou Rose ao interior do apartamento, enquanto Ivone voltando à sala, notou que Rody, bastante embriagado, dirigia gracejos inconvenientes aos sonhadores. Porisso, chamou Abel à parte e lhe pediu que, juntamente com Ângelo, levasse Rody de taxi para casa. Vivien havia sumido há muito tempo...

Caramba! — exclamou Vitório, mais belicioso que um «Canário-da-Terra». Luciano e Rody liquidaram o estoque de bebidas... E eu, que ainda queria tomar um Martini!

Gino deixou a «Boîte» dando escandalosas gargalhadas. Osiris quis saber o motivo. Êle então explicou: — Estou com receio que o nosso clube acabe mesmo igual aqueles que Ângelo criticou, onde se reunem senhoras aposentadas e jovens desnorteados.

— Era só o que faltava!

Rose havia aceito o convite que Ivone lhe fizera para um fim de semana em sua chácara em Itaipava. Ela seguira no sábado, pela manhã, e pôde aproveitar lindos passeios pelos arredores, fazendo a sua habitual e necessária ginástica, em companhia da amiga e de algumas «mulatas». Convém esclarecer que Ivone costumava chamar assim às criaturas boas, merecedoras de sua estima e gratidão.

Na varanda, estirada numa rede que Abel trouxera de Salvador, Rose descansava, quase adormecida. Havia interrompido a leitura de uma peça de Benavente, «Neve em maio»... A luta amorosa entre uma pequena que, apesar de sua juventude, parecia gelada, com um homem maduro, que, apesar de seus anos, continuava juvenil. Ivone despertou-a com uma haste de capim, fazendo-lhe cócegas no nariz, o que a fêz espirrar...

— Saúde! — disse-lhe um jovem a seu lado. Era Fernando, um dos mais perigosos amigos de Gracie, o qual viera em companhia de Abel.

Rose agradeceu a saudação e indagou sôbre o paradeiro de Abel. Ivone que lhes estava servindo um delicioso licor de genipapo, expôs: — Não se preocupe que êle agora está muito ocupado, no fundo da chácara, entretido em conseguir algumas apetitosas bananas. Gracie foi ajudá-lo com um cesto...

— Naturalmente ela não resistirá à tentação — advertiu Fernando — e irá saboreando, às escondidas, algumas bananas... Hum! se Abel surpreender quebrando o seu regime!

— Oh! êsse negócio de dieta é horrível! Temos que levar uma vida metódica. Alimentação sóbria e umas oito horas de sono — opinou Rose, espreguiçando-se e recebendo das mãos de Ivone um canudinho. Esta retirou-se para o interior da casa.

— Aceita um brinde? — sugeriu Rose a Fernando, aproveitando-se daquela circunstância para ir criando desde logo certa intimidade com êle, o qual conhecera há poucas horas.

— Encantado! — exclamou, juntando seu copo ao dela.

Uma forte atração exercia êle sôbre a inquieta Rose. Seu corpo atlético, elegante, era realçado pela blusa olímpica de um azul celeste que também se mostrava nos seus olhos sempre semi-cerrados. Parecia sonhar; entretanto, fixava a jovem, estudava-lhe os movimentos e percebia claramente que Rose estava possuída de ligeiro nervosismo.

Era a vibração total do seu ser, uma mescla de sensações que uniam espírito e carne sob um mesmo impulso, ao qual ela obedecia cegamente. O sangue subia-lhe em ondas sucessivas até às faces, enrubecendo-as, e os lábios se tornavam frementes, as mãos agitadas... Apenas seu olhar estava parado, inteiramente fundido naqueles olhos azuis que lhe demonstravam compreender a sua perturbação íntima, querendo possuí-la ali mesmo, naquele instante, se isso fôsse possível.

Antes que Ivone, Abel ou Gracie voltassem à varanda, era preciso obter um maior entendimento; talvez a promessa de uma futura amizade. Mas a conversação, as palavras que antes tão fàcilmente

lhe surgiam como produto de inspiração estavam presas, contidas nos seus lábios trêmulos.

Fernando certificou-se ainda mais do seu estado e, a fim de distraí-lo e não demonstrar o seu desassossêgo, Rose indicou-lhe uma libélula que acabara de entrar ali. Acompanhou-a com o olhar até o fôrro, onde o inseto foi sùbitamente colhido na teia de uma enorme aranha que desceu àvidamente ao seu encontro, cravando-lhe o ferrão venenoso. Estaria cegando-o, em primeiro lugar? Rose mantinha-se estática, encarando aquela pequena tragédia, enquanto Fernando admirava sua enlevação.

Ela não conseguia desprender o olhar da infeliz libélula, cujas cortorsões preagônicas lhe transmitiam igual dor. Também sentia-se apanhada com a trama invisível, mas poderosa e temível com que o instinto, a natureza, a torturava. Em poucos minutos, suas feições haviam sofrido um sensível transtôrno, a bôca permanecia aberta e os lábios entumecidos e trêmulos...

Fernando condoeu-se de sua aflição e, avançando um pouco a cadeira, lhe segurou as mãos, nas quais lágrimas ardentes gotejaram. Rose, prostrada, pousara a cabeça nos seus joelhos, enquanto êle acariciava-a, revolvendo-lhe os cabelos, procurando reanimá-la...

Os pássaros buscavam abrigo no mais denso

da folhagem e a varanda era envolvida pela luz tênue da tarde que findava. E a libélula estava morta, suspensa sôbre suas cabeças unidas.

Ivone despertou confiança, mas não amor em Rose. Esta bem sentia que sua natureza a impedia de seguir normalmente o caminho que ela desejava, caso aquiescesse. Contudo, nunca a amiga forçou-a a dar nenhum passo nesse sentido e até mesmo se mostrava indiferente à idéia de uma união completa e indissolúvel. Ela conhecia perfeitamente as criaturas com as quais lidava e era essa a razão por que todos os «sonhadores» logo se sentiam à vontade em sua companhia.

À sua chegada na «Boîte», Ivone ofereceu-lhe o rosto, mas, ao invés de beijá-lo, Rose apenas encostava sua face à dela.

— Você já jantou? — perguntou sorridente.

— Sim — respondeu Rose, agradecendo. — Pode terminar que eu a espero aqui...

Sentou-se numa poltrona, entre dois grandes pássaros, uma «Seriema» e um «João-Grande», cujas penas suas mãos afagavam carinhosamente. Notou que o "Retrato de Dorian Gray" já havia sido retirado. Dali a um quarto de hora, Ivone regressou, trazendo-lhe um cefèzinho.

— Oh! não precisava se incomodar...

— Prove-o e me diga se valeu ou não o incômodo.

— Hum! está quentinho!...

— Assim que é bom...

Rose absorveu com prazer o líquido, enquanto Ivone acendia um cigarro turco e lhe oferecia.

— Você é um anjo! — exclamou ela, com um olhar de agradecimento. E, notando que Ivone a encarava com ternura, acrescentou: — Mas só falta me dar um conselho...

— Tudo o que estiver ao meu alcance!

— Tudo?

— Bem, depende...

— Primeiro, peço-lhe desculpas por não me haver comportado convenientemente quando, ontem, em Itaipava...

— Ora, você é muito sensível, não se impressione tanto. Já está melhor, hein?

Ivone já adivinhava aonde Rose queria chegar e o que desejava; por isso, preferiu deixá-la falar.

— Eu queria um favor seu, compreende? Uma colaboração... Será que você não se importaria que eu me encontrasse com Fernando, aqui, por enquanto, até que eu o conheça melhor e...

— E possa dizer-me: «Afinal, encontrei um amigo de verdade!».

— Isso mesmo, estou certa de que teremos um «caso»...

— Cuidado, minha filha, você não sabe com quem está se metendo... — observou Ivone, precavida e algo preocupada.

— Será que eu só consigo aventuras à custa de tormentos?!

— A Natureza é quem a fez assim — falou Ivone, tentando acalmá-la.

— Talvez você nunca sentiu, como eu, uma fôrça diabólica que nos leva aos extremos... Sentir-se ao mesmo tempo dona de si própria, desejando e perseguindo o macho e, de repente, febril e descontrolada quando êle reage, tentando-nos aprisionar e envolver com suas carícias... Basta um olhar, um gesto, um passo em minha direção, para eu me tornar fraca e submissa. E... os meus lábios tremem! Não consigo pronunciar-lhe sequer uma única palavra — AMOR...

Chegara, por fim, o Carnaval, sempre ansiosamente aguardado.

Rose não tinha certeza de que seria bem sucedida no baile. Vestiu simplesmente uma blusa verde e calças escuras e, na cabeça, ajeitou uma boina preta que realçava ainda mais os seus cabelos doirados. Para não se sentir deslocada, fizera-se acompanhar de Ângelo, com o qual se simpatizara,

pois denotava franqueza e desembaraço. Êle havia improvisado uma fantasia curiosa, a qual denominara «Primavera». Cobria-o um manto de flôres. Na cabeça, pousava um belo pássaro, presente de Ivone. À mão, levava uma flor de capim.

Gracie, volúvel, já o havia abandonado, ùltimamente, formando ,com vários «sonhadores», um bloco muito unido.

À porta do teatro, havia uma multidão de curiosos mal encarados e agressivos, na sua maioria constituída de desocupados que, não raras vêzes, excediam-se nos seus gracejos belicosos, principalmente às criaturas que, não podendo chegar de táxi, tinham de abrir passagem entre êles, obrigando os policiais a dispersá-los.

Enorme massa de foliões se comprimia no hall, uma onda humana ia subindo a escada, oscilava no corredor, chocava-se com outra, mais barulhenta e impetuosa, vinda do salão.

O calor estava demasiado por falta de ventilação, a orquestra não parava de tocar e tôda gente de se remexer.

— Já viu gente tão existencialista como esta? — indagou uma senhora gorda, ridícula de havaiana, apontando uma garota sapeca que, mesmo vestida, ia fazendo diabruras, erguendo a barra da saia quase à altura do colo... — Eta! fêmea perigosa...

— Qual nada, isto nunca foi existencialismo! — respondeu-lhe a companheira, fantasiada de dama antiga. — Isto é pura sem-vergonhice... Felizmente até agora não houve brigas.

— Mas eu acho que é preciso haver umas briguinhas. E os rapazes estão aqui p'ra isso! O que é que há? Esta pessoá!! Gente danada!

— Oh! Pelo amor de meu São Jorge! então fará mais calor ainda. Credo! até meu coração parece derreter-se neste forno.

— Aqui os corações palpitam ao ritmo da batucada!

— E essa orquestra que não pára!

As duas crioulas se queixavam de tudo e se derretiam... mas não se arredavam do local. E o pior é que, à aproximação de algum folião, puxavam-lhe a roupa, provocando desordem.

Ângelo sugeriu a Rose: — Vamos sair daqui? Ambos deixaram o meio do salão, indo encostar-se à janela a fim de se refrescarem com a brisa gostosa que fazia tremular as plumas. Assim, afastados, poderiam apreciar melhor aquele bloco de gente endoidecida. Naqueles disfarces e movimentos contínuos, era difícil reconhecer alguém. Contudo, êle cumprimentou alegremente um jovem, cuja fantasia Rose não conseguia entender.

Às vinte e três horas, Rose dirigiu-se ao hall do teatro, em companhia de Ângelo, a fim de presen-

ciar a chegada dos «travestis» mais sensacionais e o movimento de surpresa e admiração que causavam. Ambas as escadas estavam coalhadas de espectadores, que batiam palmas estridentes e abriam caminho aos recém-chegados.

Um casalzinho de Copacabana acaba de entrar. Ela, vestida em setim azul ultramarino. Saia tôda de gazes de diversas côres. Sapatos de vidro. Êle, com o corpo todo envolvido por uma meia prateada com longa capa de veludo negro.

Em companhia de ambos, atrás, vinha outra criatura ricamente trajada, com uma saia de diversas côres. No pescoço, braços e nádegas, flôres carmim. Na cabeça trazia aigretes vermelhos presos numa trunfa feita com uma grossa trança dos cabelos.

Castro e Nélio também chegaram. Aquêle, com um físico pouco apropriado para sua fantasia de «pirata». O companheiro abraçava-o exageradamente; talvez estivesse um tanto embriagado... E a isso fôra levado para criar coragem e surgir, ali, com uma fantasia completamente disparatada. «Parece mais o Homem da Capa Preta do que um rei das Arábias!», comentou um jovem. De fato, a coroa que trazia na cabeça pouco respeito impunha. Além da horrível capa negra, carregava uma tonelada de balangandans e bugigangas adquiridos nas lojas da rua Larga... Não obstante, Castro sentia-

se orgulhoso em ver o amigo recoberto de medalhas, pulseiras, brincos e broches, e contava detalhadamente à turma, as dificuldades que encontrara nas compras dos mesmos, cujos preços regateara até o último centavo!

Um jovem excessivamente gordo, em traje de gala, querendo chamar a atenção com uma piteira de meio metro, que certamente faria inveja a Gino, deu entrada no hall. Alguns amigos avançaram ao seu encontro com gritinhos nervosos; enquanto um outro, que o observava de longe, comentou: — Êsse naturalmente poderá entrar noutro concurso... de robustez! Mas ,aqui, vai ser vaiado; no duro que vai!». Seguiu-o uma «Sereia», apertadíssima num maillot branco, colado ao corpo e com um amplo chapéu de palha. «Ai! ai!», gritou um «Carneirinho»... «O que foi, menina?» — indagou a colega, disfarçada de «Vaca», sacudindo uma sineta. «Ora, deixa-me passar, quero fugir, um «Lobo» acaba de chegar!».

Entretanto, a atenção geral foi atraída para um argentino, completamente doido, que entrava cantando trechos de ópera, com uma voz potente, cuja sonoridade de timbre era desafinada mas ecoava por todo salão .Sem dúvida, improvisara a fantasia original, feita de tarlatana, com um chapéu de uns dois metros de circunferência, cuja aba

chegava a dobrar. A cinturinha de vespa e o corte amplo e ondulante do vestido também despertavam o riso geral.

Chegou uma criatura exótica, de olhos repuxados, que foi logo notada. Vestia uma blusa de camurça côr de pérola, sem gola, tipo bolero. O pescoço estava envolvido por um lenço em côres. Na cabeça, um chapéu de palha, tipo mexicano. E a calça era de camurça verde garrafa. «Como ela hoje está linda!», exclamou Fábio, que, ao invés de «Banhista 1900», trazia apenas um «sarong» e estava descalço. Estava sòzinho... Irineu havia, de fato, sido preso em plena avenida, quase nu!

A seguir, desfilaram três notáveis criações. A primeira, o corpo todo de malha de meia beige. Peito de «lamé» verde. Também de «lamé» verde eram as fôlhas aplicadas. Tinha cachos de uva na cabeça, ombros, sexo e mãos. «Que fantasia será aquela?» — perguntou Rose, mas Ângelo não soube responder...

Depois, a segunda, «Rainha de Sabá», possuía os cabelos vermelhos. O corpo fôra pintado de ouro. Apenas uma tanga verde. Exibia enfeites de pérolas negras e, dos ombros, saíam fios de flocos.

A terceira, era uma «Cleópatra», cuja aparição produziu um profundo silêncio de curiosidade e, talvez, igualmente, de assombro, mas, a seguir, houve um «zum-zum» efervescente de comentários elo-

giosos. O corpo estava quase que despido, sòmente rubis e uma pequena tanga ou enfeite (estrêlas doiradas) cobriam o sexo e as pontas dos seios. Na cabeça, uma grande águia de ouro, cravejada de rubis. No bico, a ave sustinha um longo véu de gaze verde. Os sapatos eram de ouro. Ela era acompanhada por algumas escravas e se mostrava selvagem e deslumbrante, evocando seus bárbaros caprichos, superstições e volutuosidade.

O deslumbramento provocado foi tão grande que as criaturas vulgares chegadas a seguir, passaram completamente desapercebidas. Uma delas explicava sua demora à companheira: — Oh! que coisa irritante! Hoje mal se podia fazer o «trottoir» pela Cinelândia. Estava tão atravancada de casaizinhos xipófagos, dêsses que não se largam um segundo... Como se houvessem nascido assim grudados! Horror!! E o pior é que ficam parados, transformando a calçada em sala de visitas...

Outra, todavia, interessou à multidão, despertando elogios pelo capricho com que se vestira dos pés à cabeça. Era uma portuguezinha. Um escritor sensacionalista, estava observando-a de perto, mas ela lhe preveniu: — Olhe lá, heim? Se você colocar-me no seu próximo livro, vai ter! Comigo ninguém brinca. Eu sou da navalha!

Muitas criaturas, centenas, se agitavam no tea-

tro. Criaturas que viviam, na sua maior parte, escondidas durante o resto do ano, fugindo dos olhares cheios de censura daqueles que não compreendiam as suas estranhas inquietações. Ali, reunidas, já não se mostravam inimigas uma das outras, pois reconheciam que eram tôdas vítimas de uma mesma fatalidade... Necessário era, pois, aproveitarem aquelas noites de loucura e orgia, e não meditarem sôbre suas vidas problemáticas e o verdadeiro amor que eram capazes de sentir, mas cuja correspondência absoluta jamais seria alcançada!

Duas criaturas dançavam de bocas coladas, enquanto outras cinco, de mãos dadas e rodando, trocavam repetidos beijos.

— Esta é, na verdade, a maior «Boîte» do mundo **no seu gênero** — comentou um jornalista — embora funcione sòmente quatro noites por ano. Nem sequer em Paris aparecem tantas criaturas, gozando de igual liberdade!

— Pelo menos, aqüi, não se vê brigas nem violências. Tôdas sabem manter sua linha, embora a conversação seja a mais maliciosa...

Novos aplausos ecoaram pelo hall quando surgiu uma esplêndida «Mme. Bovary», tôda de branco, enfeitada de pássaros negros, que logo se tornou dona absoluta do local, produzindo uma verdadeira expansão de alegria entre as amigas. O seu sorriso era cativante e os dentes pareciam pérolas.

E mais palmas ainda, quando um magnífico «Pássaro Azul», subiu as escadas, nas pontas dos pés... Sua sedução, sua graça, e o belo traje também faziam empalidecer as demais.

Ângelo levou Rose ao pequeno bar, improvisado junto ao terraço... As poucas bebidas ali servidas eram cobradas três vêzes mais do seu preço habitual. Contudo, um ou dois copos de guaraná se tornavam indispensáveis naquele ambiente demasiado sufocante. Um jovem arrebatou uma garrafa de cerveja e recomeçou a dançar, bebendo aos pulos...

Nélio e Castro também entraram na fila para comprar fichas. À sua frente, uma criatura fantasiada de «Camareira», ao lado de outra de «Sinhá», mostrava-se bastante inquieta. Castro, então, bateu-lhe de leve no ombro e disse: — Quando acabar o baile, querida, você pode ir lá em casa terminar aquele serviço, heim?

— Não costumo cuidar de morcegos! — respondeu ela, secamente. —

Lulu Frenesi estava fazendo furor por ali, travestido de forma a chamar a atenção geral. Trazia pequenas lâmpadas nas pontas dos seios, postiços, as quais acendia ao mesmo tempo que soltava gritos terríveis e remexia a enorme cabeleira. Fêz tanto barulho, que provocou aglomeração de curiosos,

alguns dos quais, mais afoitos, na sua corrida atropelaram uma «Galinha», tôda branca, e muito valiosa, jogando-lhes os ovos ao chão...

O tumulto passou para outro lado, quando surgiu uma «Baiana» assanhada, retorcendo-se tôda. A roda da saia era imensa e ficava tôda aberta quando Vitório, após sacudir ligeiramente as cadeiras, ajoelhava-se. Então, os fotógrafos não perdiam a oportunidade. Também fotografaram um camarada de uns dois metros de altura, esquelético, que estava fantasiado de grego. Os cabelos haviam sido excessivamente oxigenados; quase «platinum-blonde». «Ah! tem paciência — disse Rose — os gregos não eram assim...».

Num grupo, rodavam de mãos dadas, Ruivo, de «Tirolês», Joe, de «Espanhola», Pavo, numa «Baiana» estilizada, Ariel, de «Malandro», e, no centro, saltitava um «Índio» desconhecido, abraçando Bruno, travestido em provocante «Odalisca»...

No terraço — oasis de frescura — a alegria andava de braço com a loucura... E as criaturas, exibindo os mais extravagantes «travestis», conversavam livremente, criticando umas às outras, ora por mero capricho, prazer, ou mesmo maldade.

— Realmente, todos os nossos amigos são loucos; uns loucos incorrigíveis... Você é o único

que me parece sossegado, tranqüilo; entretanto já me disseram que, dentro de casa, é igualmente louco, o que vem a dar na mesma...

— Quando eu morrer, quero que encham o meu caixão de «confettis» e me vistam uma bela fantasia, pois, se a minha vida foi um eterno carnaval, quero também passar para o outro mundo no mesmo ritmo de folia!

De repente, surgiu uma «Espanhola» que, apontando a ambas, disse, num sotaque italiano: — Ei-las! São duas criaturas maravilhosas! Uma veio de Nova Iorque e a outra de Buenos Aires!... E correu de novo para dentro, fazendo soar as castanholas, abrindo caminho por entre a multidão enlouquecida e compacta. Mas surgiu outra, mais agitada ainda, com um enorme leque de plumas. Uma cara desconhecida.

— Mas você, querida, não pára com estas mãos? Nunca vi tanta agitação!

— «A mi me gusta tener siempre las manos ocupadas...» — respondeu, com graça e espírito, a argentina. E também fêz um reparo: «Y Usted con esa máscara está muy camouflada. Tche! Usted está necesitando de más...». Quis completar a frase com um gesto, mas a outra, concluiu:

— Embalagem, não é?

Uma balzaqueana, apontando um «brotinho» que se sentara próximo, comentou: — Hum! hoje

temos carne fresca... Vem cá, meu amor, deixa-me beber no cálice nacarado de teus lábios sensuais, um pouco do vinho de pólem amoroso que dêles emanam...

Vendo que o jovem não lhe correspondia, chamou um outro, mais próximo, fantasiado de cupido, cujo corpo admirável era realçado pela fantasia caprichosa que lhe assentava esplêndidamente e implorou: — Veja se consegue acertar uma flecha naquela uvinha ali!

A argentina, que estava ao lado, objetou: — «Idiota! No ve que a ellos sólo les interesa la plata? Tche! Mira aquella! Como es linda! Y qué piernes tiene! Está siempre sonreindo...».

— Sim, mas fora do Carnaval, ela é muito **trágica**! E vive solitária, num palacete, bem longe da cidade.

— Atenção, amigas... — gritou uma recém-chegada. — Vou retirar a máscara. Hoje quero apresentar-me como realmente sou, cem por cento mulher! Vocês aí, enrustidas, podem olhar e achegar-se, não tenham medo, olhem sem receio...

Uma caixeirinha pretensiosa avançou, num desafio: «É comigo que você está falando, heim? Não é? Ora, então você me perdoe, sim. Eu lhe peço perdão!». Estava excessivamente ridícula.

— Está perdoada! — disse a veterana, sorrindo, cìnicamente. Apesar dos anos, conservava

intacta sua frescura. Deu uma voltinha sôbre os calcanhares, girando o corpo bem modelado na fantasia original e, segurando a máscara coberta de «pailleté», por uma pequena haste de madeira, indagou: — Que tal, heim?

Um fotógrafo achegou-se, solicitando-lhe uma pôse em cima de uma cadeira, mas ela galgou a murada do terraço e dali ofereceu oportunidade para um magnífico retrato. Outros fotógrafos também quiseram bater uma chapa, mas a criatura desceu displicentemente e voltou a falar às amigas que a olhavam com admiração e inveja: — É preciso aproveitar esta ocasião em que podemos estar completamente livres dessa máscara que nos cobre durante 360 dias no ano, quando somos obrigadas a aparentar outras criaturas, tão diferentes da que realmente somos...

Apareceu uma «Sadie Thompson» carnavalesca. Vendo o grupo formado, tentou dissolvê-lo: — Olhem que gracinha! Ela parece uma galinha rodeada dos seus pintainhos... — Vocês, os homens! Seus... Vocês são todos os mesmos, todos! — Mas, notando Ângelo, pregou as mãos às cadeiras e disse-lhe: — Alô! Bonitão...

«E esta chuva que não pára», resmungava.

As incubadas cairam em gargalhadas histéricas. No terraço, as manifestações eram feitas com maior expansão. Dentro do teatro também havia

barulho e muita confusão; mas, ao ar livre, tôda gente sentava-se tranqüilamente e se sentiam tão à vontade como se estivessem em suas próprias casas. Isto é fôrça de expressão, porque, muitos, a maior parte não conseguia estar assim, nem mesmo em seus próprios quartos. Todos olhavam-se pelo rabo dos olhos, procurando algum parceiro ou uma manifestação de surprêsa e encantamento pelos seus trajes. Duas criaturas altas e magricelas, seminuas, ladeavam uma baixota de cabelos caídos na testa e míope. Estavam sempre juntas e eram conhecidas por «As Três Emas»... Uma delas trazia uma miniatura da «Torre Eiffel», na cabeça.

Em dado momento, quase todo o terraço foi envolvido por uma onda de pequenos e passageiros conflitos, quando uma das paredes laterais do edifício foi galgada por alguns jovens audaciosos que, à viva fôrça, queriam penetrar no baile. Entretanto, os fiscais do «Centro dos Cronistas Carnavalescos» estavam atentos e fizeram-nos descer pelo mesmo lugar onde haviam subido. Lá em baixo, uma turma de rapazes fazia barulho, gritando, rugindo, blasfemando, erguendo os punhos ameaçadores, até que os guardas se aproximaram e todos ficaram mansos...

Um dêles, porém, havia burlado a vigilância, pois a atenção do cronista, que estava a serviço, fôra momentâneamente atraída para outro cama-

rada que empunhava um lança-perfume. O pior, estava aspirando o seu conteúdo derramado num lenço que lhe ocultava o rosto.

O «penetra» achegou-se a Rose e, procurando obter uma imediata camaradagem a fim de dar a impressão de que se achava, há muito tempo, no baile, falou: «Eu sou o Ciganinho!».

— O Ciganinho? — fêz ela surprêsa, mas olhando-o melhor, respondeu: — É, com essa roupa, só pode ser mesmo chamado o...

Ângelo puxou-a para outro lado, onde uma briga estava atingindo o seu clímax. Um bailarino se altercara com um cantor de rádio. Aquêle, trazia um corpete de pala, de cristal, e a saia preta, com barra de fita prateada. Da blusa, tôda de renda preta, pendiam fios de prata. A sua farta cabeleira negra e luzidia, era agitada durante a discussão, e as pedras preciosas, encrustadas no alto da cabeça, brilhavam ainda mais.

— Olhe aqui, sua «Princesa Oriental», ou lá o que seja... — rosnou o cantor, puxando as tiras multicores que lhe saíam sob um tufo de cabelos. — Eu lhe desmancho em poucos minutos...

— Experimente, se tiver coragem, sua «cantadeira»...

Enquanto isso, a dois passos, um outro grupo formava-se, erguendo um côro de elogios ao originalíssimo traje que exibia um cantor transfor-

mista. Êste não era belo nem possuía corpo escultural, mas o seu talento e fino gôsto suplantavam tais deficiências.

— Possui um guarda-roupa riquíssimo! — diziam.

— Fabuloso! — exclamavam.

— Você já viu as imitações que faz da Carmem Miranda e da Mistinguett?

— Oh! é notável!

— Arrojado!

Entre um grupo e outro, circulava um jovem alto, narigudo, de olhos grandes e de expressão bovina. Estava trajado de «Romano» e sobraçava uma cesta contendo alguns frutos verdadeiros. Passeava, calmamente, apenas olhando... e ouvindo! Sim, sobretudo, escutando as mil e uma aventuras que eram contadas em amplos detalhes.

Rose ficou separada de Ângelo quando um bloco investiu pelo terraço numa marcha atropelada, levando de roldão algumas criaturas que dançavam no caminho. A primeira vítima foi um «Escocês», já idoso, mas forte e bem aprumado, que contìnuamente se abanava com um precioso leque. Parecia derreter-se dentro daquele traje de tecidos grossos e quentes, não obstante as pernas se refrescarem sob o saiote.

À frente, vinha uma «Noiva» excessivamente maluca, engraçada de tão ridícula. Estava muito

aflita, à procura do futuro marido e empunhava uma garrucha, ameaçando todos os que se lhe acercavam. Rose afastou-se, precavida, ante aquela romântica furiosa, mas foi imprensada entre uma «Banhista 1900» que mal podia ver, com uma touca enterrada até os olhos e uma gigante câmara pneumática cingindo-lhe o busto, e um «Romano» que, ao invés da toga, trazia um imenso véu flutuante. Êste envolveu-lhe o rosto, asfixiando-a. Gritou: «Ângelo! Ângelo!», várias vêzes, pedindo socorro, mas êle não pôde ouvi-la, do outro lado do salão. Estavam separados pela corrente humana, impetuosa, oscilante, endoidecida...

Felizmente houve uma calma relativa, após a passagem do grupo, quando a massa de foliões novamente se juntou para prosseguir a pular e a gritar. Êstes, pelo menos, ficavam ali estacionados, não abandonando o salão contíguo ao terraço e até permitiam àqueles que não desejavam dançar, que os apreciassem e criticassem. Mas a conversação dêstes nem sempre era dirigida para o espetáculo que ali se desenrolava diante dos seus olhos. Outros assuntos, talvez mais importantes, ocupavam a sua atenção:

— Você foi à massagista?

— Sim.

— Durou muito tempo?

— Ainda estou com umas dores por aqui...

— E a pele está bem melhor, heim?

— Continuo com o creme de alface.

Um rapaz encantador, ainda imberbe, com andar elegante e ritmado, recebeu uma salva de palmas. Na fantasia, duas peças chamavam logo a atenção: o chapéu de abas enormes e o grande laço prateado caindo sôbre as cadeiras.

— Que elegância! — notou Ângelo, alegre por haver reencontrado Rose.

— «Rabo de Peixe» — anunciaram.

— E que rosto angelical! — disse Rose, um pouco enciumada. — Tão jovem, tão belo, e já com um certo sentimento de independência. Observe como nos olha...

Os admiradores cercaram-na, fazendo muitas perguntas e prognósticos: «Será uma injustiça se não lhe derem algum prêmio!».

Novos diálogos, frases, comentários cheios de sinceridade, confissões maliciosas chegavam aos ouvidos de Rose:

«Olha só aquilo! Também já existe isso fora dos museus?».

«Aqui não se admite aluno-ouvinte. É assunto particular!».

«Eu tenho uma aversão instintiva por criaturas brancas e sardentas!».

«Ela agora só gosta de velhos encarquilhados. Eu acho que está ficando «détraqué»... «Eu gos-

taria de saber como é que êles podem chegar até àquela água-furtada...

«Eu agora estou ficando muito depravada!...».

«Adoro ficar debaixo do chuveiro, principalmente depois...».

«Você não está conversando comigo? Pois então olhe para mim. Assim! Dentro dos meus olhos...».

«O que vocês estão sussurrando, heim? Algum segrêdo. Posso saber?».

«Ela sempre carrega tudo. Nunca se esquece dêsses detalhes».

«Eu gosto de toalha felpuda e de sabonete...».

«Ficou zangada só por que eu a vi se maquilando defronte de três espelhos! Ora que bobagem...».

«Eu só sinto ter começado a amar, muito velha».

«Afinal, não descubro a razão por que é feio depilar as sobrancelhas. Ademais, eu apenas acerto os fios. É um cabelo como qualquer outro!».

«Nada disso! A melhor coisa é usar gilete...».

«Você foi ao último festim no Palácio de Monsieur Peruca».

«Ela caiu dura para trás com uma vela em cada mão!».

«Por que você então não me dá uma prova do seu amor? Basta uma! Vamos?!».

«Sabe lá o que é isso? Quando não se está prevenida...».

«É o seu esporte predileto fazer declarações de amor?».

«Desista! Eu não tenho atração pelo seu tipo. Eu gosto é da côr morena. Produto bem nacional...».

«Hum! que perfume delicioso! Embriagador... «Moment Supreme?».

«Por favor! Assim você me machuca! Não confunda beijo com mordida...».

«É verdade que vocês vieram num combôio especial?».

Rose pisou em alguma coisa que se desfazia e se enroscava nos sapatos. Abaixou-se com dificuldade, enquanto Ângelo a protegia dos empurrões. Ao erguer-se, ofereceu-lhe, desfeito, o buquê que a «Noiva »tanto agitara e havia perdido...

Voltou a passar pelo terraço, ligeiramente, o folião que despertara a curiosidade de Rose.

— Você o conhece? — perguntou ela a Ângelo. — Quem é êsse louco?

— Louco? — fêz êle, estranhando. — Pois sim! É uma «Sinfonia»! Isto é... para você!

— Mas não com essa camisa de fôrça. Afinal, que fantasia é aquela?

— É uma mistura de «Mão-Boba» e... Não pôde terminar a frase porque uma jovem atirou-lhe

um punhado de «confettis» à bôca, gracejando: «É para o passarinho, querido!».

— Que belezinha!... — exprimiu Rose, igualmente aborrecida, ao notar a cara fechada do amigo.

— Brincadeira besta! «Broto» só dá mesmo p'ra isso... — resmungou êle, cuspindo os pedacinhos de papel colorido. E, para revoltá-lo ainda mais, o camarada que seguia a jovem, interpelou-o, valentemente: — «Cavalheiro!, esta senhorita está acompanhada, ouviu?». — Não é atrás disso que eu ando! — respondeu-lhe Ângelo exasperado, com igual insolência, deixando-o desconcertado e inofensivo.

— Afinal, quem é aquela «maravilha»? — indagou Rose.

— Conheço-o só de vista. É muito amigo de Ivone. Um sujeito metido a gostosão... Chama-se Paulo Santiago.

— Santiago?! — inquiriu Rose. — Não é Fernando Santiago?

— Não sei, eu o conheço como Paulo, Paulinho... assim todos o chamam no «Aquarium». Mas, «be careful, my darling...».

Rose notou que se tratava mesmo de Fernando, o qual se disfarçara a fim de não ser reconhecido por ela. Jurou vingar-se de sua infidelidade. Então compreendeu porque êle evitava levá-la aos bares de Copacabana, onde sua fama de «babalu» era de

todos conhecida. Começou a conjecturar sôbre isso, mas teve sua atenção atraída para um concurso de fantasias que estava se realizando no salão. Dirigiu-se para um camarote, em companhia de Ângelo, onde ambos, a muito custo, conseguiram apreciar o espetáculo equilibrando-se sôbre as cadeiras já ocupadas por outros foliões espectadores.

O desfile já havia começado e estava sendo prejudicado pela má organização, que permitira a permanência do povo no salão, comprimindo a fila de concorrentes. Pròpriamente quase não havia espaço livre para êles passarem. Contudo, as criaturas esforçavam-se por sobressair com suas fantasias ricas e originais; enquanto outras, menos felizes, eram vaiadas por alguns inimigos ou espectadores muito exigentes. Numa das mesas, três criaturas conversavam animadamente, quase alheias àquele movimento. Uma delas, escondia sua inquietação, sorrindo entre um gole e outro de champagne. Exibia um magnífico modêlo azul claro, para coquetel. Ao seu lado, uma «Zazá» maravilhosa, ricamente enfeitada de plumas azuis, ajeitava os cabelos caprichosamente ondulados. Outra, parecia uma antiga «estrêla» do cinema: Pola Negri, talvez...

Nos primeiros camarotes, algumas atrizes conhecidas e estimadas, do nosso rádio e teatro, animavam com sua presença e graça o concurso. Os candidatos ao atingirem o palco, entre os elementos

da orquestra, giravam alguns segundos, exibindo seus «travestis», etc. A fantasia mais original, a mais rica, a criatura mais elegante, de mais bela plástica, tudo entrava em cotejo. Muitas palmas principiaram a chover dos camarotes e estenderam-se por todo o teatro. Um jovem loiro, de corpo escultural, um tanto empinado, agradecia os repetidos aplausos, sorrindo e lançando beijos à multidão delirante. Sustinha na cabeça duas grandes estrêlas do mar, e o corpo fôra coberto de conchas e envolvido numa rêde ampla e delicada. O seu andar, os seus gestos, a sua maneira de sorrir e agradecer aos vivas já constituía, de per si, um fator preponderante para que lhe fôsse concedido o prêmio máximo. Contudo, o resultado foi dividido com outra criatura, de São Paulo, coberta de plumas de diversas côres, que também era uma delícia para os olhos e um mostruário de riqueza e bom gôsto. O segundo prêmio coube a uma fantasia bastante suntuosa. E o terceiro lugar, a quem caberia?

Rose ergueu-se ainda mais, na ponta da cadeira, quase empurrando Ângelo sôbre a mesa, mas não conseguiu ver nada. Ambos desceram, enquanto a orquestra retomava o seu ritmo e os foliões voltavam a pular e a berrar, suados até os ossos... Um «coelhinho» corria e saltava vertiginosamente pelos corredores. Alguém quis imitá-lo e também

começou a correr... Mas logo mereceu um reparo: «Essa quer parecer, aos outros, venturosa!...».

De repente, ela teve sua atenção voltada para uma fantasia original e rica, que produzia um som de chocalho, à medida que o seu portador caminhava.

— Foi essa que tirou o terceiro lugar — disse-lhe Ângelo, cuja atenção logo se voltou para um jovem grego que saltitava sôbre a mesa, num camarote próximo. Conversava com um senhor em traje esportivo.

— É Julián que está ali — indicou ela.

Ambos foram ao seu encontro, ao mesmo tempo que o jovem grego punha-se em debandada tal qual um «busca-pé», abandonando uma tirolesa. Era Gracie.

— Como é, aonde está o pessoal? — indagou-lhe Rose.

— Mme. Ninon não pôde vir, mas emprestou um quimono riquísimo a Ivone, que deve andar por aí...

— Com Abel? — perguntou Ângelo, curioso.

— «Si, también él, finalmente, se ha dejado llevar por la ola...» — disse Julián, sorridente.

— Oh! lá lá. Será possível que nós só nos encontramos no Carnaval? — indagou Gracie a Ângelo. Vendo-o indiferente, e querendo reconquistá-lo nem que fôsse por uma noite, arriscou: — Você

está com ares de cerimônia comigo justamente hoje? Por que se mantém tão à distância?...

— O Carnaval está muito animado, mas tem havido mortos, feridos, roubos e escândalos — comentou Ângelo, voltado para o argentino e desatencioso para com Gracie. — É uma pena! Se êsses fatos se generalizam, pouco a pouco os turistas irão se afastando e os Carnavais no Rio perderão essa enome atração que ainda possuem. Olha que têm vindo muitos argentinos...

Julián, esforçando-se em exprimir em português, contou-lhe: — Os «neo-sensibles» argentinos sonham com essas festas. Os que não vêm ao Rio, é porque realmente não têm dinheiro; do contrário, o êxodo seria geral. E explica-se! Em Buenos Aires, não existe a menor liberdade nesse sentido. Tudo deve transcorrer na penumbra e se alguma possibilidade existe fora dos cinemas e de alguns teatros — «Avenida», «Argentina» e «Colón», está nas ilhas do Tigre. Ali, a desculpa do remo e da natação, dos «week-end» e da vida a «plain-air», tornam possíveis muitos encontros. Mas, em geral, lá se vive na idade da pedra. Daí que o Rio e suas expansões carnavalescas, apareçam como paraísos prometidos para os pobres infelizes que devem manter um relativo decôro por causa de seus empregos, de sua famílias e por sua situação social.

— Ah! tenha paciência, eu não vou sair agora, e muito menos sòzinho... — advertiu um «Príncipe», com um gesto alarmante.

— E você não está comigo? — indagou um «Pagem».

— É, mas isso não oferece garantias. Disseram-me que lá fora a coisa está brava. Agrediram uma «Escrava», que, tendo as mãos acorrentadas, nem pôde se defender...

— Vivien não veio ao baile? Aonde está ela? — quis saber Gracie.

— Sei lá por onde andará! — desabafou Rose. — Talvez esteja nas imediações da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Jardim de Alá ou na Quinta da Boa Vista...

— Parece-me que ela foi para Quitandinha — disse Ângelo.

— Boas excusas! — replicou Gracie, inconformada.

— E você, divertiu-se muito? — ainda perguntou Gracie.

Rose respondeu-lhe ligeiramente, manifestando que apenas como espectadora já tinha se distraído bastante. Seu pensamento voltava para Fernando... Um sórdido explorador! Resolveu não levar avante sua amizade com êle. Procuraria, antes, voltar ao

namôro com Roberto, de quem se havia afastado ùltimamente. Por quê? Coisas do destino; o que é amado está sempre longe...

Na quarta-feira de cinzas, ao meio dia, Rose ligou o telefone para Ivone. Estava curiosa em saber alguma coisa sôbre suas atividades nas noites anteriores...

— Afinal, aonde é que vocês farrearam?

— Estivemos em tôda parte — respondeu Ivone. — Eu e Abel realizamos uma viagem de inspeção em quase todos os bailes do Rio... Disfarceime de oriental, uma fantasia bem exótica.

— E do qual gostaram mais?

— Ora, que pergunta! Só podia ser daquele em que encontramos maior liberdade...

— Ah! já «pesquei» tudo... Eu também estive lá.

— Sòzinha?

— Não, fui acompanhada de Ângelo.

— É uma coisa louca, não é?

— Nem há dúvida! E por falar em doidice, você viu aquela criatura que berrava feita uma desgraçada, girando e saltitando na ponta dos pés, e que, no final do baile, arrancou a cabeleira e saiu exclamando pelo salão e pelo terraço: — «Eu fiquei louca! Eu fiquei louca!».

— Ora... como se isso fôsse alguma novidade! Foi uma crioula, não foi?

— Isso mesmo!

— Sabe que, ontem, uma ex-amiga insultou-me em plena Cinelândia?

— Não me diga! Quem foi?

— Aquela modêlo que foi despedida da loja da rua Sete. Ia dengosa e indócil, equilibrando-se num salto «sete e meio», com o pescoço envolvido por uma pele de gato e a cara larga tôda lambusada! Creio que estava fazendo reclame daqueles cremes e pomadas com que ùltimamente se defende, nos seus biscates, para conhecidas, em Copacabana... Rodeava-a uma turma de cafajestes e, ao me ver, primeiro fêz uma saudação, em voz alta, apresentando-me a êles: «Olhem! Rose, a nova e famosa modêlo!». Mas, quando percebi que se tratava de brincadeira de mau gôsto e, também, atendendo à solicitação de Gracie, que me acompanhava, não lhe dei importância. Ela ficou com raiva de mim, porque acharam que eu era a melhor modêlo e as roupas ganhavam outra aparência e atração quando eu as vestia. Ora essa! Como se eu tivesse culpa de ser **boa!**...

— Essa Josefina não tem mesmo classificação! A sua atitude impensada bem o demonstra... Eu acho que ela devia se remexer menos e refletir mais. Merecia um reparo, uma lição bem dada, na mesma

horinha. Você devia de lhe ter oferecido uma gratificação qualquer pela propaganda gratuita.

— Nada disso! O desprêzo é a minha melhor arma. Minutos antes, deparamos com Lola, que, apesar de sua vida irregular, ainda sabe respeitar os outros em público e nos cumprimentou com um sorriso brincalhão...

— É, minha filha, a educação... Quando não se tomou chá em criança, é o diabo! Veja a diferença que existe entre ambas. E a Zefa estava acompanhada?

— Sim, sempre costuma segui-la aquela criatura igualmente antipática, até no nome, Pedrina, que, nos bailes, se apresenta com ares de «jeune fille»...

— Com aquele feixe de ossos?

— Maior contra-senso, só mesmo a feiosa e desajeitada que um grupinho, tôdas as noites, na Praça Floriano, enaltece, proclamando: «Oh! ela é divina!».

— Essa é muito boa!...

— E o Abel, como vai? Também foi fantasiado?

— Está numa ressaca terrível; dançou e bebeu como nunca. Deve ser a primeira vez que sucede isso... Fêz muito sucesso, «fechou» como costumam dizer. À meia noite, no meio do salão, despiu-se da capa que o envolvia e escandalizou muita gente com sua fantasia de «Pássaro Implume», quase nu...

— Amanhã êle já estará bom. E por falar em

amanhã, quinta-feira, você tem algum programa?

— Já, «minha filha»? Puxa! você não descansa, heim?

— Ué, gente! É perciso apruveitá...

— Isso mesmo «mulata»... Pretendo ir ao teatro.

— Qual dêles?

— No «Regina»... Vamos? Veremos Rodolpho Mayer em «As mãos de Euridice» de Pedro Bloch. Disseram-me maravilhas a respeito da peça e da magnífica interpretação. Por que não vamos juntas, eu, você e Gracie?

— Está bem, iremos. Vou avisá-la.

— Então comprarei entradas para a vesperal...

— Procópio está no Serrador, com uma peça de Raymundo Magalhães Júnior: «Essa mulher é minha!».

— Já fui ver. Gostei muito.

— Você chegou a ver «As árvores morrem de pé, de Alexandre Casona?

— Sim, fui vê-la com Julián. Êste já havia assistido em Buenos Aires.

— E êle gostou?

— Como não havia de gostar? Aliás já viu muitas obras de Casona: «Nuestra Natacha», «É proibido suicidar-se na Primavera», «Outra vez o diabo», «A barca sem pescador» e «A dama da madrugada». Mas êle me assegurou que esta comédia,

que Dulcina apresentou, as supera amplamente. De fato, escutamos os três atos com um prazer extraordinário; até chegaram a provocar uma profunda emoção. A fantasia mais brilhante, o talento mais lúcido, o interêsse mais constante. E seus toques exatamente dramáticos, que enchem de lágrimas os olhos... Quando o espetáculo termina, não se tem vontade de deixar o teatro. Não é êste o melhor elogio?

— Oh! que pena eu não ter ido vê-la... — disse Rose.

A interpretação era tão excepcional, que eu pensava voltar ao teatro, numa outra noite, quando então teria a satisfação de convidá-la.

— E acabou esquecendo de mim... Não faz mal, conte-me mais a respeito.

— Oh, mas como descrevê-la? Há mil pequenos detalhes cênicos impossíveis de imaginar. Não se trata de uma obra prima, não se pode colocá-la à altura das criações sublimes de Benavente ou Garcia Lorca. Mas é preciosa. E encheu todos os dias a sala e a gente saiu verdadeiramente encantada. A avó de Conchita de Moraes ficará nos anais de nosso teatro.

— E os «sonhadores», como vão passando? Já lhe telefonaram, contando os últimos sucessos? Alguma novidade?

— Ainda não me chamaram. Penso que estão

todos com o corpo moído... Bem fêz Gervásio indo para o convento!

— O quê?! Êle já foi definitivamente?

— Não, apenas fêz retiro. Disse-me que só deixaria o convento quando fôsse preciso, no fim da semana. Afirmou que nós, infelizes, não sabemos dar valor aos bens espirituais e que as loucuras cometidas no carnaval têm conseqüências que perduram para o resto da vida...

— Vamos ser virtuosas, mas, assim, também, creio que êle está exagerando... O Carnaval é até motivo para que muita gente trabalhe e economize o ano todo. Portanto, muitos sacrifícios são feitos e, afinal, em apenas três dias, a gente pode estar inteiramente à vontade.

— E Roberto, como vai?

— Estou tentando reatar nossa amizade. Ah! com êle estarei sempre sonhando! E com você também!

— Obrigado, querida, até logo mais...

— Adeuzinho!

Ela se recostou na cama e apelou à sua lembrança. Com as pálpebras semi-cerradas, ia recompondo a figura de Roberto e, em poucos instantes, conseguia obter a sua imagem. Rose então fazia fôrça para que êle correspondesse aos seus olhares. Atraía-o para junto de si... E Roberto, aproximava-se, forte mas submisso, estreitando-a num abraço

completo, transmitindo-lhe o seu calor. Suas bôcas também se uniam,e um só corpo palpitava, gozando as delícias que um amor sincero e ardente pode oferecer.

«Ah! Como é bom amar!...», exclamava ela, por fim, num êxtase inesgotável que perdurava horas e horas, até deixá-la lânguida, mais sensual ainda, doente da paixão.

«Diana:

Esta já é a terceira vez que lhe escrevo êste mês, sem ter a alegria de receber uma só palavra assinada por você. Não sabe como fico triste.

Diana, pelo amor de Deus, escreva alguma coisa, senão eu fico louco, se é que já não estou.

As coisas estão caminhando muito lentamente, mas, no fim, se Deus quiser, tudo sairá bem. Ainda terei de estudar alguns anos; em todo caso, ando de ôlho nas oportunidades que aparecem para empregos no estrangeiro e a próxima me terá como candidato. Um estágio na América do Norte me faria bem. Seria um ótimo adiantamento.

Como vai você de saúde? Tem-se resfriado? Cuide-se! Evite a gripe e os tremores nas costas. Não se exercite demasiado.

E tio Emílio? Um grande abraço para êle. O que há de novo por aí? O que têm dito sôbre a minha carreira? (Diana, escreva-me, sim?). Eu preciso de você, bem o sabe. Imagine eu estar longe de casa e sem ter você ao meu lado! A minha turma de casa está de mal comigo. Não me respondeu às cartas e telegramas. Estou pois completamente abandonado nesta cidade danada! E que gente doida eu tenho conhecido... No Carnaval, então, nem é bom a gente falar. Afinal, ninguém vai usar código de moral em pleno Carnaval, não é? Mas acho que eu também já estou ficando «crazy»...

Cada vez que vou ao cinema, invade-me uma profunda melancolia por não lhe ter ao meu lado para segurar sua mão querida. Ah!, minha Diana, Deus queira que tudo acabe bem...

Ângelo»

À tarde, os raios de sol já não atingiam o edifício em que Rose morava. Antigo, de construção sólidas, do tempo em que ainda se fabricavam coisas com seriedade, fôra rodeado de outros arranha-céus mais altos, gigantes e ameaçadores.

O quarto estava apenas iluminado por uma vaga claridade que vinha da rua, dos anúncios luminosos. Também subiam vagos rumores de vozes entrecortadas de risos e o ruído incessante dos veículos.

— Você me deixa tonta de felicidade! — exclamou ela, vibrando.

Os dois fitavam-se há muito tempo. Emocionada, com a voz impedida, sufocada no fundo da garganta, Rose não conseguia romper aquele silêncio inquietante. Sua agitação interior chegara ao máximo, seus olhos se humideceram e contemplava Roberto através de duas lágrimas. Êle esperava, também perturbado, que, dêsse conflito, surgisse alguma revelação.

Rose fêz um esfôrço tremendo a fim de se agarrar àquela oportunidade que a sorte às vêzes lhe oferecia tão avaramente e, livre de qualquer receio, resolveu tentar uma última vez: — Afinal, Roberto, você nunca desejou ter uma amiga? Deve ser monótona essa vida solitária, num quarto de hotel...

Êle, que havia, por um momento, voltado o rosto, num leve desejo de fuga, encarou-a, de novo, e respondeu: — Sim; mas isso é difícil, muito difícil... — Notando, porém, que sua resposta ia aumentar a tristeza dela, emendou logo: — Diversas vêzes já tive prova disso...

— Mas sòmente, por essa razão, você não crê mais que possa haver amizade, uma amizade forte entre nós dois?

— Eu preciso de tempo, para pensar e julgar melhor a seu respeito. Como pode sentir essa afeição pela minha pessoa que você ainda conhece tão

pouco?! — expressou êle, abaixando a cabeça, um pouco contrafeito, e escondendo as mãos nos cabelos crespos e bem tratados.

Houve alguns minutos de silêncio. Novamente fitando-a, Roberto inquiriu: — E Ivone, é alguma parente sua?

— Não, ela não é nada minha. Apenas amiga... — explicou Rose.

— Às vêzes, essa palavra amiga pode ter uma significação mais profunda...

Ela avaçou os lábios para êle, e as suas almas se fundiram num só anseio.

Uma notícia triste aguardava Ângelo. Ao regressar à sua moradia, comunicaram-lhe que Castro estava hospitalizado. Surpreendido, resolveu visitá-lo imediatamente. Estava num hospital próximo à Praça da Bandeira.

Encontrou o amigo num pequeno quarto, de frente à rua, no terceiro andar. Achou-o um tanto abatido e triste, apesar dos sorrisos francos com que foi recebido.

— Já, muitas vêzes, senti a morte de perto, mas ràpidamente — confessou Castro. — Ainda há pouco, quando fui atropelado e o auto atirou-me a muitos metros de distância, deixando-me entre o céu e a terra, suspenso dentro de uma velocidade...

— Ah! êsses «lotações» — aparteou Ângelo.

— A surprêsa, o choque, o inesperado — continuou Castro — a resistência e a derrota, tudo senti naquele instante. É apenas a comparação que me vem à lembrança...

— O que houve, afinal? — indagou Ângelo, ansioso.

— Agora, outra vez, o choque, a surprêsa, a terrível conseqüência no dia seguinte... — falou Castro, lentamente.

— Não compreendo, está muito confuso, explique-se melhor — solicitou Ângelo, que se distraíra com a passagem de uma enfermeira.

— ...de manhã, quando temos a alma límpida e cheia de esperança. A resistência. A luta contra a fatalidade. O desejo de me libertar de uma fôrça diabólica.

A enfermeira cortou a conversa, vindo dar-lhe uma injeção. Aplicou-a com displicência, pois Castro não parecia temê-la e logo recomeçou a falar: — Quando poderia supor que, ainda jovem, viesse a sofrer de um mal que acometeu a papai só depois dos setenta anos? Abandonei Copacabana há um ano — lembra-se do nosso guarda-sol com aquela franja enorme? — e não nadei sequer em piscina durante todos êstes últimos meses, mas, na segunda-feira passada, querendo retornar a um exercício que sem-

pre me atraíu, fiz exame médico, merecendo até parabéns pelo ótimo resultado, e então mergulhei...

Houve nova interrupção porque a enfermeira voltou, silenciosa, trazendo alguns doces caseiros que a família de Castro lhe havia mandado.

— É verdade que a água estava gelada, o que me obrigou a uma súbita retirada do local, após algumas braçadas (em geral costumo nadar bastante, como você bem sabe) e, apesar do dia quente, eis a trágica herança de um desejo tão salutar! Estou paralisado há três dias, com a metade inferior de meu corpo pior que morta, pois, além de eu não poder movimentá-la, sofro as dores mais atrozes, sòmente comparadas àquelas que se infligiam aos condenados pela Inquisição.

— Como principiaram as dores? — quis saber Ângelo.

— O primeiro sintoma foi um pesadelo.

— Um pesadelo?

— Sim, havia sonhado que não podia fazer nenhum movimento, mas como isso geralmente caracteriza quase todos os maus sonhos, não me impressionei tanto. Todavia, essa minha indiferença só durou alguns segundos pois, em seguida, constatei que realmente estava paralisado, sem poder sequer deixar a cama. E pensar que, tão jovem, agora estou inativo... Oh! estas apontadas horríveis que me perfuram a carne, os músculos e os nervos, com re-

flexos por tôda parte... Por favor, Ângelo, apanhe aquêle embrulinho ali, devem ser alguns doces deliciosos. Tire quantos quiser...

— E você, não vai comer nada?

— Não se preocupe comigo; estou com um gôsto amargo na garganta...

— Ora, então uns docinhos lhe fariam bem. Tome-os!

— Obrigado!

— Mas, há pouco tempo, você não foi operado das amígdalas? — perguntou Ângelo, interessado.

— Sim, há uns quatro meses...

— Então é melhor verificar isso, pois talvez ainda haja algum foco, prejudicando sèriamente o seu organismo.

— Oh! essas malditas infecções! — vociferou Castro, aborrecido.

— E Nélio, que é feito dêle? — indagou Ângelo, estranhando bastante a falta do amigo.

Castrou franziu o rosto numa expressão angustiosa. Quase não podia mover-se; por isso, pediu:
— Por obséquio, apanhe ali, sôbre a mesinha, a carta que lhe acabo de escrever. Desculpe se estou fazendo-lhe de enfermeiro, de criado...

— Absolutamente! — replicou Ângelo, retirando a fôlha de papel do envelope.

— Já terminamos tudo; pelo menos, de minha parte, assim o desejo. Pode lê-la, não tenha acanha-

mento. É assunto particular, mas você, «nosso padrinho», também pertence à família...

«Nélio:

Estou escrevendo-lhe para tratarmos de um assunto que reputo de máxima importância para mim e você. Como sabe, nunca desejei nem quero companheiro de quarto.

E, uma vez que nada existe entre nós, a não ser o interêsse, e não há qualquer parcela de amizade, peço-lhe que, até o fim do mês, deixe o meu quarto.

Você tem tôdas as noites, tardes dos sábados e ainda os domingos inteiros para providenciar a sua mudança; além do mais, conta com os seus amigos, dinheiro em depósito e o quarto do Ajmir à sua espera, a qualquer hora. Portanto, não vejo razões para dificuldade em mudar-se até o fim do mês. São quinze dias ainda para agir.

Não quero que pensa que tenho raiva de você ou sou seu inimigo; não, pelo contrário, até o estimo muito, apenas acho que não pode prevalecer o interêsse onde antes existia afeição e amizade. Você nunca foi para mim um companheiro de quarto, foi muito mais e, ninguém, melhor do que você, sabe o que foi em minha vida durante um ano e meio.

Desejo-lhe muitas felicidades na nova vida que terá sem a minha companhia e que não deixe de ouvir os bons conselhos dos verdadeiros amigos que só lhe desejam o bem. Para mostrar que não lhe quero mal, digo que, se algum dia precisar de você, procurá-lo-ei para me servir dos seus favores.

Você conhece-me bem e sabe que eu não minto, quero que você se mude sem sermos inimigos ou estarmos zangados; apenas não podemos continuar no mesmo quarto.

Leia tudo com muita calma o que lhe escrevo aqui e me dê razão. Muitas vêzes pedi verbalmente para você mudar, mas agora achei melhor escrever, porque, assim, fica documentada a minha solicitação.

Para terminar, aconselho-o a não freqüentar muito a Cinelândia, a não gastar à-tôa o seu dinheiro que acumulou com tanto cuidado e sacrifício e saiba escolher bem os novos amigos.

Só uma mágoa tenho contra você: é uma grande queixa realmente. Esta foi o tratamento que você me tem dispensado agora que estou doente. Eu, que fiz por você o que nem os seus irmãos e parentes fariam, ou não fizeram, nas duas vezes, em que você foi operado.

Nunca, o tempo me fará esquecer esta ingratidão e deslealdade. Agradeço-lhe os poucos,

porém, bons momentos que tivemos juntos e creio que você poderia ser bem melhor...

Castro

P. S. — Não leve na brincadeira esta carta; foi escrita com muita seriedade e dela tirei cópia. Não precisa revelá-la aos outros; mas, se quiser, faça dela o uso que lhe apr over».

Ângelo dobrou a longa carta e a devolveu ao amigo, aconselhando-o a não se preocupar demasiado com a sorte de Nélio se, de fato, achava que assim devia proceder... Mas, por outro lado, preveniu-o: — Olhe que, atualmente, é muito difícil encontrar um amigo de verdade. Quem sabe se vocês não estão brincando de tragédia e desprezando alguma coisa de real valor?

— Quer que eu vá falar com êle?

Castro não respondeu à pergunta de Ângelo. Êste, então, acrescentou: — Ao que me parece, você não está sendo justo com Nélio, nesta carta... Carregou demasiado nas tintas. Veja bem que uma coisa é falar e outra escrever!... As cartas são muito comprometedoras. Você ainda poderá mudar de idéia, arrepender-se... Quem é êsse Ajmir, que você cita aqui?

— É um cretino, metido a excêntrico... Fumador de maconha. Vive ao Deus-dará e anda lá pela «Boîte do Caleidoscópio»...

— Ah! já me convidaram a freqüentá-la — disse Ângelo, atento. — Irei visitá-la!

— Cuidado para não se tornar viciado!

— Por quê?! — fêz Ângelo perplexo.

— É que por lá, as piteiras de Gino correm de mão em mão...

— Então o pessoal sonha de verdade?...

— E que sonhos desvairados!!

Quando Ângelo chegou à «Boîte do Caleidoscópio», pensou que houvesse errado no enderêço. A casa suburbana, tão comum e igual à dezena de outras, numa rua estreita e escondida, pouco esperança dava a alguém de que, no seu interior, abrigasse qualquer coisa de extraordinário. Entretanto, lá, bem no fundo, na última peça, ampla e meio isolada do resto da casa, por um jardim, funcionava a nova «Boîte».

Ainda era cedo, pois o ambiente estava sendo preparado para aquela noite. Francis abriu-lhe a porta de mansinho e introduziu-o no quarto, onde foi obrigado a se descalçar, por que as camas haviam sido desmontadas e o assoalho estava coberto pelos colchões sôbre os quais todos permaneciam sentados, em atitudes orientais...

Para esclarecimento dos neófitos, corria de mão em mão, o «Satiricón» de Petrônio e o «O Jardim das Rosas» de Saadi, o Persa, Gervásio lia «Jitanjali», de Ribindranath Tagore e Osiris, «Morte em Veneza», de Thomaz Mann. Willy analisava, numa biografia de Benvenuto Cellini, a resposta irônica que, certa ocasião, êle havia dado a um duque: «Provera a Deus que eu conhecesse tão nobre arte como essa, pois vemos que Júpiter e Ganimedes a exerceram no céu, e os príncipes e reis mais notáveis dêste mundo, a praticaram aqui na terra; mas eu, eu não passo de um pobre homem obscuro que não poderia nem saberia dedicar-se a coisa tão admirável». Parecia um gabinete de leitura, um tanto exótico, é verdade, mas... Aonde estava aquela herva maldita, passando de boca em boca, que Castro lhe havia anunciado? Isto não passava de uma difamação.

Num canto, Gino, isolado, parecia um Buda. Ângelo achegou-se a êle a fim de fazer uma saudação, a qual teve uma resposta levemente esboçada. Mas, à aproximação de Osiris, repeliu êste com energia — Saia já daqui; imediatamente. Êste cantinho já está muito bem ornamentado!

E Nélio aonde estaria? Ângelo quis indagar a Willy que estava mais próximo, mas não conseguiu porque êle se dirigiu ao piano e pôs-se a tocar a «Malagueña», a marcha oficial do «Caleidoscópio»...

De repente, da janela aberta para o jardim, surgiu uma criatura de incrível vivacidade. O salto que deu para dentro do quarto foi prodigioso e causou apreensão e susto em alguns elementos novos.

Mariquita Mirasol, a «estrêla» do «Caleidoscópio», começou a dansar com furor. Possuía o corpo roliço, tostado pelo sol, de uma côr bronzeada que obtinha adicionando iodo ao óleo. Recebeu muitos aplausos, que aumentaram quando, de novo, pulou a janela, desaparecendo com a ligeireza de uma gata... Ali apareceram Nélio e um jovem desconhecido de Ângelo. Seria o tal Ajmir? Encaminhou-se para ambos.

Nélio não quis entrar, alegando que estava mais à vontade do lado de fora. Apresentou-lhe Ajmir, cujos traços orientais eram delicados e constituíam uma fisionomia muito sofisticada. «Esta cara ficaria maravilhosa em Sírius» pensou Ângelo. «Contudo, não me agrada o seu olhar parado, perdido...» Êle lembrava ao amigo, os versos de Omar Kayán;

"Oh! lua de meus sonhos, que,
nunca decresces! A lua dos céus
está voltando a crescer; quão
freqüente virás a buscar-me neste
jardim... e não me encontrarás..."

Willy tocava a «Sonata Patética», de Beethoven, seu adorável Beethoven! E, no quarto, apenas

duas velas permaneciam acesas. Nélio e Ajmir trocavam confidências, impossibilitando Ângelo de lhes falar.

Francis apagou a vela. Sòmente a luz dos astros banhava os rostos parados e Willy prosseguiu no piano, executando «Clair de Lune», de Debussy. Ao terminar, reapareceu Mariquita, mais agitada ainda, seguida de Francis, que trazia uma bandeja com chá; ambas entraram por uma porta oculta atrás de uma enorme estante superlotada com a enorme coleção bibliográfica que patenteava a elevada curiosidade espiritual de Gino. Ângelo procurou ajudá-la e afastou-se de Nélio, o qual contornando o jardim, desapareceu na noite misteriosa...

Edie, o cantor mais querido da «Boîte», chegou tardiamente, mas sua voz e dom de simpatia provocavam desmaios em Francis. Antes que isso acontecesse, ela apressou-se em serví-lo, reservando-lhe algumas bolachas.

— Então muitos romances sob a garôa? — indagou Edie.

— Soube que você esteve na minha terra.

— Apenas uma **loucura** — revelou ela, tôda meiga, mas, para mim, foi o bastante!

— Como foi? Tudo bem?

— Eu tinha ido à sessão das dez no monumental «Marrocos» e, como a fila se detivesse à bilheteria, por ter sido suspensa a venda de ingres-

sos, resolvi dar o fora... À esquina da avenida São João, deparei com dois olhos castanhos que me fitaram com ternura e chegaram a me causar boa impressão. Porisso, parei, correspondendo àquele apêlo. Então, não resisti e acerquei-me da pessoa, pedindo-lhe fogo. (Oh! como são inevitáveis êsses recursos tão banais!...) Êle então me indagou: «O que você está querendo?»

— Aventura! respondi-lhe. — Simplesmente, aventura.

Partimos para o Alto do Ipiranga. O carro zigue-zagueou por tantas ruas desertas e sombrias, ora subindo, ora descendo, até que nos deixou à porta de um lindo bungalô.

Ah! passamos momentos deliciosos... Como é bom a gente morar só e ter todo confôrto! Ah! o amor ao som de músicas divinas!

Pela madrugada, preparei-me para deixá-lo e êle prontificou-se a acompanhar-me até à rua. Percebi, pelo espêlho, que tirara o revolver da gaveta. Foi um detalhe que, no momento, pouco me preocupou.

À porta, como eu lhe pedisse explicações sôbre o rumo e condução a tomar, mandou-me descer a ladeira que se perdia na escuridão da noite lúgubre e misteriosa. Não percebi logo as suas más intenções, os planos que, durante a viagem viera silenciosamente arquitetando. Despedimo-nos com

muitas promessas de futuros encontros e muitas felicidades.

Mas, percorrendo o caminho indicado, fui, aos poucos, envolvida pelas trevas, tropecei num buraco qualquer e, de repente, num gesto de defesa própria, voltei-me, para olhar o trecho da rua iluminada, de onde partira... E notei seu vulto que contornava o quarteirão. Havia espaços entre as poucas casas ali existentes. Logo percebi o perigo que me espreitava e voltei sôbre os meus passos, apressada e cautelosamente. Enfiei-me por uma rua contrária àquela que me fôra designada pelo «gangster». Felizmente, quatro quadras adiante, consegui encontrar condução. Um bonde estava ali estacionado. Era o final da linha! Ao subir no veículo, dei um profundo suspiro de alívio... Mas não me foi possível conciliar o sono. A emoção havia sido muito forte.

— Afinal, você queria aventura... Mas que bandido, heim?

— Gostaria de ver a cara de espanto e admiração do malogrado assaltante quando, no escuro, me procurava, inùtilmente...

— Você não ia passar uma temporada lá, em São Paulo? — indagou Edie.

— Sim, pretendia, mas com essa primeira e funesta aventura, dei o fora. Aliás, não encontrei ambiente favorável...

— Cante-me um bolero — solicitou, indócil, assim que êle havia tomado alguns goles de chá .— «Pecado», sim?

"Yo no sé si es prohibido
Si no tiene perdón
Si me lleva al abimo
Solo sé que es amor",

principiou Edie, ainda degustando o sabor das deliciosas bolachas.

— Cruzes! já estou farta de boleros!! — reclamou Mariquita — Vamos cantar ópera, que é muito melhor... Faz bem ao peito. Ouçam! E começou a fazer vocalises...

Devia ter uma conformação anatômica especial para poder elevar tanto a voz. Era de enlouquecer! Edie zangado, chegava até a erguer o topete. «Entoemos êste dueto!» disse-lhe ela.

Gervásio retirou-se antes da meia-noite, com a desculpa de que ainda devia ir à casa de sua tia Camila.

— Tia Camila, pois sim! — disse Osiris, desconfiado.

Afinal, Edie resolveu entrar na brincadeira Também berrava quanto podia. Parecia uma competição para ver quem gritava mais alto. Desvairada, atacada pelo furor do bel-canto, Mariquita fa-

lava sem parar e cantava até as partes para piano e orquestra. Parecia que estava com formigas pelo corpo. E a cantoria levou uma hora, terminando numa apoteose triunfante, que fêz vibrar até o madeiramente do quarto .Um verdadeiro pandemônio. Todos rolavam sôbre os colchões, aturdidos e excitados...

. Ângelo resolvera aceder ao convite de um advogado amigo do seu tio Emílio, o qual havia encontrado numa sessão de teatro e que demonstrara, há tempos, em Fortaleza, interêsse em ampará-lo na vida.

Logo após o almôço, dirigiu-se ao seu escritório no terceiro andar de um edifício novo e luxuoso, na Esplanada do Castelo. No elevador, um médico palestrava com uma senhora: «Como já lhe disse, prefiro fazer uma raspagem, no estômago de um doente, a engessar uma perna. Cada um devia saber qual o seu gôsto, a sua verdadeira inclinação, e dedicar-se de corpo e alma a ela a fim de obter melhores resultados, até à perfeição, se possível...»

No consultório, foi recebido pelo dr. Cláudio Ney, aparentando fôrça e simpatia, cujos olhos argutos examinaram-no como se fôsse uma dádiva.

— Queria que você visse em mim um amigo, um camarada para o qual não temos cerimônias e falamos com destemor e desembaraço. E' isso que desejo que me faça.

Ontem, naquele intervalo, observei, por exemplo, que você queria me pedir alguma coisa. Chegou a falar, mas o fêz com dificuldade. Não tenha, menino, nenhum pingo de acanhamento comigo. Farei por você, tudo o que estiver ao meu alcance. Procurarei até advinhar os seus desejos para que possa satisfazê-lo.

A vida do homem sôbre a terra, é cheia de altos e baixos. Se hoje somos felizes, amanhã talvez já sejamos os mais desgraçados viventes. Nosso espírito fraco e sem constância, nunca está satisfeito com o que tem no momento. Se faz calor, deseja logo frio. Se faz frio, quer em seguida calor, e assim por diante.

Ângelo, seguindo a generalidade, também sofro de todos êsses males. Geralmente quero sempre mais do que mereço, sempre é assim.

«Perdoem-me, pois, os amigos» — é o que sempre digo — quando lhes pareço que estou sendo egoista. Às vêzes, esta é a minha impressão. Êles põem-se a querer, a fazer exigências ,esquecendo-se de que não lhes posso pedir nada...

E mesmo quando, por qualquer circunstância, êles se «aborrecem», eu os perdôo, pois também são fracos. Sòmente assim, usando dessa complascência, conseguimos ser eternamente felizes e nos damos bem para a vida inteira. Temos que perdoar...

Ângelo estava gostando da prosa fluente do dr. Cláudio, que prosseguiu:

— Como já tive oportunidade de dizer-lhe, você irá, aos poucos, tomando conhecimento de minha vida passada, de como eu pensava e de como me formei. Isso levará, no entanto, algum tempo, pois que sobram êstes minutos após o almôço, mas não quero importuná-lo com longas histórias.

— Continue a falar — solicitou Ângelo.

— Bem, irei pondo-o ao par de certos detalhes curiosos...

Aos dez anos, enviaram-me para um seminário onde as «amizades particulares» eram estreitamente proibidas e onde a severa vigilância dos padres não permitia que, nem ao menos, se pensasse em tal coisa. Eu estava justamente na época de formação de meu caráter e de minha personalidade. Quando tudo em nós ainda é maleável e possível de amoldar como se queira. Comecei desde então a ter comigo um grande complexo: o medo de ter amizade a uma só pessoa (!)

Aos quinze anos, saí do seminário e jogaram-me dentro de uma caserna ,onde a vida era exa-

tamente oposta a que anteriormente levara. Novas maneiras de pensar e de agir me foram impostas. Saído de um ambiente de puro espiritualismo, onde só a alma interessava às minhas cogitações, vi-me assim abruptamente jogado no mais cruel cenário de tudo quanto diz respeito à carne e aos instintos do homem. Você pode muito bem imaginar o que sofri nesse período de transição .Meus companheiros de farda, descobrindo minha antiga formação, tinham por deleite procurar expor-me da maneira mais torpe e abjecta, a realidade da vida. Reagi, lutei, fiz o impossível para não deixar que entrasse em mim e em mim ficasse alguma coisa do que me impingiam. Contra a fôrça, porém, não pode haver muita resistência e depois de muito sofrer, eu fui aos poucos sendo assaltado por uma vontade desvairada de conhecer tudo. Nunca, porém, meu filho, tive coragem. Apenas um grande desejo, talvez mesmo uma grande necessidade de descer, ao mais profundo de tudo o que existe, aferroava-me incessantemente. Mas, até hoje, tudo o que eu sei, tudo o que «entendo» é por instinto, e por teóricos conhecimentos obtidos no que ouço e no que leio. Quando saí do Exército, vim para o Rio. Aqui, tinha a faca e o queijo nas mãos. Contudo, não tive coragem. Nada fiz. Sempre perseguido por aquêle complexo adquirido nos primeiros dias de minha infância, senti-me tolhido e durante todos êsses primeiros anos em que

estive aqui, sòzinho, — o boi solto se lambe todo — estava, não obstante, sempre acompanhado por aquela sombra que me tem perseguido até hoje. Durante êsse longo período, mais de onze anos, êste seu pobre Cláudio se acostumou a andar só, sair só, ir ao cinema só, a fazer tudo só...

E' por tudo isso, meu Ângelo, é por tudo isso que, muitas vêzes, mesmo acompanhado, eu me sinto só, eu me afasto do meio ambiente em que estou e sou assaltado por uma onda de melancolia tão profunda, tão profunda que você nem pode imaginar... Quando você me vir nêsse estado, não se aborreça comigo. Procure apenas trazer-me à realidade. Lembre-me que estou ao seu lado e que estar ao seu lado deve ser minha constante preocupação... Seu tio Emílio assim mo recomendou várias vêzes, por carta. E por que o tenho esquecido?

A secretária entrou na sala, trazendo alguns ofícios. Olhou curiosa para Ângelo e se retirou.

— Infelizmente não posso estender-me mais hoje — lamentou o dr. Cláudio. — Preciso parar. Amanhã continuaremos nossa palestra. Cada dia que se passa, você reconhecerá uma página de minha alma. Talvez assim você possa curar-me.

— Eu, curá-lo?! — fêz Ângelo, pasmado.

Ângelo chamou o elevador, mas êle não parou; contrariado, rèsolveu descer pela escada. E, ao atravessar o hall, viu Rose de braço com Santiago. Am-

bos não notaram a sua presença ali. O que iriam fazer naquele edifício?

Realizava-se uma nova reunião na «Boîte». Atendendo aos pedidos de Ivone, Mme. Ninon, e também de alguns «sonhadores», Rose e Gracie realizaram um belo desfile de modelos de B. Jasmin, cujas criações eram muito exóticas e caprichosas; começando por aquela, que exibiu: «Vice noir et vert», para noite, corpo em negro. Saia, em parte, verde, com lindo feitio em baixo. Na cabeça, plumas negras.

Depois, veio Gracie, com um modêlo para jantar, denominado «Paradis». Vestido azul ultramarinho justo no corpo. Saia estreita. Mangas vermelhas. Chapéu pequeno de feltro azul, toque vermelho, e véu branco até os ombros.

Rose reapareceu, num rico modêlo, «Roman», todo em vermelho. Saia trabalhada. Mangas justas, presas num corpinho de rendas. Cinto largo e mangas negras. Chapéu preto forrado de vermelho com flôres. Também, na cintura, flôres rubras. Longo véu. Jóias em rubis.

«Bom présage» foi o que Gracie apresentou a seguir. Saia vermelha. Jaqueta branca com jóias em rubis. Mangas drapeadas. Chapéu alto com jóia em rubis e longo véu vermelho .

Houve um pequeno intervalo, tendo Abel servido um cafèzinho. Todos estavam verdadeiramente encantados; não obstante, Mme. Ninon perguntava:
— Será que a minha costureira conseguirá fazer uma coisa igual?

— Igual, igualzinha, não creio — ponderou Ivone — em todo caso, sairá mais ou menos semelhante.

Ainda foram mostrados «Secret bleu», todo em azul forte, com o corpo e faixa em branco. Jóias com águas marinhas. «Rendigote», de laque ouro, com casaco, roxo claro, tipo casaca. Botões com ametistas.

Por fim, Rose exibiu um modêlo para tarde, intitulado «Domination». Todo em azul. Saia enviezada. Manga três quartos, com botões com rubis. Grande chapéu com longo e fino véu vermelho. Sapatos e bolsas de camurça vermelha.

Abel fêz diversos «croquis» dos interessantes modelos. Dulce também largara o seu serviço na cozinha para presenciar o espetáculo e cobiçar aquêles vestidos extravagantes.

Havia uma grande expectativa em tôrno do programa de inauguração da sala de concertos da «Boîte». Ivone não poupava esforços para engrandecê-la, mandando até fazer reformas no apartamento, derrubar paredes, a fim de instalar novas dependências em salas mais amplas e acolhedoras.

Ela era profunda conhecedora do coração humano e sua indulgente compreensão era pródiga tanto para os que serviam aos seus propósitos, como para aquêles ,não tanto submissos, que dificultavam a realização das atividades artísticas dos sonhadores e só apareciam ali para tomar algum «drink» saboroso, criticar a vida alheia, ou arranjar algum novo e ilusório conhecimento...

Enquanto não era iniciado o seu recital poético, os «sonhadores» conversavam. Era tão delicioso palestrar! Rose discutia com Oscar a respeito do espetáculo que acabavam de assistir no Teatro Fenix. Falavam do célebre bailarino vienense Harold Kreutzberg, representante da dança expressionista germânica. Ambos ficaram favoràvelmente impressionados pela originalidade de suas concepções e pela seriedade artística e a precisão e segurança de suas realizações plásticas.

Rose havia apreciado «Evocação diabólica», com o seu encantamento obsidente e «Sonho maléfico», com sua atmosfera alucinante, mas Oscar destacava «Dança do mestre de cerimônias», de Cyril Scott, na qual Kreutzberg realizava uma de suas mais notáveis criações, realçada por um vestuário de rara elegância e bom gôsto, e «Valsa feliz», de Johan Strauss, representação da alegre Viena de 1900...

— Kreutzberg trata de eliminar em suas realizações todo o supérfluo e dá, dentro do possível

obras que têm valor de síntese — disse Oscar — por isso quando uma dança está definitivamente terminada, na interpretação não se manifesta nenhuma improvisação ou mudança.

— Êle é admirável! — exclamou Rose, por fim.

— Silêncio! — reclamou Márius, com sua voz aguda. — Vamos dar início ao recital.

— Eu trouxe a pomada para cravos que você me pediu — disse Francis para Gervásio.

— Ótimo! — responde êle, contentíssimo.

Ivone apareceu tôda envolvida em gases, véus que a tornaram mais etérea ,espiritual ,e começou a declamar... «Como a noite descesse», de Emílio Moura. A seguir, disse «Religiosidade» de Fernando Namora (e todos repetiam, baixinho, **«Passear, pela noite, com um amigo...»**); «Eletrola» de João Alphonsus, da qual realizou uma interessante adatação, permitindo que Ângelo contracenasse com ela, marcando com atitudes e expressões tôdas as passagens da poesia. Fêz uma pequena pausa para tomar fôlego e declamar dois longos poemas de Calazans de Campos: «Sugestão de água inquieta» e «Partir». Para terminar, recitou «O Jardineiro louco» de Austro-Costa e «Fuga» de Carmen de Araújo Lima.

Foi muito aplaudida, e sorriu satisfeita para os amigos. Ela possuía uma sólida cultura artística e uma forma diferente de expressão, as quais valori-

zavam suas interpretações poéticas e prestava singular encanto aos seus gestos.

A atenção dos «sonhadores» foi momentâneamente atraída para os cartazes que Abel colocava no alto da parede, nos quais havia transcrito duas sentenças:

«...Embriagai-vos..., diz Baudelaire. De amor, de sonhos, de luz, de esperanças, de lirismos, de música, de leitura, de vinho... O essencial é ter sempre a alma extasiada».

A outra era de Gustavo Adolfo Bécquer:

"No me admiró tu olvido! Aunque de un dia,
me admiró tu cariño mucho más:
porque lo que hay em mí que vale algo,
eso... ni lo pudiste sospechar!"

Francis surgiu numa imitação de «vedette», que não chegou a agradar, e até mereceu reparos de Mme. Ninon: — Minha filha, as «vedettes» já não viajam mais com cães mimados, feras amestradas, peles exuberantes e outras coisas exóticas.

— Então, com que se apresentam, agora? Com cobras e lagartos? — indagou ela, contrariada, devolvendo ao colo de Vitório, o mimoso «Teco-Teco».

Osiris, que não estava gostando daquela insistência com que Francis se apresentava como mulher provocante, asseverou: — Desista! Você não dá para isso, não... Nem sequer como «Stella Dallas»!

Finalmente convencida, Francis desfez-se de

todos os ridículos acessórios, enquanto Gracie, procurando ser ela mesma, dava entrada na sala. Bastou sua alegria comunicativa, seu dinamismo, sua desenvoltura juvenil para causar sensação.

Sírius abrira a vitrola e apanhara três discos: «Parlez moi d'amour», «Je t'aime» e «Un air d'acordeon» .E a voz nostálgica de Lucienne Boyer começou a ser ouvida. . .

Abel, com sua habilidade em misturar coquetéis, preparava uma novidade.

Os «sonhadores» apresentavam-se com o relêvo de cada qual e, cada qual, queriam repercutir segundo sua própria personalidade.

— Hum! estou sentindo um cheiro de queimado — advertiu Abel.

Solicitaram a Willy para que começasse a tocar piano. Êle aquiesceu prontamente, com um sorriso, pois encontrava na música o lado mais feliz de sua vida, onde sua personalidade podia manifestar-se brilhantemente. E na execução das peças dos grandes mestres punha todo seu empenho.

Começou por Beethoven, o sempre amado Beethoven. «Sonata Op. 10 Nº 1», tocando sem interrupção: «Allegro con Brio, Adagio Molto e Presto Finale».

Sua maneira de tocar fazia furor, provocando encantamento nos «sonhadores», inquietação, nostalgia e lágrimas em Rose.

— Que técnica insuperável! — opinou Gino. De fato, sòmente um artista da mais alta categoria era capaz de interpretar Beethoven daquela forma!

— Magnífico! Bravos! — gritaram todos, com exceção de Vitório que, novamente, parecia querer provocar conflito. «Você não tem nenhuma cultura e, se ainda tivesse bons sentimentos, podia permanecer calado», dise-lhe Pavo, puxando briga.

Entretanto, Willy parecia alimentar um fogo ardente e era de uma generosidade artística tão grande, que se entregava totalmente à obra, revelando-lhes o seu verdadeiro caráter, pois conhecia a fundo o seu estilo, o seu espírito e o seu conteúdo humano.

A seguir, tocou «Fantasia em Ré Menor» de Mozart, a pedido de Oscar, e «Jeunes filles au Jardin» de Mompou, atendendo aos rogos de Luciano.

Para terminar, executou três obras de Chopin: «Polonaise Op. 45» (heroica), «Noturno» e «Prelude Nº 24». Aquela existência tão iluminada pelo gênio e tão ameaçada pela morte era evocada por Willy, cuja riqueza extraordinária de matizes, obrigou Ivone a chamá-lo de «O poeta do som». A oportunidade, o brilho e o valor destas palavras arrancaram uma estrondosa salva de palmas. E unindo a ação ao elogio, ordenou a Abel que escrevesse o nome de Willy em letras destacadas na parede do do «Bar dos Poetas».

Willy teve, assim, o seu triunfo definitivo. A arte verdadeira e sacrificada merece sempre um pedestal. A vaidade, a inveja e o veneno nada podem fazer. E Ivone soube revelar, mais uma vez, a sua inteligência penetrante, fina, cheia de subtilezas ternas, onde a delicadeza espiritual se unia ao valor da sua nobre atitude em relação a um de seus queridos pássaros.

— Ah! deixei encaroçar o manjar de côco — lembrou-se Dulce, num lamento, retirando-se aflita para o interior.

— Êle deve estar é torrado, isso sim! — retrucou Abel.

Ivone fêz servir a todos um novo e delicioso coquetel intitulado «Essência poética», e participou-lhes que ia viajar na manhã seguinte. E os «sonhadores» já pressentiam a saudade que iriam sentir...

Gervásio agarrou um lenço e simulou uma cena de chôro e desconsôlo.

— Beba um pouco de «Juventude» — aconselhou Abel, avançando-lhe uma taça transbordante.

— Cuidado com o «make-up»! — preveniu-lhe Francis, zombeteira.

— Retire êsse excesso de creme com um paninho. Êsse é para ser usado sòmente à noite, antes de deitar-se.

Na vitrola, abandonada, acabava de girar um

delicioso samba de Noel Rosa, na voz inconfundível de Araci de Almeida.

— Hoje, só tia Camila me consolará! — disse Gervásio.

— Tia Clotilde! — exclamou Osiris, batendo palmas.

— Tia Carolina! — bradou Gino, abrindo os braços e fingindo desmaiar.

— Vou embora! — exclamou Gervásio. — Chega de «show»!

Estava novamente defronte ao espêlho, ageitando o cabelo. Dulce, a empregada de Ivone, havia ligado bem alto o seu rádio, instalado no fundo da «Boîte». Anunciavam um produto qualquer, acompanhado por vocalises... O locutor exigia: «Alto, mais, mais alto!»

E Gervásio também erguia o topete bem alto, mais alto...

Aos compassos de um «fox», na interpretação da notável Judy Garland, sairam todos, novamente alegres e dispostos, para as últimas aventuras, à luz das estrêlas...

«Sonhadores:

Cheguei de Curitiba, há dois dias, e encontrei tanto trabalho acumulado, que não pude responder logo às últimas cartas que vocês me

escreveram. Não me levem a mal. Já sabem que o meu carinho é invariável. Mas, cada nova viagem traz-me mil obrigações e, freqüentemente, me asfixia a quantidade de cartas às quais devo responder. Êste ano, com a inauguração da «nossa Boîte», trouxe-me o presente de amizades preciosas. Quisera ter muitos braços para estreitar a todos os meus amigos. Ademais, quisera ter muitas mãos para escrever-lhes o que sente o meu coração. Infelizmente, meu trabalho ocupa-me quase todo o dia e, às vêzes, contra minha vontade, devo parecer mal educada.

A viagem aérea a Londrina, foi um sonho. Essa região paranaense tem bosques impenetráveis. A natureza é pródiga em belezas de tôda classe (ah, as flôres!, ah, os adolescentes! ah, os homens maduros! Que faces rosadas!...). A quantas, quantas tentações foi necessário resistir!

Compreendam, portanto, minha aflição. Os meus negócios trazem-me múltiplas atividades que me roubam o tempo destinado a vocês. Cheguem ou não cheguem as minhas cartas, devem ter a absoluta segurança de meu carinho. Cada vez que recebem um pássaro empalhado, ou um poema de minha autoria, pensem que vai com êles o afeto indestrutível que lhes devoto.

Soube, com tristeza, do afastamento que

se produziu entre Castro e Nélio. Não lhe atribuam demasiada importância. Os nervos e o sexo são capazes de tudo. O importante, em verdade, é que o coração mantenha sua pureza. Evitem as palavras ofensivas, os gestos irreparáveis. Às vêzes, uma «cura de repouso» na amizade, produz efeitos maravilhosos. E sobretudo, perdoem, perdoem sempre. Nunca se arrependerão de haver sido generosos.

Quanto a Rose, encanta-me saber que ela prossegue seu idílio. Os dois merecem ser felizes. Ela, para sentir-se compreendida, voltar a querer a vida e sonhar tôdas as horas; êle, para crer no amor e corresponder aos seus carinhos. Já que fui o «**trait d'union**», me apraz saber que embelezei dois destinos.

Ivone»

Ângelo voltou ao consultório do dr. Cláudio a fim de saber a opinião dêle a respeito de um livro que lhe havia mandado.

— Recebi o livro e... necessito dizer-lhe que principiei a lê-lo em seguida, com uma avidez de adolescente? — perguntou o advogado. O título, os documentos fotográficos e o começo científico serviram de estímulo para seguir lendo-o. E quando cheguei à novela... que tristeza terrível, e que

amargura incontida se apoderaram de meu coração! Em todos os países, em todos os ambientes, em tôdas as idades, o mesmo pavoroso problema! Quantas e quantas almas torturadas! Quantos destinos trágicos! Que heróica resignação para seguir vivendo!

Você se dá conta das emoções, que turvaram meu espírito, nestes dias tristes e evocativos da Paixão? Nem sequer a amizade franca de alguns amigos, com os quais fiz retiro podia afastar-me de minhas conjecturas...

— Já havia saído desde dezembro último, creio eu — disse Ângelo — entretanto, sòmente agora obtive êsse exemplar por intermédio de Abel.

— Sobretudo, é de admirar o sangue frio de seu autor para lançá-lo à rua — continuou o dr. Cláudio — A roupagem científica que o cobre não basta para dissimular o prazer de tantas páginas autobiográficas magnìficamente logradas e que constituem um documento incomparável e palpitante. A única objeção, que podia fazer ao autor, é o de haver acumulado tantas experiências num pobre rapaz que morre em plena mocidade. Pois bem: conseguirá despertar um movimento de compreensão e de humana simpatia com o seu relato? Creio que não. Há demasiado cinismo nas confissões do personagem central. E são tão efêmeros os seus arrependimentos!... E tem tanto dinheiro!...

— De fato! — confirmou Ângelo.

— Se eu escrevesse um romance com êste assunto, escolheria um protagonista infinitamente mais dramático. Buscá-lo-ia na classe média, com o problema da família, com a obrigação diária de ganhar o seu pão num ambiente burguês moderado, arrastando seus desvios sexuais como uma cruz. E lhe poria uma alma nobre, generosa, apaixonada, capaz da amizade mais pura, dos mais elevados sacrifícios. Dotá-lo-ia de uma capacidade de análise impiedosa consigo mesmo. E com todo o horror de seus próprios pecados inevitáveis... Assim talvez puderia despertar pouca, pouquíssima compaixão, mas sempre que o situando numa íntima categoria social ou carregando um boato de milionário. Jamais o tornaria um exemplar de uma degradação repugnante. O último degrau do vício!

— E quanto à legislação, a que o autor se refere? — indagou Ângelo.

— Eu não trataria de rogar benevolência ao mundo para problemas que jamais compreendeu, nem compreenderá no futuro — respondeu o dr. Cláudio, convicto — Pretenderia simplesmente expor às pessoas como podem conviver num mísero ser humano as virtudes mais excelsas e os vícios que espantam. Mostrar muito ao vivo os pés que se fundem na lama e a frente que se banha de luz...

Prefiro jamais escrevê-la. Acaso o exemplo de

uma alma desviada pode facilitar outras vidas sombrias? Sou pessimista, muito pessimista...

Ângelo mostrou-lhe a opinião que Ivone havia remetido por carta, a qual coincidia com a do dr. Cláudio.

«Tantas formas de anormalidade concentradas numa só pessoa, uma das quais bastaria para impressionar mal o leitor, são carregadas com tôdas as tintas. Ali, tôdas as criaturas são desprovidas de alma e uma fôrça diabólica vai impelindo-as a buscar um amor violento; arriscando tudo, numa única aventura! Já não se preocupam em agradar ao próximo, ou em se tornar amigas dos indivíduos com os quais têm contacto sexual; apenas desejavam possuir mais, ou melhor, serem possuídas. Abjecta experiência!

Afinal, essas criaturas não são sòmente animais, elas também devem possuir um pouco de razão, de espírito, que as coloquem acima da natureza.

Procura-se inùtilmente por jovens de apreciáveis qualidades, tanto físicas como espirituais, que se tornem apaixonados e cujas almas se exaltem e se purifiquem após cada encontro. O encontro, o entendimento e a união de duas criaturas, de duas almas, de duas sensibilidades afins.

O escritor encarou sob um aspecto pobre e triste o tema, revestindo-o das mais ignóbeis e lamacentas aventuras. Nem sempre se chega a essa triste

situação por vontade própria. A natureza serve de argumento. Para que então apenas expor êsse lado máu da vida?

Porisso, julgo incompleto e falho êsse livro. Foi preparado apenas para produzir o efeito do escândalo, «da sensação das esquinas e cafés da Cinelândia».

O autor teve em suas mãos, a matéria que, se fôsse construída com amor, também estaria impregnada de alma, de sentimento... O livro é um conglomerado de aventuras repassadas da mais crua e voraz depravação e, por êsse motivo, sente-se o leitor saturado e deprimido.

Êsse trabalho poderia decidir alguma coisa sôbre essa questão; no entanto, apenas expôs ao conhecimento público a parte mais degradante e digna de ser conservada em segrêdo. O autor descreveu-a com segurança e predomínio, pois conviveu nos referidos meios.

Êle, no seu pedestal, com sua figura ingênua e pura, viu criaturas que se entregavam aos homens da rua, que iam aos cinemas (não só para ver, mas para tocar...), jovens que viviam em promiscuidade repugnante, secos de coração, agarrando-se em orgias contínuas, rastejando sem destino... Um grande mal social, vamos acabar com êle... Como? Ora, muito simples, criando sanatórios para êsses débeis mentais. Não quis avançar mais alguns pas-

sos, nem se aprofundar no tema; apenas deteve-se aí, na superfície, na aparência e exteriorização. Ficou satisfeito e não pretendeu saber de mais nada, nem sondar o íntimo das criaturas. Estava solucionada a tese?

Desde a primeira vez que Abel me falou num livro dessa natureza, eu o encarei inquieta e tive receio, pois sabia e sentia quanto de loucura continha essa atitude se não fôsse bem conduzida. Pensei até que o autor houvesse perdido a razão. E, apesar de tudo, ainda não cheguei a imaginar até que ponto chegasse a sua audácia.

Sim, neste país, êle é o campeão da audácia, com seus vinte e poucos anos e a sua serenidade ante a opinião pública e as pobres criaturas que manejou livremente.

O herói do livro herda uma grande fortuna que lhe faculta todos os meios possíveis de satisfazer a sua vontade, os seus caprichos. Vive rogando a Deus, mas não se aparta do Diabo. Desconhece tôdas as leis, os códigos; pelo menos, procura ignorá-las. Moral, religião, família, nada lhe significa. Sòmente tem um objetivo: copular com o maior número de semelhantes. E as suas paixões são satisfeitas mesmo à custa da ruína e desgraça dos amigos; mas êle continua calmo e disposto para outras aventuras. Sente-se invejado, cobiçado, para que se importar com a indiferença e o desprêzo de alguns? Dá-nos a im-

pressão de uma criatura arrogante e forte, um gênio do mal. De súbito, em meio da jornada, é surpreendido ao lado de uma criatura conquistada em plena via pública (!) Oferece tudo para fugir à prisão. Quem se comprazia em burlar a sociedade e suas normas, então suplica e procura subornar os que cumprem as leis. É detestável, na literatura, um protagonista dessa espécie.

Procurasse êle reservar sua desmedida e febril agitação — entre quatro paredes — onde sua inexgotável fortuna lhe proporcionava um guarda-roupa luxuoso em «travesti» e boa clientela para admirá-lo... Contudo, os seus poderosos meios de corrupção não se satisfaziam nem se consumiam no ambiente de palácio em que vivia. Ansiava pelo ar livre, pelas multidões, pelas paradas; os ajuntamentos, o contacto e o calor de pessoas que observava no momento.

E o autor pede-lhes um amparo social, quando sabe que, na prática, isso é um milagre. . .Pergunte a cada uma dessas criaturas se, de fato, desejaria mudar de temperamento, e as respostas o deixarão desconcertado.

Foi a pergunta que eu fiz, aqui mesmo, ao Abel, e êle se manteve calado, silencioso; apenas olhou para suas mãos que completavam o trabalho artístico daquele dia... Isto me deu a entender que êle jamais renunciaria a essa personalidade, a essa na-

tureza que o fêz artista, tão diferente dos outros. No seu caso, pelo menos, creio que se justifica um temperamento singular...»

O dr. Cláudio dobrou a carta, entregando-a a Ângelo, que parecia estar ansioso para falar:

— Eu, às vêzes, fico pensando porque certas coisas acontecem. Tento procurar uma explicação cabal, mas não consigo. Vejamos: a tantos amigos jovens não lhes faltam os predicados de simpatia e possuem o que o norte-americano com muita facilidade denomina de «good-looking». Não me refiro a criaturas tapadas, mas, sim, às que falam com certo desembaraço, sôbre assuntos concernentes às artes em geral .Bastaria um acêno dêles para que logo se vissem cercadas por uma plêiade de garotas bonitas e brejeiras. Êles, porém, por motivo que ainda não consegui descobrir, dão as costas para essa boa chance, como se isso fôsse a coisa mais comum dêste mundo. Eu fico a matutar sôbre isso tudo e só uma razão encontro: a vontade de Deus.

— Sim, meu filho — disse o dr. Cláudio — não cai uma fôlha sêca da árvore sem que nisso concentre a vontade de Deus. Foi o que também me ensinaram os padres.

— Ora, se tal coisa realmente é verdade, só a vontade do Supremo Guia de tudo e de todos poderá permitir que essas criaturas, ao contrário das outras, abandonem as mulheres e se busquem com

a ansiedade com que o fazem. Acresce que os artistas, em sua maioria, não são os únicos. Com êles, por êsse mundo de Deus, há milhares de corações que também procuram o prazer e a tranqüilidade nos seus semelhantes .

— A amizade, principalmente — emendou o dr. Cláudio.

— E isso como o senhor bem sabe, não se passa só com o sexo masculino, mas, também, com o feminino.

— Sim, meu filho. E não é, pois, uma anormalidade tal coisa, pois a anormalidade é sempre um caso à parte e nunca geral.

— Estou tratando sôbre essa questão — disse Ângelo — porque eu quero que o senhor entenda bem qual é a minha maneira de encará-la. Eu, por exemplo, sei que elas fazem isso porque são impelidas por uma fôrça qualquer que transforma isso numa necessidade imperiosa sem a qual elas não se sentiriam bem.

— Que se cumpra, portanto, a vontade da Natureza! Vivam a seu modo, como precisam viver e está acabada a conversa? Não é o que você gostaria que eu dissesse?...

Ângelo ficou meio pensativo e o dr. Cláudio lhe afirmou: — Não, se eu declarasse assim, de maneira radical, também estaria cometendo um grande êrro. Nunca devemos deixar que os outros pensem

ou comentem como melhor acharem. Afinal, vivemos numa sociedade e esta tem as suas leis, justamente para o benefício geral de todos os seus cidadãos. Essas criaturas de que você me fala talvez costumem dizer que os outros não as «entendem»...

— Exato! — exclamou Ângelo.

— Pois não constitue isso, justamente, uma desgraça, o primeiro castigo que lhes impõe a sociedade?

Ângelo seguiu silencioso até o elevador. Ao tomá-lo, deu com Rose, cabisbaixa e amuada. Apesar disso, cumprimentou-a sorridente e foi acompanhá-la até o ponto de ônibus.

Ela então lhe contou que, pela segunda vez, havia estado no escritório de Fernando Santiago, mas que acabava de romper definitivamente com êle. Ângelo nada lhe perguntou.

Mas Rose ainda esclareceu: — Êle queria explorar-me... Apresentou-me alguns amigos e pediu que eu passasse a uma sala reservada. Espionei pelo vão da porta e, enquanto os moços ajudavam-no a retirar um pequeno colchão oculto atrás de um armário, consegui escapulir!

— Você fêz bem — disse Ângelo.

— Vamos depressa! — pediu Rose, inquieta.

Ivone continuava ausente do Rio, estavam suspensas as reuniões na «Boîte do Sonhador» e, enquan-

to isso, a turma divertia-se de outra forma, completamente normal, freqüentando até os parques de diversões da cidade.

Ângelo preferia ficar em seu quarto, mantendo com ela uma constante correspondência. Lia e relia a carta recebida, naquela manhã, e que cada vez o fazia pensar mais:

«Esperava a visita de Abel para escrever-lhe. Ontem pela tarde, pudemos, por fim, conversar. Com que prazer escutei seus pitorescos comentários! O Rio de Janeiro e suas «confusões sentimentais» lhe fornecem tema para todo o ano. Além de falar-me carinhosamente de você e do prazer que havia tido em ser apresentado ao seu amigo, dr. Cláudio, contou-me, atropeladamente, com êsse estilo sem estilo tão gracioso que possui, as mil coisas extraordinárias que têm acontecido ùltimamente. Refiro-me ao encanto dos inúmeros encontros inesperados... uma vez que, agora, se achando vocês soltos por aí, em contacto direto com o mundo, têm se revelado mais práticos do que «sonhadores»...

Falou-me do escândalo que havia produzido o livro cuja crítica já lhe mandei, do êxito econômico que havia trazido ao autor e da nova edição que pensa lançar em breve.

Apreciei muito a opinião sincera e esclarecida do dr. Cláudio, bem como seus comen-

tários a respeito, mas creio sinceramente que você deve manter-se afastado dêsses sensacionalismos. Não se esqueça que você é muito jovem, e que a gente **nunca, nunca, nunca** chegará a compreender certas coisas, por mais que se lhe expliquem. Tôdas as alegações esfacelam-se fatalmente contra a intolerância milenar.

Existem, ademais, razões de bom gôsto, que jamais devemos esquecer. E como, por outra parte, você deve lutar pelo seu sustento todos os dias do ano... e ainda está preocupado com uma carreira ora em início... Sempre acreditei que certas audácias sòmente podem ser levadas a cabo quando se tem um automóvel à porta e uma fortuna considerável para tomar o primeiro avião que se deseje. Lutando pela vida, ainda estudante, já é outra coisa. E quem não diz a você que essa bruma misteriosa com que devem ser envolvidas as inconfessáveis batidas de certos corações, não constitua precisamente o seu maior incentivo? Seja prudente, meu caro, o que equivale a dizer ser sábio. Os francêses dizem-no melhor que nós com uma só palavra: «Sagesse!». Bem, Ângelo, seja você «sage» e quando, em alguma de suas conversas, fizer referência ao assunto, faça-o com suprema elegância de homem dis-

tinto e deixe certos excessos para os homens de ciência.

Abel falou-me detalhadamente sôbre o dr. Cláudio. Foi sorte que você, na minha ausência, haja passado tão belos momentos. E quanto me alegra que essa nova amizade continua progredindo de forma surpreendente! Você já poderá imaginar todo o interêsse que terei para conhecer melhor os assuntos tratados. Muito se tem escrito sôbre tais criaturas, mas o tema é dos que jamais se esgotam. Contudo, como já lhe aconselhei acima: — Nunca se precipite nesses debates. Medite muito, antes de se pronunciar a respeito.

Em matéria de leituras, estou deleitandome com Voltaire. Parece-me estupendo. Acabo de ler «A princesa de Babilônia» e «As cartas de Amadeb». Duas verdadeiras jóias. Todo Anatole France parte de Voltaire. É seu mesmo estilo literário, é sua mesma ironia pungente. Costumo ler pela manhã, logo após haver tratado dos meus pássaros.

À tarde, estou posando para o Abel, um quadro simples, bucólico. Eu... vestida de camponesa! Já imaginou isso? Abel está compenetradíssimo em seu trabalho. Aqui, ao menos, essa composição lhe ocupa constantemente a cabeça. Não é melhor assim? Penso que é a

única forma de que o coração se tranquilize um pouco.

Depois... à noite, será sempre o que Deus disponha. Quanto aos meus amores... mais que amores, são uns amorecos... «Divertissements». Receio que já tenha terminado para mim, o ciclo das grandes paixões...

Continue enviando-me os sonetos. Sempre me agradam essas mensagens maravilhosas. Sobretudo agora, que os poetas se multiplicam e os poemas surgem aos milhares, mas, em geral, tão insonsos, mero jôgo de palavras, sem pureza ou justaposição de vocábulos sonoros, nem profundidade. Muito me encantam essas jóias que você seleciona de autores de um passado ainda vivo, e que guardam dentro delas tôda uma série de sensações, de idéias, de sentimentos e de paisagens.

Li-os em alguns minutos, mas os efeitos que produzem essas leituras em meu cérebro e em minha alma tão cedo não se dissolverão, permanecendo ressoantes, por muito tempo, desdobrando-se em imagens e ecos, insinuando-se e espalhando-se como água de um dique que se rompesse...

E êsse encantamento se renovará tôdas as vêzes em que os ler novamente, nas horas em

que o desejo de evasão se tornar uma necessidade.

Faça-me assim esquecer esta tristeza e esta renúncia com que a vida me sobrecarrega. Ah! pudesse sempre viver aí, viver e sonhar com vocês...

Oh! esta inquietação que me sugere sempre a idéia de voltar para junto dos meus pássaros e dos «sonhadores»!

Ivone»

P. S. — Diga a Rose que lhe despachei, como presente, um lindo «Cardeal-do-Sul», ou «Galo-da-Campina», como é vulgarmente conhecido. Espero que êle seja bem tratado, pois, do contrário, acabará enfeitando a nossa «Boîte»...

Terminando de ler a carta, guardou-a dentro de um caderno de poesias, que Rose lhe havia emprestado, e foi até á janela do quarto olhar a noite. Estava amena. O céu calmo, cheio de estrêlas, infundiu-lhe esperança. No hotel, a maioria dos hóspedes já devia estar dormindo, pois o silêncio era quase absoluto. Roberto apagou a luz e deitou-se, buscando, no sonho, uma aventura qualquer...

Roberto e Rose voltavam de uma visita aos amigos Castro e Nélio que, a despeito de tudo, rea-

taram sua amizade. Ambos haviam permanecido três horas na «Gruta dos Loucos». Por incrível que pareça, havia certo confôrto naquele porão e êles passaram momentos agradáveis, enquanto Nélio servia-lhes um café muito bem preparado, e divertidos, quando Castro com sua língua irrequieta, criticava todos os companheiros ausentes.

No meio da noite, inesperadamente, também surgira um jovem declamador, fazendo imitações de atrizes famosas. Paulin, que lembrava um «Gaturamo» pela sua côr amarelada como pela facilidade em arremedar quase tôdas as personalidades artísticas mais em evidência, era verdadeiramente um espetáculo. Ademais, sendo poliglota, também incluía no seu repertório, a imitação de «estrêlas» de Hollywood...

— Oh! Êle devia estar na «Boîte do Sonhador» — opinou Roberto. — Você não me disse que lá as crituras são tôdas assim, palradoras e excêntricas?... Foi mesmo impagável! Fêz-me rir em demasia... Esteve perfeito como Dulcina, Mme. Morineau e Bette Davis. E que notável aquela cena de «Desejo», entre Ziembiensky e Olga Navarro!

— Você estava tão alegre, tão alegre como jamais o vi — disse Rose. — Não julgue que me zanguei por isso. Apenas receava que aquele artista desvairado pensasse que era dêle que você ria.

— Ah! Pavo, com suas imitações de Alda Gar-

rido! E aquela outra criatura que falava rindo, com uma voz fina. Atendendo aos apelos, cantou três tangos, imitando, com perfeição, Libertad Lamarque...

— Gostei de vê-lo assim, totalmente esquecido de tudo e de todos, com o espírito livre de preocupações. É tão bom a gente estar assim — confessou ela com os lábios frementes de riso.

— Contudo — ponderou Roberto — acho que não devemos ir à «brincadeira» de sábado próximo. Nós sempre nos fatigamos muito e, depois, o ambiente nem sempre é bom.

— Bem, de fato — confessou Rose — ali costuma haver palavrões, alguns atos bestiais incontidos, coisas que certamente vêm ofender em cheio a sua concepção da vida e dos costumes.

— Eu também acho, «minha filha» — sugeriu êle — que devemos passar juntos e a sós, os poucos momentos em que temos a liberdade de nos ver.

— Está bem! Não iremos lá... Adeus «Boîte Arco-Iris!» — exclamou Rose, com um gesto teatral, abrindo os braços e fazendo uma cara meia tristonha. — Olhe que Vitório vai ficar zangado conosco!...

— Não se preocupe que não lhe faltará convidados e muitas dores de cabeça...

— De certo! — afirmou ela.

— Afinal, conseguiu as larvas para o «Car-

deal»? — indagou Roberto, mudando de assunto.

— Não foi possível — respondeu Rose, tristonha. — No momento, estão faltando no mercado. Mas prometeram-me um telefonema assim que aparecer a primeira remessa.

— Quer dizer que a manterão, assim, em «suspense»...

— Você não gosta de pássaros?

— Gostava!... Havia ganho um bonito pintassilgo de um lavrador. E como cantava! Uma tarde, passando por certa feira, vi um menino com uma gaiola. E dentro dela estava um passarinho quase semelhante ao meu no tamanho e no peito, todo amarelo. Mas, o resto do corpo, ao invés de preto, era azul. Achei-o encantador!

Roberto fêz uma expressão tão bela, que Rose ficou igualmente embevecida, mas ela não lhe disse uma palavra a fim de que êle continuasse aquela doce evocação de seu tempo de garoto.

— E como era delicioso vê-lo dependurado no poleiro, como um hábil trapezista, bicando gulosamente a polpa da banana! Mas não reparei no seu bico, grande e forte. Comprei-o logo, sem regatear, levando-o dentro de um saquinho de papel. Ia pensando: «Agora o meu pintassilgo vai ter um companheiro!».

Apenas colocado na gaiola, o «Gaturamo» começou a soltar umas notas alegres e ruidosas,

que pareciam uma saudação ou desafio ao colega prisioneiro. Êste também respondia, cantando e agitando as asas.

À noitinha, recolhi a gaiola, pendurando-a no alto da parede, acima de um forno, onde a temperatura era sempre agradável.

Na manhã seguinte, quando fui retirá-la, ansioso para readmirá-los, quase não acreditei no que os meus olhos viam. O pintassilgo estava completamente desfigurado. Mal podia ficar no poleiro. O «Gaturamo» havia-lhe arrancado tôda a plumagem!

— Pobrezinho! — fêz Rose, penalizada.

— Procurei salvá-lo, transferindo-o provisòriamente para um alçapão cuja tampa podia permanecer aberta pois êle já não tinha fôrças nem penas suficientes para voar... O pior é que não consegui alimentá-lo. Creio que, ao defender-se, também havia machucado o bico; ou talvez já não enxergasse bem devido aos ferimentos em volta dos olhos. Uns olhitos negros e tristes que antes me fitavam alegres e brilhantes, à espreita de uma fôlha de alface, ou de um pedaço de fruta. E assim, imóvel e calado, morreu poucas horas depois.

Roberto fêz uma pausa. Rose estava tão condoída com a sorte do pássaro que já nem podia mais ouvir nada. Tomou um lencinho de Roberto e enchugou algumas lágrimas, enquanto êle prosseguia:

— Julguei-me o responsável pela sua morte. Contudo, eu ignorava o que poderia suceder. Sòmente depois, lembrei-me que muito «Bentevi» dá carreira em «Gavião»! De qualquer modo, não quis mais saber de passarinhos, achei-os tão maus quanto os homens, destruindo-se uns aos outros. **Para que?!** Podiam todos viver em perfeita harmonia...

— É a lei do mais forte! — observou Rose. — A luta pela vida! Cada espécie tem seus amigos e inimigos.

— **E sempre aparecem alguns indivíduos valentões!**

— Mas — ponderou Rose — não devemos encará-los ùnicamente sob êsse aspecto. As aves, como todos os animais, nos têm dado exemplos magníficos com seu instinto de justiça e desenvolvido sentimento de responsabilidade. Há casos de cooperação entre êles quando, juntos, controem um só ninho. E se deslocam em bandos, obedecendo a um superior.

— Gregarismos! — disse Roberto. — Todavia, não há entre êles a distribuição de trabalho, característico de uma sociedade.

— Os castores trabalham sob a orientação de uma fêmea. Em alguns casos — prosseguiu ela — há fatos interessantes, como na família dos escorpiões, canibais, em que as mães afugentam os pró-

prios filhos, quando já crescidos, por verem neles o seu melhor petisco. Entretanto, há exemplos de dedicação nos pingüins quando uma fêmea adota os filhotes de outra que tenha falecido, ou nos elefantes, que, em marcha, se detêm dois ou três dias até que um recém-nascido fique apto para ocompanhá-los... Isso tudo oferece motivo para inúmeras fábulas, poesias e contos.

— Realmente — assentiu Roberto. — Mas, uma pergunta: Aonde você tem aprendido tanta coisa interessante?

— Costumo ouvir os programas de rádio com finalidade educativa.

Êle ia dizer mais alguma coisa, mas preferiu silenciar.

Ambos ainda ficaram juntos durante algumas horas. De madrugada, a chuva fria caíu molhando a terra. E também sôbre o coração dêles caía a chuva quente da amizade, uma fogueira imensa que ardia sem parar...

Vitório havia insistido para que Ângelo fôsse conhecer a «Boîte Arco-Iris», a qual acabava de ser montada no seu amplo apartamento, na Praia do Flamengo. Como era próximo ao local onde residia, não lhe foi difícil chegar à hora marcada, encontrando-o, na ante-sala, em companhia de al-

guns «sonhadores». Êles haviam terminado as improvisações naquele momento e estavam descansando um pouco. Vitório, sempre indecifrável e contraditório, resolvera, do dia para a noite, mudar o ambiente e, por isso, trocara as cortinas e alguns quadros. Também arranjara as luzes de uma forma original, combinando as côres, e distribuíra os móveis de maneira a permitir movimentos mais livres aos dançarinos.

A recente visita que alguns «sonhadores» haviam feito a uma Exposição de Máquinas num Parque de Diversões, era o objeto central das palestras.

— Então, vocês «fecharam» a Exposição, heim? — falou Vitório.

— Se «fechamos»! — disse Gino, gargalhando e erguendo a sua imensa piteira. — Imagine você que, desde a entrada, esta figura solene (e apontou Willy) foi objeto de comentários.

— E não podia deixar de ser! — exclamou Vitório. — Willy? Não vá me dizer que você também apareceu por lá em traje a rigor!...

Willy apenas sorriu. Estaria mais atento às ondas sonoras, ouvindo alguma sonata?...

Osiris lembrou: — Até a pequena da barraca «Habilidades» ficou desorientada e acabou entregando-lhe um prêmio sem que êle realmente houvesse conquistado.

— E o mais gozado é que esta criatura estava

tão absorta, tão alheia ao jôgo que nem «deu bola» — disse Gino.

— E que ganharam? — indagou Vitório, arrebentando de curiosidade.

— Uma batedeira de coquetel.

— Ótimo!

— Era o que estava justamente faltando na «Boîte do Sonhador»!

— Eu adorei adquelas cadeirinhas do tempo do Império — falou Gervásio. — Ah! vocês sabem, dizer que não, seria mentir!

— Eu gostei foi da «Roda Gigante»... — disse Willy, por fim. — Eu acho que o homenzinho nos esqueceu, pois ficamos girando a noite tôda... Quando estava lá em cima, chegava a sentir arrepios!

Francis estava apenas ouvindo a conversação, o que fêz com que Vitório a convidasse a ir preparar as bebidas. Gino acompanhou-a.

— E vocês não foram ao «Estratosférico»? — perguntou Vitório.

— Não nos atrevemos — explicou Osiris. — Depois que algumas criaturas deram um «show» enorme...

— Foi um escândalo! — bradou Gervásio, revirando o solhos.

— Por quê?

— Não é preciso dizer mais nada — justificou

êle. — Gritaram tanto, que o encarregado do aparêlho chegou a tapar os ouvidos!

— É que a correntinha de pulso de uma delas ficou presa na portinhola — acrescentou Osiris.

Outros elementos foram chegando: Sírius, muito sofisticado, encarando tudo com os olhos semi-cerrados e com um ar de desprêzo; Alberto, trajando um terno surrado, calças marron escuro e paletó azul, muito sem sal, casmurro, e só abrindo a bôca para dar um sorriso enfático ou dizer incoerências. Repetia sempre a mesma história. Estava com pressa, viera, mas não podia demorar. Contudo, com ar sonsarrão, ia ficando, ficando até que lhe servissem doces e refrescos. No meio da noite, arranjava algum convidado para trouxa e começava a impingir-lhe a sua ladainha: «Estou no Rio por pouco tempo. Breve, vou deixar tudo isto. Pretendo ir embora para a minha terra e lá me casarei com uma pequena que está à minha espera...». Esta lenga-lenga tirava-o da sua mudez obstinada, mas não o livrava de ser tolo. Por isso, ninguém se interessava em conhecer a sua vida íntima.

— Já vai tarde! — respondeu-lhe Sírius, contrariado, muito pálido, junto ao espelho, empoando mais o rosto, querendo ficar tão branco como Osiris.

Gervásio, pintadíssimo como um cromo, também chegou-se ao espêlho a fim de observar o efeito

de um candelabro sôbre a sua cabeça, o que despertou espanto e curiosidade em todos.

— Espêlho mágico, existe criatura mais bela do que eu?... — perguntou, franzindo o rosto, fazendo uma expressão que o deixou mais feio ainda.

— Pavoroso! — exclamou Sírius.

— Sim, horroroso, mas eu dou muita sorte, sabe?...

Gervásio estava sempre buscando alguma novidade, querendo e, de fato, conseguindo causar sensação. Dançava tudo o que lhe passava pela mente e lhe sacudia o íntimo. Quando nada mais lhe ocorria, punha-se a imitar os outros, o que constituía a melhor parte do seu programa.

Tocou a campainha. Vitório bateu palmas e gritou para Gino e Francis que estavam na cozinha:
— Larguem êsses serviços e vão atender à porta. Será possível? Um casal de empregados e ainda sou obrigado a...

— Audácia! — disse Gino, soltando-lhe uma baforada de fumo em pleno rosto.

— Cretino! — resmungou Francis, batendo os pés. — Hum! deixe-me soltar um pouco êstes «soutiens». Estão apertando-me horrìvelmente. Sinto até dificuldade em respirar e falar...

Para surprêsa e desagrado geral, surgiu um intruso, Airton, já travestido, pois mudara roupa no próprio corredor. A sua falta de gôsto era uma

afronta. Aonde se viu um sujeito magro daqueles, tão feio e sem jeito fantasiar-se de baiana? E ainda de óculos! Isto deu-lhe uma cara de sapo... Sírius não pôde conter uma reprovação e açoitando as faces com a palma das mãos, exclamou: — Que calamidade!!

Vitório olhou indignado para Airton, não achando graça na liberdade que aquêle «penetra» havia tomado em transformar o corredor do edifício em vestiário e rosnou entre os dentes: — «Oh! essas criaturas loucas!». Ficou aborrecido, sombrio... Afinal, representava o negro.

Tôdas as côres estavam ali reunidas: Gervásio, o vermelho, dançando «Bolero de Ravel»; Willy, o azul, deslocado pela falta do piano e pouco interessado na vitrola; Alberto (que ainda permanecia), amarelo, sem novidades, caótico; Sírius, o violeta, etéreo; Osiris, o branco, marmóreo e imponente; Gino, o alaranjado, Francis, o verde. E Airton? O roxo, talvez... A «Boîte» ficara supermanchada de tons.

Por fim, surpreendendo-os no melhor da festa, chegou Mme. Ninon, acompanhada por Abel, os quais traziam um encantador presente para Vitório, que, naquela noite, festejava o seu (?) aniversário.

Era um lindo cãozinho, que passava de mão em mão e recebia carinhos, os mais variados possíveis, e que logo foi batizado com o nome de «Teco-Teco».

Os recém-chegados, entretanto, ainda estavam rindo e com a atenção voltada para Willy, o qual fôra surpreendido em pleno «show». Estava quase irreconhecível, porque arquivara a inocência e gingava as cadeiras num gostoso baião...

Mme. Ninon quando viu a mesa de doces e salgados gritou: «Mon Dieu!» se vocês sempre derem festas assim, vou ficar fregueza! — E foi logo se banqueteando... Mas Vitório agarrou-a para dançar um batuque, o que ela repeliu, exclamando: — Cruzes! você assim leva até minha alma para o inferno...

Fredy não pôde comparecer (apesar de tudo, Vitório poderia convidá-lo); estava ausente do Rio. Escrevera uma carta da Bahia, que Vitório leu entre goles de «Samba em Berlim» e lambidinhas de «Teco-Teco», o qual também festejava a seu modo, o dono da «Boîte».

— Silêncio! — exigiu Abel. — Quero ouvir as novidades da minha boa terra. Por favor, Vitório, leia... bem alto. Faço questão!

«Recebi tôdas as suas «divinas cartas». Todos aqui me indagam se nós somos tão amigos!... Sempre, sem faltar um dia, elas, tão queridas e quentinhas, batem à minha porta: — «Alô, correio para você!».

— O que é isso, gente? Vocês ficaram assim amigos? — indagou Francis.

— Você já foi à Bahia? — indagou Gervásio.
— Você conhece a Bahia? — perguntou Gino.
— Hum! falando ao mesmo tempo, como duas comadres — disse Sírius, sarcástico.

— Ficam quietos — solicitou Abel, enquanto Vitório prosseguiu a leitura:

«Estou com meu maior sucesso de ballet. Sabe a novidade? Marquei o «swing» e tive de repeti-lo três vêzes, por noite, devido aos inúmeros aplausos. Tenho êste grande povo baiano, a gritar pelo meu nome: — «Fredy! Fredy! bis! bis!!». Esta é, sem dúvida, a melhor época da minha vida artística».

— Êle também é artista? — perguntou Mme. Ninon. — Eu pensei que fôsse apenas um boêmio...

«Trabalho com oito moças que ainda não sabem dominar o público, mas elas são muito boas. São camaradas e, na pensão, constituímos uma só família.

Talvez só volte ao Rio daqui a uns três meses, pois o meu empresário afirmou que o público não havia visto um bailarino como eu, tão simpático. Comecei a escrever esta carta na Confeitaria Chile, aonde vão todos os «entendidos»...

Agora já estou terminando-a dentro de um automóvel que me leva a uma churrascaria na praia de Itapoan. Estou muito bem acompanhado... Ulalá! «Tout le mond, de boîte et vaudeville, danse le samba...».

— E Rose? — indagou Vitório. — Por que não veio com vocês?

— Ela está um pouco adoentada — justificou Mme. Ninon. — Mas já deve chegar... Prometeu que viria às escondidas.

— Pois sim! — intrometeu-se Abel. — Ela está é muito ocupada, com Roberto, e sua última paixão...

— Qual? — perguntou Vitório, desconfiado e curioso.

— Um pássaro vermelho que Ivone lhe mandou...

— Só faltava isso!

Rose acabava de entrar.

Na vitrola, Sírius havia substituído o samba «P'ra que mentir?», pela música apropriada àquela noite. E Vitório, num crescendo de alegria que lhe provocava um sorriso contínuo, quase estático, ouvia a suave canção: «Parabéns a você, nesta data feliz, muitas felicidades, muitos anos de vida...».

Como os amigos se aproximassem, para cumprimentá-lo e abraçá-lo, tentou contê-los por alguns minutos e, dirigindo-se ràpidamente ao seu quarto,

deu uma desculpa: — Antes, deixem que eu me perfume... E, mais volúvel que o vento, separou-se dêles.

Mas a turma, ansiosa, invadiu a peça. Rose também achegou-se e, à porta, ao puxar a cortina, teve um ligeiro sobressalto. Deparou com Ernesto, um jovem com o qual, na sua rápida passagem por São Paulo, havia tido um início de romance. Ali estava tão à vontade, em companhia de Vitório. Pareceu-lhe que êle já se achava no quarto. Devia estar morando no apartamento! Certamente Vitório lhe proporcionava regalias que ela não estava em condições de oferecer. Uma hospedagem indefinida, pensão completa e algum dinheiro para as despesas. Ah! foi por isso que êle não viera para junto dela nem de Gracie; porque, com ambas, ainda devia gastar o seu próprio dinheiro!

Lembrou-se do telefonema que Ernesto lhe havia dado. As suas promessas de amor e de amizade. «Irei mesmo para o Rio, no fim dêste mês... Irei morar com aquêle amigo de quem lhe falei, certa noite, na «Boîte Marabá», pois não me foi possível esquivar-me dêle. Após a sua partida, no dia seguinte, chamei-o ao telefone, disse-lhe que estava decidido a ir para o Rio, pois êle havia colocado o seu apartamento à minha disposição. Como você é uma pequena inteligente, sei que vai compreender,

e nem por isso deixaremos de ser amigos. Logo que chegar aí, irei procurá-la...».

Mme. Ninon, ao vê-la indecisa, indagou:

— O que você tem? Por que ficou tão triste, assim, de repente? Sempre sonhando!... Já sei! Desta vez não me abrirá o seu coração.

Rose apenas balbuciou: — Não é nada!

E, vendo duas criaturas que se beijavam à sua frente, não pôde conter as lágrimas. Correu à cortina e procurou corrigir-se, conter as emoções. Mas o amor, êsse amor sem esperança que freqüentemente a magoava, iria deixá-la silenciosa e resignada para o resto da noite. E ela desapareceu daquele ambiente, antes que Ernesto viesse a encontrá-la com aqueles olhos tristes, descrente dos homens e desencantada da vida!...

Sempre muito atarantado, Vitório regressou inopinadamente à sala. Parecia ter notado alguma coisa. Quis indagar sôbre a súbita e inexplicável desaparição de Rose, mas vendo «Teco-Teco» abandonado sôbre uma poltrona, inquiriu sobressaltado:

— O que foi que lhe deram, heim? Ah! coitadinho, está com a lingüinha de fora, dependurada... Não vai me dizer que também andou bebendo essa mistura! Não vê que isso não é para cachorro?

— Deram-lhe algum veneno? — indagou Alberto, cuja preguiça o detivera na ante-sala.

— Cachaça! — vociferou Vitório, furioso,

como um galo-de-rinha, mas deliciosamente perfumado com «Avant la fête». — O que você está fazendo aí, sonhando?

— Nada, apenas descansando — respondeu Alberto, esclarecendo: — Detesto sonhar.

— Eu também! — afirmou Vitório. — Vejome metido em cada drama, em cada tragédia!

— Pois eu estou sempre sonhando com chanchadas! — disse Sírius, que voltava à fala.

— Naturalmente, são sonhos imorais... — observou Gervásio.

— Sonhos alegres, mas conscientes. Pelo menos, vivo sonhando e não me recalcando!

Gervásio não gostou da resposta, mas enguliu-a em sêco. Contudo, procurou disfarçar a sua raiva, bulindo com Francis: — Hoje ela não sonha com Edie. Vai permanecer a noite tôda em vigília...

— Vamos parar com essa seqüência de sonhos — solicitou Mme. Ninon.

— Cante um pouco, Osiris — ordenou Abel. — Todos já sabemos que você agora está estudando canto.

Osiris encostou-se à parede, com uma grande pôse ,e começou a revelar suas habilidades de tenor — dramático.

Alguns ouviam-no com surprêsa e agrado; outros, porém, cépticos, sorriam com deboche e

procuravam ridicularizá-lo, soltando uns dós-de-peito irritantes.

E a festa de aniversário terminou, pela madrugada, com muitas dores de cabeça, garrafas vazias e copos quebrados...

Castro e Nélio...

Naquela noite completava exatamente dois anos que êles haviam começado definitivamente sua grande amizade. Houve um tempo em sua vida em que não se conheciam. Depois viram-se, viram-se e logo depois sentiram atração e, há dois anos, eram amigos, verdadeiros amigos, como se, ao invés de 730 dias, fôssem já 730.000!

Aquela amizade tinha um tal caráter, ela era tão diferentes das outras, que lhes foi difícil acreditar, logo de início, na sue veracidade.

Muitos, por exemplo, diziam-lhes que, se não fôssem testemunhas oculares do que se passava entre êles, não acreditariam que pudesse existir amizade no feitio da sua. Não podiam compreender como se conformavam assim com aquela situação. Seria anormal uma amizade tão poderosa?

Nélio ouvia todos os comentários e calava-se. Em seu pensamento, porém, respondia a êles todos. É que sua amizade não era uma coisa comum e vulgar. Ela estava assentada sôbre alicerces seguros porque se

baseava não só nos ditames de seus corações, mas também sôbre o cimento forte de sua razão.

Êles, na realidade, queriam-se e buscavam-se mùtuamente. Tinham necessidade um do outro e por isso não podiam pensar um só dia sem se verem, sem estarem pequenos momentos, que fôssem, um junto do outro, aspirando sempre o mesmo ar, com os corações batendo o mesmo compasso e com o pensamento fixo no mesmo ideal.

Os outros não entendiam essa espécie de amizade, essa modalidade de amor que se elevava mais acima do que o amor preconizado por Platão. Êles, no entanto, compreendiam tudo muito bem e por isso se queriam.

Nesse segundo ano de sua amizade, estavam mais unidos do que nunca e poucos, mas estimados amigos, haviam ido à «Gruta» para saudá-los.

Juno abria garrafas de champanhe, enquanto Pavo distribuía os doces e salgadinhos que Vivien e Rody saboreavam em meio de deliciosas pilhérias e Irineu e Fábio beliscavam entre um requêbro ou uma pirueta... E Ângelo terminava um pequeno recital em homenagem aos dois amigos, com uma bela e doce poesia de Paschoal Carlos Magno:

"Como sempre vivi de fronte erguida
de olhos pousados sempre nas alturas
Nunca me aprouve apedrejar a vida
Nem repetir os erros das criaturas!...

Profissional do sonho, a alma fechei
a ódios, invejas, ambições, rancores;
vivendo assim, ninguém apedrejei...
Se a mão ergui foi para atirar flôres...

Também só pedras arremessa, a mão
dos que vivem curvados para o chão!...

Rose adoeceu, permanecendo muitos dias no leito. Sentia-se numa grande exaltação devido à sua amizade com Roberto, escrevia-lhe páginas arrebatadas, no seu diário íntimo e, depois, ia mostrá-las ao amigo, esperando, assim, que êle a compreendesse melhor e a estimasse com igual fervor!

«Assim como é impossível que nos esqueçamos, que dentro do nosso peito bate um coração, da mesma forma, é impossível esquecer que você existe, que me ama, que muito me quer.

Querido, creia no que lhe afirmo: a sua companhia é, agora, uma necessidade para mim, tão premente à minha vida, como a água, a luz e o alimento.

As horas, que Deus permite que eu desfrute ao seu lado, são as mais felizes do dia. Não pode imaginar como estou orgulhosa de tê-lo como amigo e certa de que me quer.

Meu caro Roberto, se o amor é isso que eu sinto, é esta paz, esta tranqüilidade de espírito,

esta serenidade, se é isto que é amor, os que realmente se amam devem ser felizes.

Nossa amizade, por mais que eu tente, não consigo como classificá-la. Queremo-nos como irmãos, como amigos, como dois que se amam? Eu acho que tudo isso junto. Sim, é tão grande a extensão da nossa amizade que não há vocábulo, na mais rica das línguas, que possa determiná-la.

Que Deus, em sua infinita misericórdia, permita que essa chama sagrada que nos anima, cada vez mais se avive e nos devore por completo em supremo holocausto de amor!».

«Há certas coisas que se encontram expressas por palavras e que tão bem se casam com o que se pensa, que o melhor é citar. Por exemplo, em «Minha vida», de Isadora Duncan, à página 256, lê-se o seguinte: «Uma vez que tendes um corpo no qual haveis de sofrer um certo número de dores — os dentes que se rompem, os dentes que se extraem, os dentes que se obturam — e uma vez, a despeito de tôda a nossa virtude, estareis sempre sujeitos à doença, à gripe, etc., por que, quando a ocasião se apresenta, não haveis de tirar dêsse mesmo corpo, o máximo de prazer? Por que um homem, que

trabalha o dia inteiro com o seu cérebro, absorvido, até à ansiedade, nos grandes problemas da vida, não há-de ser apertado por uns braços esplêndidos, encontrando assim algum consôlo às atribulações, e algumas horas de beleza e esquecimento?».

Meu Roberto, não sei se também concorda com essa acertiva da grande Isadora. Ela porém encerra um turbilhão de verdades. E, no que me diz respeito, êsse pensamento da Duncan muito bem expressa o que eu sinto e, melhor do que eu, lhe explica a necessidade que tenho de seu constante amor.

Nunca, nunca mais em nossa vida, me diga que eu me sirvo de você apenas para passar o tempo. Não, eu me sirvo de você, querido, como me sirvo da água para matar a sêde e do alimento para matar a fome».

«O coração da gente, é como o barco daquela história: pequeno por fora e grande por dentro. Quem poderá avaliar a capacidade de recepção dêsse órgão máximo do corpo humano? Quem poderá precisar com exatidão a medida dos insondáveis arcanos do coração? Mistério absoluto. Mais escuro se nos afigura tal mistério, quando nós lembramo-nos que, em tão

grande recipiente, sòmente duas espécies de armazenagem podem ser feitas: o ódio e o amor. E quando há uma gota de ódio não pode haver amor e vice-versa.

Meu Roberto, assim também nossos corações são dois imensos recipientes cheios até às bordas da mais divina de tôdas as amizades — a amizade livre, sem peias, qual corcel fogoso de rédeas soltas correndo pela imensidão dos prados sem horizonte, pisando na relva fresca, perfumada e morna onde os faunos gozam do êxtase divino num sensual «après-midi».

Cada dia que passa, mais feliz me torno, porque, cada vez mais, capacito-me de que você, em verdade, sente por mim a mesma intensidade de afeição que eu lhe dedico. E sem sua amizade, sem sua companhia, eu não sei o que seria de mim nestes últimos meses. Fatos de ordem puramente particular me têm entristecido muito a vida; no entanto, quando estou ao seu lado, tudo esqueço... Fico com o espírito livre de outros pensamentos que não sejam nossa amizade, nossos planos, nossa vida, as coisas que dizem mais ìntimamente a nós ambos».

«Ontem, eu dizia-lhe da necessidade que é para mim sua amizade e também o seu amor.

Eu bem que compreendo o motivo de sua dúvida: **«Ela quer divertir-se comigo. Passar o tempo. Nada mais»**. Sua dúvida, meu caro, é natural. Mas peço-lhe que, de uma vez por tôdas, fique certo de que se eu quero estar com você é para viver, entende, VIVER! Você é para mim a seiva forte que me mantém erecta. Você é — creia-me, eu lhe suplico — o próprio ar que eu respiro. Asseguro-lhe de que não há exagêro no que digo.

Qual o motivo de eu aceitar pacientemente esta minha situação secundária? Qual a razão pela qual eu aturo até vê-lo sair de um lado para estar junto a outro? Por que eu suporto estar sempre me escondendo como criminosa, como se gostar de alguém — AMAR — fôsse crime e pecado? Você, sòmente você, meu querido, é o motivo, a razão e a causa.

Tudo isso eu recebo mansamente, porque eu o estimo, ouviu? Eu quero-o muito nunca lhe quiseram, nem como jamais hão-de lhe querer. Por causa da nossa amizade — Oh! meu fauno adorável — por nossa amizade eu farei loucuras! No dia em que eu perceber que você já não me estima — nesse dia fatídico eu desaparecerei. Há dores que matam, ainda que às mesmas possamos dar mostras de sobreviver.

Tôda a minha alegria, tôda a minha felici-

dade, tôda a minha vida pertencem a você. Estão em suas mãos».

«Hoje, só quero conversar com você em poesia:

INDIFERENTE

Para que desejá-lo e esperar,
se já descubro em suas maneiras,
que você não poderá me ofertar
nem ao menos um pouco de mentiras?

Sentir dilacerar-me tôda a alma,
ante êsse seu gélido olhar;
só me restando extinguir esta chama...
Morrerei se jamais puder amar!

Numa mistura de dor e incerteza,
sinto ter a vida sem brilho e gasta...
Não caminho. Devora-me a tristeza:
fôrça diabólica que me arrasta!

Mas não a conduzirei, criatura,
ao negro abismo em que me debruço.
No sofrimento quero ter sepultura.
Por si, amor, nem sequer mais soluço!

«Parece que você não leu bem o soneto que lhe escrevi há alguns dias. Meu caro, talvez, ainda não tenha notado, mas eu sou de uma sensibilidade a tôda prova.

Ontem, por exemplo, não imagina como fiquei triste, à noite, quando soube que você havia ficado, mais de três horas, fora da casa de Ivone, enquanto eu me divertia a valer. O pior é que nem jantou. Ah! meu Roberto, eu fiquei muito triste, acredite-me. Só em pensar que você sofreu, por isso ou por aquilo, me faz sofrer também. Eu quero que você entenda, meu bem, que eu, em verdade, lhe tenho afeição. Uma grande amizade, uma amizade que você nem consegue compreender.

Peço-lhe: não me faça sofrer mais do que já sofro. Há pouco, lia num jornal, que a «pior ausência é estar junto ao ente amado e ser deixado em segundo plano». É claro que não posso admitir uma Fada entre nós dois... Você me deu a entender que se encontraria com ela; por isso tive necessidade dos «sonhadores» para me distrair o espírito acabrunhado. E não podia advinhar que você houvesse, à última hora, mudado de idéia, e estivesse à minha espera... Por que não subiu ao apartamento, nem telefonou?

Eu, às vêzes, temo ser tida como antipática e enjoada por estar sempre batendo na mesma tecla. Não me canso, porém, de procurar fazer com que você veja que eu o quero. Eu não finjo, não julgue que eu estou apenas fazendo expe-

riência. Eu já esperei muito, já tenho sofrido diversos revezes por que um coração pode passar. Roberto, meu caro, reflita um pouco e tenha compaixão de minha angústia ».

«Julguei que você já não mais queria que eu lhe escrevesse como antes. Sem dúvida, interpretei mal suas palavras. Pedôe-me.

Infelizmente, por motivos alheios à nossa vontade, temos tido sérias «brigas», o que só tem servido para, cada vez mais, nos convencermos de que nos queremos e de que nada poderá interferir em nossa amizade.

Que culpa tenho eu de que o seu temperamento não se adapte ao ambiente singular de nossa «Boîte»? Naturalmente, você está aborrecido com certos rapazes por causa da liberdade que têm tomado com você. Alguns, na verdade, são muito práticos, realistas, e desmentem a nossa condição de... sonhadores!

A vida, porém, meu anjo, é tão curta, tão curta, que julgo melhor que, ao invés de brigarmos — vez por outra — nos amemos. Tôdas as coisas que me disse ontem, me feriram profundamente a sensibilidade; não me ofenderam todavia. E sabe por quê? Por que sei que tudo o que me disse ontem, foi só e exclusivamente

feito por impulso do amor, o mesmo impulso que me fêz descrever aquela série de inconveniências e despropósitos que tanto o ofenderam. O amor, meu caro, é cego e os cegos, às vêzes, dão topadas, e a gente não vai brigar com um cego porque êle nos pisou o pé, não é? Vamos pois para a frente, esqueçamos as rusgas do passado, e não nos torturemos.

Você sabe, você tem a absoluta certeza de que eu o estimo. Eu o amo, Roberto, como ninguém nunca o amou. Isso dito assim, parece até novela radiofônica, mas não é. Isso é tão sòmente a expressão mais perfeita de meus sentimentos.

Não julgue, meu **sonho**, que essas coisas que eu escrevo sejam apenas um amontoado de frases bonitas. Isso é tudo, isso é tudo!»

Mme. Ninon foi à «Boîte», com Ângelo, a fim de mostrar a Rose, já convalescente, uma carta que acabara de receber de Julián, a qual, por equívoco, havia sido remetida para o seu apartamento.

«Rose:

Não pode imaginar que pena tenho por você estar enfêrma... E tão longe! Se estivesse aqui, em Buenos Aires, eu ajudá-la-ia com todo meu coração a suportar o cativeiro. Não desanime,

minha filha. Você é tão jovem! À sua idade, o organismo tem defesas incalculáveis. Um tratamento enérgico, seguido ao pé da letra, a erguerá em pouco tempo. Por sorte, você me diz que seu amigo Roberto continua a estimá-la. Isto me tranquiliza um pouco. Quando se está doente, o espírito fica sombrio, sem querer, e pensam-se as coisas mais fantásticas. Combata seu pessimismo. Já voltará a sair o sol em sua vida e, se êsse novo amor, que começava a adoçar os dias, é consciente, querê-la-á ainda mais, para compensar-lhe os momentos dramáticos que está passando. Obrigado, queridíssima Rose, por haver-me feito participar de seus sofrimentos, como, em outras cartas, me solidariza com seus momentos de prazer! É uma prova autêntica de amizade. Mentalmente estou com você e faço votos fervorosos por seu restabelecimento. Sobretudo, não se altere demasiado. Os nervos não ajudam os curativos. Quando estiver sòzinha, leia, medite, escreva. As enfermidades são pausas da vida. Junto com o sofrimento nos trazem momentos de introspecção e, quando saímos da prova, nos sentimos melhores, mais compreensivos, mais generosos. Compreendemos melhor o valor infinito da vida, da saúde, das amizades verdadeiras, dos amores leais, das manifestações supremas da arte... Que tôdas

estas coisas nobres e belas, inundem logo seu coração!

Como sei que você aguarda, ansiosa, pelas minhas notícias de teatro, apresso-me em contar-lhe que a companhia de bailes da Ópera de Paris já terminou sua temporada aqui. Tive oportunidade de vê-la quatro vêzes. Pareceu-me muito boa, sem dúvida, mas... Não me deslumbrou. Já foram aplaudidas tantas coisas boas em Buenos Aires! Do que vi, me agradaram «Les Mirages», sobretudo, pelos trajes e a decoração, «La Peri», muito bem bailada e melhor vestida, e por sôbre tôdas as outras criações, **«Phédre»**, uma concepção estupenda de Cocteau e de Lifar. Em verdade, foi o único saldo positivo. Quanto a Don Sérgio... Por que não se limitará à coreografia? Começam a pesar-lhe os anos. Apareceu em «Icare» e noutros «ballets» de puro virtuosismo, aos quais é tão aficionado. Ao seu lado, Kalioujny resultou a estrêla máxima. Toumanova, conquistou todos os sufrágios com «Phédre». Nos demais «ballets», não eclipsou a lembrança de Pavlova, nem de Markova, nem de Mana Gollner, nem de Spesiva, nem de Alícia Alonso... O resto da «troupe» apresentou-se como bom, mas... genial? Não. De nenhuma maneira. Isso não foi obstáculo para que o Colón arrebentasse de

gente, se formassem «filas» mais impressionantes e o público se enlouquecesse... Mais ou menos como com Barrault. Mas você já sabe o que é o público.

Um triunfo merecidíssimo é o de Katherine Dunham. Eis aí um espetáculo perfeito e inesquecível. Todos os elogios parecem-me poucos para essa mulher excepcional e para sua magnífica companhia. Também ficam esgotados os lugares tôdas as noites... Já teve você a oportunidade de vê-la? Que pena que você esteja tão longe! Com que prazer iria ao seu lado de teatro em teatro! É tão difícil encontrar uma companheira inteligente.

Roberto chega a satisfazê-la até êsse ponto? Há muito que você não me confia suas inquietações, seus «sonhos»... Escreva-me a respeito dêles. Já sabe que tudo o que é seu me interessa como próprio. E enquanto você se decide a fazê-lo, receba, uma vez mais, um abraço muito forte e a segurança de minha constante simpatia».

— Reataram a amizade interrompida? — perguntou Mme. Ninon a Rose.

— Felizmente, já fizemos as pazes! — respondeu ela. Mas não pude fazê-lo compreender que é aqui, à noite, entre vocês, que eu começo a viver, a sonhar...

— Isso, minha filha, esqueça-se das brigas se, de fato, as teve. Perdôe, perdôe sempre! E' tão lindo cerrar os olhos tôdas as noites, com o coração isento de rancores! Que não haja um só momento de sua vida sem amor. Carnal, fraternal, amistoso, como seja. Mas sempre, Amor, Amor, Amor...

E como não agradasse a Rose falar sôbre Roberto, que, ùltimamente, a proibira de posar, indagou a Mme. Ninon: — Já viu estas revistas do Abel? Olhe só êste moderno Apolo: ROCK STAR! Vou escrever-lhe uma carta...

— Estas revistas têm sempre reportagens interessantes, principalmente quando fotografam atletas. Que maravilha! «Mon Dieu!». São exemplares humanos que revivem os esplendores da Grécia. Por sorte não tem mais que físico, geralmente. Se, ademais, estivessem dotados de espiritualidade e de talento, seria coisa de nos enloquecer. Estou lhe falando por experiência...

Rose sorriu, mas Mme. Ninon continuou, com suas confidências: — Casualmente, faz uma semana, cruzei na rua com um monumento. Depois de muitas vacilações, resolvi falar-lhe. Que voz possuía! Era tão formosa como seu corpo. Como, por rara coincidência, estava sòzinha no apartamento, convidei-o a subir.

Fêz uma pausa a fim de acender um cigarro americano (conseguia-os como contrabando) e vendo

o grande interêsse que a sua aventura estava despertando em Rose, prosseguiu:

— Que posso dizer-lhe, heim? Sua inteligência deslumbrou-me. E quando pude vê-lo ao natural...(!) Nunca havia visto nada mais perfeito. Que simpatia! Que sedução! Em meu pequeno livro de autógrafos, escrevi estas linhas:

«Mercredi, le 7 juin 1950
Connaissance d'Apollon»

e nada mais. Não era o bastante? Ignoro seu nome, sua profissão, sua idade. Pareceu-me de trinta e cinco anos, culto e muito fino. Voltarei a encontrá-lo outra vez em meu caminho? Não o sei. Não o espero tampouco. Mas sua lembrança jamais se desvanecerá. Tenho a impressão de que conheci, por fim, um deus grego. E em 1950! E com cincoenta e quatro anos nas costas. Não contém algo de prodígio tudo isto? Posso seguir vivendo ainda...

— Você recebeu notícias de sua família?

— Apenas uma resposta lacônica, desinteressante — expressou Rose, decepcionada. — Minha mãe não consentiu nesta viagem. Não tem confiança em Vivien... E papai jamais me perdoará!

Rose recebeu com alegria uma resposta às cartas que escrevera ao campeão norte-americano:

«Minha cara amiga:

Hello, Rose — muito obrigado pelas suas duas grandes cartas e pelas muitas fotografias e lembranças nelas contidas.

Apreciei bastante saber que a maioria de seus amigos são atores, pintores, escritores e dançarinos, porque muitos dos meus também o são. Penso que talvez haja feito mais amigos nessas profissões desde que eu ganhei o meu título como o «HOMEM PERFEITO», do que antes eu sempre tive com êles. Como você sabe, atualmente, estou trabalhando no cinema. É muito interessante, mas isto também me traz grande responsabilidade, porque eu noto que a maioria das pessoas, que podem ajudar alguém nesses lugares exige, alguma coisa em troca. Tantos dos meus «amigos» são desta natureza, agora! Às vêzes julgo que sòmente verdadeiros eram aqueles amigos de antes, os quais nunca queriam nada de mim nem do meu corpo.

Como você demonstra tanto interêsse, eu lhe direi um pouco sôbre a minha vida. Eu vivo com meu empresário em um lindo apartamento, num subúrbio residencial junto a Washington. É uma encantadora cidadezinha, com muitas árvores majestosas, parques, jardins e belas

casas. Estou certo de que você a julgaria um ótimo lugar para se viver.

Nosso apartamento é muito bom, mas naturalmente não preferimos a vida de apartamento. No mês passado, compramos nossa casa, no endereço para o qual você primeiro me escreveu — e agora estamos construindo um novo, moderno lar, com um grande e belo estúdio, mais afastado, no campo, e muitas paredes de vidro para que entre a luz do sol. Enquanto aguardamos a conclusão, vamos vivendo no apartamento. Êste é agradável, mas não o suficiente cômodo para conter todos os hóspedes e os atletas e amigos, que gostam de estar aqui conosco, visto que teremos duas ou três pequenas casas de hóspedes nas florestas e nos jardins, bem como quartos dentro para os novos hóspedes residentes. Eu sempre tenho visitas, de tôdas as partes do mundo, e mesmo no momento, estamos lutando com falta de espaço. Um recordista, amigo, da França, acaba de chegar de Paris, de modo que já estamos aprendendo a conversar em francês. Êle é um rapaz encantador, com um belo corpo, e meu empresário e eu esperamos poder ajudá-lo em sua carreira na América. No último inverno, nós tivemos outro campeão, o qual ficou conosco, também, e o auxiliamos a começar. Como vê, nós

nunca enfraquecemos nosso interêsse em servir aos amigos, heim? Talvez, algum dia, teremos Rose Maia visitando-nos?

A sua segunda carta pareceu-me um pouco infeliz, Rose, minha amiga. Ninguém deve alimentar pensamentos infelizes. A falta de vibração e risos nos casinos e nos salões, os quais você lamenta, é meramente um sinal de uma fase passageira na vida brasileira. Mas é isso um modo de vida típico? Eu não o creio! O Rio não morrerá — é uma cidade demasiado linda, e o povo carioca é saudável e feliz. Talvez certas fases da vida aí passem — mas outras tomarão os seus lugares. E para uma artista estar triste, e chorar pelas glórias passadas e prazeres não é bem próprio dela. Você é uma artista, e como tal, você deve mostrar ao seu povo as coisas boas, novas e verdadeiras, e não lamentar e acariciar o valor de coisas velhas. Você deve criar novo interêsse e felicidades para os brasileiros, e indicar um caminho para outra, mais segura forma de felicidade e saúde. Um caminho no qual o corpo e a mente, tão bem como a alma, e os prazeres físicos, possam desenvolver-se. Você deve ajudá-las a tornarem belos e magníficos os seus corpos e os seus rostos, tanto como as suas mentes e as suas almas, visto que uns sem outros são apenas uma parte do indivíduo

perfeito. As ocasiões e os lugares de prazer não podem fazer isto — os ginásios, as praias, banheiros, quartos e compartimentos também devem existir aí. Não fique triste que outras coisas passem, Rose, amiga. Indique o caminho para a nova, Perfeita Brasileira!

Mas eu falei demasiado e, quiçá, aborreço-a! Aguardarei ansiosamente sua próxima carta, Rose, minha cara. Não sinta tanta saudade de mim. Eu estarei aí breve. E até lá, haverá muita correspondência. Crie as suas mulheres perfeitas, aí, minha doce sonhadora. Sonhar apenas, não é o suficiente.

Star»

«Em realidade, uma desgraça nunca vem só», conjecturava Ângelo. Aquela justificativa encontrada para a morte sinistra do dr. Cláudio não o convencia. Aceitava, sim, ainda com profundo pezar, a notícia da morte de Diana, num telegrama lacônico que seu tio Emílio lhe enviara há uma semana. Ela andara abusando, excedendo-se nos seus exercícios de ballet e após uma noite tempestuosa, uma pneumonia dupla acompanhou-a até o túmulo...

Êle havia chorado duas, três, quatro horas sem parar... Nem sabia mais o que esperava da vida. Só mesmo a idéia de viajar, para esquecer tanta

tristeza, talvez pudesse restituir-lhe o ânimo. E um concurso no qual fôra selecionado para trabalhar na América do Norte, veio a calhar.

Contudo, a morte do dr. Cláudio o intrigava, com o mistério que a envolvia. «Êle não queria mais viver...» — alegara simplesmente sua secretária. (Estaria ela dizendo a verdade?). Por que não havia deixado nenhum bilhete esclarecendo sua atitude, sua resolução de matar-se?

Insistiu com ela, obtendo, afinal, apenas alguns esclarecimentos que não chegavam a ser decisivos. Contou-lhe que, dias antes do suicídio, observara uma garrafa de guaraná sôbre a sua mesa de trabalhos, a qual entretanto sempre permanecia cheia, intacta, na manhã seguinte; até que... a certa hora, ouviu um barulho de vidro quebrado e, abandonando imediatamente o seu serviço datilográfico, correu ao encontro dêle, que estava caído no tapete. Não pôde impedir o seu extremado gesto porque jamais adivinharia que, naquele líquido, ia ser adicionado um tóxico. Um veneno tão violento que não permitiu nenhum socorro ao infeliz dr. Cláudio, logo agonizante...

Em realidade, desde criança, a vida havia-lhe imposto inúmeros sacrifícios, mas por acaso êle não conseguira vencer tantos obstáculos? Chegara até a concluir com brilho os seus estudos superiores e adquirira vasta cultura. Ângelo lembrou-se da con-

versa que havia tido com êle, quando lhe falara com abnegação, aconselhando-o a perdoar, sempre perdoar... E, ao despedir-se, sugeriu-lhe: — **«Talvez você possa curar-me?».**

De que cura se tratava? Certamente o seu espírito se abatera desde que constatou alguma coisa errada em sua vida, em sua natureza?... Muitas vêzes, resistimos às asperezas da vida, mas os nossos conflitos íntimos constituem um problema quase insolúvel.

Como teria se comportado o dr. Cláudio nas horas que precederam à sua morte? Teria êle ficado em estado de grande excitação nervosa e, no seu desespêro, dobrado a dose do veneno ou, calmo e consciente, perdoara até a si próprio, por tamanha loucura e coragem? Devia ter, ao menos, aparentado tranqüilidade e sangue frio, pois Edith, sua secretária, nada de anormal suspeitou até àquela hora fatal...

Ângelo sentiu que ia enlouquecer se continuasse a pensar tanto a êsse respeito. Lembrou-se novamente de Diana, da bela e doce Diana, e no que lhe sucedera... Ela já estava enterrada há muitas horas... Dias! E tão longe! Procurou dominar a emoção. Contudo, lamentou, novamente, ao sentir que talvez pudesse ter visto o seu rosto amado antes da eternidade. Poucos sabem a hora da partida, da última partida!

Breve, êle também partiria, mas para outra terra, para nova luta e com outros sonhos!

«Abel:

Nada lhe desejo além de muitas felicidades e uma boa sorte para que o público saiba compreender a mensagem contida nos seus quadros. Deposito confiança em você, jovem artista, que agora aparece brilhando e enriquecendo a nossa arte pictórica, porque, de fato, tem talento, capacidade criadora. Infelizmente, sempre acontece dar valor a artistas internacionais, muitas vêzes cabotinos, esquecendo o ouro que refulge noite e dia em nossa terra. Por quê? É bem difícil para mim responder.

Como você me pede para contar-lhe a minha odisséia ,ei-la: Quando parti do Rio, passei por Buenos Aires onde permaneci vinte dias; quisera que você visse a união que ali existe entre tudo e todos; principalmente entre os artistas de tôdas as classes sociais. É a mais extraordinária possível, porque o Govêrno assim exige e tem interêsse. Depois, fui a Montevideu, permanecendo cinco dias, partindo para outras cidades (pelo itinerário Bahia Blanca, Terra do Fogo, Costa do Pacífico, Antilhas, etc.) até chegar nesta enorme, misteriosa e suja Nova

York. Aqui comecei a lutar sem dinheiro, contrato, amigos, nem conhecimentos; apenas me defendendo com meu inglês muito barato e, outras vêzes, em francês e espanhol, que falo muito bem. Aliás, se lhe digo isto, não é por vaidade, porém para que você saiba que, em Nova York, pouca gente conhece outro idioma além do inglês. Também quero adiantar-lhe que o americano é o povo mais pretensioso que conheci. O maior defeito do norte-americano é a publicidade bem imaginada e melhor executada; sem ela, meu amigo, os EE.UU. seria tão comum quanto qualquer cidade do interior do Brasil. Você quer saber?

Estreei após muita luta e coragem, num Night-Club. Sabe que depois de me estudarem bastante, me verem dançar horas e horas, assim como cansarem minha língua em explicar-lhes o que é a dança no Brasil, a fim de não confundi-la com rumba ou conga, êles me apresentaram no primeiro «show» como o «Brazilian Savage» (!). Você não queira saber, pintei o diabo, porque êles deveriam ter procurado outro nome, pois fizeram uma concepção muito má do Brasil e sua arte; porém, chegamos a um acôrdo, e como necessito. . . — e, aqui, quando assinamos um contrato, perdemos totalmente o direito de falar — continuei dançando músicas de Hekel

Tavares, Ary Barroso, Nepomuceno, etc., tendo aparecido ùltimamente num programa oferecido por uma Embaixada ao Prefeito da cidade.

De fato, tenho me exibido com os «balangandans», dançando «Tico-Tico», «Banzo», «Sinfonia do Café», «Exaltação à Bahia», etc., agradando vivamente. Mas não estou satisfeito, pois o Night Club é de segunda classe. Felizmente, por intermédio de um amigo, que agora está fazendo muito sucesso no Quartier Latin, arranjei um contrato no Versailles, onde breve estrearei. Ontem, também, dei audição para o Radio City Music Hall, assim como espero aparecer num programa de Rádio Televisão com o título de «Dance of All Nations».

Espero ainda lutar muito; afortunadamente, sou perseverante e acredito vencer. Não tenho nome, cartaz, nem sucesso; no entanto, um dia, quem sabe?

Oscar

P. S. para Rose: Escrevi outra carta para Star e até agora não recebi nenhuma resposta. Mandei procurá-lo e soube que êle está viajando, mas logo voltará. Não se inquiete, minha filha; se você, por um acaso, soubesse o que é a vida neste país, jamais teria ilusões de amar. Nós, brasileiros, temos a desgraça de possuir coração

e alma de cristal polido, devido à pureza do ar que respiramos da terra mais bela do mundo. Rose: ser brasileiro é viver no Brasil, é ser ainda a inocência num século em que já não existe o mistério. Se um dia você chegar a viver neste país, por um ano, tudo do que você foi, ficará no passado. Você renovará e será outra Rose; apenas será «businesswoman and moneymaker» e nada mais lhe importará. Mas que estupidez! Que loucura! A vida sem êsse amor e êsse carinho, tão próprios da nossa raça, se acabar! Justamente foi o que se passou comigo e com algumas dezenas de brasileiros que vivem por aqui. O Brasil está aquém dêste país cêrca de 300 anos; acredite ou não, é a verdade. Tudo é fácil desde que você possa comprá-lo. O que jamais você imaginou chegará às suas mãos por centavos. Quer saber o motivo? A competição. O mundo está tão desenvolvido, que tudo é moderno e existencialista; o clássico está guardado para momentos oportunos. O que se exibe é o realismo. A vida novaiorquina é a mais ilusória do mundo: amarga, venenosa, artificial, realista e mística mesmo. Fabulosa!

Oscar»

Rose já estava impaciente com a demora de Ro-

berto. A expectativa deixava-a tôda trêmula e indisposta. «Talvez êle não me procure mais», murmurava tristonha e cabisbaixa. Mordia o lábio inferior para conter as lágrimas e mostrava-se com boa aparência até à chegada do amigo. Mas sentia que se êle não viesse, passaria uma noite de angústia e solidão, o que, quase sempre, obrigava-a a fumar, fumar seguidamente, até ficar sufocada. Por fim, entontecida, conseguia dormir, sonhar com êsse ideal de amizade cada vez mais desejado, porém mais fugidio...

A entrada do cinema regorgitava de jovens à espera de seus «flirts»; uns indiferentes, como «matando tempo», outros, no entanto, aguardavam ansiosos e impacientes pela criatura amada.

Ela achava que Roberto viria caminhando pelo lado da praça, porém, na sua sofreguidão, não se limitava a olhar apenas para a direita. Seguia o movimento dos veículos e até observava, atentamente, a descida dos passageiros.

Afinal, Roberto apareceu no meio do jardim, trajando um lindo terno marron, mas com uma gravata amarela muito berrante. Agitava-lhe os braços e a cumprimentava com um sorriso brincalhão. Isto foi o suficiente para destruir a sisudez de Rose e também colocar-lhe a alma em festa. Contudo, tinha um assunto sério a tratar com êle e não deixaria que a sua jovialidade lhe mudasse a decisão.

Abraçaram-se... Assim que Roberto tirou o

seu maço de cigarros, oferecendo-lhe um, já aceso, como era seu hábito, Rose encarou-o com um ar de súplica que dava um aspecto angelical ao seu belo rosto e disse: — Ontem, eram onze horas da noite, eu vi quando você foi para o hotel. Depois da aula, você esteve com ela.

— Quem? Fada? — fêz êle admirado, mas ainda com um ar folgazão.

— Sim, a sua inseparável Fada! — disse Rose, enciumada. — Nada mais justo, nada mais natural... Você e ela são amigos — velhos amigos — têm pois o sagrado direito de um deleitar-se na companhia do outro. Você já havia estado comigo a tarde inteira. Que mais poderia eu querer? Eu só queria saber por que ela vem constantemente ao Rio. Será que ninguém mais a quer em Belo Horizonte?

Roberto permanecia calado, enquanto Rose persistia, com uma expressão levemente carrancuda: — Mas só uma coisa me fêz ficar triste. Triste e não zangada. Lembre-se sempre, que não me aborreço com você, apenas fico triste. Pois bem! O que me fêz ficar assim, foi o fato de você não me haver dito que iria sair do hotel, após a aula. Sentia-se cansado. . .

Notando que êle estava indiferente, pediu-lhe: — Roberto, meu amor, não tenhamos segredos, não tenhamos subterfúgios. Eu teria ficado imensamente feliz se você me houvesse dito: «Depois da

aula sairei com ela». Estas coisas, todavia, em nada poderão afetar o grau e a intensidade de nossa estima, propôs mais sensata. — É coisa passada e nós só nos importamos com o presente. Ontem, eu estava triste; hoje já não estou mais. Creio, mil vêzes, na nossa amizade por estar também radicada no espírito — disse, por fim, quase tranqüila.

Êle quis dar alguma explicação, formulando uma desculpa, mas Rose não lhe deu oportunidade para falar: — Não me esconda nada, Roberto. Mostre-me você também sua alma como eu lhe mostro a minha, para que não haja divergências entre nós.

O amigo segurou-a fortemente pelo braço, levando-a a um bar, onde se sentaram, isolados. O «garçon» aproximou-se e Roberto pediu guaraná para ambos.

Rose tinha o seu cigarro apagado e preso aos lábios entreabertos, dando-lhe um quê de abandôno; sòmente concentrava sua atenção no amigo, o qual também parecia corresponder àquele êxtase que o seu olhar profundo e intenso lhe causava. Cerrou os olhos para demonstrar quanto o queria e abrindo-os, novamente, propôs-lhe com um sorriso:

— «Mon amour», já que estamos num lugar público e não podemos estar inteiramente à vontade, bebamos, pelo menos na mesma taça, as alegrias e as tristezas da vida, selando assim, para sempre, o nosso destino, as nossas almas...

— «Adorable petit-fille songeur!» — exclamou êle, num sorriso franco que ela tanto apreciava, mostrando os dentes fortes e perfeitos.

— «O amor... Procure o amor! O amor torna o homem melhor quando é bom... Espalha alegria e tira do amor tôda aquela que possas... É preciso amar, meu filho, amar de verdade... tôda a vida»!

— Victor Hugo, «n'est pas?» — disse Roberto, convencido.

Rose verificou as horas e falou, quase suplicando: — Você hoje vai me desculpar, querido, mas eu tenho que me deitar logo... e não posso ir ao cinema.

— Por que está sòzinha?

— É que amanhã tenho muitas provas; um desfile completo. Provarei novas criações. Um trabalho muito intenso.

— Onde? Posso saber? — indagou Roberto, curioso.

— Numa «boîte» em Copacabana.

— Essas «boîtes»!...

— Não se trata das «nossas» — esclareceu ela.

— E Vivien? Continua desaparecida?

— Sim — respondeu Rose, séria. — Mas eu sei que ela está muito bem acompanhada... Um homenzarrão que lhe faz todos os gôstos, mas dá-lhe algumas pancadas e pragueja na hora do amor...

Roberto sorriu.

Ah! — fêz ela, lembrando-se de algo.

— O que foi?

— Ainda tenho que ir ao cabeleireiro amanhã cedinho! — Com um gesto gracioso, remexeu o penteado e disse: — Agora estão usando cabelos mais curtos.

— Está bem, então vamo-nos recolher, minha sonhadora...

Felizmente, para Rose, a fila de ônibus estava pequena, e a demora não ia ser extenuante, como costuma suceder em certas horas. Mas Roberto estava tristonho, porque, naquela noite, sentia vontade de abraçá-la ,de beijá-la...

Enquanto esperavam, atravessou a avenida uma criatura que chamou a atenção de todos os transeuntes. Era alta, loira, muito pálida, e estava de óculos escuros... Vestia um blusão cinxa, carregava uma pasta e, apesar do seu ar sério ,independente, parecia um colegial já muito crescido.

— Você o conhece? — indagou Rose.

— Sim, eu e a cidade inteira! — respondeu Roberto, dando-lhe um ligeiro beijo na face, porque o motor do ônibus, que havia chegado, recomeçava a roncar, ansioso para correr vertiginosamente, como um suicida atormentado e alheio ao clamor humano.

«Alô! Sonhadores...

Tenho aqui a carta de vocês. A resposta

tardou um pouco, pois cada dia tenho mais trabalho. Para não retardá-la mais, e como a Gracie me perguntou detalhes, etc., que interessam às «sonhadoras», resolvi incluí-los aqui, no final, e peço a algum voluntário para mostrar-lhe esta ou transmitir-lhes as notícias.

Rose, uma bicota. Ainda estou esperando sua carta de... «amanhã».

Castro e Nélio, que vocês sejam sempre felizes é o meu desejo. Não há nada melhor no mundo do que um par de amigos sinceros. Só não compreendo porque vocês me dizem «tome juízo e cautela e não viva N. Y. em um dia». Minha situação é bem diferente. As informações agitacionistas que eu mando são para uso da «Boîte». Aliás, eu não posso amar e «viver Nova York» ao mesmo tempo. Não estou num convento nem fiz voto de castidade. Entretanto, eu e Oscar pretendemos montar um apartamento aqui, onde teremos feijoada, discos brasileiros e livros brasileiros para os amigos que se decepcionarem em Nova York; teremos tudo isso, e ainda uns amores um pouco mais que brasileiros...

Fiz esta ressalva para poder voltar às descrições nova-iorquinas. De fato, Gracie, aqui há muito mais que no Rio... Creio até que todo mundo é entendido. Todavia, não parece, ou me-

lhor, não parece muito. A verdade é que não se tem elementos para distinguir, porque todo americano tem a mesma mentalidade.

Estou certo de que a mentalidade de Nova York é muito melhor que a de Copacabana, falsamente americanizada. É forçoso reconhecer a superioridade dos americanos, em certas questões. Afora isto, sociològicamente falando, Nova York é idêntica a Copacabana. Rapazinhos banais, com tôdas as qualidades e defeitos de uma normalidade padronizada: corpo fabricado nas paralelas, estudante medíocre; o tipo que vive nos bailes e cinemas, namora, casa, tem filhos e, quando tem oportunidade, fazem algumas extravagâncias... Vivien aqui teria «coisas lindas» fàcilmente .

Ângelo».

As reuniões no apartamento de Ruivo também haviam sido suspensas. O aparêlho de televisão teve um desarranjo qualquer e êle não se animou a mandar consertá-lo. Na verdade, até mesmo sua vida andava transtornada, com o afastamento de Joe, que Albertina carregara para a casa de Bruno. Os rapazes protestaram, mas Ruivo mantinha-se indiferente a tudo, pois, às vêzes, entrava num cinema, permane-

cia duas horas e, ao abandoná-lo, não tinha noção alguma do filme que estava sendo exibido. Não se lembrava sequer do título!

Alguns elementos então foram passando para as outras reuniões. Norman tivera a felicidade de receber uma longa carta de Oscar e reconheceu, com prazer, que ela lhe possibilitaria um ingresso à «Boîte do Sonhador». Sempre jovial, metido num belo traje azul-marinho, foi ali muito bem recebido, como era de esperar, mas a carta, há pouco chegada de Nova York, tinha doze páginas escritas à mão, o que levou a noite tôda para ser lida... E que interessante!

«Para começar esta carta para você, foi necessário pensar muito e andar fazendo dezenas de averiguações a fim de que me tornasse senhor de mim e não viesse a titubear no meu pensamento, no que lhe desejo dizer com palavras escritas. Tudo o que escrever aqui é pura verdade, pois jamais desejaria enganar a você, que confiou em mim. Não exagero em nada, não digo nem mais nem menos, nem tenciono desagradá-lo. Fiquei emocionadíssimo, e ainda estou, quando li, reli e leio a sua carta. Foi muito grande a satisfação, pois, no momento em que a recebi, estava tão só, que não tinha fôrças nem para conexar as coisas quando realmente neces-

sitamos. Mas são tormentos desta nossa vida.

Você disse na sua carta que o Lulu Frenesi o animou e sugeriu a viver em Nova York, ou qualquer outra cidade da América do Norte. Sim; não sou do contra, mas gostaria imensamente que êle lhe descrevesse a vida aqui, e também contasse tôda a sua vida de dores de cabeça, falta de dinheiro e lutas. Você bem sabe que Frenesi, depois de sofrer muita fome, frio e torturas, veio da Califórnia para Nova York, e por uma felicidade muito grande, arranjou um lugar num escritório, ganhando 200 dólares, terminando com 300 depois de dois anos de permanência; não tendo, porém, nenhuma garantia nesse emprêgo. O certo é que vivia. Não desejo falar aqui do Lulu, porque não é o nosso negócio, mas jamais aqui irá uma mentira, um exagêro, ou uma falta de lealdade. Não sou egoista, não desejo dizer mundos e fundos, apenas tudo que seja verdadeiro, no meu conhecimento. O caso do L. F. foi êle próprio quem mo relatou.

Sim, meu caro Norman, se um dia aparecer uma oportunidade para morar em Nova York não deverá perder; verdadeiramente, aqui é a cidade onde existe a oportunidade, quando aparece a «chance» de braço dado com a «sorte». Nova York é a cidade da juventude, é um mundo, que o mundo deveria conhecer.

A questão do dinheiro é muito importante para você pois quando deixamos o Brasil, deverá ficar depositada uma certa quantia, ou uma prova de que, de fato, você terá o suficiente para se manter dentro de um certo tempo. Mas também é muito essencial você trazer algum, como elemento preventivo.

Você me pede que eu lhe envie algumas sugestões e que lhe diga tudo, não é? Não sou um clarividente, é verdade, mas tenho aprendido em um ano e cinco meses, o que não consegui em tôda a minha vida passada.

Essa questão de falar o inglês é de suma importância. Aqui, cêrca de 85 % dos habitantes de Nova York, falam, escrevem e entendem o espanhol, porém a única preocupação de todos é falar o inglês, pois é a língua oficial. Não sei como qualquer pessoa estrangeira se atreve a vir para os EE.UU., sem saber falar o inglês; é expor-se ao ridículo e ao sofrimento. Pois desejo dizer-lhe que o **americano** é o povo mais independente que hoje existe; isso por causa da posição que atualmente desempenha no mundo. Êle não deseja saber se o indívuo entende ou não o idioma; quem quiser, que se defenda. Para isso o Govêrno mantém escolas noturnas e diurnas para os estrangeiros que vivem aqui.

Como me disse que tem muita prática de

escritório e que poderia trabalhar num aqui, estou de pleno acôrdo, porque você não conhece a vida por aqui. Já tive oportunidade de entrar em escritórios; tenho alguns amigos que trabalham em vários ramos, em escritórios comerciais e ùltimamente tenho indagado ainda mais, para saber como é tudo por dentro.

Você precisa muito, de possuir uma agilidade igual à de uma máquina de costura, que, no mínimo, dê 3.000 pontos por minuto. Você só poderá arranjar um lugar para escritório, ganhando entre 25 a 40 dólares por semana, se passar no **test** a que será submetido.

Não deverei esconder, que tudo aqui em matéria de trabalho (até lavador de pratos) terá um **test** entre 100, 150, 200 concorrentes para uma vaga. E para os americanos é tão comum o **test**, que se pergunta logo, a que horas será o **test** em questão. Para tudo existe **união** e primeiro você terá que pertencer à mesma, que é um tanto difícil, devido ao grande número de desempregados.

Em sua carta também me escreveu o seguinte: «fico conjecturando se, de acôrdo com o que vejo nos filmes — made in Hollywood — a totalidade dos empregados é constituída por mulheres». Sim, Hollywood é uma cidade de mentiras e exagera tudo; tenho tirado as pro-

vas, quando vejo os filmes dêles passados na cidade de Nova York, com ambientes locais e tudo exagerado; até mesmo as leis, os policiais diferem. **H'wood mente para os americanos e para o mundo .**

Qualquer empregada de escritório é enviada pelas agências, que absorvem 10 % no total do salário da nova empregada, ou empregado. Geralmente é mulher. O gerente, ou mesmo chefe, não só submeterá a pessoa a um **test**, como terá que ver o guarda-roupa da pequena, a cara, as pernas, enfim, depois de uma série grande de averiguações ela será aceita. Antes, porém, a candidata para ser submetida na **Agência**, já se submeteu aos **tests**, etc. Nova York é comercial, tudo tem que ser comercial. Acredito que você jamais entenda isso, pois só o presenciando é que verificará a verdade .

O interêsse dos homens de negócios em Nova York é ter empregados elétricos, bem vestidos, e sorridentes. Por quê? Sim, porque causam bela impressão aos fregueses e isto é o sucesso do negócio.

Quanto aos homens, a tarefa é mais difícil. Nos Estados Unidos existem várias leis. Cada Estado possui a sua. Em Nova York a lei é favorável em primeiro lugar às crianças. A criança tem todos os privilégios e é por isso que

se criam sadias, fortes, bem humoradas e excessivamente sem educação moral e espiritual, pois, para o americano de Nova York, o que vale é pôr a criança a aprender o que significa responsabilidade pessoal.

Norman, não tenho perdido meu tempo aqui; tenho observado tudo. Quero acreditar que, qualquer outro brasileiro que esteja aqui, ou que haja morado aqui, possuindo o mesmo grau de educação que possuo, não tenha observado nada do que lhe estou descrevendo. Mas quando se trata de pessoas que necessitam conhecer a educação americana, não deixam escapar coisa alguma e tomam anotações de tudo.

O segundo a ter predomínio são os velhos. Os velhos não entregam seus pontos. Trabalham, correm, é um absurdo. Aos sábados e domingos estão nos bars, nigth-clubes, cabarets, ruas, enfim, só se dão por vencidos no dia da morte.

Em terceiro lugar vêm as mulheres que é a fôrça revolucionária de tudo. Elas encabeçam os melhores lugares nos escritórios, nos teatros, nos night-clubes, hotéis; enfim, a mulher americana parece ser o morão da América. Para isso, existem dezenas de escolas de beleza, escolas para modelos, novecentos e cincoenta escolas de ballet, 450 de arte dramática, escolas de aperfeiçoamento; tudo isso em Nova York.

Também nada é difícil ou caro; tudo é razoável. A mulher tem o seu privilégio aqui, não como no Brasil, pois desgraçadamente os brasileiros quando admitem qualquer criatura do sexo frágil que possua um palminho de cara mais ou menos bonita, é com a única intenção de poderem saciar seus desejos sexuais; aqui é diferente: a vida é negócio e é necessário ter lucros em tudo.

Não deverei esquecer de mencionar o quarto lugar, pois, se para nós não existirá importância, para os americanos, ao contrário, é de um valor muito grande. Desejo que leia esta carta com muita atenção e que leve a sério tôdas as palavras aqui escritas.

Os cães têm muita importância para os americanos. Êles correspondem aos únicos amigos fiéis que se pode obter neste país onde a desconfiança impera, e onde a sua palavra ou promessa nada vale. O que aqui resolve a situação é a presença do dinheiro.

Quanto aos homens, isto é, êsses pobres diabos, são responsáveis pelos serviços nas fábricas, ou mesmo quando possuem uma profissão, para os piores lugares, pois nessas mesmas profissões têm a competição da mulher. Êles perdem o direito sôbre tudo e é necessário ficar indócil para meter os peitos e arranjar coisa

melhor com chefões, etc. Como deverá tirar uma conclusão, o homem é um pobre coitado.

Você me diz que não se importaria em mudar de profissão. Norman, não necessita mudar de profissão; o único a fazer, é ter coragem e esperar. Ter confiança em si próprio. Uma coisa eu lhe digo: venha apenas com uma idéia, de fazer uma só coisa. Nunca deverá mudar porque isso o arrastará para o precipício. Portanto, medite bem, e estude apenas o que você deverá fazer.

Quanto ao clima, você deverá estranhar muito; apenas quatro meses faz um pouco de calor como é o nosso inverno no Rio, e nos oito meses restantes, temos um frio tremendo; não nos dá vontade de fazer nada, pois quando nascemos em países tropicais, difìcilmente nos acostumaremos. E é um sofrimento longo e irremediável. A neve é muito bonita, mas nos deixa com um mau estar de matar. Vivemos sempre pesados, nunca temos o direito de usar roupas leves e sempre as côres berrantes e de coloridos tão exagerados, de muito agrado para o americano. Tudo isso nos transforma bastante. Assim você poderá ter uma idéia muito pequena do que é o inverno aqui e deverá procurar americanos ou pessoas que tenham estado aqui, para melhor conclusão.

Você me pergunta se deverá vir pela primavera. A primavera em Nova York é de um frio cortante, que você ficará com os lábios e a pele do rosto todos cortados. Não se separará do capote de frio e é pior do que o frio do inverno. Se você um dia vier, escolha o verão, pois a continuação é o outono e assim sempre terá uma diferença menor, quando mudar de clima.

Quanto à carta de chamada, é de suma importância; por isso e pelo assunto também ser longo, deixarei para tratá-lo noutra próxima oportunidade.

O que estiver ao meu alcance, farei por você. Se pudesse, até o colocaria desde já cantando no Metropolitan Opera House! Mas isto tudo é sonho... e não se esqueça (preste atenção), que a vida aqui é muito e muito difícil; espere uma oportunidade e então faça o que melhor lhe convier. Venha sabendo que terá de fazer economias, lavar suas meias, etc., ter um contrôle em tudo, evitar amigos brasileiros (infelizmente tenho sofrido desilusões, decepções de **brasileiros** e tenho mesmo feito alguns inimigos. Fui humilhado e ofendido, o que me obrigou a isolar-me. Alguns maus brasileiros aqui radicados constituem uma rede tremenda de intrigas. (Acautele-se!), ter cuidado em fazer amizades com americanos, vir disposto a sofrer muitas

necessidades, sujeitar-se à luta e ao sacrifício. Não vá atrás de conversa do Lulu Frenesi, porque você se perderá!

«So long, dreamer!»

Oscar».

Os conselhos de Mme. Ninon ainda estavam bem nítidos na sua mente e foi com uma ótima disposição de espírito que Rose encontrou-se com Roberto numa tarde de domingo.

— Nem de longe, você pode imaginar, o quanto de contentamento, encheu-me o coração aquêle seu telefonema desta manhã. Hoje, desde as primeiras horas do dia, só um pensamento ocupou meu cérebro: procurá-lo e implorar-lhe perdão! Sim, meu querido, se alguém deve pedir desculpas, sou eu. Fui a causadora do que, na noite de sábado passado, você fêz... Com o meu egoismo, com o meu ciúme desmedido, não raciocinei, não vi claramente e portei-me mal com você. Portanto, eu é que lhe peço:

— Desculpe-me o que fiz sábado passado.

— Bem, você teve razão... Eu naturalmente devia ter revidado às afirmações daquele antipático e pernóstico Santiago. Eu já havia notado a solicitude com que êle vinha-me tratando; nunca, porém, poderia imaginar quais fôssem suas intenções. Felizmente, você me abriu os olhos em tempo. É um

chantagista! Consegui arrancar-lhe as fotografias; aqui estão... Guarde-as, ou queime-as!

— Sujeito maldoso ! disse Rose, um tanto irritada.

— Não há-de ser nada, meu bem, o que êle deu foi um golpe errado. Já me apareceram na vida criaturas mais arrogantes e eu nunca lhes dei confiança.

— É, isso não há-de ser nada — falou ela — nós esqueceremos. Não devemos sempre esquecer. Não nos importa o que já passou nem o que há-de vir. Vivamos de acôrdo com aquela nossa filosofia: «Só o presente nos importa».

«Nada do que é grande pode deixar de viver em permanente luta», dizia o velho Platão. Isso é dura verdade. Nosso amor, por exemplo, é algo de tão grande, tão grande, que não cabe em nossos corações e nos faz viver assim, em constante luta... Antes assim. Essa luta, ao invés de acabar com o nosso amor, fará com que êle fique, mais e mais forte, porque esta luta nos faz sofrer muito, e é no sofrimento — mistério da vida — que tôdas as coisas se sublimam, se purificam e se eternizam.

Olhemos pois para a frente, Roberto. Com as vistas fixas no horizonte, sem permitir que o véu da incompreensão e da falta de confiança, venha toldar a placidez de nossas vidas.

Eu só lhe faço um pedido. Confie em mim, na minha amizade. Ela é sincera, porque parte do mais

profundo cerne do meu coração. Se você confiar assim nesta sua amiga, nossa amizade jamais desfalecerá, porque a mútua confiança é o tônico melhor para fortalecer dois corações que se prezam.

De certa feita, falava-se na «nossa roda», sôbre nosso caso e, então, eu tive oportunidade de dizer que, se tudo se acabasse entre nós dois — que Deus me livre! — eu não queria mais saber de nada e de ninguém. Que me iria daqui, porque, a não ser você, mais nada me prendia no Rio.

Asseguro-lhe, querido, que só amo, a você, e não tenho olhos para mais ninguém. E peço-lhe encarecidamente: Não brigue comigo, sim? Nem com os outros, também! Será que você não compreende que o Abel está interessado apenas em sua arte e que nada tem a ver com as fotos que Fernando conseguiu tirar sem nossa aprovação. Não tenha receio, a minha formosura é e será sòmente sua!

Ela regressou ao seu apartamento antes de anoitecer e sua alma ainda vibrava. Começou a cantar tão alegremente que o próprio «Cardeal» parecia sentir prazer em ouvi-la.

Para Rose chegou outra carta de Star:

«Rose, minha querida!

É maravilhoso receber diàriamente suas

magníficas cartas, e tantas fotografias suas em diversas pôses e situações! Mas, ao mesmo tempo, espero que você, com sua delicadeza e seu espírito meigo e compreensivo, venha a compreender porque é quase impossível, para mim, responder a cada uma delas, pela volta do correio, com a mesma espécie de resposta que merecem.

Você vê, cara amiga, eu recebo centenas de cartas, tôdas as semanas, e há tantas que quase é impossível responder a tôdas elas, ainda mesmo com a ajuda de um empresário e de um secretário! O único que podemos fazer é remeter as fotografias apenas, que são solicitadas.

Isto não significa que eu não goste de receber suas cartas, Rose. E eu leio cada uma com enorme prazer. Você é uma artista, minha pequena, e, embora eu seja apenas um corpo de músculo e fôrça, eu amo a poesia e a arte em meu cérebro, ainda que não possa criá-los. E desde que eu não posso criá-los em palavras e pinturas, procuro fazer do meu corpo um triunfo artístico, e dos meus movimentos, um poema de graça e beleza! Mesmo que sejamos diferentes, Rose, ainda há muito de semelhante em nós ambos — e suas ansiosas, ternas e belas cartas amorosas sensibilizam-me profundamente.

Se eu não sentisse que você é uma amiga muito compreensível, eu recearia que pudesse pensar que fui egoista quando disser o que lhe vou dizer. Mas desde que você entende e percebe tão bem, profundamente e mais acuradamente que qualquer outra mulher, eu sei que reconhecerá que o que disser foi dito humildemente, e sem orgulho ou fanfarronice. Eu penso que você está ficando apaixonada por mim, Rose, minha querida correspondente. É uma coisa muito complicada para mim, porque eu já tive uma porção de gente que me deu a entender isto, e eu digo-lhe muito simplesmente, que não sei o que fazer se isto acontecer. Porque, invariàvelmente, quando isso sucede, ela ou êle devem ser profundamente magoados.

Eu procuro, com todo meu coração, não ferir aqueles que me oferecem êste grande, incalculável tesouro e louvor. Mas eu não posso oferecer a mesma sorte de amor que êles parecem sentir por mim, porque não está em mim amar dêste modo. Eu posso apenas oferecer uma profunda, duradoura afeição e um enorme senso de lealdade e camaradagem. E, inevitàvelmente, isto não é suficiente! Mesmo que eu quisesse que fôsse, e procurasse fazê-lo duradouro, honesto e direito, não seria o bastante, porque aqueles que me amassem, queriam tam-

bém possuir-me. E eu não lhes posso pertencer.

Você entende — em sua brilhante, aguda inteligência, Rose, minha cara amiga — o que eu procuro tão pèssimamente dizer-lhe? Você percebe porque não deve fazer com que os seus sonhos se voltem demasiado para mim e meu corpo? Eu sou o seu caloroso, leal e devotado amigo, Rose, e serei assim para sempre, se você deseja. Mas não posso ser o seu amante, porque eu não sou livre para fazer isso. Se quiser, quando eu fôr ao Rio, poderei estar com você por uma noite, e você poderia ser minha cicerone por um dia e minha companheira por uma noite, mas não deve procurar reter ou possuir meu espírito se lhe dou o meu corpo. Tentar isto é tentar o impossível, mesmo que eu possa e lhe darei a minha camarada e franca amizade por tanto tempo quanto você a desejar.

Eu amo e acaricio suas cartas, Rose, e a carinhosa e terna afeição que elas representam. Por favor não deixe de me enviá-las, ou os amáveis retratos que você me dedica. Mas se eu sou vagoroso em responder — e não possa responder a cada uma delas à medida que chegam — espero que você compreenderá. Há tantas, tantas — tantas! As suas, é verdade, são mais queridas que tôdas, mas eu devo atender a todos — aos pobres garotos neste país, que desejariam

tornar-me um deus; aos mineiros de carvão em Walles que apenas têm seus jogos caseiros e minhas cartas de conselho e encorajamento para tornar sua árdua e suja vida memorável; aos Chefes de Polícia de muitas cidades em países estrangeiros, que contam com minhas cartas e fotos para ajudá-los a manterem os rapazes delinqüentes afastados das ruas e nas atividades dos jogos esportivos e saudáveis; às pequenas doentes de amor, em tantos lugares, que escrevem tolices, cartas tristes, e enviam impressões dos lábios nos seus envelopes; aos aleijados, solitários, aos fortes, sobretudo, que desejam se tornar mais fortes — a todos êles, eu me devo repartir, meu corpo e quanta inspiração e amizade eu possa. Sendo o Deus dêles, tanto como seu, não é sòmente um privilégio; é uma honra, Rose, minha cara. E também uma tremenda responsabilidade, e eu não devo abandonar uma única criatura que me busca, ou que me alcança.

Eu procuro atingi-la, também, a você, como a todos. Eu a amo pelo amor que você me dedica, e pelos sonhos que você sonha sôbre o meu corpo forte e bronzeado e minha face risonha. Se eu puder entrar e ser parte de seus sonhos, Rose querida, eu me sinto humilde, grato e orgulhoso que uma sensível e brilhante inteligência como a

sua, desejaria que o fôsse. Eu lhe dou, através desta grande distância, e nos meus sonhos, como na realidade, minha profundamente devotada afeição e camaradagem, minha pequena. Eu dou-lhe, também, meu corpo, o qual você poderá tomar quando eu chegar. Mas lembre-se bem: mesmo que você possua estas coisas de mim e que mantenha meus músculos, minha carne, meu calor e minha côr em seus braços e em sua mente, não deve procurar possuí-los para sempre. E você deve controlar êsse seu amor, pois, do contrário, êle magoará a nós ambos, profundamente. Porque, se acontecesse que eu me visse obrigado a feri-la, já que não posso evitar de machucar todos os que, em seu ardor, procuram reter-me — se isso suceder, me magoará, também — intensamente.

Eu não serei acanhado quando eu fôr aí, Rose. Veja que eu sou destemido e extremamente feliz por estar com você, e meu medo de magoá-la não me torna acanhado.

Em sua última carta, você me enviou uma foto — nu! É de você, Rose? Se assim fôr, por que é tão pequena? E se não fôr você, quem é — e porque você me enviou o corpo de outra? É um convite para que eu lhe mande o meu próprio?

Continue remetendo-me suas amáveis car-

tas e seus adoráveis retratos, constantemente, Rose. Eu amo-os. E você compreenderá, e será paciente, se minha responsabilidade e minha obrigação para as centenas de outras criaturas me obrigam a não lhe escrever tão assìduamente quanto eu desejaria. Com tôda minha mais profunda e devotada afeição, seu querido

Star».

As suas cartas tinham feito com que Star a conhecesse profundamente. Rose estava segura de que êle houvesse chegado a êsse ponto. Muitas pessoas gostavam de disfarçar seus sentimentos, eram distintas, evitavam com delicadeza tratar de certos assuntos perigosos, enquanto outras se tornavam antipáticas e arrogantes, querendo impor uma personalidade e um caráter que absolutamente não lhes ajustavam. Estas tinham até medo de escrever uma simples carta; temiam que tudo lhes pudesse comprometer, até mesmo a saudação de uma criatura livre.

Rose, porém, era das que deixavam o sentimento fluir no seu estado natural, sòmente conduzido pela fôrça de sua intuição sobrenatural. A coragem de compreender a si mesma, aceitar sua natureza, fazia-a diferente de tôdas. Os seus problemas, não

obstante, eram de ordem espiritual. Sempre admitia a existência dêsses obstáculos em sua vida. Não necessitava de auxílio material, nem dinheiro e nem influências.

Mas nela existia um estado de angústia, a sensação de necessitar de um ponto de apoio espiritual, de chegar a uma solução, às vêzes, demasiado obscura, de encontrar um caminho que a levasse a um destino menos penoso. Talvez uma fuga do ambiente, escapar do contacto das criaturas que não a entendessem; igualmente daquelas que a compreendiam mas apenas para explorá-la.

Felizmente ainda não chegava às raias da loucura no seu desespêro. Sòmente aspirava um refúgio; não o desejo de uma relativa melhora física e espiritual, mas sua verdadeira salvação.

Buscava um Deus aqui mesmo, na terra, e essa criatura talvez pudesse ser STAR, que a **entendia**, que estava sempre de braços abertos para criaturas desorientadas como ela: uma estranha moça sem um ponto fixo. Por que Star não conduzia o seu destino a um objetivo? Êle, que segundo afirmava, tinha tantas «afinidades» com ela (so while we are different, Rose, yet there is much of the same in us both and your eager, warm beautiful love letters tough me deeply). Mas Star estava sobrecarregado com uma tremenda responsabilidade, defendendo seu título, transformando os seus alunos em homens per-

feitos, tomando conta de seus físicos e não podia cuidar da sua inquietação...

Tôdas as tardes, quando voltava do trabalho, e o crepúsculo a envolvia com seu esplendor, Rose lembrava-se dêle. Oh! como gostaria de encontrá-lo em seu quarto. Aonde estaria? Olhava por tôda parte, para os ramos das árvores no jardim, para o alto do Corcovado, para o mar, para o imenso céu azul...

Tôdas as luzes, tôdas as músicas faziam-na sonhar com Star. Devia escrever-lhe novamente? Quem sabe êle cederia mais um pouco.. .Seus olhos se tornavam ternos e tristes. E seus lábios abriam-se, a princípio, num sorriso fugaz. Mas era tudo sonho! Ela o havia sonhado como um Deus de Beleza, Bondade e Camaradagem. E que mal havia nisso? O amor só constrói novos mundos, entretanto, é uma ciência e uma das mais difíceis e profundas... Talvez ela não houvesse se compenetrado disso e então arriscara tôda sua felicidade numa tentativa, quando quis monopolizar para si a atenção dêsse Deus. «It's not mine to give, Rose» foi o que lhe ficou na mente, como a lembrança desagradável de um pesadelo. Não obstante, ela lhe havia, com triunfo, oferecido inteiramente livre a sua própria vida!

As luzes, na cidade, iam, pouco a pouco, sendo apagadas. As estrêlas então refulgiam no céu com maior esplendor. Mas ela estava morta, tão morta

como a cidade, antigamente movimentada, misteriosa e mulheríssima... E seus sonhos, naquela noite, se dispersaram como fôlhas ao vento...

— Queridos! Queridos! Estou contentíssimo! — disse Fredy, radiante, sapateando ao entrar na «Boîte».

— O que foi que lhe aconteceu, seu Fred Astaire? — perguntou Abel. — Venha cá, venha contar-me isso direitinho! A macumba, então deu certo, «meu nego»?

— A melhor coisa é abrir as janelas, desejo gritar a tôda a gente a minha alegria! A uma só pessoa não interessa, tenho que dizer a todo mundo!

— Melhor seria que se atirasse pela janela... — disse Gino.

— Que história de macumba é essa? — quis saber Márius.

— Virgem! — berrou Francis.

— Cruz credo! — fez Gervásio.

— Ora, acabei de me casar — esclareceu Fredy — e, olhem lá! Muito bem casado. Encontrei uma pequena com a qual me calho às maravilhas. Agora sou mais feliz do que nunca! Não foi à-tôa que eu andei encomendando uns «trabalhinhos» lá na Bahia... E aqui, em Caxias, também!

— Não será mais uma... mentira? — suscitou Osiris.

— Claro! Isso nem se discute! — afirmou Gino.

— Eu acho que a noiva é lá de Saquarema... — opinou Sírius, debochado.

— Vamos, minha gente, ergamos um brinde a êste nosso impagável Fredy — propôs Abel.

— Hum! Êle agora vai engordar à bessa... — disse Sírius, venenoso. — Vida de casado... Sabe lá o que é isso?

— Tomara que engorde! — exclamou Vitório, já impaciente.

Mas Fredy não lhes deu ouvidos e sentou-se junto de Abel para mostrar a carta que acabara de receber de Oscar:

Fredy:

Antes de mais nada, meus parabéns pelo seu sucesso na Bahia...

Recebi hoje a sua carta, feita em 30 segundos, com uma letra horrível, e, francamente, parece mais os garranchos de Picasso do que uma carta escrita por um jovem inteligente e nascido neste século XX. Foi necessário colocar meus velhos binóculos, de titia, para poder decifrar tão misteriosa carta, parecendo ser vinda da era feniciana; veja se melhora um pou-

quinho, meu amigo, e deixe os **brotinhos** de lado (Hello! Gracie, Rose & Vivien!) e vá vendo se se arranja um pouco com as **balzaqueanas**, porque o negócio é do **«catuca por baixo»**. Quero deixar de lorotear (têrmo bem nordestino) e falarei com mais seriedade.

Como sempre, suas cartas me aliviam a alma, minha alma tão desgraçadamente solitária; mas que fazer? Infelizmente, são tão pequeninas, que, depois de lidas, uma cretinagem toma conta de tudo, e não vejo nenhuma resposta. Cheguei de uma aula agora (dança espanhola) e apresso-me a respondê-la, porque, amanhã, deverei seguir para St. Louis, onde atuarei duas semanas em um hotel de veraneio. Não queria sair, mas como estamos em pleno verão, um calor de matar, todos os clubes fechados nas oito semanas de «vacattions» para só reabrirem no próximo inverno... A companhia em que trabalhavam, seguiu, há duas semanas, para excursionar pela Costa do Pacífico. Eu não quis ir, porque de nada me adiantaria. Primeiro, porque o salário é de 75 dólares por semana, e eu teria que pagar hotel, carreto de mala, gorgetas, limpeza de roupas, enfim, ficaria sem um centavo, sem minhas classes aqui em Nova York e sujeito a ensaios cansativos e tremen-

dos, o que é um inferno! Depois, eu sei muito bem que não se pode guardar um tostão, pois temos que comprar cigarros, tomar uma cerveja, uma bebida qualquer, ficar pelos bares, e nem é bom falar. Assim, eu preferi ficar. Dei uma audição para conseguir lugar nesse hotel e felizmente apresentei dois números, mixto de Brasil-Estados Unidos, fiz uma porção de coisas e êles me contrataram por duas semanas à 125 dólares, incluindo hotel e comida.

Meu amigo, a cana e a competição aqui são duras; quando o artista nasce virado p'ra lua, êle pode ser uma negação, mas dando sorte, vai embora. Mas quando a pessoa não tem sorte, mofa, até as coisas melhorarem. Enfim, eu não desanimo. Eu queria é que êsses caras, aí, que se dizem artistas e bailarinos, viessem para Nova York, pois iriam, sem dúvida, lavar panelas! Milhares de bailarinos cem vêzes superiores estão a pão e café, sem trabalho; não se esqueça que existem 950 escolas de ballet só dentro de Nova York, abarrotadas de estudantes, durante 24 horas diàriamente. Você já pensou o que é isso? Esta é a cidade mais ocupada, louca e fantástica do mundo. Espero que um dia você a visite por alguns meses, e não perca um minuto dormindo, ou descansando.

Quer um exemplo? O Rádio City Music

Hall, o mais luxuoso do mundo, possui um corpo de ballet (Rockettes) de 80 bailarinas, isso fora os artistas que exibem números de atrações, e o corpo de cantores, bailarinos, etc. Foi o que de mais fantástico tenho visto em minha vida. Êsse «show» é mudado de 15 em 15 dias; eu nunca perco nenhum.

Estudo muito, porque o clássico é a base fundamental de tôdas as outras danças, mas eu desejo é seguir, executar, e criar tudo sôbre a dança moderna, a qual estudo com Martha Graham e o famoso José Limon. Um dia deverei aparecer com as minhas criações e, se Deus quiser, possuir minha própria companhia. Não quero me limitar à dança e sim à comédia e aos bailados folclóricos, pelos quais tenho grande atração. (Não repare se pulo de assunto, ou se erro, porque tenho três visitas, e estão executando os discos «A bela adormecida», um bailado de Saddler Well's).

Como já lhe disse, aqui a competição é grande, porque existem 70.000 artistas sòmente em Nova York. Há algumas semanas, houve um concurso para o Metropolitan para 6 lugares para bailarino e 11 para bailarinas; pois bem: compareceram 650 «boys» dos melhores das escolas (inclusive êste seu célebre amigo Oscar Rogér) e 450 «girls»!

Estou morando na 57 Street bem pertinho do Carnegie Hall (dois edifícios). Esta é a melhor rua de Nova York e tenho todo confôrto. Telefone é barato, como luz e gás. Gasto quase todo dinheiro nas aulas. Cada aula que faço custa 150, cada hora; como vê, a vida não é tão cara, em comparação com a do Brasil.

Quando você fôr à «Boîte do Sonhador», diga a Rosé que não recebi mais cartas do Rock Star; ela que não se preocupe com questões amorosas, pois ninguém ama e principalmente americanos; êles visam apenas dinheiro e mais dinheiro; viva sua vida, faça o que lhe apraz, e não queira amar, porque é a maior loucura que se pode cometer. «Take the life very easy».

My dear Fredy, tenho lutado tanto, que, para mim, qualquer paragem me serve; francamente, neste país, tenho conseguido tudo o que aí jamais consegui durante muitos anos. Pelo menos hoje tenho roupas, sapatos, um cantinho cheio de confôrto, enfim, tudo; excetuando o amor, que realmente não existe. Para que mentir, se êle não existe? É abstrato, mas não importa. Vou fingindo que amo êsses brotinhos platinum-blonde e vou me defendendo. Um dia eu resolvo tôda a situação; quando me tornar um famoso «astro» de H'wood, então arranjarei uma gostosona e darei casa e comida a ela.

Nessa altura, já estarei com os meus sessenta e a carroceria bem escangalhada!

Bem, «dreamers», sejamos práticos também, americanos e comercializados; eu tenho aprendido tudo aqui. Vocês naturalmente ficarão surpresos, mas Nova York me ensinou a viver nestes dois últimos anos; muito mais do que em tôda minha existência passada.

Espero que o Abel produza quadros menos complicados. É verdade que estamos no século XX, onde proliferam as escolas e os «ismos» e que a arte é dinheiro e êste é a mola do mundo. Mas, sonhadores, eu lhes digo! «Be a fire men; d'ont waste your time with foolish things. Be atomic and less romantic. Today we need to be lion, or lioness; how about? (I think I am sure, don't you?) Well, take care with your-self. How we can do anything without hard work? Do you mind my ambition? No; we need amusement. I will tell you. To be able, because you can use both hands equally well. Make fast; improve better; and grow up. O.K. After, let me know everything».

Oscar»

P. S. — Tenho andado atarefadíssimo, com ensaios, roupas, que vocês nem queiram saber. A maior novidade para vocês, «sonhadores», e para mim, realista, é que ontem encontrei uma

pequena loira, linda, de olhos azuis, um colosso! Uma ex-show-girl de Sam Goldwyn, com apenas 22 anos. Formamos imediatamente uma dupla e hoje começamos a marcar o primeiro número. Sabem qual é? «Os pintinhos no terreiro».

Ela me disse que já está cansada de ser «show girl», tem esperado por uma oportunidade e, ao que parece, sòmente agora a conheceu, pois é louca pelos ritmos sul-americanos.

Deverei cumprir depois de amanhã o meu contrato no hotel em St. Louis e ela irá comigo para continuarmos a rotina, pois tenho planos para, na volta, já conseguir trabalho junto com ela, o que me traz grande vantagem, pois «elas» têm o seu valor... Ademais, é muito boazinha.

Deverei depois coreografar a «Lenda do Beijo» com motivos espanhois, isto é, taconeio e castanholas, e «O Banzo» de Hekel Tavares. Estou contente, mas onde está o tempo? Vocês não imaginam como vivo. Ah! «sonhadores»...

Oscar».

— Êle também escreveu para Ivone — disse Abel.

— Ah! deixe-me ver a carta! — suplicou Fredy.

— Aqui está! Pode ler...

«Ivone:

Com uma certeza bem grande, sei que estou

em falta com você, pois um mês é decorrido e só hoje é que torno a escrever. Mas não suspeite de mim; é apenas Nova York que me faz assim. A luta pela vida é tão absurda, que, cada dia que se passa, vou-me tornando mais atormentado com tantos afazeres. Quisera viver na quietude, mas meu destino, êsse destino que Deus me deu, de artista, é muito cruel.

Hoje não fui trabalhar; é dia de folga. Saí para dar um giro, fui jantar com um casal de artistas amigos e depois fui ao Rádio City Music Hall. Descrever o que vi — será possível? No luxuoso cinema, pagamos 1,50 (dólar e meio) assistimos o filme e o luxuosíssimo «show». O filme a que assisti foi «Man with a corn». Muito bom, ótimo mesmo. O «show» com um famoso pianista e a orquestra, abriu com o «Concêrto a Varsóvia», um deslumbramento! Depois, veio a «Valsa» de Webber, um bailado mais ou menos como o «Espectro da Rosa», mas puramente «show-business». Nesse número, dançou Betina Rosay, prima ballerina e um novo ídolo do cinema, Gene Nelson, acompanhados pelas bailarinas do Rádio City. Em segunda, veio um número intitulado «Tempestade», com a famosa Vera Zorina e todo o ballet. Um assombro! Em novo número, bailados de South America, com todo o elenco, algo quase divino.

Assim passei mais um dia longo nesta grande cidade, onde a neve cai sem parar, há três dias, e um frio danado avassala a população. Dois antigos amigos do Rio estão aqui, e tôdas as noites estamos juntos; ambos vieram contratados para o «Havana-Madrid» por três semanas, e estão maravilhados com a cidade, mas apavorados com o frio e a neve...

Contei-lhes sôbre a nossa «Boîte» e ficaram completamente deslumbrados. (Eu e Ângelo tencionamos instalar uma filial, aqui, em Nova York... Êle já lhe escreveu a êsse respeito?). Aumentei-lhes a saudade do Rio e suas doidices...

Um grande abraço do seu mais louco sonhador!

Oscar»

E. T.: — Quanto à cópia da carta que me enviou, não quero dessa maneira. A carta como escreveu, está no século X; deverá ser uma carta comercial e, sobretudo, conter «redação jornalística para publicidade». A carta está, como se você estivesse pedindo uma esmola. E então perderá o efeito artístico-comercial, tirará o meu e o seu valor e êles perderão o entusiasmo. Você bem sabe que a publicidade é o elo que liga o artista ao público. Então terá que ser exage-

rada. Você dirá que o céu é inferno, e que a terra é o mar. Aí êles lhe darão valor e respeito. Não quero que peça; desejo que você diga e exija! Não tenha medo... Avante!, porque eu, você e outros necessitamos de dinheiro e independência, nome e conhecimento. Portanto, luta e escândalo. Avante, sonhadora...

Há poucos dias, um jornal daqui publicou umas histórias acêrca de uma jovem que aspirava a ser «estrêla» e que batia de empresário a empresário, sem nada conseguir. Por fim, casou-se com um forncededor de leite e, três dias depois, ambos estavam na Côrte, para responderem ao processo de desquite. A mulherzinha havia logo depois de casada, quebrado garrafas, derramado leite, brigado com fregueses pelo telefone. Enfim, o marido alegou como causa de divórcio, um temperamento explosivo; por seu lado, a mulher reclamou que êle não servia nem para amar. O resultado é que ela ganhou a causa, contou a sua história, de desejar ser «estrêla» e hoje está convertida numa loira platinada, que já assinou contrato com um famoso produtor para estrelar um filme. Então essa é mais uma história da luta de talentos nos EE.UU.

Oscar».

Concluída a leitura, Fredy devolveu a carta a Abel, despedindo-se sòmente dêle: — Venha qualquer dia dêstes até o meu novo ninho. No Estado do Rio, as paisagens são muito belas. A princípio, você ficará deslumbrado, mas logo desejará fixar as emoções em novas telas, e a tranqüilidade do local também vai fazer bem ao seu espírito.

— De fato — anuiu Abel — esta vida de apartamento, de «Boîtes», com o decorrer do tempo consome as nossas energias e até envenena a alma da gente...

— Um retôrno à Natureza! — exclamou Fredy — é mais do que necessário. Ao menos, uma vez por ano.

— Pode contar com a minha visita — prometeu Abel.

Principiava outra semana, outro dia; outras horas de aflição... Rose havia dormido muito mal. Várias vêzes sobressaltada, chamando por Vivien que, milagrosamente, então permaneceu ao seu lado durante uma noite inteira. Ela e Fernando não haviam nascido para viver em paz, em concórdia. Estavam sempre brigando e, certas vêzes, êle fazia ameaças pelo telefone.

Assim que se aprontou, apressou-se em descer a fim de telefonar para Ivone. Tentou várias vêzes

uma ligação do apartamento, mas o seu aparêlho estava com defeito. A amiga havia regressado do Sul. Abel atendeu à sua chamada e foi avisá-la.

— Recebeu o meu recado? — perguntou-lhe, afoita.

— Sim, respondeu Ivone, envolvida num roupão de banho. Em seu último telefonema, você lamentou não ter notícias minhas e deixou entrever um pequeno desencanto de nossa amizade. Não seja injusta. O conhecimento de novos e belos espíritos não me afasta daquêles que vivem em meu coração. Mas, o dia tem vinte e quatro horas, nada mais. Os negócios que desenvolvo me amarram como você sabe. E o número de minhas obrigações sociais — exposições, coquetéis, conferências, cartas e visitas — aumenta em proporção alarmante.

Êste último sábado escapei para Itaipava com alguns amigos, para repousar nem que fôsse meio dia. E já esta segunda-feira, começa com novas e inesperadas agitações. O dr. Vernon agora tão ligado a mim por motivo de «uma inquietação», acaba de ser nomeado chefe de bôa clínica em Grajaú. De modo que, hoje, às duas horas, estarei a seu lado quando tomar posse de seu novo cargo. Assim que o deixar, terei que mover-me para ultimar o transporte dos quadros para Copacabana, onde Abel fará uma Exposição. E logo mais, a «Boîte», as visitas...

Quando me deitar, à meia noite, terei os ossos em seus lugares?

Essa é a história de um dia. Amanhã será outra coisa. E assim sucessivamente... Esta dispersão, às vêzes buscada e outras vêzes imposta pelas circunstâncias, me aturde mas me ajuda a viver. Quando você chegar à minha idade e as paixões trágicas e espetaculares da adolescência se tornarem mais íntimas e dolorosas, procurará também evasões na arte, na amizade, na engrenagem social. Sòmente poderá escapar à melancolia do outono cada dia mais desgarrador..., concluiu a amiga, amargamente.

— O que é isso? — fêz Rose alarmada — Você ainda não fêz quarenta anos e já se queixa como velha?... Se ainda fôsse Mme. Ninon, vá lá!

— Felizmente eu sei que ainda estou em forma...

— Não há dúvida! — disse Rose imediatamente.

— Então, até logo mais...

— Adeus, querida!

Rose desligou o telefone e se dirigiu ao caixa, pedindo-lhe cigarros. Voltou ao apartamento. Antes de entrar, no corredor escuro, abriu a bolsa à procura de fósforo. Mas um velho avançou ràpidamente ao seu encontro. Ela não teve fôrças para gritar. Apenas soltou um débil gemido. Era Fernando! Êste arrebatou-lhe a bolsa, revistou-a, e ainda amorda-

çando-a, fê-la entrar no quarto e atender aos seus ignóbeis caprichos...

Era incrível! No momento em que ela fôra assaltada, no corredor, nenhuma das inquilinas próximas havia surgido. Talvez fôsse melhor! Ela jamais poderia admitir a interferência delas, tão intrigantes, mercadoras de «diz-que-diz-que»... Nem mesmo para salvá-la das garras de um homem perverso como Santiago.

E Ivone esperou, inùtilmente, pela amiga, que, indignada, dizia para Santiago: «Você ainda há-de me pagar isto!». Entretanto, êle, cínico e indiferente, respondia: «Já vou andando... Não quero perder o meu precioso tempo ouvindo choradeiras».

Rose procurou um médico. Qual dêles seria o melhor? Tinha diante de seus olhos a extensa relação publicada no jornal e uma dúzia de nomes anotados num caderninho. O seu caso, porém, nenhum perigo oferecia, por enquanto? Decidiu visitar a um desconhecido. Escolheu um anúncio, no qual, referindo-se à fraqueza geral, o Dr. Ernest propunha tratamento eficiente para a depressão nervosa e outros distúrbios.

Uma enfermeira veio atendê-la prontamente, na sala vazia, e sòbriamente decorada. Indagou-lhe alguns pormenores de rotina e desapareceu. Mas logo

voltou para conduzi-la ao médico — um alemão gordo e alto, que a encarou amigàvelmente, com um olhar profundo; indicando-lhe uma cadeira bem junto à sua secretária.

Rose explicou detalhadamente tudo o que podia interessá-lo. — Vamos fazer um exame completo, para maior segurança — disse-lhe êle, e, antes que ela se sentisse assustada, acrescentou: — Não há nada de grave, apenas você precisa mudar de vida. Alguma coisa deve estar perturbando a sua saúde tanto física como espiritual. Vou falar-lhe como se fôsse o seu pai. De amanhã em diante, vá evitando certas amizades, principalmente aquelas que lhe têm causado conflitos, perturbações... Conserve os amigos simples, os que nada exigem de você além de uma boa palestra, uma companhia para algum passeio esportivo e...

Ela piscou-lhe os olhos, esboçando um sorriso, pois viu que nele encontrara não apenas o médico de que tanto necessitava, mas o amigo, mais sábio de todos, que poderia guiá-la esclarecidamente pelos labirintos da vida.

...não é que eu condene tais liberdade — continuou o Dr. Ernest, compreensivo — mas é preciso não abusar delas, minha filha. Você ainda é jovem e tem diante de si tôda uma vida para pensar melhor e encaminhar-se noutro rumo. Se puder mudar de ambiente, viajar, ir para outra cidade, recomeçar a

vida, normalmente, isto só lhe poderá trazer benefícios. Ficando aqui, terá dificuldades em obter de si própria êsse sacrifício...

Domine sempre a sua vida pelo espírito. Você vive agora num ambiente irregular. Procure, pois, por qualquer preço, sair dessa trilha; do contrário, ela a conduzirá fatalmente ao malogro físico e espiritual. Essas companhias lhe provocaram a perversão do ímpeto sexual. Êsse ambiente onde vive, é desfavorável e não será propício à sua formação moral. Vejo que sua vida tem sido amargurada pelas decepções amorosas. Isso denota que você, provàvelmente, tem ligações sexuais com criaturas de nível moral e cultural inferior, o que fere sua exagerada suscetibilidade, seu fino impressionismo e seus sentimentos éticos. Daí tantos conflitos...

Rose apenas assentia com a cabeça e continuava a ouvi-lo com atenção, pois êle lhe revelava o seu caráter, a sua personalidade, as suas predisposições e a sua tendência sexual, sem contudo feri-la, espezinhá-la; ao contrário, fazia-lhe ver o seu estado, a condição a que chegara e ainda apontava-lhe um meio de salvação, uma nova maneira de reconquistar sua liberdade.

— Agora, mais um conselho de suma importância: Domine a todo custo, as reações, pois assim estará livre dêsse perigo. Vejo que você ùltimamente tem andado muito nervosa, não é?

Teria o médico percebido nìtidamente até que ponto havia chegado sua neurose, com aqueles lábios trêmulos que mal podiam pronunciar-lhe sequer as palavras de agradecimento? Apertou-lhe a mão com fôrça, quase agarrando-se àquele braço amigo e balbuciou: — Está bem, doutor, talvez amanhã mesmo começarei a mudar de vida...

«Comece hoje mesmo, talvez seja mais tarde do que pensa!» — dizia-lhe o subconsciente.

«Amigos sonhadores:

Peço desculpas pelo atrazo destas notícias. O tempo tem sido escasso, mas as saudades da Cidade Maravilhosa e dos amigos perduram em meu espírito. A vida aqui continua a mesma. Nos dois últimos meses tivemos a cidade coalhada de elementos da pior espécie (salve algumas poucas exceções como o belo, adorável e irresistível Jongo e outros conhecidos) que aqui vieram buscar automóveis, aproveitando-se da demora na saída da lei proibitiva. Era uma vergonha! Agora a paz voltou novamente a reinar.

Estou morando em Greenwich Village (no sul de Manhattan), o chamado bairro boêmio, mas sigo levando uma vida burguesa, exceto uma ou duas noites nos fins de semana...

É engraçado como em Nova York tudo é dividido ordenadamente em grupos homogêneos. Há os bares para todos os tipos de pessoas. A única dificuldade inicial é saber os endereços dos bares que lhes interessam. Depois, tudo segue normalmente. Já estou acostumado a esta vida, mas ainda acho que o Rio é melhor, apesar de todos os seus defeitos. E até sinto saudade de Fortaleza e de suas praias.

Estou planejando ficar aqui de cinco a dez anos, pois o meu trabalho me interessa muito e não quero prejudicar minha carreira. Só quero prevenir a quem pode fazer carreira aí, que não há vantagem nenhuma em vir a Nova York por mais de um ou dois meses.

Hoje vou ficar por aqui com um abraço para todos.

Ângelo»

Pavo foi fazer sua última visita a Rose. Preparara-se bastante... Estava com a fisionomia mudada. Havia raspado o seu bigode, sempre bem feito. Queria causar-lhe alguma sensação, logo à primeira vista. Apreciava-a, então, muito mais, porque sentia que ela era uma das poucas amigas sempre igual e prestativa em qualquer circunstância. Notando que Rose tardara alguns segundos para fechar a porta,

como se aguardasse também a entrada de Juno, explicou-lhe Pavo:

— Estou só, definitivamente só! Separado para sempre da minha sombra...

Seria desagradável que a conversação tivesse início com uma lembrança triste a respeito de algumas intrigas que haviam sido forjadas sôbre ela e Juno, o que certamente desagradara a Pavo. Por isso, Rose tentou distraí-lo desde logo: — Aceita um cafèzinho feito agora mesmo?

Pavo sorriu satisfeito por encontrá-la bem disposta e não pôde deixar de elogiá-la. Na verdade, não poupava elogios às criaturas que lhe eram simpáticas; muitas vêzes, excedia-se e o efeito era contraproducente. Rose, porém, reconhecia-lhe o valor e a inteligência.

— Como sempre, uma perfeita «dona de casa»... Bem, minha Rosa, vim me despedir de você, porque, na próxima semana, sigo para Campos do Jordão. Já não me resta nenhum motivo para ficar aqui no Rio. Juno era o meu maior amigo e, agora, afastou-se inteiramente de mim. Bastou-lhe uma nova amizade — que nada o recomenda — para furtar-se às minhas visitas. Não o encontrei durante tôda a semana passada e vim a saber que está numa pequena ilha particular com ótimas companhias e bebidas caras...

— É melhor você ir mesmo para São Paulo, lá a

sua família o cuidará melhor e, quem sabe, muito breve voltará ao Rio, em condições... Acho-o muito abatido. Creio que você deve estar precisando de muito descanso, um repouso absoluto. Já notou que sensação de alívio e confôrto experimentamos quando pomos de lado essas amizades e nos tornamos criaturas simples, ao menos por algum tempo?...

— Mesmo que eu me cure, jamais regressarei ao Rio. Juno trouxe-me a realidade da vida. Agora só prepondera o interêsse. Sacrifiquei-me tanto por êle! Impossibilitado de fazer carreira no ballet, em vista do meu corpo defeituoso e fraco, consegui-lhe um lugar no Municipal, depois de muito insistir com o falecido Yuco. E tudo o que tem realizado até hoje, no teatro ou na literatura, êle sòmente o deve a mim, que o estimulei e orientei com uma obstinação imperturbável.

O «Cardeal», que havia sido despertado, soltou alguns gorgeios. Rose, um pouco abalada, lançou-lhe um olhar afetuoso. Depois, indagou ao amigo:

— Aceita uns biscoitos?

Pavo segurou delicadamente duas «mentiras» e continuou o seu desabafo, tendo sua idéia sempre fixa em Juno, a estrêla fugidia:

— Agora já é tarde e mesmo que êle esboçasse algum desejo em reconhecer o seu egoísmo e reatar a nossa amizade, isto só me pareceria uma demons-

tração de piedade. E eu não quero que ninguém sinta... — interrompeu a frase com algumas tosses fracas mas inquietadoras. Queixou-se do calor e pediu a Rose que ligasse o ventilador e o colocasse junto dêle.

— Eu também preciso cuidar de mim — contou-lhe ela, meia tristonha. — Há dez dias, fui ao médico, e êle me fêz várias recomendações: «Esforce-se por obter um domínio completo de si mesma. Eduque-se moral e intelectualmente». Preveniu-me ainda que as más qualidades, tais como o ciúme, descontrole nervoso, falta de firmeza moral, só poderão acarretar-me prejuízos. Tenho o pressentimento de que, muito breve, voltarei a consultá-lo. Sinto-me bastante indisposta. Deve ser alguma complicação.

Pavo tossiu novamente, deixando a amiga deveras preocupada.

— Mas êsse vento vai-lhe fazer mal...

— Qual nada! Estou com muita falta de ar. Por que essa porta, aí, fora, está batendo tanto e tão fortemente? É alguma corrente de ar?

— Não, é a «Maldição».

— O quê?!

— Uma idiota que não tem o que fazer...

— Bem, você já está com a vida ganha, e eu... Preciso ir embora, ainda tenho de comprar alguns remédios.

— E êsse embrulho? — indagou Rose. — Também é...

— Ah! ia-me esquecendo... São algumas conchinhas, um presente que trouxe para você!

Rose agradeceu-lhe a bondade, ambos trocaram votos de felicidade e ela o seguiu até à entrada.

No corredor, surgiu uma mulata magricela, sêca, com um ar patético e estúpido, tão feia que causou apreensão em Pavo. Estava acompanhada de uma garota abobalhada, que dava gritinhos e gargalhadas histéricas para chamar a atenção.

— Ê essa a «Maldição»?

— Não — explicou Rose — essa é nova por aqui. E tão insignificante que ainda não recebeu um apelido. Mas muito breve irá recebê-lo! Parece que a Praia do Pinto nos mandou uma representante...

— Ela podia estar mais aclimatada no Morro do Esqueleto.

Ambos pararam junto aos elevadores. Eram três e nunca se sabia qual dêles estava funcionando. A mulher, visìvelmente nervosa, bateu à porta do apartamento vizinho, sendo logo atendida. Mas ela tremia e sua voz também não tinha firmeza, pois Rose a encarava com desprêzo e seus lábios murmuravam: — Sua intrigante, nojenta!

Ivone telefonou para Rose:

— Quanto me alegra que Pavo foi vê-la para despedir-se! Penalizava-me a idéia de que êle voltasse para São Paulo sem um gesto amistoso. Pobre rapaz! Não lhe parece bastante tragédia, possuir um caráter difícil, quando tôda a compreensão e tôda a simpatia são poucas para seguir vivendo? Oxalá encontre na sua terra a saúde aqui perdida e o afeto de um amigo! Os dois fazem falta, para que a inteligência possa desenvolver suas infinitas possibilidades. Através de seus telefonemas, notava muita tristeza, muita melancolia, muita desesperança. Deu-me a impressão de uma derrota espiritual. Poderá recuperar-se ao regressar à sua cidade? A gente sòmente acolhe com festas aos triunfadores... Meu coração me enche de brumas pensando nele.

E você, sua preguiçosa, porque não tem escrito ùltimamente? Tenho estranhado êsse silêncio...

— De fato, o meu silêncio foi prolongado. No entanto... quantas, quantas vêzes pensei em você! Ao começar o mês, tive de preparar-me para uma intervenção cirúrgica que teve lugar no dia quinze. Ontem, o médico deu-me alta. Mas fiquei tão fraca, tão sem alento, tão alquebrada, que, para recuperar fôrças, irei com Abel a Itaipava por alguns dias.

— Êle já me falou a respeito; já está tudo preparado. Não tenha dúvidas que lá na nossa chácara, rodeada da graça e da ternura de nossas «mulatas» você voltará a ser a de antes.

— Sòmente falta restabelecer o meu sistema nervoso... e correr outra vez pelo mundo dos sonhadores! Durante o período que estive no Hospital, tive a satisfação de ver-me rodeada de muitos amigos. Sempre estive cheia de flores e de gulodices. O único que não pôde acompanhar-me foi Roberto, que, estando de férias, viajou para Belo Horizonte. Mas escreveu-me constantemente e, antes de ir-se, presenteou-me uma correntinha de ouro com uma preciosa medalha do Menino Jesus, que rodeia o meu pescoço com doçuras de carícia...

— E Mme. Ninon esteve consigo?

— Sim, antes de seguir pelo «Constellation», levou-me muitas revistas e alguns doces deliciosos.

— Hoje, à noite, depois do jantar, faça um esfôrço, dê um pulo até aqui a fim de nós conversarmos melhor... O que você está fazendo agora?

— Estou serzindo as meias — respondeu Rose, com simplicidade.

— E Vivien?

— Pegou no sono, novamente. Ela acordou, de madrugada, com um barulho no pátio.

— Aconteceu alguma coisa?

— O que sempre acontece tôdas as noites... Os moradores de cima jogam latas, vidros, garrafas e até imundícies, causando estrondo e irritação no

pessoal do andar térreo. É um verdadeiro bombardeio seguido de pragas pela noite afora...

— Oh!

— O que foi?

— Nada! Estou remexendo uma gaveta. Vivien deixa tudo numa confusão, que levo horas à procura de uma tesourinha.

— Então, «mulata», até logo mais!...

— Está bem!

Bateram à porta e Rose foi logo atender a fim de que Vivien não fôsse outra vez despertada. Entreabiu-a, deparando com um jovem, muito bem vestido e que a saudava sorridente. Apesar de sua pequena estatura, possuía um porte elegante e sua apresentação foi irrepreensível: — A senhorita fará a gentileza de me chamar sempre que precisar do meu auxílio. Sou o novo porteiro dêste edifício: Jaime Dias Sabino. Às suas ordens, senhorita.

Rose agradeceu-lhe a atenção e conjecturou: — Puxa! Se todos os moradores dêste prédio fôssem assim tão alinhados e atenciosos...

Dali a duas semanas, a «Boîte» estava repleta de «sonhadores» e Ivone leu para êles a primeira carta de Mme. Ninon: «Fiz ótima viagem. Aqui está frio, mas agradável. Estou no Hotel Lotti, porque o Ritz

está ocupado pela ONU. Paris está muito diferente de outros tempos em que a visitei. Agora é a temporada mais animada do ano, há tanta gente por tôda a parte, mas tudo está pelo dôbro do preço. Logo, no primeiro dia, vi Cary Grant, Rex Harrison e Burgess Meredith. O Cary já tem os cabelos manchados de branco, é bastante queimado de sol, alto. O Rex é careca e caminha dando passos enormes; tomamos o mesmo táxi. O Burgess é ruivo, baixo, e também simpático. Dentro de 3 ou 4 dias vou começar uma viagem de automóvel através da França e creio que vai ser interessantíssima. Tenho muitos conhecidos aqui e cada dia aumenta o número dêles e os convites. Se não fizesse pé firme, a estas horas já estaria na Suécia, mas quero conhecer bem a França. Todos estão espantados como eu já falo o francês e dizem que com ótima pronúncia. É outra coisa saber um pouco da língua. Tenho comprado muitos chapéus pois são o «meu fraco» e já vi as coleções de Dessès, Griffe, Schiaparelli e Mandel. Os vestidos estão um pouco mais curtos. Sem aparecer a barriga da perna e o resto é o mesmo. Pediram-me trinta contos por um «tailleur» preto, porque há muita encomenda. Os lugares que freqüento são os mais chics de Paris e você não calcula como todo mundo anda bem vestido. De saúde estou muito bem e me sinto feliz aqui. Amanhã, vou ver o túmulo de Napoleão e hoje farei compras e irei ao cabeleireiro... Ah! Gostaria que

Rose estivesse aqui comigo. Faria muito sucesso com o seu tipo. Comprei um lindo anel para ela. Um pequeno disco doirado com uma efígie grega em alto relêvo. Uma jóia encantadora e muito rara.

«P. S. — Hoje, sábado, como ainda não parti, vou acabar de escrever esta carta. Penso que esta semana sairei de Paris. Levantei cedo, às dez horas. Almocei com uma amiga (sonhadora)e, à tarde, fomos passear de «charrette» pelo Champs Elisées e Bois de Boulogne. Estava um sol esplêndido e um dia a propósito. Tomamos chá no Pavilhão e voltei ao Hotel. Tenho conhecido inúmeros cabarés e já estive em Montmartre onde comprei dois quadros. Ontem fui a Cristian Dior. Os vestidos, como já lhe disse, estão mais curtos uns trinta centímetros do chão e a saia estreita e aberta. A manga continua «regran», quase sem enchimento. Estou fazendo um mantô em Schiaparelli. Viajo num «jeep» vermelho que é de um Conde... Você não sabe como os franceses mudam completamente quando sabem que a gente não tem dinheiro. Como penso que viajarei e que, se voltar, mudarei de hotel, você e os «sonhadores» podem escrever-me para Societé France-Bresil, Rue de Rome 56 — Paris.

Estou tirando os papéis necessários para ir à Alemanha; mas não tenho muita esperança. Dentro de dois dias estarei na Belgíca, onde passarei uma semana e, depois, voltarei a Paris onde deixarei mi-

nhas malas. Se não lhes escrever em seguida não é por que não me lembre de vocês; ao contrário, é a dificuldade em fazê-lo. Vou com uma senhora que viveu catorze anos em Berlim e que viaja como secretária de um brasileiro. Vamos a negócios...

Desde ontem começou a esfriar, mas ainda temos sol. Tenho sonhado com Ângelo. Já soube que êle está fazendo furor em Nova York. Oscar escreveu-me uma longa carta, contando «misérias»... Será verdade? Sinto muitas saudades de todos e diàriamente rogo que vocês estejam dando boas reuniões e que o número dos «sonhadores» aumente sempre. Não deixe faltar nada ao Abel. Um abraço para Rose e beijos da amiga

Ninon».

— Ih! êsses «gostosões» são perigosos!... — exclamou Márius, que chegava atrazado.

— Eu sou da velha-guarda — manifestou Gervásio. — Prefiro andar de bonde. Sou fan especialmente do «Praça 11 — Praça 15». Está sempre cheio! Parece até «sessão passa-tempo»...

— Minha gente, trago notícias fresquinhas para vocês — anunciou Vitório, sempre tagarelando.

— Quais são?

— Acabei de encontrar o Joe! Eu ia descendo a rua Senador Dantas, naquele trecho que mais parece duma velha cidade oriental, abrindo passa-

gem entre mulheres, descalças, carregando latas de água, transbordantes, quando parei com o amigo de Ruivo, na esquina...

Contou-me uma porção de coisas. Participou-me seu próximo casamento e... uma bobagem, que não me agradou.

— O que foi, heim?

— Condenou todos seus amigos ao esquecimento e ao desprêzo como se êles fôssem os únicos culpados de algo que já leva consigo desde que nasceu.

— É... muitos acabam assim: aventuram-se no casamento... — falou Osiris. — Às vêzes, até pode dar certo; mas, outras vêzes, nem é bom falar... Arrependem-se, voltam às suas antigas amizades, e então se submetem a tudo, tornando-se criaturas dignas de lástima! Melhor seria que se tornassem iguais àquelas criaturas cheias de «não me toques» que freqüentam o apartamento de Ruivo e se mostram tão púdicas, procurando esconder a sua fama de freqüentadores de cineminhas sem vigilância...

— E que estava êle fazendo lá, na esquina? — perguntou Sírius.

— Disse-me que esperava um amigo...

— Eu, heim?! Quer dizer que então mudou muito, não é?

— Foi isso que eu pretendia comentar — disse Vitório — mas, naquele instante, a minha atenção

foi atraída por um mulato que carregava um colchão. E, parece inscrível, procurava um lugar onde dormir, bem, no centro da cidade! Também ali se postara um obstinado vendedor de maçãs, o qual, procurando atrair vivamente a atenção dos transeuntes, anunciava, quase a gritar: «Aproveitem, agora, que está barato: a dois cruzeiros apenas! A rainha das frutas, a maior tentação, preferida desde Adão e Eva até o fim do mundo! Aproveitem, que está deliciosa e geladinha. Tem papel para embrulhar»...

Voltei-me para Joe, mas êle já havia desaparecido e dei de cara com a Zaíra, aquela portuguêsa, de pernas grossas, a tal que, agora, lê a sorte dos homens...

— Hum!

— Foi despejada do seu quarto em Copacabana. A chapeleira advertiu-a de que não lhe era mais possível continuar ouvindo a sineta do portão soar à noite também. Já lhe bastava o movimento diurno, das freguesas...

— Ela é demasiado ativa — opinou Osiris .— Quer esteja na cidade ou no campo, está sempre... **furiosa!**

— Já sei! — adiantou Fredy. — Quando está na cidade, diz que não pode resistir ao cheiro do cimento e aos homens de macacão, mas quando vai «descansar», no campo, também não consegue fugir às aventuras no meio do mato... E, então, põe a

culpa no feitiço da Natureza... Certa vez me confessou que são suporta «brotinhos» por achá-los anti-higiênicos, frios, inexperientes, desajeitados e presunçosos. E, sobretudo, aproveitadores...

Todos riram à vontade, alguns, mais expansivos, fizeram deliciosas imitações, de Joe, na esquina, e de Zaira, no Posto 5...

— E Ciro, como vai? Sempre vivendo «de beleza», do rendimento daquelas casinhas em Caxias, — indagou Gervásio.

— Continua progredindo! — revelou Vitório. — Comprou um terreno, ao lado do cemitério, e pretende transformar aquele pedaço de chão num jardim do Éden.

— Está ficando maluco! Não há nenhuma nascente por lá, as plantações vão definhando e, se não abrir os olhos, êle também acabará dando com os queixos na terra dura... Em Caxias ninguém facilita muito; tiroteio ali é «mato»!

— Ora, se isso acontecer, já está a poucos metros da cova... Mas, enquanto está vivo, êle só pensa em viver. Pretende dar uma grande festa na inauguração. Isso naturalmente ainda levará alguns meses... Antes terá que mandar erguer um muro bem alto em volta do terreno.

— Que espécie de festa haverá ali. Ao ar livre?

— Sim. E vai haver de tudo: churrasco, macumba, e até uma dança diabólica, em que a nossa

amiga Carlota se apresentará de forma completamente original...

— E com aquela pele tôda enrugada?

— Também pretende contratar uma bailarina egípcia, que possui jóias fabulosas! Parece que o negócio será no meio do ano, para que a comemoração se confunda com as festas juninas e não desperte muita curiosidade e desconfiança na redondeza.

— E o terreno é muito grande?

— Enorme! Não obstante, êle ainda vive se preocupando e se aborrecendo com um vizinho, sob a alegação de que lhe roubou nas medidas.

— Para que êle quer tanta terra?...

— Sei lá!

— Leva-se muito tempo para chegar ao local?

— Vai rápido, de ônibus... Mas, a única vez que o acompanhei, caminhávamos na estrada quando sobreveio um tremendo temporal. Cortamos o matagal, porém, a chuva estava demasiado forte e, como lá no terreno não houvesse nenhum barracão para nos abrigar, entramos no cemitério! E ali permanecemos algumas horas... Um silêncio expectante quase me fazia gritar de monotonia e desespêro. Apenas os grossos pingos de água martelando sôbre o telhado.

Mas, de repente, num tropel, desordenadamente, entraram várias crianças, correndo de pés descalços, chafurdando na lama, às risadas. Precediam um en-

têrro. Entêrro de gente pobre, tão pobre que até se tornava uma pândega. Com aqueles divertidos e inocentes garotos acompanhados de senhoras que, angustiadas, gritavam e choravam inùtilmente. O seu destino era tão cruel que não merecia aquelas lágrimas sinceras. Os homens vinham trazendo o pequeno caixão logo transportado para a cova, já aberta e quase inundada, onde uma simples placa numerada era a identificação...

Ficamos assim, todos retidos à entrada, alguns ainda sob a chuva incessante e agressiva, outros de cócoras, nos cantos, as senhoras torcendo a barra da saia de chita, e os homens, uns olhando amargurados para aquelas cruzes e sepulturas próximas, outros, mais práticos, procurando tirar o barro que salpicara nas calças brancas, de linho. E as pobres crianças, encharcadas de água, já tremiam de frio e sofriam sem saber por que nem para que...

Um auto descia a estrada, com o rádio ligado, e a voz da simpática Marlene, chegava aos nossos ouvidos:

«Sapato de pobre é tamanco!

Almôço de pobre é café...»

Alguém soltou uma risada de deboche, que mereceu o olhar indignado da maioria. Uma negra velha sacudiu a cinza do cachimbo de barro e advertiu, resmungando: «Vamu imbora mia gente! Essa çuva hozi num pára nim pu decleto...».

E, de fato, não parou. Chegamos ao Rio molhados até os ossos. E ainda choveu durante três dias.

— Virgem Santíssima! — exclamou Gervásio.

— Não sei o que eu tenho hoje, estou com uma sorte incrível! — expressou Francis, muito jatanciosa, admirando-se num grande espêlho oval.

— Grande coisa! — zombou Sírius.

— Todo mundo olhava para mim. Engraçado, certos dias em que a gente sai à rua, assim desalinhada, acontece isso. No entanto, quando nos preparamos bastante e esperamos obter resultados, nada, absolutamente nada acontece...

— Ilusão sua! — continuou Sírius, tentando ridicularizá-la. — Você é e será sempre um fracasso! Êsse jeito de mulher assanhada não lhe vai bem. Veja se reforma essa «carrosserie».

— Afinal não sou nenhuma velha, legendária... Ainda não fiz trinta anos! Quer casar comigo?

— Cruzes! Com a «fôlha corrida» que você tem...

— Figurinha difícil, como você, não envelhece, mumifica! — disse Osiris. Quis abraçá-la, mas ela fêz uma objeção: — Largue-me, agora eu vou soltar os cachos!

— Você foi à Praia Vermelha? — indagou Fredy a Gracie, que acabava de surgir, empunhando um bibelô de porcelana.

— Fui, estava ótima. Estive com as nossas amiguinhas... Doidas como sempre!

— A certa hora, Jovita foi para dentro da água num «maillot» comum, avançando até que lhe chegasse aos ombros, e calmamente regressou à areia, sòmente coberta por dois lenços bem apertados! — explicou ela, colocando o gatinho sôbre a mesa, e descrevendo, num gesto rápido, as dimensões do «biquini».

— E a Leila não protestou?!

— A «Bela» não deu logo pela coisa. Estava preocupada com sua ginástica para a dança, levantando-se e abrindo as pernas. Ademais, rodeava-a um grupo de garotos «coca-cola»... E quando percebeu o «show», já era tarde demais. A «orquestra» estava afinadíssima!

— Hoje conheci uma criatura notável! — revelou Fredy para um grupo. — Conversa admiràvelmente e não fala mal de ninguém...

— Ah! se não critica a vida alheia não serve para meu amigo — objetou Vitório.

— Que barulho! — reclamou Willy, que se exertava no piano. — Parece um bando de «maitacas»...

— Duas criaturas estão discutindo lá no bar — explicou Gino.

— Vocês não vão apartar a briga?

— P'ra quê?! — replicou Gino. — Deixa que elas briguem à vontade. Os verdadeiros amigos são

assim, estão sempre se pegando mas, logo depois, esquecem tudo e a paz volta a reinar...

— É Castro e Nélio — falou Osiris. — Estavam jogando cartas, isolados, como sempre, conversando baixinho. Mas Vitório passou pela mesa e escreveu alguma coisa no bloco, onde Nélio fazia as anotações. Castro não gostou da brincadeira.

— Gente chata! Pára com essa discussão Vitório — berrou Fredy, aproveitando a oportunidade para chamar a atenção geral sôbre o mau gênio dêle.

— Estou em longa abstinência — revelou Luciano.

— Êle tomou um pifão, Abel — disse Vitório, que já estava procurando novos motivos para altercação.

— Você, sim — retrucou Luciano — que está procurando pelo barril de **chopp**. Eu quero só refrescar a minha alma. Está pegando fogo. Em chamas!...

— Quem está querendo **chopp** é você! E depois ainda nos vem falar que só toma vinho branco. Cretino!

— Veja se você refreia um pouco essa lingüinha de trapo — apelou Abel.

— Sua víbora! — rugiu Luciano.

Finalmente, quase alheio ao ambiente, Willy entregava-se de corpo e alma à sua paixão. Seus dedos estavam inquietos, e cabeça erguida, e os lábios

pareciam sussurrar: — Oh! meu amado Beethoven.

«Abel,

Minhas felicitações pela sua crescente atividade, que, lhe confesso, é muito superior e dá mais prolongadas satisfações que outra qualquer. Desejo-lhe o maior êxito e estou, desde já, curiosa por ver os seus quadros. Como eu lhe conheço e aprecio tanto sua natureza generosa como a delicadeza de seus sentimentos, estou certa de que você tem muito a «revelar», que êsse é o seu verdadeiro caminho. Naturalmente, é difícil saber o que somos, na vida, o que temos que fazer, e me alegra que você haja finalmente encontrado um caminho pelo qual pode andar com passo firme. Meus bons desejos e meu pensamento acompanham-no sempre e agora mais do que nunca. Eu repito-lhe: não desanime por causa dos contratempos. Pense que virá alguma coisa melhor e que o não alcançado é, às vêzes, boa sorte; se, obtido, não nos traduz o que esperávamos. Não faça má cara à má sorte. Sorria e creia em si mesmo. Com o dom de simpatia que você tem irá muito longe. Não se deixe perder, amargurando-se sem motivo importante. A boa sorte é filha da paciência. Espere, sorria e, so-

bretudo, sonhe! Muito breve surgirá outra oportunidade, outro prêmio, e você possìvelmente o conquistará. Se fôr uma viagem ao estrangeiro e eu ainda encontrar-me aqui, na Europa, tudo farei para ajudá-lo. Que bom seria o encontro de dois «sonhadores», em Paris, na Praça Pigalle!

Oh! essas oportunidades que você tem, de quando em quando, se reunir a alguma «sonhadora». As confidências a meia voz... Estar com alguém a quem amamos é como ler poesias, ter a alma sensibilizada numa espontaneidade rara, em que nossos seres vibram e como que se ouve seu ritmo; a melodia dêsse poema tão discreto e penetrante que é o amor velado e misterioso que você sabe maravilhosamente cultivar. Não há dúvida, pra nós, que cultivamos a emoção refinada, aí reside quase tôda a felicidade — um bom amigo confidente. Rose e Gracie continuam sendo suas modelos preferidas?

Eu estou bem, por sorte, depois de passar uns belos dias, num sítio magnífico e tranqüilo. Inconvenientes, temos todos. A vida é aqui um tanto dura, mas sempre há fé no trabalho e gente que quer bem a alguém. Não tenho de que me queixar. Sòmente desejaria estar de novo entre vocês, para conversarmos longamente,

«escutar» seus projetos e falar de seus quadros. Feliz você, Abel, que leva alguma coisa no íntimo!

Depois de minha viagem a Bruxelas, fiz outra pequena «tournée» pelo interior. Passei três dias preciosos e tive oportunidade de visitar os «ateliers» de quatro pintores jovens cheios de personalidade e de talento.

Ao meu regresso, outro pintor que começa a surgir, empenhou-se em fazer-me um retrato a óleo. Estou posando todos os dias. Será um quadro de importância. Acho-me sentada e vestindo um «peignoir» de côr creme, deixando transparecer a «lingerie» escura, onde se destaca o meu colo. No fundo está um tapete «Aubisson». Parece-me que será uma obra cheia de interêsse plástico. Marcel Moreau é moderno sem ser agressivo. E ademais, tem **«penetração psicológica»**...

Dêsse conglomerado de pintores jovens, êle se destaca com uma arte poderosa e pessoal, deslumbrando a todos. A sua vida é a vida pelo ideal do artista que cumpre seu destino. Não improvisou a arte que, dia a dia, o torna mais conhecido e admirado, mas, sim, infundiu-lhe sua alma e sua cultura. Cultura adquirida em livros, em conversações com amigos inteligentes e selecionados e em viagens aos grandes centros

artísticos. Já esteve em diversos países da Europa e conhece muitos museus.

O seu orgulho leva-o a recolher-se a outro mundo, pois jamais perde tempo nas ruas cheios de murmúrio e cinismo, onde se forjam enganos e não se pensa. Cada hora procura criar algo seu. Para o trabalho, busca o isolamento. Então, constrói os seus sonhos com solidão, silêncio e lágrimas, e nada possui fôrça necessária para interrompê-lo. Fabricante de beleza, realiza as suas obras com o fervor humano do homem e do artista, perseverando, até atingir a perfeição, com uma paciência e dedicação supremas.

Busca a comunicação interior da alma do modêlo. Não se detém na epiderme, perscruta o íntimo do retratado, revelando-nos todo o seu conteúdo de risos e lágrimas, ilusão e desespêro. Daí, que se estabelece um forte laço de união, de compreensão entre ambos. E surge desta união, uma entidade misteriosa que obra notável influência. O modêlo esclarece o seu ideal e o artista descobre êsse desejo oculto em cada um de nós de ser belo!

Quando quer, êle isola a angústia e a dor, para nos apresentar com o seu traço puro e delicado uma expressão feita sòmente de beleza, sonho e esperança. É esta característica que o torna uma personalidade mais autênticamente

afastada de quantos pintores já conheci, com exceção, talvez, de J. Luís, que me fêz aquele retrato notável. Lembra-se?

Algum dia você verá êste outro e, então, poderá apreciá-lo melhor. Quando regressar, pretendo expô-lo na «Boîte», durante alguns dias. Como já lhe disse, estou posando diàriamente, pois logo começará a temporada teatral... Dramas, comédias, revistas, concertos... A vida a sério, a vida a brincadeira, a vida com seu lirismo e com suas abjeções... E «nossa» vida? Ah! **Sonhadores**...

Ninon

P. S. — Como está muito difícil conseguir entrar na Alemanha, resolvi aceitar um convite do Conde, para dar um giro pelo Mediterrâneo.., Ah! Quem pode resistir à voz soberana do Amor? Com êle iria até à China!!».

Foi Francis quem atendeu à porta, muito risonha, quando Rose apareceu na «Boîte do Caleidoscópio».

— Oh! você por aqui, querida?

— Afinal, resolvi aceitar o convite que Osiris

há muito tempo me fêz. A «nossa Boîte» está agora quase fechada, Ivone viajando, e eu, ùltimamente, vivo tão preocupada com a minha sorte...

— Ora, deixe de preocupações! Aqui você vai esquecer os seus problemas...

Gino, como sempre, permanecia imóvel e silencioso, no seu canto predileto. Tão ruidoso e conversador nos outros ambientes, ali, entretanto, entregava-se à leitura e à meditação. Havia aberto sôbre os joelhos o precioso livro «As Pombas dos Minaretes», no capítulo em que o Sultão Selim I, da Turquia, confessa:

> «Como a lua sai de entre as nuvens, assim êle aparece e os corações ficam abrasados de amor.
>
> Antes de conhecê-lo, eu nunca suspirava. Agora, choro lágrimas de sangue. Eu que amedrontei leões, eu que aterrorizei os guerreiros mais intrépidos, hoje sou o humilde escravo de um adolescente de olhos de gazela!
>
> Se, quando estamos sob um raio de sol, êle fecha os olhos, logo sinto em derredor de mim a escuridão. Seus olhos são as únicas jóias do meu Império.
>
> Assim como o cantar de uma fonte faz o viandante esquecer as fadigas da viagem, assim a sua voz me faz esquecer as minhas inquieta-

ções. Êle é minha fonte e meu alaúde. Êle é a sombra em que o meu sono é sempre sossegado.

Se não existisse Alá e o Inferno, era diante dêle que eu me prosternaria, exclamando: — «Tu és o meu Deus!».

Rose nem ousou perturbá-lo.

O resto do pessoal estava do outro lado do compartimento, rodeando Willy ao piano. Rose também não quis interrompê-los logo, preferindo que êles terminassem a execução de uma Sonata.

Sentou-se num banquinho e distraiu-se durante alguns minutos, examinando o local, notando os objetos que mais lhe agradavam. Alguns, desde logo, puseram-na perplexa: — uma escrivaninha que, ao mesmo tempo, servia de guarda-louças e camiseiro. Rose ergueu-se para vê-la melhor. Abriu as gavetas, não tendo Gino feito nenhuma objeção. Estava ao lado de um enorme armário que continha a biblioteca dêle. Num rápido olhar, ela divisou uma coleção completa de Machado de Assis, com seus trinta e um volumes, os Clássicos Jackson e uma infinidade de livros de poesia, principalmente de autores orientais. Êles sempre despertavam uma paixão na alma de Gino, conservando-a enlevada, mesmo durante aquelas reuniões barulhentas e amalucadas.

Depois, seus olhos descansaram em uma paisagem muito conhecida. A baía de Nápoles. Abaixo,

estava um retrato de Brailowsky,próximo ao piano, que todos rodeavam. Francis separou-se do grupo a fim de novamente atender à porta.

Chegaram duas criaturas desconhecidas para Rose, mas cujas vidas íntimas foram sendo logo reveladas, à primeira apresentação:

— Vânia, «A mulher sem passado» e Remi, «O encantamento das desiludidas»!

Ambos lhe estenderam as mãos, com prazer, e Rose admirava-os, um tanto constrangida, pois o barulho e a trepidação que Mariquita Mirasol provocava, cantando e bailando, ao mesmo tempo, era ensurdecedor e irritante.

Seus olhos cruzavam-se com os olhos negros de Vânia, cujos sorrisos francos punham à mostra uns dentes perfeitamente alvos e sãos. Parecia-lhe ver nela uma criatura ainda não contaminada pelo fogo devorador do pecado. Sua expressão encantadora e simples impunha respeito e um outro gênero de distração. Era um contrasenso sua presença naquele ambiente.

Mas Remi não lhe deu mais tempo para essa longa e introspectiva contemplação, ao começar com seus hilariantes comentários: «Ela ainda permanece intacta, sòmente com suas delícias do primeiro baile... Contenta-se em sentir o perfume dos casais amantes. Enfim, uma perfeita titia!».

— Ah! — fêz Francis, algo assustada.

Era Gervásio que se escondera atrás de uma cortina.

— Um rosto tão horroroso deve estar sempre coberto de véus! — disse ela, arreganhando sua dentadura. Indiferente, êle cantarolava, recordando a história triste de uma praieira, nos versos de Adelmar Tavares:

«Era o meu lindo jangadeiro,
De olhos da côr verde do mar».

— E Roberto, como tem passado? — indagou Francis a Rose.

— Vai bem; aliás, vamos indo bem...

— Você nunca pensou em casamento?

— Que pergunta! Claro que sim... Tôda moça deve pensar nisso. E ai daquela que não demonstrar e insistir nessa intenção com o seu namorado. Entretanto, acho que, enquanto eu estiver exercendo a profissão de modêlo, torna-se incompatível a realização dêsse passo decisivo em minha vida.

— De fato, você tem razão — ponderou, gostando de ouvi-la falar de um assunto que sempre a interessava.

— Como poderia estar casada e, ao mesmo tempo, receber propostas de muitos camaradas que vêm, nos modêlos, outras coisas além dos trajes que apresentam?...

Por outro lado, Bob ainda está estudando e, talvez, ainda demore em conseguir o seu objetivo. Sem uma boa posição como poderíamos nos arranjar?

Preferi, portanto, continuar mantendo apenas amizade por êle, além do grande amor que lhe devoto.

— E não é pouco... — atalhou Francis.

— Quanto às outras propostas — concluiu Rose — tentadoras mas perigosas, eu vou desdenhando pois, no meu emprêgo, sou o suficientemente paga para viver com relativo confôrto.

Mariquita terminara de cantar. Na verdade, ninguém sabia o que ela estava cantando. Para Rose, pelo menos, aquilo era histerismo gritante.

Naquela noite, excepcionalmente, ela apresentou-se tôda vestida, mas com um decote bem pronunciado e um lindo casaco de «vison». Seria mesmo «vison»?...

— Pum! estourou o papo! — gritou-lhe Vitório.

Ela desculpou-se, alegando que não estava com a voz muito boa porque, naquela tarde, havia ido a Pendotiba e, na viagem de volta, de caminhonete, apanhara muita poeira no rosto...

Contudo, como não podia ficar parada, recomeçou a dançar, anunciando: «Sei dançar a passo lento. Sei do leque os movimentos»...

— Você não serve para «geisha»! — advertiu-

-lhe Sírius. — Seria melhor que fôsse engulir espadas...

Contrariada, ela achegou-se a êle e puxando-o pela gravata, intimou: — Vem passear comigo. Olhe aqui, pessoal, eu e o meu cãozinho, passeando pelo Bois de Boulogne...

— É o cúmulo da audácia! — rosnou Sírius, dando-lhe um safanão.

— Que falta de espírito — criticou Vitório.

— Pronto! caiu o ambiente! — lamentou Márius.

— Sente-se,meu bem, chega de agitação — aconselhou Osiris — a sua idade já não permite ficar muito tempo em pé...

Remi dedilhava ao piano, um improviso, cantando em falsete: «Eu sou uma pobre mulher agitada, tenho um homem, tenho dois, tenho três, mas não sei o que fazer!...».

Mariquita, desesperada, soltou um agudo tão forte que seus cabelos se desmancharam. Entre risonha e desconcertada, ela procurou justificar-se: — A gente fica sem voz. É a emoção, não é? Agora nem poderei gritar! Ah! Sou uma artista incompreendida! Ninguém dá valor à minha arte...

Ninguém disse uma palavra. Inesperada e milagrosamente, houve um instante de silêncio. Um silêncio indesejável.

Querendo fazer mais alguma gracinha, apanhou da parede um bonito rebenque, com pé de veado, puxou-lhe o cabo. Era um punhal! Atirou longe o casaco de peles e exibindo o colo desnudo, fêz uma cena tragi-cómica, mostrando como havia sido apunhalada pelo Conde Mirasol, numa noitada alegre em Sevilha.

— Que belo quadro, heim? — sugeriu.

— É um verdadeiro espectro! — replicou Vitório, abruptamente.

Num canto escuro, brilhavam os olhos negros de Vânia, os óculos de Remi e a dentuça arreganhada de Francis. Como era possível aquele abraço triplo?

Êle dizia algumas incoerências, pois ambas sorriam... «Os gatos piavam, os passarinhos miavam...».

Nos jardins, estavam passeando Edie e alguns companheiros. Um dêles, muito gordo, mal podia caminhar... Remi observou-os pela janela entreaberta e prosseguiu: «A caravana passa lentamente... E Salim-Abdulá-lá, tira a última veste nupcial, entram as escravas, em cortejo ritual; ao longe, o areial infinito reverbera ao sol, o vento geme por entre as fôlhas das palmeiras tremulantes e um camelo vomita...».

Para alegria de Francis, chegou-lhe aos ouvidos

a voz maviosa de Edie, cantando um de seus boleros preferidos:

"De que me sirve
sufrir y llorar,
si es imposible
llegar hasta ti..."

Ela pulou do sofá e desembaraçou-se dos abraços que a sujeitavam, indo retocar-se ao espêlho. Estava tão aflita que pisou nos pés de Mariquita. Esta berrou-lhe: — Menina malcriada! E vendo Edie, preveniu aos demais: — Hum, agora vamos ter «los boleros...». Mas êle revelou que preferia ouvi-la.

— Então deixe-me martirizar a assistência com os meus predicados! — disse ela, rindo.

— Ainda bem que o reconhece! — asseverou Sírius, enquanto Vitório, não lhe dando oportunidade, caluniava:

— Eu assisti o teu fracasso...

Edie abraçou-a, querendo beijá-la, mas ela, mais preocupada com as roupas, que êle alcançava, gritou: — Não rasgue a minha «lingerie»!

Detrás da cortina, Gervásio sussurava aos ouvidos de Francis: — E você vai deixar que lhe roubem o seu amor? Procure tornar-se mais atraente. Volte ao espêlho e pinte os lábios, mas de leve... Tire também êsse excesso de pó...

Irritada, ela tentou arrebatar Edie:

— Olha aqui sua feiosa, você pode cantar, mas não encantar, ouviu?!

— Eu feiosa?... — fêz Mariquita. — Espera aí que eu já lhe mostro as minhas fotografias. Pode ser que eu agora esteja um pouco maltratada pela ingratidão da vida e dos homens, mas já fui bela, entendeu? Muita bela!

Parou um instante no meio de todos, como que penalizada por lhe haverem lembrado a marca do tempo, alizando o rosto com as mãos. Olhou Rose com ternura e certa inveja. — Ora, só porque eu tenho esta penugem... — balbuciou melancólica.

— Por que você não faz a barba! — perguntou Vitório, impiedosamente.

— É, você está bem acabada! — ajuntou Sírius, derramando meio copo de **gin.**

Mas Edie puxou-a pelo braço e fê-la sorrir: — Sua bobinha, sente aqui nesta poltrona e converse sòmente com o seu amor... O seu coração ficará mais leve...

E ela sentou-se calmamente sôbre a cocha de «Bolero». Êste amigo de Edie era qualquer coisa de espetáculo circense. Tudo o que é descomunal sempre merece essa classificação e «Bolero» não podia deixar de merecê-lo. Geralmente, aparecia acompanhado por uma criatura, também obesa, apelidada «Madame Pálace», porque costumava estacionar à

esquina do grande hotel; mas, naquela noite, viera sem o contrapêso...

Êle também ficara desgostoso com a discussão que acabava de assistir e querendo torná-la mais alegre, apanhou um «Buda» sôbre o piano e indagou: — Você não acha que somos parecidos?».

Entretanto, Vitório estava atento e não perdeu a ocasião: — Edição muito melhorada!

«Bolero» amassou o banquinho do piano, tentando tocar algo. Willy debruçado sôbre êle, ouvia amuado aquele martelar sôbre as teclas que já se haviam afeiçoado às suas carícias.

E como insistisse, Vitório acrescentou: — Já que gosta tanto de piano, por que não estuda?!

— Êle tem piano em sua casa — esclareceu Edie — mas tudo está entregue a tamanho abandôno que os objetos desaparecem sob uma espessa camada de pó...

Caiu um caderno de música, mas «Bolero» não pôde apanhá-lo. Se tentasse fazê-lo, abaixando-se, talvez não se erguesse mais...

— «B. P.» — Bateria pesada — explicou Edie.

Remi, brincalhão, sussurava aos ouvidos de Vânia: — Peça a Francis para dançar.

— Vá até ali. Um «can-can» para êle...

Francis, porém, não queria saber de brincadeiras e sòmente vigiava Edie acariciando Mariquita. Resmungava: — Não sei como pode amar essa

«perua». Tem três carteiras de identidade. Em 1927, ela possuía vinte e cinco anos. E agora? Vive sempre encrespando os cabelos, na ilusão de parecer jovem... No fundo, eu sei que êle não gosta dela; faz isso só para me irritar, causar ciúmes. Não lhe pode dar dentadas, então põe-se a beijá-la...

— Mulher abandonada!... — soprava-lhe Gervásio.

Todavia, Edie estava entretido com um «show» de Márius que, à viva fôrça, procurava dar-lhe uma idéia do que havia gostado numa ópera de câmara, de Pergolesi, intitulada «Il Fratello Innamorato». Fazia o Don Pietro.

— Desapareceu a garrafa de **gin**! — reclamou Fredy.

— Tome — disse-lhe Sírius — mas não vá bebê-lo puro. Misture...

Ajmir apareceu à porta, fumando um cachimbo e olhando o pessoal com descaso; estava decepcionado com a ausência de Nélio.

Naquela noite, êle queria narrar ao amigo uma história delicada — «A lenda da lágrima»... E queria dar-lhe uma orquídea rara para enfeitar a «Gruta».

Rose ainda sentia-se meio deslocada no ambiente, sem encontrar alguém que lhe fizesse par. Ali brincava-se muito com os sentimentos alheios. Achou que deveria ter-se feito acompanhar. Mas Ro-

berto jamais a acompanharia até àquele lugar. E Ângelo, infelizmente, estava muito longe...

Gino continuava atento às suas cogitações. E lia, em voz velada, «A Fidelidade», de Saadi:

«Permanecemos fiéis um ao outro. Só tu foste injusto. Eu não podia prever que te afastarias, e prendera o meu coração ao teu... Havia, porém, tantos outros corações! Volta. Serás amado como nunca o foste!».

«Rose:

Recebi no seu devido tempo suas cartas e suas revistas. Um milhão de graças por tudo! Já sabe com quanto prazer as leio e com que interêsse sigo atentamente suas atividades artísticas e... amorosas. Encanta-me saber que, agora, todos os apartamentos no Rio acabam de ser transformados em alucinantes «Boîtes». Quantas já existem além das que eu freqüentei durante o último Carnaval? Entre gatos, máscaras, sugestivos quadros e lindos pássaros, o amor deve parecer mais saboroso, as conversações mais espirituais e os momentos de meditação mais profundos e exaltados. Como sempre,

Oscar Wilde é o nosso supremo mestre: «**Curar a alma por meio dos sentidos; curar os sentidos por meio da alma...**». Tôda nossa vida oscila entre o amor e o desencanto. Quando nos sorriem, quando uns braços robustos encadeiam o nosso corpo volutuoso e o contacto de uma pele ardente inflama nosso sangue ao vermelho rubro, o anjo da melancolia dobra suas asas e adormece lânguidamente. A natureza nos descobre segredos insuspeitos. Cremos em Deus, na amizade, na beleza, na sabedoria, na música harmonioso das esferas celestes. Até que sobrevém a desilusão. Um encontro frustado, uma resposta glacial, um olhar indiferente e todos nossos palácios de sonho se desmoronam inexoràvelmente. Vagamos como sonâmbulos pela cidade hostil e nossos olhos são cegos para as flôres e para as estrêlas. O mundo torna-se sombrio à nossa passagem e sòmente nos apraz a companhia de outros desesperados para podermos abismar em sonhos e ilusões. Assim é a vida «pour les enfants de l'amour»!

Mas, visto que você atravessa neste momento maravilhosas regiões e todo seu mundo é um paraíso terrenal, não se detenha a pensar no que virá. Goze plenamente a felicidade e siga como Ângelo, Abel e Vitório, projetando novas decorações para suas «Boîtes du Diable, du

Songeur et du Arc-en-Ciel». Espero as fotografias que me anuncia para compartilhar seu magnífico entusiasmo. Ângelo e Oscar já me escreveram a respeito da «Boîte» que pretendem instalar em Nova York... Essa idéia, dentro em breve, estará fazendo furor até na Groenlândia, não acha?

Entre suas últimas cartas, chegou aquela em que relatava o incidente com seu amigo Santiago. Fêz bem em observá-lo com severidade. A condição suprema da amizade é o respeito e a delicadeza. Nunca devemos provocar situações difíceis,nem fazer com que nos recordem os princípios mais elementares da boa educação. Todavia, não lhe dê maior importância. São tolices da mocidade. Esqueça-as e perdôe-as. Contudo, são de infinita utilidade para conhecer o verdadeiro fundo de certas almas. Depois desta triste experiência, você saberá melhor como deve proceder no futuro.

Você me pergunta por aquele Adonis escultor que modelou minha cabeça. Sei que está na Inglaterra nestes momentos. Mas o sei indiretamente. À sua chegada a Paris, faz mais de oito meses, escreveu-me uma carta deliciosa. Minha resposta não teve resposta. Não me estranha. Deve andar enlouquecido pelos museus, pelos «ateliers», pelas inumeráveis «boîtes du

diable» que devem abrir-se à sua passagem. Algum dia baterá à minha porta e, dando-me um abraço estrepitoso não terei mais remédio que lhe perdoar tudo. É um «enfant terrible». Carinhoso, simpatiquíssimo, e cheio de graça. Quem pode mostrar-se severo com êle sem cometer uma atroz injustiça?

Não sei se já lhe disse, em minha carta anterior, que havia seguido atentamente a temporada teatral. O saldo foi muito favorável, mas indubitàvelmente não caí no delírio coletivo. Que mais vi depois, que valha a pena recordar? «A morte de um viajante», «Gringalet». Dois triunfos merecidíssimos de Narciso Ibañez e Angel Magaña, respectivamente. O demais foi medíocre. Nem Conchita Piquer no Teatro Avenida, nem Carmen Amaya no Teatro Buenos Aires, nem Romería em sua segunda revista gitana no Teatro Argentino, elevaram-se de categoria. Claro está que, depois do triunfo indiscutível e magnífico de Pilar López, é difícil sair airoso... Agora, todo o interêsse se concentra em Katherine Dunham e o Ballet da Ópera de Paris.

E agora, minha nobre a cara Rose, sòmente me resta concluir esta carta, expressando-lhe meus augúrios para o Ano Novo que iniciaremos dentro de pouco. Que seja você infinita-

mente feliz, que o **AMOR** ou o **amor** não se lhe mostre esquivo. E que no meio de seus êxtases ou de seus arrebatamentos, recorde-me com a mesma gentileza com que eu a recordo constantemente. Êstes são os meus votos. Com êles, um abraço muito forte e mil votos de felicidades para os «sonhadores», de seu invariável

Julián».

Rose havia regressado da loja. O trabalho naquela tarde fôra muito intenso. Ah! como eram imaginativos e excêntricos os figurinistas. E quão exigente e volúvel se mostrava a moda em cada nova temporada. A moda ordenava e ela devia obedecer. Estava muito cansada. Temia que o esgotamento viesse a produzir-lhe um novo desequilíbrio. Não teve vontade de jantar e despachou logo a empregada que, há um mês, Ivone lhe havia arranjado. Fechou com a chave a porta do quarto, escondeu o despertador dentro de uma gaveta e enfiou-se sob os lençóis...

Às duas horas foi despertada com fortes pancadas. Acordara com a impressão de que Roberto estivesse beijando-a. Àquela hora, quem seria? Lembrou-se então que era quinta-feira, dia do seu en-

contro com Santiago. Ela havia se esquecido por completo, mas nada lhe havia prometido pelo telefone... Já não sentia mais interêsse em manter tais amizades.

Às batidas aumentavam. Ergueu-se com dificuldade e acendeu apenas uma luz fraca. Quis abrir a porta apenas o suficiente para observar; entretanto, Santiago empurrou-a com violência, franzindo o cenho e interpelando: — Afinal você está brincando comigo?

— Desculpa — disse ela — não me lembrei do nosso encontro.

— Sim, porque devia ter outro amiguinho à sua espera, aqui... Então não vejo pelo seu aspecto que agora está descansando... Já sei que você está firme com outro. Êsse tal de Robertinho!

— Pensa o que quiser! A verdade é que hoje estou exausta e indisposta.

— Não se incomode que eu lhe darei disposição — revidou Santiago, agarrando-a. Rose, porém, safou-se e voltando à cama, suplicou-lhe: — Por favor, Santiago, não faça mais barulho! — pois êle demonstrava intenções de pernoitar ali.

Na manhã seguinte, Santiago levantou-se primeiro, muito cedo, e foi banhar-se. Voltou alegre, assoviando, e já vestido, atendeu à criada que trazia uns pães quentinhos, cujo cheiro agradável espa-

lhava-se por tôda a peça. Eunice, bisbilhoteira, comentou: — Tão cedo e já por aqui?

Êle fêz cara feia e também observou-lhe: — E você, sua sirigaita, sempre atrazada! Olha que gafieira é só aos sábados... E virando-se para Rose, inquiriu-lhe: — Por que ontem não abriu logo a porta ao seu «melhor» amigo?

— O que é êsse ruído no apartamento vizinho? Rádio ligado desde cedo? — indagou Santiago.

— É o encarregado da limpeza — explicou Eunice. — Assim que chega vai ligando o aparêlho. Acha que com música o trabalho rende mais...

— Isso que êle está ouvindo não é música! É o jornal falado...

— Tanto faz! O que êle quer é trabalhar e se distrair ao mesmo tempo.

— Essa é muito boa!

— De qualquer modo, as notícias causam mais apreensão do que...

Rose não pôde terminar porque Santiago deu-lhe um beijo repentino, brutal e repulsivo. Ela procurou dominar-se, mas temia que ainda viesse a perder o juízo, caso Santiago continuasse a maltratá-la assim.

Novamente a sós, puseram-se a discutir, o que obrigou Eunice a uma retirada imediata. Santiago queria marcar encontro para o próximo sábado. En-

tretanto, Rose não se mostrava muito animada e tudo fazia para evitar sua companhia:

— Não posso, vou visitar Ivone — disse ela.

— Ora bolas! Ivone... Se você continua a procurar aquela «entendida» ainda lhe dou uma surra. E bem dada, olhe lá!

Rose riu da ameaça, da sua valentia, mas Santiago não gostando do seu pouco caso e brincadeira, tentou magoá-la com suas mãos fortes e ágeis. Agarrou-a pelos braços, fê-la abandonar o leito e foi empurrando-a para dentro de um guarda-roupa, cuja porta fechou à chave... — Assim é que eu devia fazer sempre. Encerrá-la num cofre e só retirá-la quando viesse «**sonhar**» com você! E por falar em cofre, no «nosso cofre» — acrescentou, maligno.

— Ciumento! — gritou Rose, dando com os pés e as mãos na porta do armário. Mas Santiago foi-se embora e assim a deixou, sem dinheiro, indiferente à sua sorte.

— Bandido! Miserável!! — ainda berrava-lhe Rose, forçando a madeira e soluçando, numa terrível crise de nervos.

Eunice, que andava por perto, felizmente correu em seu auxílio:

— O que é isso, «minha filha»! Santo Deus! Que peste de home marvado!! Se a senhora quiser, eu vou chamar o meu nêgo. O «Príncipe» dará uma rasteira nele e o mandará pró bezeleu...

No corredor, a «Madição» soltava imprecações: «Gente hipócrita, imunda, devia morar na Favela!».

Eunice teve ímpetos de agarrá-la e esbofeteá-la, mas, preocupada com Rose, soube conter-se. Todavia, lançou um desabafo:

— Tanta gente boa morrendo atropelada e essa coisa ruim e miserável afligindo-nos e amaldiçoando... Algum dia eu ainda arrebento a cara dessa sem-vergonha!

Rose já havia parado de chorar e revistava suas gavetas, à procura de um pequeno cartão. Naquele fim de mês, como poderia pagar as suas contas? Ah! se pudesse encontrar o enderêço de um velho amigo de seu pai, estaria, pelo menos, tranqüila. Achou-o, por fim, dentro de uma carteira de estudante, que lhe trouxe recordações de um tempo feliz.

Na manhã seguinte, visitaria o sr. Levy, que muito a estimava, desde os tempos em que, como caixeiro-viajante, fizera boa amizade com seus pais, então proprietários de uma pequena loja, no Sul.

«Meus caros sonhadores!

Gostei muito da carta que vocês me mandaram, e aderi francamente. Todos os que qui-

serem sair do etc. precisam escrever. O meu tempo está começando a escassear, por isso não poderei escrever especialmente a cada um. Será que o Márius desculpa-me incluir aqui a resposta à sua agradável cartinha? Pretendo mandar uma vez por semana a CARTA COLETIVA para a «BOÎTE DO SONHADOR». Os que puderem escrever serão benvindos e terão um beijo telepático de recompensa.

Quanto ao Castro e Nélio, peço que me desculpem ter perdido o seu novo enderêço e gostaria de incluí-los aqui, Para que êles não fiquem zangados (pois prometi escrever-lhes) mandarei um cartão à «Boîte», especial para êles. Que notícias me dão de Vivien? Foi raptada? Estrangulada? E Juno? Continua de «sarong» naquela ilha da Guanabara, em companhia de Airton e seus capangas? E Pavo, porque ùltimamente está calado? Por acaso anda sofrendo do coração?

Francis precisa saber que só me despedi de quem me deu enderêço. Creio que, por isso, ela é que devia ter-me procurado. Em todo caso, não há razão para brigas: Dá cá um abraço! (Beijos não, pois estou economizando para o meu amor... Afinal encontrei uma garota aqui que é um amor! Querem saber o nome dela, não é? Chama-se Sandra, aliás, Sandra Vilma!).

E você, Rose, minha querida, sua letra estava tremida porque escreveu amando? Como vai o seu adorável Roberto? Posso chamá-lo de Bob?...

Como vão Irineu e Fábio com seus trabalhos de jardinagem? Vou mandar-lhes um volume indispensável: «Técnica Agronômica». Aproveitem as lições. Sejam mais perseverantes que as abelhas. «Quem planta — colhe».

Osiris, distribui abraços meus no Caleidoscópio.

Dario, não esqueci, não, mas é preciso esperar até eu ter maior contacto com a cidade.

Ivone e Abel, o meu melhor abraço e parabéns pela nova aquisição da «Boîte». Refiro-me a Norman!

Na América, marcho às mil maravilhas. Gosto daqui, e tenho muito trabalho. Por isso não me sobra quase tempo para «agitação». Apesar de tudo, no Clube de Jovens que freqüento, a gente de vez em quando é «agarrado» por uma desconhecida, que logo se torna «conhecida» (conhecer, aqüi tem o significado da Bíblia... Adão «conheceu» Eva, etc.). Durante os primeiros tempos aceitarei a agitação coletiva, mas logo que tenha o meu apartamento, pretendo casar, ou melhor constituir família. Isto ainda é o que eu mais desejo, mas depende

de muitas coisas; não só de mim, como também dela, Miss Vilma, e de minhas condições aqui.

Dos bares «gays» só conheço, por enquanto, o «Blue Parrot», mas é o bastante, pois, às sextas-feiras, tem no mínimo 100 pessoas, tôdas «entendidas». Sei de muita gente que acha maravilhoso, mas eu creio que falta vida. Quanto às diferenças existentes entre as maneiras de amar, só mesmo pessoalmente poderia fornecer os detalhes...

Num outro clube de rapazes, onde estou, agora, não há quase nada, nem de esporte nem de agitação, e pior só mesmo aquele do qual fui sócio, aí, no Rio; onde impera o movimento subterrâneo e criaturas mascaradas ditam leis que elas próprias ignoram quando podem tirar proveito de certas ovelhas desgarradas... Entretanto, na próxima semana, mudar-me-ei para um novo ambiente, melhor em todos os aspectos. Tem duas piscinas (onde não se usa calção) e vários andares para educação física. Os quartos são maiores que os do outro clube, e o preço é de dez a doze dólares semanais.

Passarei êste fim de semana em Providence, Capital de Rhode Island, na casa de uma família «quaker». É uma excursão e apesar de serem os quakers extremamente puritanos, creio que gostarei muito. Aliás, de agora em diante, terei

muitas excursões dêsse tipo. Basta pagar a viagem, pois todo o resto corre por conta das famílias que nos hospedam. Assim poderei conhecer os States.

Agora são oito horas e preciso jantar. Um grande abraço do

Ângelo».

Rose, minha querida:

Suas lindas e amorosas cartas continuam a deslumbrar-me — cada dia, há uma outra doce carta, na qual minha pequena Rose, no Rio, derrama sua torrente de emoção, despedaçando o coração por minha causa e obriga o meu próprio coração a compartilhar de suas eloqüentes súplicas! Por que deve você fazer isto a mim, minha pequena, meu «xuxú»?

Você sabe, ou não sabe, que eventualmente você será ferida? Você é semelhante à mariposa adejando em tôrno da flama — ela conhece o perigo e o calor da luz a consumirá — mas, mesmo assim, afasta-se? E, mesmo que você esteja machucada, cara Rose, não vê que eu não posso ajudá-la sem também ser ferido? Eu não sou suficientemente insensível para repelir al-

guém que me ama, sem sentir no meu próprio coração o duplo gume do remorso e da dor que eu causei nessa pessoa. Por que você não pode encerrar-me em seu coração como um amigo profundamente devotado — que a ama como um amigo — e não me enterrar em sua alma como um amante que não pode amá-la dêste modo? Você não vê que isso conduz ao desastre?

Minha cara «couve-flor», você está transformando meu corpo forte e meu rosto em um monstro gigante e musculoso de uma alma que a consumirá! **Eu** não estou fazendo isto a você — é, ao invés disso, a imagem dêsse Ídolo de Ouro que você está fazendo de mim, que fará isto a você! Não vê, minha doce, terna e eloqüente poetisa, que você está me emprestando um caráter e um valor que eu não mereço? Nenhum simples ser humano de carne e músculo, nervo e osso, pode ser tal Homem de Ouro tal como sua faminta, sonhadora imaginação e coração procura fazer de mim. Eu não sei como encará-lo — e ainda que todos os dias em minha vida eu veja aqueles que me fazem isto. É um problema sèriamente perplexo, Rose, minha querida. Por favor, experimente imaginar por um instante que você é êste pobre mortal chamado Star. Esforce-se em pensar como deve custar a alguém imaginar que tudo — onde es-

tiverem aqueles que buscam fazer dêle (você) uma deusa, uma mulher perfeita, sem pecado, falta, ou paixão — uma Pequena de Ouro, de mito e legenda. Procure sentir quão humilde, e quão assustada e espantada você se sentiria. Veja como você se voltaria àqueles que buscam esta sua divindade — ao poeta no Rio, ao artista na Califórnia, ao garoto em qualquer parte do mundo, que fazem de você o seu ídolo. O que se pode fazer, minha cara Rose? Fôsse você o montão de músculos bronzeados e cabelos negros que é Rock Star — que faria? Como procederia com o poeta, ao qual você ama como a um amigo e um irmão; ao artista que fixa sua carne na tela tanto como êle desejaria juntar sua mais íntima carne com a própria; aos meninos de todo globo, de tôdas as idades que procuram torná-la algo mais que uma Mãe e algo maior que uma Mestra, e experimente julgar-se uma Ama, como procederia você com êles, Rose? Ao artista, você entregaria o seu corpo — ao poeta, a sua alma — às crianças, o seu saber e experiência, e que restaria? Humildemente, eu peço-lhe estas coisas, Rose — porque sòmente se você se puser em meu lugar poderá compreender o que eu mesmo não compreendo, e necessito de sua ajuda para isso. Meu corpo não é nada — um montão de carne forte

e morna através do qual corre sangue tanto como no seu. — Eu lhe dou livremente, tão logo que eu haja chegado à sua longínqua terra. Mas isto não é o bastante. Você mesmo me disse que busca mais — você procura possuir-me, meu espírito e meu íntimo. Mais uma vez, Rose, minha amiga, não está em mim cedê-los.

E como isto termina? Com uma triste, desconsolada Rose, que já se sente profundamente magoada para quem tôda faceta da vida é aguçada e cortante como um punhal, ou brilhante e claro como um diamante, e que não sabe como experimentar qualquer espécie de sentimento numa forma simples e casual. Os sentimentos, emoções e sentidos que você tem, meu «xuxú» — são profundos, polidos até à supersensibilidade, de maneira que êles envolvem alguém como o óleo negro jorrando ao ar livre, escapando da terra — ou então, de novo, infiltrando-se dentro da terra, lento e inexoràvelmente. Ou semelhante à maré enchente e vazante do mar — não uma pequena maré, mas uma estrondosa onda sôbre a areia da vida — e a lenta penetração nas verdes profundidades, outra vez, deixando sòmente uma pequena escuma de desapontamento na praia. Você sente demasiado profundo, demasiado passional, demasiado agudo, demasiado difícil, Rose. Você

deve temperar a aspereza de suas duras emoções; do contrário, não temperadas e frágeis, elas quebram-se e rompem-se como a lâmina relampejante posta para a prova mas ainda não pronta!

Eu a melindro escrevendo-lhe assim, minha cara amiga? Ainda que eu estendesse o meu coração ao seu, e minha mão, como um devotado amigo — mesmo que eu procurasse ajudá-la — ainda assim eu lhe pareceria duro e áspero! O verdadeiro amigo é aquele que ama não sòmente nossas fôrças, mas nossas fraquezas, que entende e compartilha não sòmente nossos triunfos, mas nossas derrotas. Aquele que pode pôr sua mão dentro de nosso coração atormentado, e nos deixa com a clara promessa de um entendimento e compaixão. Isto eu seria para você — isto eu peço a Deus, eu **sou** para você. Acredita nisto? É a verdade. É o bastante, minha cara? Pode ser sempre o suficiente? Ou buscaria você possuir meu espírito e minha alma? Êles não são meus — êles não me pertencem, Rose. — Eu exclamo e grito a você, Rose — Eu não posso dá-los a outra; êles já estão cedidos, e estão profundamente encerrados, invioláveis e inseparáveis, noutro lugar. Eu não posso dizer-lhe mais — exceto que, ainda que eu tivesse de dizer-lhe isto, o meu coração sangra

com um duplo punhal ao confessar-lhe, por que sei que, então, o seu Ídolo de Ouro tombaria.

Seria o meu corpo suficiente, Rose? Meu corpo — e minha profunda, devotada, leal, compadecida amizade? Uma noite, após haver descido da escadinha do meu navio branco, o qual me levará à sua bela cidade e às centenas de meus amigos aí — nessa noite, você e eu fugiremos de meu empresário e dos clamorosos amigos. Nós iremos ao cimo dos queridos morros, sòzinhos e juntos nalguma sombra, olharemos, abaixo, a jóia maravilhosa, a água inquieta e a vibração cintilante de centenas de corações humanos que é o Rio, sua mão e seu coração nos meus. Nos deitaremos juntos; minhas pernas e meus braços fortes, viris e quentes enlaçando os seus, meu corpo moreno envolvendo a sua brancura, as colinas, vales e terra firme de meus músculos poderosos contra todo o seu ser. Você tomará minha ampla carne repleta de músculos de atleta, meu grande volume de fogo pulsando dentro do templo de seu corpo, consumindo-se na grande fôrça, fogueira e vibração da minha carne dentro da sua — consumindo, gastando e abismando-se em um grande arrebatamento de entendimento, compaixão e terror. Isto eu prometo a você, minha caríssima e doce Rose. Então eu serei seu, e

você reterá minha semente, minha substância e meu vigor consigo para sempre.

Além disto, eu não posso ir, minha querida. Eu não posso ir.

Sempre seu amado

Star».

Houve um pequeno motim à porta da «Boîte do Sonhador» quando alguns elementos novos e quase estranhos queriam ingressar nela à fôrça. Dentre êles estava Bruno, o qual encontrou forte resistência por parte de Osiris. Êste já lhe havia preparado um ambiente hostil e, à insistência de Bruno, revidou com ironia: — Aonde é que já se viu os sonhos caberem numa criatura tão insignificante como esta?! Que atrevimento!!... Sírius também desaprovava aquela pretensão e lançava-lhe o seu olhar adverso, de desprêzo.

Gino, como sempre, dando ruidosas gargalhadas, enquanto Abel narrava a um pequeno grupo, a história singular de um livro que verdadeiramente não existia.

— Mas como pode ser? — indagou Fredy, que o casamento havia tornado mais agitado ainda e que, de tão alegre, já sapateava até nas calçadas, escandalizando alguns transeuntes. — Então êle pediu

para você lhe desenhar a capa do livro e ainda nem o havia escrito?

— Pois vocês não sabem do melhor! — anunciou Abel. — Algum tempo depois, êle voltou, para me solicitar que também escrevesse o livro!!

— Cruzes! — fêz Gervário, que, curioso, havia estacionado um pouco ao lado de Vitório, milagrosamente manso como um cordeiro.

— Na verdade — ponderou Abel — êle tem idéias... mas eu acho que não sabe coordená-las.

— Idéias malucas, todos nós temos — aparteou Fredy.

— Sòmente sei — prosseguiu Abel — que me fêz gastar duas noites com a capa do livro, a qual saiu tão boa que êle até sugeriu... que talvez fôsse negócio vendê-la em separado, como ilustração!

— Sôbre o que vocês estão «mexericando»? — perguntou Francis. — Posso saberrrr?... Costumo respeitar a vida alheia, mas, quem sabe? Talvez vocês estejam me metendo o malho... E minha reputação até hoje se manteve impecável!

— O lírio do vale! — falou Willy, afinal.

— Aqui falamos do «Jardim do Rei» — explicou Abel.

— Que Rei? — quis saber ela.

— Um rei qualquer...

— Ah! então eu quero ser...

— A Princesa! Não é? — perguntou Márius.

— Não, atrevido! Só poderia ser Rainha! Ouviu, Rainha! — soletrou Francis, com a bôca arreganhada e o ombro direito erguido, quase tocando o queixo.

Isoladas, no «Bar dos Poetas», estavam Ivone e Rose. Aquela indagou: — Como é? Eunice está dando conta do recado?

— Sim, vai muito bem. Essa nega foi um achado!

— E como vai de amores?

— Oh! ao menos por enquanto — respondeu Rose. — Roberto me acompanha com a mesma assiduidade, com o mesmo carinho, com idêntica pureza.

Gracie, indiscreta, havia se aproximado e parecia querer intrometer-se na conversa, sussurrando alguma coisa no ouvido de Ivone. Por isso Rose adiantou:

— Os demais, são «petites rencontres» que nem sequer deixam lembrança. E, no entanto, como ajudam a viver!

— E você, Ivone, que me diz?

— A minha vida, «mulata», segue sem maiores alternativas. Trabalho muito. E de quando em quando, aventuras, encontros, novas amizades, os suficientes para não me sentir ainda velha. Cruzam pelo meu caminho seres adoráveis; em sua companhia passo momentos deliciosos. São o **AMOR**? Não! Êsse ser de exceção, que nos dê o céu e tôda a

terra, que nos compreenda e nos inflame, que nos anime e nos encha de carinhos, não aparece. Por isso, às vêzes, procuro, como vocês, distrair-me com a leitura de revistas e leio-as com avidez. Sempre se encontra entre suas páginas exemplares humanos que aceleram o ritmo da circulação. Ah! se os tivesse ao meu lado!

— Por que Roberto não veio hoje? — perguntou Gracie, já abraçada com Norman.

— Você bem sabe que êle não se dá bem com êste ambiente, sua tolinha! — respondeu Rose. E para mudar de assunto, indagou: — O que o Abel está fazendo lá no quadro?

— Está afixando os postais de Mme. Ninon — esclareceu Ivone.

Abel concluiu o trabalho e se retirou.

— Que excêntrica exposição! — disse Gracie. — Vamos observá-la de perto...

Num quadro negro, amplo, estavam distribuídos os lindos postais, provocando comentários sôbre o roteiro de uma viagem maravilhosa.

— Turismo e Amor... — observou Osiris, que já havia trancado a porta com sete chaves e cadeado!

— «Dernière jeunesse»! — exclamou Sírius, que, na vitrola, colocava «Amours banales». Adorava a voz de Susy Solidor.

Cairo: Já vi as pirâmides! Ainda iremos a vá-

rios lugares e cidades. O povo aqui é muito gentil e intiligente.

Jerusalém: Estou conhecendo os santos lugares da Palestina, onde ficaremos quatro dias e voltaremos a Beyrouth.

Damasco: Estou de volta de Palmira, na Síria, e seguirei para Beyrouth.

Atenas: Estou no Hotel Gran-Bretanha. Fizemos boa viagem de quatro horas e meia e o frio está bem mais forte, mas estamos com ótima disposição.

Nápoles: Como vai o Dario? Lembrei-me logo dêle, vendo Nápoles e os arredores, Amafi, Palermo. Amanhã, irei à Ilha de Capri, depois, Roma e Florença. Estamos bem de saúde e viajando depressa por causa das saudades...

Roma: Tenho muito pouco tempo para escrever; do contrário, contaria muitos capítulos interessantes. Estamos gostando muito da Itália e já conheço bem Roma e estou deslumbrada. Amanhã, sigo para o Norte, rumo Assis, Perúgia e Florença.

— Por que uma hora ela diz «estou» e noutra, «estamos» — indagou Gracie.

— Ora, quem sabe se o Conde, às vêzes, não dava suas escapadinhas... e ela ficava sòzinha! — deduziu Sírius.

— Venenoso! — exclamou-lhe Norman.

Dario chegou naquele momento, entoando uma

marchinha: «Sonhadores. Oh! Sonhadores...». — Aqui trago-lhes uma cartinha de Mme. Nion, vou cantá-la para vocês...

«Sonhadores:

Renovo os meus votos de felicidade para o Ano de 1951!

Estou em Stambul desde o dia 29 de dezembro e, como vocês vêem, passei o Ano Novo aqui nesta linda cidade. Fui a Bergamo, Ismir e às Ilhas do Príncipe e passeei pelo Bósforo que é encantador com os seus milhares de peixes e pássaros...

— Está p'ra você! Ivone... — disse Gracie.

— Não interrompa! — pediu Dario.

«...Hoje fiz a viagem ao Saray, Palácio do Sultão, hoje, museu. De todo o Oriente, a Turquia é o país mais modernizado, tem trinta mulheres deputados, e, se não fôsse a paisagem oriental das Mosqués, eu pensaria estar no Ocidente. Stambul é mesmo muito grande e linda, mas Ankara é a capital por estrategia.

Dentro de dois dias, à tarde, sigo de avião para Roma, passando um dia em Atenas.

Reencontrarei lá «Mon Appolon»?

— Chi!, assim você vai estragar a sua «bella voce» — disse Abel, que acabava de vir lá de dentro do apartamento, atraído pelo alvorôço.

Apenas Willy estava afastado, conversando ani-

madamente com um maestro chileno, bonachão e palrador, que lhe contava:

— Tenho dado vários concertos, com mais êxito do que nos anos antes da guerra. Um dêles, com uma declamadora, sôbre poetas anteriores à conquista espanhola, muito interesantes. Curiosos índios êsses, que sabiam mais que os espanhóis de poesia e filosofia. E pensar que tudo foi destruído em nome da religião!

— Realmente! — anuiu Willy.—Maestro, aonde estará Sérgio Roberts? Há muito tempo que não nos visita. Deixou muitos amigos e muita saudade, principalmente aqui, no Rio.

— Suponho que estará bailando, escrevendo, retratando, recitando... e amando com tôdas suas fôrças. Qualquer dia dêstes o veremos aparecer e desaparecer. Êle cultiva o mistério e tôdas as formas possíveis de chamar a atenção. Felizmente tem mesmo talento para isso tudo!

Willy sorriu. O maestro, um tanto encabulado, indagou: — Afinal, disse alguma coisa de sobrenatural?

— Absolutamente! É que, entre nós, são justamente os medíocres que se fazem de difíceis e rogados. Aqui, basta um jovem ser nomeado galã, astro, ou revelação artística, para desconhecer os próprios amigos...

No «Bar dos Poetas», Ivone, que possuía um

prodigioso meio de expressão, recitava um trecho da «Canção do Outono na Primavera» de Ruben Dario:

"Juventu, divino tesoro,
Yá te vas para no volver!
Cuando quiero llorar, no lloro...
Y a veces lloro sin querer..."

A sua beleza simples e cativante, o estilo com que dizia cada frase, produzia um sublime encantamento nos «sonhadores», especialmente em Rose, que, então, revelava um jeito de ficar silenciosa, enigmática...

Sírius estava contente por ter decorado a sua canção preferida e cantarolava para Osiris:

"Amours banales,
Amour d'un jour,
Amour d'escale
Brèves amours...

Amours banales
Amour d'un soir (Et sans espoir!)

Ao mesmo tempo, Gino, gargalhando, reagia, com uma frase de Turguenev: «Que importa? Sejamos livres. Um dia nosso, só nosso; é a eternidade!».

«Meus caros «sonhadores»!

Já estou morando no novo clube. É muito melhor que o anterior. Tenho feito ginástica diàriamente, às 8,30 da noite. Depois, vou à piscina, onde tomamos banho, mas até às 9,30.

No próximo sábado irei a Washington. Ficarei hospedado em casa de um amigo. Na volta, passarei uma hora em Baltimore.

Rose, ainda não comecei a procurar gente em outras cidades. Por isso ainda não escrevi ao Star. «Take in easy, my dear».

Dario, convém que não tenhas ilusões quanto aos EE. UU. É ótimo passar um tempo aqui, mas é mau vir para ficar. Fazer amigos de um dia é facílimo, mas não se encontra alguém em quem se possa confiar.

Fredy, já fui a alguns bares «gays» e embora tenham muita gente, achei-os protocolares. O nosso J. C. é um só.

Osiris, ainda não fui ao banho turco. Gostarei de receber as fotografias. De preferência nus. . .

Márius, estive relendo as cartas antigas e encontrei um cartão que me mandou no dia de Natal. Dei boas gargalhadas com suas idéias. Quando puder, escreva.

Willy, eu não me tinha esquecido de você, e

sim da ortografia de seu sobrenome. Mais uma vez eu digo que o **etc.** inclui todos os amigos que não escreveram nada até agora. Abraços a todos êles.

Espero que o Juno não esteja zangado com o meu «copyright». Êle também está incluído aqui, sob condição. Soube que êle e Pavo agora estão organizando uma companhia de variedades... Mas êste não havia abandonado o Rio? Como vão as turmas da Cinelândia e do «Vermelhinho»? Aqui os «lugares» têm nome de pássaros, como o «Blue Parrot», o «Golden Pheasant», o «White Swan», etc.

Gino, esta carta poderá ser lida também no «Caleidoscópio».

Francis, estou remetendo-lhe um tratado sôbre coqueterie. Pode ser que, com algumas boas orientações, você consiga agarrar o seu adorado Edie...

Mariquita, por favor, não exagere. Contente-se em cantar, berrar... Mas não queira dançar nua porque, nesse caso, você daria uma prova patente de quando o nu artístico se torna imoral...

Ivone, gostei muito do seu retrato feito pelo Abel. Um grande abraço para ambos, e até logo, sonhadores!

Ângelo».

«Sírius:

Ontem recebi o pacote com os «Cruzeiros» do Carnaval. Na verdade, chegaram bastante atrazados; mas que maravilha! E que estupendos fotógrafos! Graças a êles, quase posso dizer que estive novamente no Rio de Janeiro. Por êsses documentos gráficos, comprovo que a realidade deve ter outra vez superado as minhas impressões; que bem me parece que ainda haja um povo no mundo que trate de escapar por uns dias sequer ao «dur métier de vivre»! O que observei com grande assombro, é que não aparecem «outros» aspectos do Carnaval. Nos anos anteriores, sempre havia abundância de «casos». Neste ano não. E contudo, um amigo me disse que havia visto mais do que nunca... Será discreção do cronista?

Também felicito-o pelo seu espírito animado. É indubitàvelmente uma audácia fazer a permanente do cabelo na América do Sul. Mas você teve e me parece bem. São tantas as limitações que nos impõem a vida! Quanto às fantasias já que é costume no Brasil, estranha-me que haja tardado tanto em decidir-se... Suponho que agora, tendo plena consciência da sensação que é capaz de causar, repetirá a façanha. Para 1952 prepare um «travesti» de Cleó-

patra ou de Judith... Já sabe que as grandes heroínas da história continuam despertando interêsse através dos séculos. E como você pode encarná-las exibindo um corpo perfeito e cheio de seduções, não perca a oportunidade de exibi-lo.

Espero as fotografias que me promete com verdadeira ansiedade. Como eu agora não posso ir ao Rio de Janeiro, são minha fonte de informação oficial. Você me tem mal acostumado.

E que tal o Carnaval em Buenos Aires, me pergunta você... Posso assegurar-lhe que aqui nem se nota. Umas quantas fantasias infantis nas vitrinas. E nada mais. Quanto ao outro aspecto do Carnaval carioca, que comentava com tanta penetração o recorte de seu jornal, não me surpreendeu, porque um amigo já mo havia descrito. Que sorte têm vocês! Essa loucura coletiva, essa válvula de escape e os desejos mais íntimos, deve servir para tranqüilizar os corpos e os espíritos durante o ano. Neste aspecto, nós continuamos na Idade Média. Nada me estranharia que, aqui, venham a instalar qualquer dia um cadafalso na Praça de Maio, para cortar a cabeça dos intersexuais. É um afan de puritanismo, arrepiante. Se fôr assim, se chegar o dia do suplício, suponho que, pelo menos, consentirão em que as vítimas se vistam

como queiram para fazer seu último passeio. Quantas Marias Antonietas se veriam! Quantas Cleópatras! Quantas Rainhas de Sabá! Quantas Lucrécias Bórgias! Quantas Helenas de Tróia!...

Quanto aos programas de interêsse no teatro, êste mês, devo confessar-lhe que o único espetáculo de indubitável interêsse é o dêste artista, bailarino, cuja crítica junto aqui. Não podia ser de outra maneira, êle é dos «neo-sensibles»... e tem tôda a imaginação que aos outros lhes falta.

Recebi uma carta muito expressiva de Oscar. Disse-me que está decepcionado com Nova York, e que pensa voltar ao seu apartamento em Laranjeiras, mas que não será difícil que venha por uns dias a Buenos Aires. Está ansioso por conhecer-me melhor. Oxalá possa realizar seus desejos! Eu também tenho vontade de estreitar suas mãos, de ouvir sua voz, de vê-lo dançar, de saber o que se passa em sua pobre cabeça atormentada. Pobre rapaz! Há tantos seres como êle que não podem ir pela vida sem criarem dificuldades perpètuamente!

Julián».

O mau tempo quase impedira uma nova reunião na «Boîte do Sonhador». Por outro lado, a própria

Ivone, ao atender ao telefone, fazia-se passar por outra criatura, querendo provocar mistério a seu respeito. Contudo, naquela quinta-feira, ainda compareceram alguns elementos, e até surgiu uma nova criatura, bastante jovem, de olhos claros, esverdeados, um narizinho «a la Swanson», mas um tanto acanhada...

— Quem é aquela nova descoberta? — indagou Gino.

— É Cristina! — exclamou Osiris. — A revelação dêste ano, quem sabe?...

— Talvez fôsse bom que ela nos preparasse um chocolate, não é? — sugeriu Fredy. — Ivone está ocupada com Rose.

— Eu acho melhor pedir à Gracie! — opinou Gino.

— Isso mesmo! — fêz Osiris. — Mande ela tirar aquelas jóias tôdas... Vai ajudá-la, Mr. Fredy! Chega de ficar adorando êsse retrato de Greta Garbo.

Dali a alguns instantes, êle voltou da cozinha, e anunciou: — A água já está fervendo!

— Mas por que você está rindo tanto? — quis saber Márius. — Parecem crianças. Só lhes falta darem as mãos e cantarem de ciranda — cirandinha.

— Acabei de ouvir uma história! Essa Gracie é indiscreta...

— O que foi? Conte-nos!

— Ela me disse que, no domingo passado, foi

com Juno, Rody e Vivien dar um passeio de iate, pela Guanabara. Pararam numa ilha, que julgaram deserta... Ficaram banhando-se num pequena praia, com exceção de Vivien que teimou em ir mais adiante a fim de sondar outras paragens. E dali a meia hora, quando já andávamos bastante preocupados com sua prolongada ausência, ela reapareceu muito satisfeita, mas um tanto agitada... «Encontrei algumas pitangas. Estive deliciando-me com elas».

— E daí? O que tem isso? — perguntou Márius.

— Ora, seu ingênuo, então você não percebe que as pitangas eram outras?!...

Houve uma gargalhada geral, o que despertou a curiosidade de Ivone que, do seu canto, lançou um olhar de desconfiança ao grupo: — Sempre bisbilhotando!...

— Será que estão falando de nós? — indagou Rose.

— Eu acho que não... Deve ser de Mme. Ninon; ou de algumas aventuras eróticas...

— Ah! ela sempre é motivo de comentários — disse Rose, correspondendo aos olhares de Abel que expressavam: «Isto aqui está divertido!...» e lhe mandava um beijo na ponta dos dedos.

De fato, naquele momento, Mme. Ninon estava na berlinda. Os «sonhadores» aproveitavam-se da sua ausência, tão longínqua, para lembrar algumas passagens pitorescas.

— Lembra-se daquele apelido que lhe deram?

— Qual?

— «Mme. Monstro»!

— Quem foi?

— Um rapaz uruguaio, muito simpático, que esteve aqui na «Boîte» apenas uma noite. Creio que estava de passagem pelo Rio... — manifestou Vitório, a «caixa de informações» dos «sonhadores».

— Espera aí! — disse Fredy. — Chamemos o Abel. Êle nos poderá esclarecer melhor do que ninguém.

— Foi o jovem boxeur... O Apolo de Mme. Ninon! — revelou Abel, sorrindo.

Gracie regressou à sala e com a ajuda de Cristina, pôde servir algo àqueles adoráveis intrigantes, neuróticos como todos os artistas.

Ivone e Rose continuavam afastadas. Esta lia, com prazer, uma carta que acabara de receber de Mme. Ninon; enquanto Rose ajeitava-se ao lado dela, no sofá, cruzando os braços, escondendo as equimoses que Santiago havia deixado na sua pele branca e delicada.

«Rose, que saudade tenho de você!

Sinto a felicidade alheia com mais prazer ainda que se fôsse minha. Ontem, experimentei uma dessas emoções. Um «ménage» amigo, fêz construir uma casinha para «weekend». Ontem, convidaram-me a passar o dia com êles. É um

ninho de amor cheio de flôres, de porcelanas, de formosos cristais. E como trabalham para que tudo brilhe de limpo e ordenado! Até eu me pus a regar o jardim, para contribuir com meu esfôrço ao bem estar da casa, que fica a muitos quilômetros de distância de Paris. É um verdadeiro refúgio que está construído no campo. Mas os pássaros aqui enchem de amorosas palpitações meu coração; não é o sintoma de nossa querida Ivone... Sou tão feliz aqui, que tenho medo. Quanto durará nosso paraíso? Não sei!... O espêlho me diz tôdas as manhãs que o outono também está passando. Ponho tôda minha inteligência e tôda minha espiritualidade em jôgo para compensar a tragédia dos anos, inimigos implacáveis do amor. Quanto tempo poderei prolongá-lo?

E se visse você, com que fôrça bate o meu coração por êste Conde. E quantas finezas ocorrem-lhe para que os minutos que está ao meu lado se me tornem inesquecíveis! Estou encantada com sua casa, com seus quadros, com seus livros de arte, com seus cães de raça, e com sua destreza nos esportes. Tem mil delicadezas comigo, mas prefiro não alimentar demasiadas ilusões... As pessoas terrìvelmente sentimentais como eu, são as que se golpeam mais forte.

E, por falar no seu caso com Star, que sorte

que Deus lhe haja enviado o amigo que sonhava! Sentir-se amada, ainda que à distância, é uma das maiores felicidades do mundo. Para «nós», desherdadas do amor, porque quiçá amemos mais intensamente que todos os humanos, não constitui a felicidade suprema? Felicito-a por haver encontrado um espírito elevado num corpo atlético de maravilha. Cuide-o bem! Encante-o todos os dias com uma pequena fineza! Rodeie-o de ternura! Envolva-o com o arrulho de suas palavras! Lembre que não basta amar cegamente. O amor constitui uma ciência — das mais difíceis e das mais profundas. Quantas coisas se aprendem com os anos!!... (Já tenho o meu passado!). Pois bem: apesar de minhas rugas e de minha fealdade, eu também sou feliz desde o dia em que conheci êste Conde. Chama-se Sebastian! Tôdas as vêzes que pudemos **estar sós,** demonstrou-me com provas inequívocas a intensa atração que sente por mim. E como é formoso, com um corpo perfeito, uma inteligência brilhante, um gôsto autêntico pela arte e sabe fazer o amor! Que mais posso pedir senão que dure até o infinito o encantamento? Creio que sim. É uma pessoa de critério formado, de caráter aprazível e de um coração de ouro.

Já vê, pois, que estamos vivendo umas horas

incomparáveis de exaltação amorosa. Assim, não pensemos no amanhã. Gozemos hoje tudo o possível e que nossa ventura irradie e se transforme em bondade e compreensão para os demais.

«Au revoir ma charmant songeur!».

Ninon».

— Com licença! Aceitam um chocolate? — indagou Cristina, estendendo-lhes as xícaras de porcelana com delicadas pinturas.

— Com muito prazer! — respondeu Rose, encantada.

— Esta é a mais nova «sonhadora» — disse Ivone, apresentando-a. Cristina ruborizou-se, enquanto Rose a contemplava embevecida, de lábios entreabertos.

— O que você está desejando? — inquiriu Ivone, ao que Rose não respondeu.

Gervásio aconselhava Márius: — Deixe de tolices... Não lhe dê a impressão de que você também ama. Nós devemos tratar a criatura amada com certa independência; às vêzes até mesmo afastá-las. E elas sempre nos buscarão! Assim como o iôiô, quanto mais longe o atiramos, mais rápido volta às nossas mãos... Afinal, aonde é que você encontrou essa pessoa?

— Estive ontem na «Boîte» de Ruivo. Está voltando a funcionar...

— Detestável! — exclamou Gervásio.

— Quem? Ruivo?! — fêz Márius, surprêso.

— Não se trata dêle. Eu até o acho bonzinho. «Uma boa praça», como se diz. É um tanto excêntrico, realmente. Mas, todos nós temos um parafuso solto...

— Então, o que é detestável? — indagou Márius.

— **Abominável!** — expressou Gervásio. — É aquela turma de jovens medíocres que o rodeia. Passam a noite tôda à volta de uma rádio-vitrola, saltitantes, com atitudes artificiais, mascando goma. E ainda vestem aquelas camisas esportes, xadrez... Cruzes!

— Hum! Se Ariel e Georgette ouvissem isso!...

— Bobo! Não me refiro à «velha-guarda», mas sim a êsses molecotes empedernidos, que parecem donos do mundo, mas em verdade, são tão ôcos que, ao primeiro tabefe que lhes aplicamos, rolam ao chão, acovardados e indefesos.

Márius sorriu e revelou: — Felizmente a criatura a que me refiro não se mistura com essa gurizada idiota. Foi visitar Ruivo apenas para tratar de um assunto sério e, casualmente, deparou com a festinha improvisada...

— Ainda bem! — frisou Gervásio, dando-lhe umas palmadas no rosto e dirigindo-se para outro recanto.

No «Bar», Luciano, solitário, lia em voz alta, as novas sentenças que Abel acabava de escrever na parede:

"Sou da raça que cantava o suplício
não compreendo as leis; não tenho sentido moral
Sim, tenho os olhos cerrados à vossa luz!"

"Esquecer tudo o que já foi escrito!
Sair dos trilhos! Olhar para diante
de si mesmo e dizer tudo!
Não tive ainda a audácia de dizer tudo!".

— Ah!... — fêz Sírius, suspirando.

— Quem escreveu essas coisas lindas? — indagou Márius.

— Rimbaud e Roger Martin du Gard — explicou Gino.

— Não os conheço... — lamentou êle.

— Que topete! — exclamou Sírius, quase estourando. — Estou abismado!

Luciano encostou a mão delicada na testa e disse: — Vocês me desculpem, mas preciso ir embora... Oh! a minha cabeça!... O ar aqui está envenenado com tanta fumaça!

— Que novidade! — responderam quase todos, em côro.

— Não vai acompanhá-lo, «Condessa dos?...» — perguntou Márius, provocando Francis.

— Sim, «Condessa», e com muita honra! E você — infeliz criatura — fique desde já sabendo que, se fôsse declinar todos os meus títulos, levaria gaguejando uma semana inteira...

— Vamos acabar com essa falta de... vergonha?! — solicitou Abel.

— Falta de... Pois sim! — replicou Sírius, cìnicamente, e dirigindo-se a Gervásio, sussurrou: — Leve-o à tia Camila, ela deve ter algum veneno para essa peste!

— Vocês sabem da última a respeito de Vivien? — falou Vicente, querendo mudar a conversa.

— O que é? Conte-nos! — pediram quase todos.

— Ontem, Rody tentou narcotizá-la!...

— Para quê?!

— Ora, criaturas ingênuas! Êle queria possuí-la, completamente imóvel, como se estivesse morta... Mas ela, ao contrário, desejava estar bem viva para sentir as suas carícias e as mordidas!

— Cruzes! — bradou Gervásio, benzendo-se.

— Oh! que horror! — grunhiu Gino.

— Notável! Notabilíssimo louco! — exclamou Sírius.

— Já me contaram tantas coisas estranhas sôbre Rody, que êle não gosta de pão, que adora as mulheres tolas e, agora mais essa!... — disse Abel. — Não vou à «Gruta dos Lírios» nem que me paguem!

— «Gruta dos Loucos» — emendou Fredy.

— Basta! Basta! — ordenou Osiris.

— Chegou uma visita para você, Ivone — anunciou Francis, muito espevitada.

— Faça-a entrar!

Era um moço alto, loiro, de lábios finos e expressão serena, de uma beleza excessivamente espiritual. Vestia um terno azul celeste que o tornava ainda mais jovem e encantador.

— Ah! como eu sonhei encontrá-lo um dia, no Rio! — exclamou Ivone, radiante, abrindo-lhe os braços.

Êle sorriu, meio embaraçado com aquela explosão de afeto, em meio de tantas pessoas desconhecidas. Mas ela, com olhares cintilantes de júbilo, não se mostrou menos expansiva:

— Sente, meu bem, aqui você está na **nossa boîte**... Depois, eu lhe apresentarei êsse pessoal. Esta é Rose, a Rose Maia de quem lhe falei. Lembra-se?

— Muito prazer! — expressou êle, estendendo-lhe a mão alva e macia que apertou com fôrça. Pronunciou em português quase corretamente.

— Mílbio Cooper! — falou Ivone.

— Acho o primeiro nome muito singular — manifestou Rose.

— Aqui, para nós, será apenas Mr. Cooper.

— O. K.! — assentiu êle, sorridente.

Ivone explicou a Rose que o havia conhecido numa viagem a Nova York, há alguns anos. Ela regressara ao Brasil enquanto o americano seguira, em companhia dos pais, missionários, para a Europa, onde iria aperfeiçoar os estudos.

Mr. Cooper contou-lhes, então, que, da Inglaterra, haviam seguido para o Oriente, onde muito haviam trabalhado e sofrido durante os anos de guerra. E ali tivera um romance com uma japonesa. Mas, à última hora, tudo havia sido desfeito por imposição dos pais da noiva, deixando-o inconsolável por alguns meses.

A conversação prolongou-se pela noite adentro e ninguém se aproximou para interrompê-los. Apenas Gracie e Cristina vieram servir-lhes alguns «drinks» e olharam com interêsse e curiosidade para o estranho e belo visitante.

Mílbio era de uma correção absoluta no modo de sentar, fumar e beber. Via-se que estava natural, à vontade, havendo desaparecido aquelas primeiras impressões de timidez, ante a estrepitosa saudação de Ivone.

O seu olhar tranqüilo, mas grave, perturbava os «sonhadores» que, apesar de tudo, não se atreviam a criticá-lo. Notavam que ali estava uma criatura que, sem se agitar, iria conquistando simpatias e amizades. Mas como sempre há exceções, Vitório e Fredy eram os únicos que soltavam ditos provoca-

dores: «Êsses americanos são uns meninões!». «No mínimo, êle está revelando detalhes de sua viagem a Paris, onde também foi pôr em dia a sua escrita...». Mas ninguém achou graça neles.

No entanto, Mr. Cooper falava sôbre os assuntos ligados à sua seita religiosa, nos sacrifícios, no rumo da Eternidade, na recompensa, com doçura cativante. Ivone e Rose pareciam estar hipnotizadas. Êle talvez lembra-se um pouco Abel, não no aspecto físico, porém, na sua fragilidade, naquela presença imaterial, que enchia de enlêvo e mistério um ambiente quase dominado pela conversação frívola e demasiada livre dos irrequietos «sonhadores».

Chovia e ventava fortemente. Rose deixara a janela aberta, porém com a veneziana meio abaixada, e alguns pingos de água vinham salpicar-lhe o rosto. Sentia-se num desânimo irreconciliável. Havia sido despedida do seu emprêgo. Há muitos dias ela vinha sentindo um grande cansaço; abandonara os exercícios. Estava nervosa. E o desfile da tarde anterior levara quase cinco horas! Parecia nunca terminar, ir até de madrugada... Mudança contínua e estafante de roupas que não lhe pertenciam. E a gerente da loja ainda reprovara a sua conduta moral!

Ela observava os ponteiros do relógio ao seu lado. O tic-tac monótono e enervante. Por que, por que Roberto não viera? O temporal seria uma desculpa aceitável? E no sábado anterior, acaso o tempo não estivera calmo? E Vivien? E a empregada? Até Cristina! A bela e delicada Cristina, tão espiritual, que parecia emprestar alma à tôdas as coisas que a rodeava, que tocava...

«Tempo! Tempo! Maldito carrasco que consome as nossas vidas e nos tortura de minuto a minuto...».

Verteu algumas lágrimas e afundou o rosto no travesseiro a fim de abafar um grito que não podia conter. Seus pais estavam longe, não a compreendiam e talvez já nem se preocupassem com a sua sorte. E ela sentia fome de carinho, de tenura...

«Não, não é possível continuar assim, abandonarei tudo! O que me importa êste sacrifício, esta incerteza? Seguirei por outra estrada... Roberto abandona-me como todos os outros amigos igualmente me desprezaram após aproveitarem-se do meu corpo. Por que não querem apreciar o meu espírito, a minha amizade por êste lado mais valioso e perdurável? Será a vontade de apenas conquistarem a carne e espezinharem o espírito?!

Se eu quisesse regenerar-me, agora, talvez já fôsse tarde! Ninguém me aceitaria com outra personalidade. Todos, todos, amigos ou inimigos, julgam-me simplesmente sob êste aspecto que a socie-

dade não vê com bons olhos. A sociedade! Qual delas? Também existe a nossa e, dentro dela, maior ainda é a separação e a intriga. Essa vontade de ofender, humilhar e esmagar tôda aquela que se mostra dona do seu nariz e segue os seus próprios princípios. Naturalmente estarei pagando caro êste desejo, esta obstinação de me manter livre. LIVRE! Qual de nós poderá dizer «SOU LIVRE!», num mundo povoado de ameaças? Acaso não sei que são poucos os amigos e mais raras ainda as boas ações? Até Vivien, minha própria prima, só me causa decepção com sua conduta irregular e suas misteriosas desaparições... E por que confiei demasiado numa só pessoa, nesse inflexível Roberto, deixando de lado tantas outras criaturas, para, afinal, ser cruelmente abandonada por esse mesmo ídolo? Mas, não é Cristina, a minha nova obsessão?...».

Ansiava por galgar novamente o penhasco de onde costumava, na sua imaginação, descobrir novos horizontes. Entretanto, desta vez, apenas conseguia chegar à sua base, a muito custo, por um caminho lamacento que a fazia retroceder de temor e de cansaço. Erguia a cabeça sob a chuva impiedosa e suas lágrimas misturavam-se aos pingos de água que lhe toldavam a vista. O cimo do rochedo estava então inacessível. Era inútil qualquer tentativa. Ela teria que se conformar com a planície onde se debatia e ter cuidado, muito cuidado, para não se afundar

naquelas poças de lama que a rodeavam.

Os pensamentos multiplicavam-se vertiginosamente no seu cérebro atormentado à medida que uma sensação estranha percorria-lhe todo o corpo. Apanhou um cigarro. Acendeu-o. No paroxismo do dedesespêro, deu uma longa tragada e encostou-o com violência à palma da mão. A dor foi cruel, mas deixou-a, depois, um tanto serena e inativa.

Os sinos de uma igrejinha próxima repicavam contìnuamente.

Rose sacudiu as mãos, revirou o corpo junto à parede, tornou a afundar o rosto no travesseiro e começou a perder o sentido da realidade, como se houvesse tomado algum entorpecente. Mas os seus lábios estavam inchados e tremiam sem parar...

«Abel:

Recebi ontem, pela tarde, sua carta anterior à que me comunicava a enfermidade de Rose, e que respondi imediatamente. Como eu lhe agradeço! As palavras carinhosas, suas demonstrações de simpatia e de adesão, ontem precisamente me fizeram um bem indizível. Estou passando uns dias muito tristes. Meu coração que se dá generoso a tudo que se lhe aproxima, sofre com o desamor, com a indiferença, com êsse frio dos espíritos que gela mais

que a neve. Em geral, sou bastante filósofo e nunca espero nada de ninguém. Mas... Mas... O comprovar a versatilidade da gente a alma se corôa de espinhos, o mundo se torna um deserto. Obrigado, obrigado pois pelas suas doces palavras de ontem! Que Deus lhe devolva a bondade a ternura que me prodigaliza. Tanto você como eu continuaremos isolando-nos, encerrando-nos um pouco mais, lendo, escrevendo, ouvindo música, distraindo nossos olhos com as belezas físicas que passam, com a natureza e com a arte. Você me leva a vantagem da juventude. Para mim, cada desilusão me custa três anos de vida. Os que me conhecem menos me julgam o homem perfeito, o homem feliz. Aparentemente tenho tudo. Que longe estão da verdade! Meu pobre coração apaixonado, transborda de amor. Sua mesma riqueza o torna miserável. De que lhe servem ao caminhante das estepes os brilhantes, as pérolas, as ametistas? Mas, meu nobre Abel, para que enviar-lhe minhas desventuras, se ainda deve estar preocupado com seus trabalhos e com a pobre Rose, convalescente. Perdôe-me, você que sabe perdoar. Talvez em minha próxima carta possa estar mais alegre...

No momento, refugio-me na leitura. Os últimos livros: «**Les amitiés particuliéres**», «**Tchai-**

kowsky — (une vie solitaire)», as memórias de Maurice Chevalier, as memórias de Cécile Soler, e o livro de Serge Lifar **«Chez Diaghilev»**, me pareceram preciosos e cheios de interêsse. E você, que tem lido de bom? Que tem pintado ùltimamente? Conte-me tudo. Já sabe que uma opinião inteligente como a sua me interessa também sobremaneira.

Anseio receber uma carta onde me diga que Rose está restabelecida de seu ataque. Faço votos para que assim seja muito breve. E receba, juntamente com Ivone e todos os «sonhadores», uma vez mais a expressão de todo meu reconhecimento, num abraço muito grande.

Julián».

«Gracie:

Recebi sua carta e fiquei pensando demasiadamente em tudo o que aconteceu à nossa querida Rose. Se eu estivesse aí, teria um grande prazer em ajudá-la, porque adoro ser escravo-amigo, de quem me dispensou tanta atenção. Ainda continuo muito preocupado, mas Deus que a ajude, e por favor tenha cuidado com ela, porque, pensando bem, tudo que descreveu é terrível e muito sério. Mas não se impressione,

porque tratando, tudo voltará à normalidade; espero que, quando receber esta carta, ela já esteja completamente curada.

Se eu lhe escrevi algo na minha última carta que a ofendeu, esqueça tudo, pois francamente jamais pensei em ofendê-la. Uma coisa, na verdade, me causa apreensão. (E por que não dizer também indignação?). É o fato de Vivien ter desaparecido em companhia dêsse amalucado Rody, justamente agora que Rose tanto necessita dela. Enfim, em questões de família, não devemos nos meter... Eu mesmo nunca me dei bem com os meus.

Abel, apenas quero que me responda: Já recebeu os livros? Mandei maravilhas, com ilustrações sôbre Rodin e Dali.

Ivone, o Rio necessita pelo menos uma centena de «boîtes» como essas. Mas creio que, para a mentalidade da maioria, isso significa nada mais do que centros de prostituição, ou coisa parecida.

Êste país, tem os seus erros, como em todos os outros, mas isto aqui é, de fato, a terra onde se vive sem medo, livre, independente e onde a palavra liberdade impera por tôdas as partes. Deus parece que abençoou êste país. É impossível descrever como se vive, mas você é bastante culta e inteligente para imaginar. Pouco

me importo com as opiniões de Ângelo; na realidade, muito diferente das minhas. Êle vive num ambiente onde reina a maior «confusão» e todos permanecem demasiado excitados para falar sensatamente.

Cristina, gostei muito de receber sua cartinha e seu retrato. Você é um amor! Então já vive sonhando, heim? E com uma viagem à América! Pois bem!, não se impressione com o que Ângelo escreveu ao Dario. O seu caso é diferente... Você tem tudo a seu favor; só uma coisa você guarda em caixa forte para usar: o medo de lutar. Aqui, quando você não souber fazer mais nada, lavará pratos e todos darão valor, porque vive do seu honesto trabalho. Venha para cá! Quem sabe se, dentro de alguns anos, você não será eleita a melhor «Cover Girl» e algum milionário a tomará para espôsa?! De qualquer modo, sempre terá a companhia dêste «sonhador».

Eu e Ângelo, enviamos um grande abraço aos amigos Castro e Nélio.

O frio já começou e estou usando os tremendos capotes e as irritantes luvas; é uma das coisas que detesto em Nova York. Ontem abriu a temporada de Ópera, convidaram-me, mas não fui ver. A B'way está com cêrca de 42 «shows», com os melhores de H'wood e Londres. Como

não é possível descrevê-los aqui, façam uma idéia.

Por fim, quero dar um conselho de tia velha para a nossa querida Rose: Acho que ela deverá ter o máximo de cuidado com a saúde e com as companhias, também!

Oscar».

P. S. — Ângelo está cada dia mais «handsome»...

«Rose, minha criança:

Eu não podia deixar algum dos tópicos de suas últimas cartas sem resposta, ainda que nós estejamos extremamente ocupados, preparando para minha excursão à Europa, e, não obstante, ainda existir tantas cartas às quais devo responder. Estas são coisas que você disse e que permanecem na lembrança e no coração, minha pequena Rose — e eu não posso descansar até que lhe tenha falado a respeito delas.

Numa de suas amáveis cartinhas, você disse que desejava saber mais acêrca do lugar onde vivo. É uma encantadora cidadezinha verde, de belas árvores, parques e jardins espaçosos, sombrios prados e casas de pedra. Nós temos muitas igrejas e escolas, e muitas árvores de recreação,

e somos orgulhosos de que a nossa cidadezinha é um dos lugares mais agradáveis para se viver ao redor da Capital. É a sede, também, de uma Universidade e muitos homens notáveis, estadistas, educadores, doutores, gente feliz. Meu apartamento está aqui, voltado para um espaçoso parque, e além do parque, as águas azuis de um pequeno lago. Existem árvores, crianças, luz solar, saúde e felicidade. E em meu próprio lar aqui há sempre muitos corpos bronzeados e dentes brilhantes, sorrisos e fôrça — tantos vêm me visitar. Penso que você também gostaria, minha cara Rose. Eu não sei se todos os músculos, risadas e brincadeiras de cavalinho-de-pau entre todos êstes fortes e ruidosos camaradas, agradaria você, mas eu penso que seus olhos de artista se embriagariam em muito prazer nestes mesmos corpos. Talvez que, isto e o fato de que você estaria com o seu caloroso amigo,Rock Star, fôssem o bastante? Julgo que você gostará daqui, minha pequena.

Mas é em outra carta, a qual me feriu profundamente, minha boa Rose, que eu deparei com o que desejo falar-lhe mais. Você escreveu «em mim, parece existir um estado de angústia, para chegar a uma solução para algo demasiado sombrio, de encontrar um caminho que me conduza a um destino vagamente esboçado. Uma

fuga... para o exterior... uma fuga que por fim se torna uma marcha para a tortura e o temor de enlouquecer». Estas palavras e pensamentos são indignos de você, minha amiga. Elas são demasiado inferior à boa mulher e à honesta, poética alma que é Rose Maia.

Eu penso que talvez você busque com muita dificuldade «uma fuga»... não faz parte da mulher fugir, ou esconder-se. É da sua feminilidade honesta permanecer orgulhosa de si mesma, ou de seus pensamentos, ou o que ela faz e crê. Se ela não pode encarar a si mesma ou à sua própria imagem, como então poderá defrontar-se com outras?

Rose, minha terna e amada criatura, você não vê que os seus problemas são sòmente solucionados **interiormente,** não fora? A mente da Mulher é um magnífico organismo — e, semelhante a seu corpo, um maravilhoso, complexo e brilhante mecanismo. Mas, conforme o corpo, ela necessita ser treinada. E, semelhante ao corpo, o exercício, ou usos para os quais é destinada, devem ser bons, bem empregados. Você sabe que se eu movesse o meu corpo sempre da mesma forma incorreta, sempre curvando o meu abdómen, e dobrando os meus ombros, e pousando o meu queixo sôbre o pescoço, então o meu corpo cedo cresceria neste sentido e se

tornaria feio, ou deformado, até enfêrmo. Onde, minha cara pequena, onde então estariam o vigor, a saúde, a beleza e o poder do meu corpo? Eu próprio o haveria destruído, e feito assim, por repetir uma má ação e um hábito insalubre. O «HOMEM PERFEITO» teria tornado-se uma farsa!

O que dizer então da minha mente? Esta é muito mais brilhante e complexo mecanismo. Se ela abriga pensamentos felizes, pensamentos bons e criadores, e busca ampliar-se — se ela se volta para o **exterior:** ao povo, ao resplandescente, doirado e glorioso mundo de sol, água, chuva e beleza — ao milagre que é o homem e a mulher, que é o amor, que é a amizade — à animação do trabalho honesto para a construção de um lar, ou um poema, ou uma adorável sinfonia ou uma canção — às pesquisas e progresso da ciência, educação e religião — se ela reside nestas coisas, ela sòmente crescerá com fôrça e beleza. A mente do homem que se volta para o exterior, e que procura conhecer e rodear a humanidade, a vida — **esta** mente é bela, forte, honesta e destemida!

E a mente que se volta para dentro — que procura, mora e se embaraça no tormento, procurando sondar profundamente dentro do subconsciente, que se afasta do homem, de todos,

de si mesma e de sua própria sombra — **esta** é a mente que sempre necessita fugir!

Oh! Rose, meu amor — quanto eu aspiro ajudá-la! Quanto eu desejaria segurar sua mão delicada entre as minhas mãos grandes, de agarrar sua pobre e infeliz alma que busca, busca, busca, sempre! O que poderia dar para ajudá-la a alcançar essa felicidade espiritual e paz? Não vê você que eu não lhe posso dar nada? Eu não lhe posso oferecer nada, Rose, porque sòmente VOCÊ pode dar o que você procura! Sòmente VOCÊ tem aquela habilidade para buscar fora coisas — as mais belas à alma e o prazer de viver em um encantador e maravilhoso mundo. «Fuga»? Você não necessita fugir — você precisa apenas caminhar dentro do calor e do brilho do mundo, de voltar seu introspectivo, pesquisador, vacilante espírito e coração para dentro da humanidade do homem! Se você ao menos pudesse ver a grande dose de amizade e felicidade, e procura de fôrça, felicidade e humanidade que jorra através de minha secretária, cada dia, Rose, minha pequena, se você apenas pudesse ver isto, você nunca mais se encerraria na estreiteza de um único homem entre milhões e milhões de homens — todos irmãos, amantes e amigos. Então você saberia que o caminho para a vida não é procurar fugir

dela; mas voltar-se para dentro dela e conviver com a alma de todos os homens — um ser HUMANO na humanidade — uma mulher entre os homens, em amor com a vida e seu companheiro. Que maior amor, que maior felicidade existem aí, Rose? E quem fugiria de tão nobre fado — de tão gloriosa e heróica consumação na fogueira da vida?!

Você disse que o seu Deus podia ser uma criatura como eu. Êle é, Rose. O seu Deus é uma criatura semelhante a mim — o seu Deus é humanidade; eu, você, e todos nós, somos a humanidade. Deixe a minha saúde e a minha fôrça ser um símbolo para você, se você gosta, Rose, minha andorinha, mas não me faça o ídolo, mas sòmente o símbolo do que você vê que é bom em todos nós. Eu a entendo tão bem, tão profundamente, e tão amorosamente, querida, pois eu vejo que o entendimento que você busca, reside em você mesma, em sua própria compreensão dos outros, de tôda a espécie humana. Procure isto, Rose, e esta estrêla, a luz da qual você fala, brilhará nas almas de todos os homens em tôda parte, que amam você como você ama-os. Para ser amada, é preciso amar. Já experimentou que os outros amassem-na em retribuição ao seu amor por êles? Não apenas o pequeno homem aqui e ali a quem você dedi-

cou sua afeição — mas TODOS os homens, em tôda parte? Ame com todo seu coração, com tôda sua alma, Rose, com todo o brilho de sua existência — ame todos, sempre — e você se tornará a mais amada mulher de todos os tempos. É a essência de tôdas as fés e tôdas as religiões — é a essência de minha vida. É a sua também?

«Separada do mundo», Rose? Acima de tudo? Oh, não, minha doce — inseparável de todo o mundo — profundamente dentro e entre tudo. Isto é felicidade, saúde, contentamento e beleza. Isto é o nosso amor, Rose — o meu por você, e o seu pelo meu. Êle nunca deve ser tão pequeno no seu egoismo e possessão, porque, se assim fôr, êle se consumirá consigo mesmo, e se extinguirá sem proveito. Você é uma poetisa, uma artista, uma criadora. Faça algo pela humanidade, Rose — alguma coisa magnífica, poderosa e grande! Esta é a sua «fuga» — se fuga, na verdade tal grandeza seria.

Para sempre o seu amado

Star».

Ivone recebeu, com satisfação, a visita de Rose, na «Boîte», onde, sòzinhas, segredavam as suas últimas conquistas:

— Nestes dois dias não lhe telefonei — disse ela — porque tenho andado aflita com um novo amor. Estou amando uma criatura e tenho conseguido que ela me compreenda e me aceite um pouco. Entretanto, como foi difícil até começarmos a nos corresponder! Quantos dias ela se sentiu com medo.

— Frialdade? — perguntou Rose, interessada.

— Bem — prosseguiu Ivone — às vêzes a ternura nasce de repente. Não sabe por que, quais são as suas profundas e misteriosas raízes e duas almas se entrelaçam, ao primeiro encontro, como se houvesse vivido sempre para a outra.

Outras vêzes, o que vem em primeiro lugar, é um sentimento de temor ou prevenção. Um medo de entregar-se, o temor das prisões que a Amizade cria, a suspeita de que não poderá jamais haver um laço fraterno que a tantos parece mais sólidos quanto mais espontâneos.

Você, em troca, oferece-me um motivo para ser admirada. Que grandes são os pontos de contacto de nossas inteligências e, ao mesmo tempo, quanto, na percepção dos mistérios da vida e do segrêdo das almas, vai a amiga mais longe, apesar de ser eu mais metafísica. Contudo, como nos compreendemos!

Sigo pois vivendo atrás dêste meu amor atual, (coração que se entrega mas que foge), na atmosfera crepuscular de meus sonhos, de meus ideais impossíveis, de um sentimento revolucionário que

jamais se encontra em qualquer parte, mas ùnicamente em algumas criaturas escolhidas pelos deuses. Será que tudo isto não passará de um mero sonho?

Agora, recordo bem o que Julián me disse certa vez: «Quanto aos amores, temos que nos conformar, ou melhor, desfrutar sempre que se oferece a oportunidade de uma aproximação, pois já me dou conta de que não adianta estar na dependência do Anjo, do Amor; ainda mais longe fica de nós...).

— Eu que também o diga! — exclamou Rose. — Aquela criatura da América do Norte, após haver-me deixado completamente maravilhada com sua perfeição física e intelectual (em realidade, jamais encontrei uma pessoa que associasse tudo isso em tão alto grau de perfeição; é um milagre de beleza e de sabedoria!) foi-se para a Europa, em uma excursão, e a última carta que me chegou daquelas mãos fortes — que ansiavam apertar as minhas — estava datada de...

Ivone olhava-a compadecida, pois sabia que ela fôra à «Boîte» apenas para encontrar-se com Cristina, mas Rose, para disfarçar sua tristeza, inventou novo romance:

— Felizmente, logo apareceu outra maravilha, um outro amor, aqui mesmo, o qual recebi como se fôra um presente dos deuses, os quais naturalmente haviam se apiedado de mim, tão abandonada... E foi tão prodigioso o contacto, alcançando desde

logo uma perfeita harmonia que, em poucos dias, me transportou àquele Paraíso que você também conhece. É uma criatura excepcional; rosto de anjo e cheio de espiritualidade. É tão lindo, que tôdas as vêzes que saímos juntos pela rua, as garotas ficam admirando-o. Algumas amigas vêm falar-me com insistência. Decidi apresentá-lo como um parente a fim de evitar cenas e, ao mesmo tempo, desfrutar dessa fraternidade. Os primos sempre se querem, apesar das leis em contrário.

— Interessante! — disse Ivone, encantada.

— Mas a D. Felicidade só existe nessa forma; vem de quando em quando... — lamentou Rose. — E agora vou suportar outro intervalo, um mês, ou muito mais tempo. Que sei eu? É que a criatura acaba de isolar-se completamente a fim de estudar para os exames que começarão na próxima quinzena. Depois, voará para a sua cidadezinha, lá no interior de Mato Grosso, para fazer companhia aos pais, durante as férias. Quando voltará?

Oh! assim somos nós: loucas! loucas! Sempre sonhando... Todavia, vivemos à espera de que nossas aves regressem, ainda que hajam emigrado para muito longe...

— Como êle se chama? — indagou Ivone.

— Marco Augusto! — disse Rose. — Estou certa de que foi apenas uma aventura passageira e que, mesmo regressando, êle não me procurará...

Ah! o meu pássaro... em que floresta andará agora?

— Os nossos pássaros! — exclamou Ivone. — Os meus, pelo menos, sempre estão aqui, ao meu redor. Lembra-se, Rose, quando fomos apresentadas e você me disse que adorava os pássaros vivos?...

Rose sorriu meia tristonha e indagou: — Cristina não vem hoje?

— Acho que não. Estive tão ocupada com os preparativos para a viagem de amanhã que eu até me esqueci de convidá-la.

— É pena...

— Que livro é êste? — indagou Ivone, apanhando um pequeno, mas precioso volume que estava sôbre a mesa.

— São poesias... Gostei imensamente! Veja a carta que escrevi ontem à noite.

Ivone apreciou novamente o desenho da capa, e retirou do envelope a crítica ao autor estreante.

«De que é feito você, meu caro poeta, que, assim, despreocupadamente, me envia essa taça transbordando de sútil emoção?

Hoje é sábado, dia de sol, de maio, mês das flôres. Mas equi estou encerrada neste pequeno apartamento sepulcral, ofuscada por uma luz falsificada e rodeada de flôres mortas que já não exalam delicados perfumes.

A noite vem chegando, poderia já estar dor-

mindo, abismando-me em sonhos e quimeras... Entretanto, esta noite não precisarei cerrar as pálpebras para sonhar.

A sua mensagem de amor e desencanto, obriga-me a permanecer com a luz acesa, a despeito do meu querido «Galo-da-Campina» protestar. Ainda não compreendeu que eu sou tão prisioneira quanto êle, na sua gaiola.

Não é apenas o apartamento que me rouba o espaço, é a cidade cheia de caras inexpressivas, que me asfixia e me consome com sua ausência e solidão.

A poesia, meu caro, há muito tempo vive afastada, longe do Rio de Janeiro. Alguns amigos velhos me dizem que ela já partiu há uns trinta anos; todavia, quando aqui cheguei, há alguns anos, cheia de vida e ilusão, ainda pude encontrar traços de sua encantadora inquietação.

Talvez fôsse o primeiro encontro com a Natureza exuberante do Rio, que me deixou embevecida, maravilhada. Os meus olhos jamais haviam pousado em tanta beleza e o meu espírito jamais sentira tão grande emoção.

Agora, no entanto, só busco (e felizmente encontro!) nos livros, essa mesma emoção sadia e confortadora. Sua obra representa, pois, um lenitivo ao meu desespêro. Fêz-me esquecer,

logo, esta vida agitada e incerta, mas, espiritualmente, vazia e estúpida.

Vejo, com satisfação, que você vai por um caminho que o conduzirá bem longe: até às estrèlas!, que aos vinte anos, você já namorava... E êsse SEGRÊDO que guarda, não será o mesmo que nos aflige a todos nós, incompreendidos e torturados até o âmago?

E você não compreende porque os homens se satisfazem caminhando sôbre cinzas! E por que nós não desistimos de caminhar sôbre brasas?! Será que as nossas **flamas de amor** nos tornam imperecíveis?...

"— Como poderei ser feliz
se no meu céu só existe uma estrêla?!"

Feliz você, meu poeta, que ainda vê uma estrêla no seu céu. Muitas, como eu, estão mergulhadas numa noite caótica e infinita, onde nenhuma estrêla aparecerá porque sòmente as que ainda têm esperança poderão distingui-las.

«Meu filho», a noite não é um mistério. Quando eu era garota, assim a encarava, e até cheguei a criar uma psicose. Causava-me pavor. Hoje, após tantas lutas e amarguras, compreendo que ela é a nossa salvação.

Ela é a pausa nesta vida entorpecedora.

Neste vaivém das constantes aflições, o que seria de nós se não nos fôssem concedidas essas horas de liberdade e sonho? Ao menos, a humanidade parece ainda respeitar alguma coisa, e observa — quase religiosamente — o descanso à noite.

Estejamos tranqüilos quanto aos espíritos e fantasmas, ou com êsse lado misterioso e indecifrável da noite, da morte... Êles próprios querem estar longe desta realidade acabrunhadora que estamos vivendo. Você não acha?

A sua mensagem oscila entre o amor e o desencanto. Li o seu livro em meia hora, mas desde a primeira poesia, encontrei o que sempre ando à **procura**.

O seu estilo é direto e simples, mesmo escrevendo com observações tão profundas. E que delicadeza espiritual você revela, ao fechar o seu livrinho com os Sete Noturnos!

Nada sei a seu respeito; contudo, posso afirmar-lhe que já o conheço ìntimamente. O seu segrêdo está palpitante em tôdas essas poesias que só numa palestra, longa e livre, poderia analisar.

Agradeço a sua bondade, você me faz acreditar novamente na Amizade, na Beleza, e na Arte. O seu livro é uma prova de que, em São Paulo, existe um novo e excelente poeta, de cuja

autêntica existência eu até há pouco nem sequer suspeitava.

E eu, que o conheci, há algumas horas, apenas, por intermédio de um punhado de poesias, já o entendo tão bem, tão a fundo.

A sua mensagem sempre encontrará eco no meu pobre e atormentado coração. Continue vivendo — amando e sofrendo — para produzir tão belos futos como êstes que você gentilmente me ofereceu.

Que Deus o mantenha poderoso e forte para a luta. E que eu sempre mereça a sua consideração e simpatia, quando publicar os seus próximos livros.

Cordialmente,

Rose».

— Está muito boa — expressou Ivone.

— Bondade sua... — ponderou Rose. — Pode levar o livro para você ler durante a viagem. Estou certa de que lá nas alturas, mais próxima das estrêlas, você se sentirá duplamente emocionada!

— Você merece um beijo!

— Então, boa viagem e... volte logo!

— Obrigada, querida. Até breve!

Norman:

Recebi sua última carta em janeiro; é vergonhoso para mim não lhe ter respondido, mas você nem imagina como a vida aqui é tremenda; já estou farto de tantas lutas. Os dias passam, e sem querer, esquecemos as amizades... E nos tornamos uma máquina, ou um cavalo, com aqueles aparatos que obrigam o coitado a só poder olhar para a frente. Francamente, Norman, ou conseguimos tudo, ou, então, seremos vencidos neste país. Não acredito que o brasileiro se acostume a esta luta desesperada; jamais aconselharei a alguém para que venha viver aqui.

Tenho pensando em voltar para o Rio, mas cada carta que recebo daí, vem cheia de pavor, e tristezas; uns dizem que eu não devo voltar, e que a vida é uma calamidade e que tudo está muito caro. Luta por luta, é preferível eu ficar nos EE. UU. para conseguir algo. Eu ainda não estou farto daqui, sinto-me, porém, cansado. Trabalho, esforço-me, e ganho para viver modestamente; todavia, sem vantagens. Por isso, tenho pensado em voltar ao Brasil nem que seja temporàriamente, mas não quero ter medo...

Estou com receio de encontrar numerosas dificuldades no Rio. Naturalmente que não as-

piro empregos de dezenas de contos, mas não desejo trabalhar para ninguém. Pretendo instalar um estúdio e ensinar danças; enfim, ensinar o que fôr possível. Entretanto, como tudo aí é difícil, a começar por encontrar um local, eu fico horas após horas, dias após dias, a imaginar o que decidir.

Hoje, cansado de tudo, resolvi escrever-lhe, e pedir a sua opinião, já que você conhece tudo em um sentido mais adiantado. Você acha que devo voltar, e que poderei me manter simplesmente ensinando? Francamente, Norman, em qualquer parte do mundo se vive, porém recomeçar é tão difícil... Você sabe, porque já recomeçou várias vêzes.

Estou apto para fazer qualquer coisa; só desejo não trabalhar para ninguém. Habituei-me a uma certa liberdade, e não sei se poderei ficar oito ou nove horas sentado, fazendo algo para terminar o dia, e recomeçá-lo na manhã seguinte. O que desejo é montar um estúdio e ensinar tudo o que eu sei, muito ou pouco; apenas quero ganhar o suficiente para me manter, ou como diz o americano «I have to make living». Isso é o importante.

Espero que você me escreva, e embora não tenha tempo para uma longa carta, remeta uma pequena, mas com a resposta necessária. Estou

certo de que você saberá aconselhar-me, e eu não sòmente estudarei a sua resposta, como apreciarei grandemente. Quem poderá me dar melhores informações do que você? Todos os nossos amigos «sonhadores» são tolos, e possuem as cabeças cheias de ilusões disso ou daquilo.

Gostaria de voltar no fim dêste ano; vivo excessivamente nervoso, e uma solidão tremenda tomou conta de mim. Nada mais me faz sorrir, e vivo muito triste... Eu e Ângelo estamos de relações cortadas. Justamente agora, que tenho meu apartamento em ordem, e um amor, vivo nùma nostalgia tremenda. Ela é doce, suave, boa, e pequenina de tamanho. Gosto dela mais espiritualmente do que materialmente. Imagine que jamais pensei na alma de alguém, a não ser com interêsse do corpo. Com ela é diferente; eu a quero demasiado, mas quero apenas vê-la, e não desejo senti-la.

Assim, se eu fôr ao Rio, ela não irá comigo. Contudo, talvez um dia, depois que eu me estabelecer, ela também deixe Nova York para ir ao Brasil. Nunca lhe prometi nada a respeito, porque não estou em condições, porém, se, no futuro, houver oportunidade, farei o possível para que conheça o Rio, uma cidade que ela confessa não lhe sair da idéia, noite e dia. Hoje eu

não estou muito bem da cabeça, e, pela carta, você poderá concluir, mas não se esqueça de mandar a sua preciosa opinião, que será um bálsamo para mim.

Abrace todos os «sonhadores» por mim, e dê um beijo gostoso na nossa idolatrada rainha Ivone, se, por acaso, ela estiver no Rio. Soube que, ùltimamente, ela tem andado ausente e misteriosa...

Oscar».

— Mas que escândalo! — berrou Márius, na «Boîte do Caleidoscópio». — Venham ver, «Sonhadores», a que ponto chegou a ousadia...

Todos correram à entrada e, ali, foram encontrar Osiris, bastante modificado, exibindo um bigode bem negro, em contraste com seus cabelos meio aloirados.

— Ah! tem paciência! — disse Fredy. — Mas assim já é demais.

— Vocês agora vão ficar assim, querendo dar «baile» no primeiro que aparece? — explodiu Osiris. — Não chega o desacato do português da quitanda?

— Que fêz êle?! — indagou Gervásio.

— Deixou de servir-me, pedindo que, antes, voltasse para casa, a fim de retirar o bigode, pois, segundo êle, absolutadente não «casava» comigo.

— É... questão de personalidade! — notou Willy.

— Você já está muito conhecido sem bigode. E êsses recursos em nada podem alterar a fisionomia. É melhor raspá-lo — aconselhou Francis.

— Hum! Estou com os ossos moídos! — queixou-se Osiris. — Vim de trem, imprensado!!

Gino fêz-lhe algumas massagens, mas êle ainda lamentou: — Eu não gosto de viajar de trem. Tenho um complexo; sinto que não sou ninguém...

A seguir, houve uma animada polêmica em que os seus freqüentadores, aproveitando a ausência de Mariquita, que havia ido a Niterói, reagiram contra uma obra que acabava de ser publicada. Gino, que havia recebido um exemplar autografado pelo autor, foi quem deu início ao debate:

— Francamente, depois do seu primeiro livro, não acreditava que êsse escritor tivesse a coragem para tanto! Refiro-me à parte indesejável e desmoralizante desta nova obra, a qual não corresponde, em absoluto, tanto ao título delicado, evocando tão belo e elevado aspecto do sentimento humano, como ao sub-título: Contos.

Embora o livro mencione, na capa, que é constituído de contos, percorri com os olhos ansiosos em busca dêsse gênero literário, encontrando-o apenas em poucas páginas alguns traços. E tudo foi novamente arranjado para causar sensação!

— De fato — anuiu Osiris — quando é que êle deixará, porá de lado definitivamente, essa mania de sensacionalismo? Por que razão apela para a linguagem pornográfica? Crê que ela é apreciada pelas massas populares? Mas será que êsse escritor não percebe que a sua função é educá-las, orientá-las, ao invés de procurar imitar tamanho mau gôsto?

Todos os extremos são perniciosos. Se a vontade de sensacionalismo dêle ainda fôsse comedida, ou bem dosada, não chegaria a causar essa má impressão que o excesso de enxertos de natureza estranha a um livro de contos produz. Isso só seria aconselhável para evitar a monotonia, mas, nesse caso, as inclusões teriam de possuir um real mérito.

— Êle quer apenas chamar a atenção! — opinou Gervásio.

Gino concordou, mas, sempre com uma frase adequada para cada situação, produto de suas constantes leituras, disse: «Um indivíduo pode chamar a atenção fazendo jogos acrobáticos no meio da rua ou disparando um tiro, ou recorrendo a qualquer outro estratagema dessa natureza, de gôsto duvidoso; mas, evidentemente, essa atenção não lhe servirá para todos os casos. Talvez fôsse útil esta classe de atenção para a publicidade de certos específicos charlatanescos que, de momento, produzem no leitor a impressão de que está lendo uma informação interessante e acaba dando conta de que não se trata

mais de que lhe recomendar o uso de umas pílulas mágicas do doutor Fulano».

Imaginem vocês que, ontem, por acaso, eu encontrei o autor. Conversamos e discutimos em plena rua!

— Que «show» vocês não deram, heim? — indagou Fredy.

— Nada disso! — objetou Gino. — Pelo contrário, a conversação foi bastante séria. Pedi que êle fizesse um exame crítico das argumentações que emprega para justificar o seu atentado à literatura, em lugar de deixar-se debilitar por êsse mau gôsto e até procurar encobri-lo, ou camuflá-lo de «modernismo», ou outro qualquer «ismo» que lhe pudesse ocorrer... Pois estou certo de que, sem moderar sua atitude, êle acabará escrevendo o próximo livro em gíria...

Houve uma gargalhada geral.

— Eu não pretendo hostilizá-lo, correndo, dêste modo, o risco de me tornar antipático. É êle próprio quem pede a minha crítica, e pela segunda vez! É sinal, portanto, de que a deseja, de que se interessa vivamente por ela.

— Acho que você nem devia criticá-lo — aconselhou Edie. — Êle não está pròpriamente dentro da literatura...

— Também penso assim! — exclamou Francis, abraçando-o.

— Hum!, me larga, me solta... — protestou êle.

— É que não me deixa tranqüilo — continuou Gino. — Persiste nessa tendência indesejável de me impor os seus pontos de vista. Se eu deixasse de criticar os seus trabalhos, isso seria, para mim, indubitàvelmente mais agradável, pois coloco a amizade dêle acima de qualquer obra.

A fim de que êle me compreendesse melhor, argumentei: — Como você sabe, são necessárias muitas horas de exercícios diários durante muitos anos, para se chegar a ser um bailarino, e sòmente conseguirão ser bons bailarinos os que realmente possuem aptidão, talento comprovado para isso. Com a literatura dá-se o mesmo? Há escritores que já começam escrevendo obras primas, descobrindo desde cedo êsse mistério, êsse encanto que se oculta em qualquer arte; enquanto, outros, menos afortunados, levam a vida tôda produzindo, ensaiando, e jamais chegam a descobri-lo — como já o disse um esclarecido crítico provinciano. — E que dizer, então, dos escritores que persistem em seguir por caminhos equívocos?

Retirou aqueles óculos de tartaruga, horríveis, que lhe dão um ar doutoral, e ficou olhando-me alguns minutos, calado, perplexo, denotando certa contrariedade por eu não reconhecer o trabalho que havia tido durante um ano. Êsse sacrifício em ser

impressa a obra eu não desconheço, por isso mesmo lamento...

— Já li em algum lugar — lembrou Osiris — que, para criticar uma obra, é necessário, antes de tudo, respeitá-la. Ora, como então poderemos criticar e apreciar uma obra que, na sua própria expressão, nos desrespeita? Estará, pois, fatalmente abaixo da crítica!

— Êle quer que eu lhe dê apoio — explicou Gino. — Pois, então, deve escrever uma obra livre dessas deficiências e erros. Isso não constitui nenhum milagre. Eu próprio reconheço que êle tem capacidade criadora e não precisa me prometer livros profundos, sôbre filosofia... A prova está aqui, neste mesmo livro de contos... Refiro-me aos capítulos: Uma noite diferente, O amor, Solidão, Inconstância e Aracati, nos quais, num estilo espontâneo e claro, êle revela o sentido da verdade exterior em flagrante contraposição com seu modo interior, provocando inúmeros conflitos. Interessante e inteligente a reconstituição psicológica dos personagens, nos quais descobri traços de seu próprio caráter. Também gostei daquele trecho: Cartas à minha irmã.

Assim, terá não só o meu apoio, como o de nossos críticos e de todo mundo inteligente. Não é certo que o público queira essa literatura pornográfica, vazia de beleza e de idéias, feita sòmente para

se escandalizar e que está destinada, de antemão, a logo desaparecer. Isso dizem os leitores medíocres que são incapazes de atingir um nível superior e se recusam obstinadamente até a reconhecer o nosso valor intelectual.

Não queira êle, por conseguinte, contribuir para que êsse povo se torne inculto e sem gôsto artístico, e que os nossos escritores continuem vivendo cada vez mais sacrificados, com a desvalorização do seu trabalho criador, pelo decréscimo de leituras, que já não os converte em ídolos e que estão mais preocupados com outros problemas relativos à sua defesa econômica e apenas lêem quando milagrosamente sobra algum tempo que não pode ser enquadrado no horário das sessões de cinema ou dos jogos de algum campeonato...

Narrativa de emoção muito violenta, com o brutal assassino, me pareceu «Fim de Romance». O final irônico, bem ajustado, não chega, porém, a amenizar a triste impressão que nos causa.

Gervásio também desejava dar a sua opinião a respeito e falou: — Apreciei a posição filosófica em que o autor se coloca em «A Moral de Emanuel». Ela transborda de sinceridade. Por isso, li com bastante interêsse os trechos que a compõe, a vida e o indivíduo que êle focaliza objetivamente, em relação com a psicologia, a sociologia e a política.

Entretanto, achei idiota o conto «Guerra no

Céu», mesmo com a alternativa de se tratar de um delírio provocado por anestesia. As situações são absurdas, chocantes e deploráveis até para um ateu ou um apolítico. Juntamente com a parte pornográfica do livro, poderia ser atirada sem receio à cesta, em benefício do próprio autor.

Se êle quisesse ver como já foi — bem tratado — êsse ângulo da vida de Cristo, eu o aconselharia a ler «O Narrador de Parábolas», uma novela trágica, representável, de Alarcón, sobretudo aquele episódio em que Maria Madalena dança exclusivamente para Êle, até produzir-lhe certa inquietação. Contudo, é crença geral, que Jesus estava acima dessas delícias da carne, e só admitimos n'Êle, estados de êxtase puramente espiritual.

E êste jovem escritor coloca-O em palestra livre e humilhante com Hitler! Credo! até mesmo num pesadelo, é intolerável essa liberdade que tomou...

Naturalmente, deve haver um limite de liberdade, mesmo na Arte. Não pretendo tornar mais violento ainda o nosso debate a respeito de um assunto tão delicado e complexo. Aprecio as novas sensibilidades e as interpretações audazes, mas creio que elas não constituem motivo, não têm fôrça suficiente para desrespeitar o que foi fixado pelos grandes mestres do passado. Por isso, digo sem vacilação, da mesma forma que condenaria um quadro

absurdo e desprovido de beleza e emoção, desprezaria e jamais admitiria numa biblioteca um livro dessa espécie.

Sei que a mocidade impetuosa quer uma arte nova, mas uma arte nova deve continuar a carreira da arte velha, vigorizando-a e enchendo-a de novas sensibilidades e de inéditas experiências; e não deve percorrer um inútil e cansativo caminho para atrás por mau gôsto polêmico ou paradoxal academismo ao revés. Neste ponto, também estou com o que escreveu Renzo Bianchi, que nos conta: «A uma mulher do povo que um dia vi olhar ao Cristo de um pintor que chamaremos «emancipado», lhe perguntei o que pensava dessa pintura, e me respondeu: — De um modo geral, os Cristos sôbre a cruz sempre me têm feito chorar, mas êste me faz rir...

Pois bem: alguns ilustres charlatães do novo «a qualquer preço», me deixarão dizer que essa ingênua mulher do povo presenteou-lhes uma síntese que deve fazê-los refletir longamente. E se vêem bem, não pensamos realmente colocar esta síntese no centro da disputa entre passadismo e modernismo, senão mais bem no espírito da própria arte, espírito que é eterno e que não pode sofrer limitações de espaço nem de tempo. Eu demonstro-o com outro testemunho que justamente recolhi êstes dias numa Galeria de Milão, onde esteve exposta uma «Via Crucis» de um pintor tão jovem como moderno.

Também esta vez perguntei a uma mulher ingênua do povo, que me disse: — Êste Cristo, esta Virgem, êstes homens e mulheres, são justamente como nós, porque neles me parece ver o meu pai, a minha mãe, a meus irmãos, a meus amigos e a meus inimigos...

Igualmente esta é uma síntese, um juízo de uma simplicidade tal que a torna definitiva».

Eu penso que êle pretendia apresentar-nos, não um Jesus simbolizado, senão profundamente humanizado; não um Jesus fixado em seu tempo, senão tirado de seu tempo e trazido até nós para fazê-lo igual a nós mesmos, mais íntimo para nosso modo de pensar e nosso modo de ver. Mas, como foi infeliz no tratamento dêsse difícil tema... As trevas da ignorância e da maldade cercaram-no tão densamente que nenhuma luz pôde penetrar no seu cérebro confuso e atormentado. Um pequeno grupo de amigos pedantes e sem gôsto artístico está envolvendo e influenciando malìgnamente o escritor. E êste não compreende que o impulso dado numa tendência profana e perigosa, jamais logrará qualquer amparo nem guarida em nossas leis!

— É como no caso do «Diário de um Estudante» — advertiu Osiris — no qual êle incluiu um assunto que aborda um caso demasiado pessoal. Sei que foi um aluno aplicado, na Faculdade de Direito, mas desconheço totalmente o Professor ao qual êle se refere, num ataque desesperado e feroz. De qualquer

modo, deveria ter mais cuidado, pois, então, não percebe que a própria linguagem que usou para atacar e humilhar o Catedrático é absolutamente condenável e digna de reprovação? Por isso, a sua revolta não nos chega a sensibilizar e seu efeito é até contraproducente.

Prosseguindo na discussão, Gino ainda expressou: — No primeiro conto, que dá seu título ao livro, encontrei pensamentos e aforismos, alguns ditados pelo coração, outros pelo cérebro. Neles, o autor condensa e cristaliza em poucas idéias, o seu conhecimento da vida, ditado pela observação e experiência. Vejo que êle também tem amado e sofrido muito apesar de sua juventude. Essa parte destina-se naturalmente a uma classe de leitores selecionados, que aí encontrarão entretenimento e substância preferidos.

Para o escritor, que faz tanto alarde de existencialista, recomendo certa frase de Niezche: «**Tôda filosofia é uma confissão pessoal de seu autor**». Portanto, deixemos aos cuidados dos leitores, essa análise de sua personalidade através dessa tendência que êle revela nas suas máximas e sentenças.

— É incrível! — exclamou, por fim, Willy, que até então estivera apenas escutando os debates e examinando o livro. — O próprio autor reconhece, na última capa, a falta de mérito de sua obra obscena e sem nexo. Com essa denúncia parece querer

destiná-la, de antemão, a um desaparecimento imediato, já que se trata de um livro que ninguém desejará conservar em sua biblioteca.

Se o escritor qualifica o seu trabalho de «porcaria», é evidente que êle não tinha intenções de que o mesmo fôsse apreciado por leitores inteligentes.

O fundo filosófico que pretendeu imprimir à obra se tornou inadequado e foi a sua personalidade que emergiu conspurcada pela linguagem corrompida de que tanto usa e abusa... E é de tal natureza, que bastará para provocar uma sensacional reação da parte dos críticos e do público.

Precisamos acabar definitivamente com essa anti-literatura, pornográfica, degradante e de maus efeitos. Não compreendem os educadores que a cultura está em perigo, que êsse constante pesadelo ameaça sabotar a formação ética e espiritual de nosso povo?

Quanto à insinuação que faz, o autor, no sentido de se tornar original, lamentando que o papa do existencialismo, Jean-Paul Sartre, já houvesse escrito certas coisas antes dêle, devo lembrar o que já afirmaram: «O perigo de quem quer ser original a todo custo é que pode suceder que, se, em realidade não tem um espírito original, se converta em um extravagante ou um louco que pinta, esculpe, compõe música ou escreve. Está claro que até poderá passar por artista e terá seus admiradores. Mas o tempo,

êsse grande purificador, revelará um dia a fraude».

— Ai !Ai!. . . — fêz Gervásio, bocejando e suspirando, ao mesmo tempo.

— Está com sono? — indagou-lhe Francis. — Venha cá se recostar no colo da Tia Camila!. . .

— Êle nasceu para cismar — notou Osiris.

— Eu nasci para bailar! — disse Fredy, rodopiando, leve como pluma, devido aos constantes exercícios e aos banhos refrescantes na Cachoeira dos Macacos.

— Eu nasci para o **Amor!** — bradou Sírius.

— Com essa cara?! — perguntou Gino, zombeteiro. — Só se você fizer uma dúzia de operações plásticas!

— Que audácia! — replicou Sírius, enquanto Gino já não conseguia nem gargalhar. Uma forte tosse o impedia de rir, de gozar as suas próprias «tiradas».

— Ai! Ai!. . . — voltou a gemer Gervásio, ao que Francis respondeu:

— Você está precisando de **ternura**. . .

Rose já não exibia as concepções arrojadas de Jacques Fath, Christian Dior ou Schiaparelli! Pouco lhe importavam as revoluções e novidades da moda feminina. Andava triste e fechada consigo mesma. Desiludida de todos e de tudo. Haviam sido desfeitos os seus planos para o futuro. E ela pretendia até se

tornar sócia da casa de modas em que trabalhava...

O «Galo-da-Campina» estava igualmente triste e calado. A «muda de pena» era um caso sério. Exigia múltiplos cuidados. Evitava-lhe as correntes de ar. Infelizmente, ela não lhe podia dar muito sol nem os coleópteros de que tanto necessitava. Êle se encolhera no canto do poleiro e, apesar da luz acesa, tentava, repetidas vêzes, colocar a sua linda cabecinha rubra sôbre a asa esquerda, entre a plumagem cinzenta.

Rose foi retirar a gaiola do alto da parede para renovar a água e a mistura alimentícia. Talvez isso o reanimasse um pouco. «Passarinho é questão de sorte...», foi o que escutara ao comprá-lo no «Paraíso das Aves». Pingou na água algumas gotas do remédio, homeopatia, que ali haviam indicado. Ela tudo fazia para que o pobre pássaro sarasse.

Ao vê-lo, ainda vagaroso, quase preso ao poleiro, deu duas pancadinhas leves na gaiola, advertindo-lhe: — Cuidado! se você não ficar bonzinho, acabará nas mãos de Ivone... Esta preferia tê-lo morto, empalhado, apenas para olhá-lo (pouco se importava com o canto) e, seu único trabalho era, de quando em quando, dar-lhe uma espanada...

O passarinho pareceu haver compreendido o seu aviso e começou a mexer-se, agitando-se naquele espaço reduzido, e soltando alguns pios que tanto alegravam como entristeciam à desventurada Rose.

Ligou o rádio, buscando um bom programa de música, na estação preferida. Odiava aqueles que torturavam os ouvintes com sucessivos anúncios cantarolados numa cadência monótona e irritante. Talvez ao som de uma valsa de Strauss, o pássaro se mostrasse com outra disposição.

Infelizmente, àquela hora, irradiavam o noticiário internacional, e a voz potente do locutor narrava os últimos acontecimentos no longínquo Oriente. Rose preferiu o silêncio e desligou o aparêlho.

Chegou-se à janela, e ficou alguns minutos a observar o pátio. O encarregado estava varrendo-o, em grandes vassouradas. Punha tôda fôrça em cada movimento. Assim, visto do alto, parecia um boneco mecânico ao qual houvessem dado corda.

No andar inferior, uma velha berrava para cima: «Johny! Oh! Johny, vem almoçar!» e, num apartamento próximo, costureiras venenosas tagarelavam incessantemente. «Oh! que gente faladeira. . .».

Rose respirou fortemente, sentindo um aroma agradável e convidativo do bife que estavam assando. Lembrou-se de sua casa, tão distante, de sua mãe sempre junto ao fogão, preparando-lhe as refeições e até pequenas e deliciosas broas. Lágrimas de saudade e desconsôlo embaciaram-lhe a vista.

Ruivo prometia reabrir a «Boîte da Televisão», com novas atrações. Estava querendo substituir

Lulu Frenesi por um tal Sátiro... Aquele tornara-se muito despótico. Falava de Sátiro com entusiasmo. Aliás, também estava visìvelmente encantado por Cristina que lhe fôra apresentada por Norman. Pretendia instalá-la no seu apartamento, visto que Joe o deixara para sempre; ou, melhor, fôra expulso! Ruivo havia levado uma desconhecida para o apartamento e êle fôra obrigado a passar a noite inteira sentado numa poltrona...

As reuniões na «Boîte do Sonhador» estavam suspensas. Abel recebera um belíssimo prêmio de viagem e já havia seguido para outras terras, em busca de novas paisagens e modelos. Os «sonhadores» também andavam tristonhos; afastados, isolados uns dos outros. Às vêzes, encontravam-se por acaso, e uma pergunta era inevitável logo após a saudação: «Afinal, Ivone já voltou?». Mas ela continuava no Paraná, de onde felizmente chegou-lhes uma mensagem:

«Sonhadores:

O correio, que me privou durante dias e dias de suas notícias, trouxe-me por fim uma avalanche de cartas. Com que prazer acabo de lê-las! Melancólicas e plenas de «saudades» umas, alegres e frívolas outras; tôdas, porém, encheram-me de seu espírito inquieto, sonhador, apaixonado e romântico. E como nelas o amor

ocupa um lugar preponderante, com a ilusão dos encontros e a desesperança dos encontros nem sempre poéticos. Portanto, já poderão imaginar o interêsse com que segui o itinerário de seus pensamentos.

Já sei que o Abel acaba de ir para a Europa. Itália, França, Espanha... Os velhos museus, os alaridos da arte moderníssima, a fascinação de imprevistas aventuras e seus vinte e dois anos maravilhosos e seu talento verdadeiramente excepcional... Veremos como voltará.

Soube que êle recebeu o prêmio merecidíssimo com uma emoção extraordinária. E como eu não pude comparecer à solenidade, tive que fazer milagres para não gritar de saudade do meu «mulato»... Quisera abraçá-lo com fôrça, brilhantes de lágrimas os olhos.

E como ainda não pude admirar o seu esplêndido quadro «**Panorama Íntimo**», faço votos que, nesta nova obra de arte, se fundam a atração dos modelos e o talento do autor. Se tal coisa suceder, será questão de exaltá-la, para sue as novas gerações não sucumbam com o seu feitiço irresistível...

Em Londrina, ao realizar a costumeira caçada, depois de muito caminhar, tive a felicidade de conhecer um dos caboclos mais atraentes que já vi. Logo que nos olhamos e fomos apre-

sentados, estabeleceu-se uma forte corrente de simpatia. Pediu-me que sentasse ao seu lado, a fim de descansar um pouco, e foi tal o encantamento recíproco que nos fizemos amigos para tôda a vida. Chama-se simplesmente João Constante. Parece até nome de pássaro, não acham? Apanhou do seu violão e me tocou algumas canções muito sentimentais. Já podem supor o gôzo de minha alma. Cada novo descobrimento tem a virtude de rejuvenecer-me. As canções falavam de amor e foi o que nos enlaçou fortemente naquela mesma noite. Não pudemos evitar um beijo gostoso. Não vale tudo isto infinitamente mais que a posse?

Aqui, na mata, entre os pássaros livres, estou aprendendo a verdadeira vida do amor e do carinho. Interesante que, em Itaipava, eu não conseguia essa mudança de vida. Naturalmente, devido à aproximação do Rio. Já não posso compreender como, até há pouco tempo, eu gostava de possuí-los mortos, embalsamados. Agora, prefiro mil vêzes vê-los livres, no bosque, aventurando-se aos pares, em busca de alimento e construindo com paciência os seus ninhos.

Afinal, que seriam destas paisagens sem êles? Sinto uma enorme alegria interior e minha ternura não tem limites quando os meus

olhares pousam neles. Operou-se em mim tal transformação que cheguei a chorar de emoção!...

A natureza aqui é magnífica, a vida simples e resignada dos caboclos me encanta e o amor ao contacto da terra e da folhagem é uma delícia!...

Quando o crepúsculo vem chegando, os pássaros buscam os seus abrigos, há um silêncio, uma pausa e tudo se torna irreal. Começam a brilhar as primeiras estrêlas e, da própria terra, eleva-se um canto triste, mas acolhedor. Parece que sonhamos!...

Ah! pudessem todos vocês, «sonhadores», compreender esta estupenda mudança de ambiente, jamais trocariam um raio de lua pelo luscofusco da mais rica «boîte»!

Ivone».

Rose achou que a amizade com Roberto devia ser cortada antes que sua vida se tornasse uma eterna tortura. Decidiu, por isso, aproveitar a primeira ocasião em que novamente estivessem juntos para pedir-lhe êsse último favor.

Sentou-se num banco, à Praia de Botafogo, e, distraída dos que circulavam por ali, parecia uma jovem abandonada... Observava montanhas de terra e areia, máquinas de terraplenagem, britadores, bar-

racões de guardar material, caminhões, escavadeiras, guindastes, etc. Tudo estava parado. Alguns operários sonolentos dormiam sôbre esteiras, num pedaço de pista que já havia levado uma ligeira camada de concreto; enquanto outros, inquietos, ensaiavam proezas com uma pequena bola de pano.

Depois, abriu de novo o telegrama que ainda sustinha na mão e pelo qual Ivone lhe perguntava aflita: — «AFINAL QUE HOUVE COM VOCÊ QUE NÃO ME ESCREVE» e principiou a rasgá-lo lentamente... E o vento carregou para longe os pedacinhos de papel!

Súbito, apareceu Roberto com uma alegria e disposição que, a princípio, deixou-a desconcertada. O que significaria aquele contentamento?

— Agora vamos morar juntos — exclamou, logo de início, apertando-lhe os braços. — Encontrei um pequeno, mas ótimo apartamento, no Leblon. Só aguardam meu último telefone, logo mais, à noite. para fecharmos o negócio.

A notícia causou fraca impressão em Rose. Roberto, desapontado, indagou-lhe: — Não está contente? Vamos dar uma festa, na inauguração, em homenagem a Rúivo? Afinal de contas, foi no apartamento dêle que nos conhecemos... O que você está cismando?!

— Sim — fêz ela vagamente, olhando-o com uma pálida tristeza — Mas não no sentido em que

você imagina. Por outro lado, é a Ivone quem devemos agradecer. Foi na «Boîte do Sonhador» que eu o conheci, de fato, **intimamente**...

— Como assim? — indagou êle, inquieto, achando-a formal e misteriosa.

— Você pode ir morar lá, sòzinho...

— Sòzinho?! Por que me trata dêsse modo? Por favor, explique-se!

— É que já decidi: de amanhã em diante, você deve estar livre...

— E você? Certamente já arranjou outra amizade, não é? E pensa que vou deixá-la? Pois engana-se!

— Sou eu que o abandono...

Rose levantou-se e atravessou o jardim em direção à rua Visconde de Ouro Preto. Alguns carros passaram velozmente à sua retaguarda, separando-a de Roberto. Êste correu ao seu encontro, desejoso de maiores explicações.

— É que eu nunca o estimei. Foi tudo mera representação — mentiu-lhe, procurando aparentar sinceridade, mas encobrindo a profunda emoção e desgôsto.

Roberto quase parou, surpreso e malogrado com essa revelação que lhe despedaçava a alma e o orgulho. Mas ainda tentou uma rápida reconciliação:
— Pelo menos, de minha parte, sempre fui sincero — confessou.

— Isso não basta! — respondeu-lhe Rose friamente, com o rosto voltado, a fim de não dar a perceber os olhos úmidos e os lábios trêmulos. E, para seu maior desespêro, Roberto acabou concordando com a sua resolução: — Se você assim quer, está bem. Despedímo-nos hoje mesmo.

Rose ficou encostada à porta do edifício, sem muita vontade de entrar, ir para o seu quarto, voltar à solidão irreparável. Apenas uma segurança dava-lhe fôrças. Breve, partiria para um destino ignorado por todos e aonde talvez pudesse recomeçar a sua vida. Êste pensamento foi-lhe devolvendo a tranqüilidade.

— Vejo que você está mais sossegada, agora.

— Sim, Roberto, é melhor que nos separemos como bons amigos.

— O futuro talvez nos dê outra oportunidade, quando você terá refletido melhor sôbre esta inútil separação — disse Roberto, ainda inconformado — O seu mal é viver sempre sonhando. O sonho não tem limites. Quanto mais você sonha, mais insatisfação encontra.

— É muito difícil reatar velhas amizades — retrucou ela, com displicência.

— Não acho, desde que fômos verdadeiros amigos, sempre perdura...

Rose sorriu enigmática. Parecia lamentar: — «Oh! a mocidade é tão fugaz como um sonho!»

Roberto, encabulado, solicitou-lhe:

— Posso abraçá-la?

— Sim! — assentiu Rose. E cerrando os olhos, murmurou: — Beije-me! Entretanto, seu pensamento estava longe, envolvendo e acariciando Cristina... Conjecturava **«Será que ela também gosta de mim?»** Antes que as dúvidas a torturassem, preferiu correr para o seu quarto e fazer várias arrumações, pois sabia que isso lhe daria alguma distração.

A fim de obter o dinheiro necessário para a viagem que iria empreender, Rose resolveu vender os seus objetos. Começou pelos livros. Era uma pequena biblioteca formada de obras selecionadas, pela qual conseguiu pouca vantagem apesar de regatear com três ou quatro revendedores. Também levaram sua coleção de revistas argentinas, dentre as quais «Lyra», «Histonium», «Saber Vivir», «Máscara» e «Continente», eram as preferidas. Contudo, reteve os livros que Julián lhe havia remetido e cujas dedicatórias eram verdadeiras confissões de amizade e amor.

Juno e Gino vieram correndo ao terem notícia de tais vendas, manifestando aquêle, um profundo descontentamento por que não fôra chamado ainda a tempo de evitar semelhante desastre. E Gino bradava: — Posso morrer de fome, mas jamais me se-

pararei de minha biblioteca. Juno apoiava-o, asseverando: — É uma loucura! Então, construímos com tantas dificuldades o «nosso mundo» e, de repente, tudo é assim destruído?!...

Rose não encontrava justificativas para ambos e, querendo furtar-se a maiores esclarecimentos, apenas esboçou um sorriso.

O anúncio no «Jornal do Brasil» produziu o efeito desejado. Todavia, pela manhã, não apareceu nenhum pretendente e ela já conjecturava: «Será que ninguém está interessado na compra de quadros?» O pior era que Eunice estava de folga e não poderia ajudá-la naquele domingo.

Felizmente, à tarde, quando, exausta com a armação das malas e embrulhos, já se preparava para descansar, dormir um pouco e esquecer aquelas aflições, a porta foi sacudida com vigorosas pancadas. «Que jovem atrevido me procurará?» pensou ela, erguendo-se solícita.

Abrindo a porta, sentiu-se surprêsa e satisfeita ao ver que se tratava de um possível comprador. Era um velho major, um tanto impetuoso, mas bem-humorado. Admirou os quadros num rápido movimento, em que sua fisionomia ora se contraía, ora se expandia numa aprovação. Decidiu adquirir dez quadros: um a óleo, cabeça de velho, impressionante, com olhares profundos e inquisidores, um **crayon,** esbôço de um rosto de mulher com uma expressão

de angústia, total desconsôlo. O restante, eram aquarelas, duas feitas por ela mesma, sob a orientação de Abel, e as outras, adquiridas em antigas buscas nas lojas da rua São José. Então, ainda feliz e despreocupada pelo seu futuro, gastava, com frenesi, o dinheiro que lhe sobrava do salário, cedendo ao desejo, à volupia de possuir tudo que porventura encontrasse de belo aos olhos e ao espírito.

Depois, entrou uma senhora de Copacabana, muito simpática, que logo cativou a atenção de Rose, pela naturalidade dos seus gestos e franqueza da palavra. Pareceu-lhe ter ascendência italiana. Ainda restavam alguns quadros interessantes, máscaras francesas de traços delicados e bi-sexuais, um busto de mulher com linda cabeleira loira, presente de Ângelo, e uma dezena de bibelôs.

Como o major havia feito, a senhora pediu um pequeno abatimento nos preços e, sendo atendida por Rose, fechou desde logo o negócio. Indagou-lhe se não possuía jóias para vender. Apesar de não tencionar vendê-los, Rose mostrou-lhe três anéis: um, de prata, com as insígnias da aritocracia francesa, outro, de ónix, sóbrio e belo, e o disco doirado, com a figura em alto relêvo que Mme. Ninon lhe remetera de Paris, por intermédio de uma atriz portuguesa, radicada no Brasil, que por lá estivera de passagem.

«Ah! são jóias de família» — manifestou a se-

nhora, ao que Rose assentiu com a cabeça. A fim de não deixá-la aborrecida, indagou: — Madame, por acaso, se interessa por antiguidades? E, em seguida, exibiu-lhe uma caixinha delicada, onde rèpousava um disco de vidro, com uma pintura feita à mão, da Igreja de N. D. de La Garde, de Marselha, que lhe havia dado sua avó, após a «Primeira Comunhão».

Satisfeita com a nova aquisição, a compradora arriscou uma nova pergunta: «Pretende deixar êste apartamento? Vai voltar à sua família?». Mas um tanto encabulada com a falta de resposta, confessou: «Dá-me pena vê-la assim, sòzinha, metida num quarto dêstes, tão sombrio, devassado e sem liberdade. Oh! deve ser horrível morar neste lugar, rodeado de gente tão intratável e intrigante como essa com que há pouco deparei no corredor. Mal sai do elevador, dei com senhoras, de portas entreabertas a cochichar. Uma delas, a mais descarada, no fundo do corredor escuro, encarou-me enquanto esperava à sua porta. Estava em «peignoir» com os cabelos desgrenhados, e simulava varrer, dando batidas fortes no batente a fim de chamar a minha atenção».

— Essa é apelidada de «Madição» — disse Rose, achando graça naquelas acertadas observações. — Não pasam de «ratas de corredor»... Na entrada colocam cinco porteiros, mas os corredores

ficam à mercê dessas vagabundas... E, agora, ainda não é nada... A senhora precisava ver quando ela punha todos os seus móveis e cacarecos aqui no corredor. Entulhava o caminho. A gente nem podia passar!

— Para quê?!

— Acho que era para limpar melhor o quarto. Aliás, ela começa nesse serviço às cinco da manhã e, às vêzes, até depois da meia-noite ainda está empunhando a vassoura.

— Oh! então ela devia era cooperar na Limpeza Pública.

— É o que eu sempre digo! Boba!... Fica por aqui, perdendo tempo, com êsse «show» gratuito.

— E tantas ruas desta «cidade maravilhosa» precisando urgentemente de uma boa vassourada!

— Para elas, limpar o apartamento é ficar nessa «gandaia» de abrir e fechar as portas, de minuto a minuto, ensaiando uns passinhos pelo corredor e espionando a vida alheia. A «Maldição», por exemplo, parece ter uma campainha ligada ao elevador pois mal êle funciona, neste andar, ela entreabre a sua porta para ver quem chegou...

— Talvez queira «abiscoitar» os «maridos» das outras inquilinas — opinou a italiana, rindo a bandeiras despregadas. — Elas deviam pagar aluguel do corredor também!

— «Dá uma louça a ela p'ra lavar! Dá uma

roupa a ela p'ra coser! É... é... é... É falta do que fazer», cantarolou Fredy, que acabava de chegar e notara sôbre quem ambas estavam falando. Rose despediu-se da senhora.

— Como é? Tem aparecido muita gente por aqui? — indagou êle, curioso.

— Três pessoas. Essa italiana que saiu há pouco, um major e um bailarino...

— Um bailarino?!

— Sim, foi recomendado por Juno, mas sòmente estava interessado em revistas anteriores a 1900 (!). Não obstante elogiar o meu bom gôsto apenas se limitou a mencionar os objetos de arte que possui e a fazer reparos em alguns quadros. Assim: «Nesta **Ballerina**, de John Plumer Ludlum, você devia sombrear um pouco a pálpebra do ôlho direito»...

— Essa é fina! — exclamou Fredy. — Bem, mas eu não vim aqui para «charlar». Estou com pressa de voltar para o meu ninho lá na Praia de Icaraí...

Rose presenteou-lhe algumas máscaras, de argila, de sua própria confecção. E Fredy retirou-se feliz para junto de seu amor. As máscaras fizeram-na recordar alguns dias em que ela estivera auxiliando uma velha escultora. Tudo marchava às mil maravilhas, Rose tomava conta do seu modesto estúdio instalado numa pequena mas bem ensola-

rada sala, no último andar de um edifício central. Era um trabalho um tanto pesado e prejudicial às suas mãos delicadas, mas entregou-se a êle com uma curiosidade e ânsia de aperfeiçoamento tão grandes que já nem se preocupava com isso. Certas noites, carregava um pequeno bloco de argila para o seu quarto e ali recobria a armação de arame, o esqueleto. Ao terminar a máscara, dando-lhe os últimos toques, procurava sujeitar o barro aos seus caprichosos devaneios, ora querendo imprimir-lhe uma feição puramente humana; outras vêzes, porém, desejando dar-lhe um aspecto sobrenatural, uma expressão que podemos ter em dados momentos de exaltação mas nunca a reconhecemos nem admitimos em estado normal...

E aquelas máscaras também lhe evocaram a lembrança de um conflito que pusera fim à sua amizade com a escultora. Numa noite, foram ambas buscar uma «Ceia de Cristo» que se achava numa fundição, em afastado subúrbio. Por casualidade, a conversação durante o longo trajeto foi encaminhada para questões muito sérias e profundas. Assunto delicado. Como Rose se pusesse a falar livremente slbre a arte e os atos religiosos, despertou certa controvérsia, tendo a mestra ficado sèriamente aborrecida com suas opiniões. Entretanto, no íntimo, Rose sentia que não estava enganada. Tanto fazia adorar a Cristo nas igrejas como em

sua própria casa. Acaso Deus não estava em tôda parte? O que valia era a intenção, a crença, a fé. Talvez houvesse interpretado mal o ato religioso quando o julgara sob o aspecto teatral? Não lhe foi possível evitar a ruptura de relações.

Todavia, ela conseguira evitar outro conflito quando o filho da escultora, na ausência da mãe, metera-se no atelier, procurando seduzi-la... Rose o deixara desconcertado. «Será que vocês sempre julgam fáceis tôdas as moças que se propõem à carreira artística? Seria demasiada concessão se concordássemos com essa vileza!». Êle refletiu, compreendendo que sua progenitora talvez já houvesse passado por semelhante situação, no início de sua carreira e, desde então, a deixou trabalhar tranqüilamente...

O major reapareceu com o filho, a fim de transportar os quadros para sua residência no Grajaú. Novamente a sós, Rose apanhou o lápis e, no caderninho, escreveu os algarismos, cuja soma já lhe permitia o luxo de uma viagem até o mais longínquo recanto do país.

Na manhã seguinte, Eunice veio acordá-la, muito agitada, exclamando: — Uma carta do seu Roberto! Rose apanhou-a e voltou ao leito.

«Minha geniosa Rose:

Ainda tristonho, aborrecido com o que ontem se passou entre nós dois, quis escrever-lhe, logo, esta cartinha, para esclarecer que prezo muito mais a sua amizade à de uma centena de criaturas iguais àquelas que convivem com você. Na verdade, que me importa possuir mais alguns «amigos» se êles contradizem e desrespeitam a norma de amizade? E' preferível possuir apenas alguns amigos bons e selecionados. Gostamos de criaturas singulares, mas, creio que tudo tem um certo limite. A educação também... Fui bastante complascente com todos êsses «sonhadores» e que lucrei com isso? Aborrecimentos e até complicações. Assim, há muito já me havia afastado dêles. Senti-me desde então com a vida mais tranqüila. Agora, entretanto, é você quem deseja separar-se de mim! Compreendo perfeitamente que você deve ter sido influenciada por algumas criaturas que a forçaram a tomar essa infeliz e extrema resolução. Peço-lhe, pois, que reconheça êsse êrro que praticou comigo e, se nesta carta não menciono nomes e nem voltarei a tocar neste assunto, é porque tenho as minhas razões.

Como já lhe disse, muitas vêzes, agradeço aos deuses a sua amizade e não trocaria uma

hora de conversação consigo à convivência eterna com essas criaturas alucinadas. Rose, minha querida, ainda é tempo para livrar-se dêsse ambiente! Você não percebe que uma eventualidade a colocou em situação desfavorável, permitindo-lhe certas loucuras... Mas nunca é tarde demais para alguém tentar a sua regeneração.

Pense bem, querida. Em todo caso, digo-lhe «Adeus!», pois parto amanhã para Belo Horizonte!

Um grande abraço e os mais belos pensamentos do amigo

Roberto».

A empregada veio trazer-lhe o café e, curiosa, quis saber: — Êle vai embora, não é?

Rose sorriu, meneando levemente a cabeça, a fim de não demonstrar contrariedade, e indagou: — Você chegou a vê-lo?

— Sim. Êle estava com uma mala enorme!

A resposta e a expressão da crioula provocaram uma franca e ruidosa gargalhada em Rose. Assim que recobrou a calma, ela refletiu um instante, redigiu algumas linhas para Roberto e começou a se preparar. Era preciso, naquele mesmo dia, dispensar Eunice.

E Vivien, ao regressar, ia ter uma desagradável surprêsa. Já não encontraria a prima nem o

apartamento à sua disposição. Teria de conseguir hospedagem num hotel, coisa difícil sem estar acompanhada de algum amante, e talvez fôsse fatalmente parar nas mãos de Rody... O poeta então mostraria do que era capaz! Ela o havia desprezado e não o temia por não conhecêlo bem; mas êle tinha medo era de si mesmo, porque sentia que abrigava um tigre adormecido no seu íntimo. Era sonhador e delicado sòmente na aparência.

Castro e Nélio passaram a viver juntos na residência dos «velhos», na Tijuca, pois aquela amizade era indestrutível e um não podia viver sem a companhia do outro. Consultavam-se a tôda hora.

Irineu e Fábio haviam chegado ao extremo. Não satisfeitos com as plantas caseiras, começaram a instalar, na «Gruta», um pequeno horto florestal. Tão numerosas eram as mudas de árvores arranjadas, que êles não encontraram mais um palmo de terra aonde pudessem cultivá-las. Por isso foram mantendo-as em vasos, provisòriamente, dentro da própia casa! E tôdas aquelas árvores frutíferas cresceram a despeito da falta de ar e de luz, erguendo seus caules e espalhando seus ramos e fôlhas pelos cantos do porão, formando uma selva estranha e obscura... Um empecilho à penetração de criaturas normais que se sentiam mal naquele ambiente, pois, logo na entrada, já se embaraçavam

com os espinhos de alguns cactos belos, mas perigosos.

Necessitando de mais vasos, ambos começaram a surrupiá-los das residências próximas, resultando daí uma alarmante situação quando as donas de casa e suas empregadas puseram-se a discutir e a lamentar o desaparecimento misterioso de tais objetos de estimação, cuja ausência modificava a fisionomia de seus jardins. Alguns vasos eram tão grandes que ninguém acreditaria tivessem sido levados com tanta facilidade por dois rapazolas; intrigava mais o fato de haverem sido carregados cheios de terra... Para onde?!

As reclamações foram se avolumando e, finalmente, chegaram ao conhecimento da polícia, o que motivou a súbita desaparição dos dois adoráveis loucos. Haviam seguido para o Alto da Boa Vista. Ali, pelo menos, sentiam-se no ambiente natural que tanto desejavam. E a «Gruta» ficou entregue à sanha das formigas que já reapareciam em novos núcleos, emergindo em colunas, atacando e consumindo tôda a vegetação, também rodeada e asfixiada pelas ervas daninhas que ninguém se preocupava em arrancar...

Rose resolveu soltar o seu pássaro. Uma vez que ela em breve partiria, era preciso também darlhe liberdade. Liberdade, ainda que tardia!

Apanhou a gaiola. « O Galo-da-Campina» se mostrava «jururu», no fundo dela, quase não conseguia saltar ao poleiro. Abria e fechava o bico incessantemente, respirando com visível esfôrço. Resolveu retirá-la a fim de que êle se sentisse reanimado com a relativa liberdade. Colocou-o próximo ao aquecedor, já desligado. Foi abrir a janela. Deteve-se um instante a olhar uma árvore cuja copa, banhada pelo sol, brilhava como esmeralda. Talvez êle conseguisse atingi-la...

Infelizmente, ao voltar para junto do pássaro enfêrmo, ela sofreu um rude e inesperado golpe. Êle estava deitado, morto! Afagou-lhe com as mãos nervosas, esperando um milagre... Era inútil! Oh! por que êle havia de morrer naquela manhã cheia de sol, em que os outros pássaros cantavam alegremente no jardim?

Sentiu-se culpada de sua morte e não pôde conter algumas lágrimas. Sua dor ainda aumentou quando contemplou a gaiola vazia... Jamais colocaria algum pássaro ali dentro. Nem ela, nem qualquer outra pessoa. E, num ímpeto, destruiu-a completamente.

Bateram à porta. Rose foi abri-la, ainda ofegante, e quase assustou o porteiro que lhe entregava uma carta. Destacou o sêlo, presenteando-o ao moço, que sorriu agradecido. Sentiu-se confortada ao verificar sua procedência. Os verdadeiros ami-

gos são assim: sempre surgem suas mensagens cheias de confiança e de ternura, nos devidos momentos, para acalmar nossa inquietação.

«Rose:

Meu abraço para você distante.

Dentro da noite surge a voz que nos lança de encontro a nós mesmos. E, de olhos apavorados, tememos o encontro com nosso íntimo. Mas nada devemos temer. Não podemos fechar nossos olhos. E' precoso sentir a existência em tôdas as suas nuances. É preciso ver tôdas as côres, e saber, também, que existe a ausência: a ausência das côres, o negro absoluto. E que existe, ainda, o branco que em si resume tôdas as côres e tôdas as nuances. É necessário não cegar-se a si mesmo; não criar um mundo falso, mas sentir o mundo interior em tôda sua plenitude.

Notamos, então, o nosso abandôno e a nossa insuficiência. Estamos abandonados. Fomos jogados no mundo. Ninguém pode fazer alguma coisa por nós a não ser nós mesmos. Não somos culpados. Ninguém é culpado. E não precisamos buscar desculpas. É preciso tomar consciência de si mesmo.

Sentimos, pois, a nossa insuficiência. Nós somos apenas nós mesmos. Resta, porém, a hi-

pótese de que alguém nos possa ajudar; possa, ao menos, nos compreender em pequena parcela.

Minha Rose, eu encontrei em você êste alguém cheio de compreensão. Eu tive a grande felicidade de conhecê-la. Sempre me recordarei disto.

Querida, suas palavras transbordam de um quente e confortador humanismo. Sei que não as mereço e o meu agradecimento junta-se à grande amizade que você despertou em mim.

Tal compreensão só tinha encontrado, até agora, em pouquíssimas criaturas. Criaturas mortas, porém. Jamais imaginei, em minhas meditações, que, aí, vivendo em minha própria época, houvesse uma jovem sentindo de maneira tão bela tudo quanto eu sinto.

Como são vazias as pessoas com as quais estou em contacto... Você fêz com que eu recuperasse um pouco daquela confiança na humanidade que eu já havia perdido.

Sim, Rose, no meu céu existe uma estrêla. Uma apenas. Estàticamente ela vigia minhas ações e me dirige. Fita meus gestos. Uma estrêla dentro de mim.

Não é boa nem má porque a bondade e a maldade se abraçam. Não existe limites: a

maldade e a bondade simultâneamente se abraçam.

Existe uma estrêla. Luz pouquíssima em minha paisagem enegrecida e devastada. É por ela que eu sou poeta. É por ela que eu senti esta grande necessidade de ser poeta. Esta grande necessidade de dizer o que sinto. Ela é o meu sofrimento e é, também, esta fôrça que me impulsiona à realização de mim mesmo.

E ela fixou-se no meu céu. Jamais tentei e jamais tentarei afastá-la. Eu consenti que ela se fixasse no meu próprio céu!

Falarei de você, agora, de você tão boa, de você .que gostou de meus pobres poemas. Sinto-me feliz em pensar que você gostou de meus poemas. Falarei de você, Como, por que, quando a conheci? De maneira muito simples. **Haveríamos de nos encontrar um dia! As grandes almas foram feitas para se encontrarem**...

Minha Rose, não quero cansá-la com a aspereza de minhas palavras. Quero ter, novamente, dançando em meus ouvidos a doçura de suas frases. Quero que você me escreva sempre.

Beijei loucamente suas flôres... Guardei-as dentro de um relicário. Quisera poder guardá-las dentro de mim mesmo.

Seu dedicado poeta e amigo».

Às lágrimas que derramara pelo indefeso pás-

saro morto, sucederam-se outras lágrimas, de ternura e profunda simpatia pelo jovem poeta. Sentiu uma vontade imensa de conhecê-lo pessoalmente, desejou que êle se encontrasse ali, a seu lado, e pudesse tornar realidade ao menos um de seus sonhos! Juntos, talvez achassem menos cruel a vida de tormento e solidão a que haviam sido destinados. E dessa união, o que poderia advir? A esperança e a febre de reconquistar o ideal quase perdido, ou o fortalecimento daquela crença de que Deus lhes dera uma natureza poderosamente sensível, mas lhes negara essa felicidade que eternamente haveriam de perseguir, mas nunca alcançariam?

Gracie:

Sempre que eu lhe escrevi, nunca disse tudo, pelo menos, o que sentia, fiz, faço, ou o que farei; aliás, não sòmente para você, como para alguns outros «sonhadores» com os quais me correspondo. Gosto de guardar o mais importante para mim, agindo dessa forma, pela falta de confiança que certos «amigos» nos inspiram. Escrevi esta carta há três meses...

Então, é você, minha pequena, a primeira a saber de tudo, você que tem agido como uma companheira nobre, de caráter. Será um amadurecimento precoce, ou a sinceridade que

mora em si e que viceja dia após dia? Ou será o reflexo da minha tristeza que vai até à sombra da sua alma?

O certo, eu não sei; apenas sinto que suas palavras sempre enchem de uma nova alvorada o meu coração vazio de esperança. Muito meditei para responder à sua cartinha. Estou escrevendo dentro da minha solidão, onde não ouvirei nem o ruído do trovão, se vier a me despertar.

Quando li, em sua carta, que a saudade do sol e do céu do Brasil atinge a nós que vivemos tão distantes, senti que as sombras dos edifícios que querem desafiar às alturas e ao Supremo Criador atingia a minha alma. A lembrança da pátria apagada pela ambição, ressurgiu em meu pensamento; mas nada mais farei do que esperar o dia da volta. Não é medo que sinto em recomeçar, mas um receio de não me dar bem no Rio. Você já sabe como tenho lutado, indo de Herodes a Pilatos, para conseguir o meu pão. Todavia, não tenho me dado mal nesta terra hospitaleira, onde luto como milhões de criaturas.

Se não tenho tido a sorte de chegar a «astro» de primeira grandeza, consolo-me porque milhões possuem idênticos sonhos, e também não chegarão a realizá-los. Mas...

estou vivendo na maior e mais tirânica cidade do mundo, sem deixar de ter casa, roupa e comida. Para mim, isto já constitui uma das grandes vitórias.

Então deverei ter fôrças para continuar lutando, também aí?... Minha batalha prosseguirá, não é? Tudo que for possível fazer, farei. Creio que a idéia de montar um «Estúdio» para ensinar é magnífica. O local sugerido por você é estupendo, embora haja a concorrência. Mas quem melhor do que eu poderá ensinar a «Dança Moderna», depois de estudar com uma das mais famosas bailarinas modernas do mundo e na melhor Academia dos Estados Unidos, pertencente a Martha Graham? Quem terá capacidade, no Brasil, de ensinar a «Dança Surrealista» e a «Dança Existencialista», atualmente tão discutidas nos altos meios artísticos? Estudo e dispendo todo o dinheiro que ganho semanalmente, com os mais notáveis mestres dessa escola, pagando até doze dólares por classe privada. E para quê? Para guardar os meus conhecimentos, sem mostrá-los a ninguém? Não sou nenhum bailarino excepcional e não me cabe a culpa por não haver realizado muito mais aqui. Primeiro, sendo estrangeiro, tenho que pertencer à União para ser Diretor de um Grupo; cargo que não poderei exercer a

não ser que esteja fora do país e receba um contrato de algum empresário, daqui, para me exibir. Depois, requer certo capital. Terceiro, a competição é tremenda. Quarto, a lei americana não é a mesma que a brasileira.

Numa palestra, ouvi alguém esclarecer que o americano gosta do que é seu e protege, em primeiro lugar, o que é seu, e quando vem a proteger e dar nome ao elemento estrangeiro, procura antes convencê-lo, interessá-lo para que se torne cidadão americano e o mundo julgue que tudo o que representa é produto «made in U.S.A.»... Ao passo que nós, brasileiros, ignoramos o valor nativo e não concedemos vantagens aos milhares de talentos jovens que perambulam pelas nossas metrópoles à mercê do capricho de empresários e produtores inconseqüentes, para oferecer chances gratuitamente, e até mesmo pagando, aos artistas estrangeiros. De fato! Quem era eu no Brasil? Nada! Era eu artista? Não! Reconheciam-me talento? Absolutamente! Era «estrêla» de primeira magnitude? Não! Quem era pois Oscar Rogér? Ninguém sabe, ninguém nunca ouviu falar nesse nome. Entretanto, poucos já fizeram mais do que eu aqui. Todos que deixam o Brasil não são capazes de ficarem em Nova York mais que o tempo suficiente para se cer-

tificarem da luta e da competição a ser travada aqui. E fogem como o diabo da cruz!

Indaguei a um dos que animavam a interessante conversação, por que nomes famosos e luminosos no Brasil vieram a fracassar na América do Norte. E êle me respondeu que «algumas criaturas nada sabiam e tudo o que faziam era limitado e sem base. Depois de um filme, ou melhor, uma pequena atuação em Hollywood, nenhum cabaret de Nova York as aceitavam. Outras, após três meses de audições, não serviam para o corpo de coristas do «Copacabana» por serem pequenas e gordas, ou do «Rádio City» por não possuirem nenhum dos requisitos exigidos. De alguns cartazes no estrangeiro, não se havia escutado aqui sequer um comentário... Também haviam aquelas que nem chegavam a fazer uma classe; enquanto outras se tornavam coristas de «shows» após haverem bailado o «Swan Lake» no Rio! Estas ainda conseguiam permanecer na América; mas outras, menos felizes, após audições malogradas tinham que regressar ao Brasil. Certas criaturas que haviam sido coroadas em concursos na sua terra, nunca chegavam a coristas de Nova York por serem exageradamente gordas, embora fôssem jovens e bonitas. O resultado é que acabavam muito

bem casadas, sendo exemplos de espôsas e mães. E ainda haviam aquelas que eram postas fora dos hotéis em 24 horas, depois de cairem em ridículo com suas «old fashioned dances» e seus acessórios primitivos; bem assim as que apenas com uma audição em Nova York eram barradas e voavam imediatamente para o México, sem coragem de lutar, porque, em se tratanto de país latino, talvez ali houvesse mais aceitação e — quem sabe? — até chegassem mesmo a progredir e a se tornarem «estrêlas»; enquanto outras, sem perseverança, regressavam logo ao Rio, para exibirem suas plásticas sensacionais e ganharem pomposos títulos...

«Mas, o sucesso» — prosseguiu êle — «terá que ser feito aqui, na América do Norte, e os jornais terão que noticiar os fatos em língua inglêsa. Quem mostrará as críticas de Walter Terry, Walter Winchell e outros? Isso de tirar fotos com celebridades, não quer dizer nada, porque se eu conheço um jornalista poderei levá-la e ser apresentado a um «astro» e tirar fotografia ao lado dêle»...

Realmente, opinei, eu mesmo tenho uma foto com Danny Kaye. Por quê? Levei um amigo ao «backstage» do «Roxy» e, falando com aquele artista, o meu conhecido propositadamente bateu uma chapa! O resultado é a

seguinte pergunta: Sou eu famoso aqui? Não! Danny Kaye sabe quem eu sou? Que pretensão!

«Pois é assim que êles voltam ao Brasil» — revelou-me — «e estampam essas pôses, iludindo a fatuidade dos fans... Não censuro, porque isso é publicidade, e a propaganda terá que ser feita com mentiras, senão pouca vantagem fruirá. E como os mencionados, dezenas de outros, dos quais agora não me lembro».

«Sabe quem fêz sucesso aqui? — ainda me indagou. — «Como brasileiros, são Carmem Miranda, Alzirinha Camargo (esta com mais oportunidade que a Carmem, porém sem inteligência), Bidú Sayão (ídolo do povo americano), Villa-Lobos (motivado pelo fracasso da peça «Madalena», a música ficou na lembrança do povo), Ary Barroso, Guiomar Novais, Eleazar de Carvalho e Yara Bernette (pianista)».

Desde que aqui cheguei, minha querida Gracie, tenho trabalhado duramente. Deus tem me concedido muita sorte, pois que, tenho tido saúde e sempre trabalhos para fazer. Hoje tenho um pequeno apartamento modestamente mobilado a meu gôsto (tudo me pertence), boas roupas e alguma economia. Ademais, trabalho constante. Agora atuo no «show» mu-

sical «Idiot's Delight», com Lee Tracy e Ruth Chatterton nos principais papéis, aparecendo também a nova «estrêla», Theodora Lynch. Ignoro quanto tempo durará, mas já tenho seis semanas para «Summer Stock» em um Teatro no Campo, pois agora estamos no verão e tudo fechará. Também desconheço a parte a representar, mas a audição que dei é para um «show» com Kay Francis e Basil Rathbone.

Mantenho um pequeno negócio, que iniciei há dois meses, como você poderá ver pelo cartão que acompanha esta carta. Quanto à «Dry Clean», eu apenas possuo metade do interêsse. Ainda disponho de uma oficina instalada na East Drive (East Side), onde faço alterações, reparos em blusas, saias, vestidos, costumes teatrais. Não gosto de negócios, mas eu havia feito um curso na «Trapagen High School for Design», de seis meses, estudando vestidos, plissados e roupas para teatro.

Como vê, não tenho perdido meu tempo nos Estados Unidos (dormindo apenas cinco horas) como acontece com dezenas de outros brasileiros. Mas há os que continuam ociosos, mesmo no estrangeiro, como um colega que, estando aqui há quatro anos, ainda nem conseguiu falar o inglês, nem decorar 25 palavras!

Não estuda nada e quase não o entendo, mesmo quando fala o português.

Se imitei, tentando meter-me nesses negócios, foi porque do teatro pouca gente vive. «Estrêlas» famosas de cinema também possuem seus negócios. Jerry Colonna vende automóveis usados, Gail Patrick tem restaurante, Jack Dempsey (eu o vejo diàriamente) tem restaurante na Broadway com a rua 49, Tatiana Chamié, antiga bailarina do Ballet Russe de Monte Carlo possui uma loja de gravatas, a mãe das famosas Gabor, também irmãs da atriz Ruth Roman, tem uma joalheria, e assim por diante. Quando saio, deixo uma senhora tomando conta do negócio e ela faz o mesmo trabalho, ganhando a metade.

Agora, minha pequena e adorada Gracie, direi que tudo isso não é, absolutamente, o essencial. Estou cansado de Nova York e da solidão. Ultimamente, tenho sofrido muito. O meu sofrimento é o da alma, o maior. Os amigos, hoje em dia, estão difíceis e raros em tôda parte. Eu e Ângelo nos separamos; felizmente, sem brigas ou discussões. Ao que parece, êle continuará vivendo aqui, na América, com seu emprêgo estável e sua vida quase burguesa... Algumas pequenas aventuras, de quando em quando, não lhe causam alterações. Nas grandes

cidades, isso é inevitável e até necessário a fim de que não nos deixemos amargurar por uma vida monótona e desprovida de fortes emoções. Aparentemente, êle se julga feliz com uma garota, Sandra Vilma se não me engano.

Desde o último dezembro eu possuía uma amizade aqui. Um bom rapaz, com um coração tão grande como o nosso Pão de Açúcar e uma alma pura. Os seus pais já morreram, mas vive com tios que me querem muito. Tôdas as noites reuníamo-nos. Mas... (Será que sempre deverá existir um **Mas?**) agora, eis que tudo é destruído .O Exército chamou-o e, desde então, nem mais um sorriso, nem o brilho dos seus olhos, e nem a graça que possuía quando falava. Apenas a tristeza, a inquietação pelo que lhe poderá suceder, no futuro próximo e seus pensamentos vagam entre nós dois. Às vêzes ficamos mudos, fumando apenas, e um silêncio grave e triste enche o apartamento, até que a fadiga e o sono nos vence... Êle partirá com 21 anos apenas para a Coréia; creio que em meados de junho.

Portanto, eu também devo partir. Não desejo mais ficar aqui. É o meu ardente desejo recomeçar no Brasil outra vez. Talvez aí eu esqueça tudo e aguarde mais feliz, tranqüilo por dias venturosos. Quem vem do Rio me conta

horrores da vida aí. Ninguém me aconselha a voltar e até afirmam que, se eu fizer isso, cometerei um êrro, que será uma loucura! Creio, entretanto, que devo ouvir a voz do coração. Onde eu passarei fome e sêde no meio da terra? Onde não trabalharei desde que possua saúde? Em qualquer parte trabalharei e ajudarei a construir algo de bom e belo, por mais humilde que seja o meu esfôrço.

Voltarei, Gracie, para recomeçar com mais sabedoria e vigor, a mesma tarefa que havia deixado interrompida aí. Você me ajudará a reconquistar o campo perdido e me reanimará nos momentos de tristeza com sua exuberante vitalidade. À tardinha, iremos comer na «Pensão de Dona Diva» e ela, após servir a sopa, se debruçará, atirando sôbre os meus ombros, aqueles dois seios enormes e perguntará: «Está gostando, filhinho?...». Depois, procuraremos um cineminha de bairro e, na penumbra, juntinhos, abraçados, eu lhe murmurarei palavras doces e carinhosas ao ouvido, mas você me suplicará: «Fica quieto, benzinho... Hum! Êsse filme está bom»!

Recomendações à adorável e infeliz Rose e à misteriosa e doida Vivien. Perdôa-me haver retido 100 dias esta carta.

Oscar».

Rose chegara sòzinha à estação e pressentia que assim talvez permanecesse até à partida do noturno. Roberto não foi buscá-la em casa. O que teria acontecido com o amigo? Não lhe haviam transmitido seu último recado por intermédio de Eunice? Ah! certamente êle já houvesse partido! Levaria mesmo avante aquela idéia de casar-se com Fada? Antes isso poderia deixá-la muito preocupada, mas Rose estava decidida... Achava melhor que cada qual seguisse o seu próprio caminho. Sim, deviam separar-se antes que ambos perecessem juntos. E Cristina, por que não vinha despedir-se dela?

Acomodou as malas no seu beliche e voltou à gare, para sentar-se na ponta de um banco. Apesar de haver adquirido uma revista sensacional, sustinha-a sôbre os joelhos, ainda fechada. Um carregador resmungava, próximo, num dialeto irreconhecível. «Hoje só temos mendigos!...»; parecia blasfemar, e não obstante, o encarregado do trem apoiava-lhe a idéia, sorrindo. Algumas senhoras conversavam animadamente, noutro banco, com um sotaque estrangeiro. Uma delas falava ora em alemão ora num português arrevezado. Mistura de vozes, de almas e de temperamentos. Dois jovens fans de teatro trocavam impressões sôbre a próxima apresentação de Jayme Costa — «A Morte do Caixeiro Viajante», de Arthur Miller.

Sòmente Rose permanecia silenciosa e pensa-

tiva... «Oh! era melhor partir, partir o quanto antes possível a fim de terminar de vez com aquela torturante espera que lhe enchia o cérebro de idéias confusas sôbre a sorte dos amigos. Era incrível que não se preocupasse consigo mesma, com sua carreira interrompida, quase malograda! Na verdade, pouca esperança restava-lhe para recomeçar com a mesma vontade que há alguns anos tivera... quando, recém-chegada ao Rio, ainda saturada de ilusões, sòmente se preocupava com seu formoso corpo e o sucesso que poderia obter ao exibi-lo com os mais novos, ricos e originais vestidos. Agora o que lhe restava? Já perdera o emprêgo, a saúde e apenas possuía algum dinheiro.

Ajeitou um cigarro nos lábios, mas não conseguiu acendêlo. Estava quase chorando, com o coração também magoado pela ausência de Roberto. Para que mentir? Era o único homem, a única criatura pela qual ainda sentia verdadeiro afeto.

Olhou novamente para a entrada da gare, onde chegavam alguns passageiros atrazados; fixava os rostos, mas cada um dêles dava-lhe um segundo de esperança e uma angústia imediata. Nenhum assemelhava-se às criaturas ansiosamente aguardadas. E seus olhos, claros e brilhantes como duas estrêlas, já fitavam-nas com uma súplica sem esperança. **Os amigos**...

Ah! talvez ainda houvesse tempo de voltar,

correr em busca dêles, abraçá-los! Mas isso seria juntar novamente uma vida às outras, e essa junção, ela bem o sabia, era fatal, iria arruiná-la para sempre!...

«Leve tudo o que eu possuo, mas não me obrigue a beijá-la e **não torture a minha alma!»** — ainda, ainda persistia e reaviva-se aquele grito de angústia e revolta que lançara ao rosto de Santiago, num instante de crise. Chegaria êle a arrepender-se dessa atitude? Não, não poderia jamais perdoá-lo! E por acaso, certa vez, ela não havia desconfiado de Roberto? Com um olhar apenas, pareceu-lhe menosprezá-la profundamente. Há olhares que falam, e o que êle lhe dirigiu era humilhante: **«Nada pode substituir o amor de uma mulher honesta!»**.

Ela, a Ilusão, não havia encontrado nenhuma verdadeira e sincera aventura na realidade que buscara. Esta talvez pudesse oferecer-lhe a sua própria morte na amizade e união com uma criatura semelhante a ela... Cristina era uma tentação diabólica!

À sua lembrança, vinham as primeiras frases de uma composição de Genaro Marsiglia, jovem autor ainda desconhecido: «Mãos postas a rezar, mãos trêmulas e frias, ungidas de luar, crismadas de sol... Enxugai o suor de minhas agonias quando tudo morrer de nosso grande amor!».

Uma mariposa contornava e debatia-se contra

o globo da luz. Fê-la recordar a libélula de asas delicadas e brilhantes cuja morte certa vez presenciara; por isso, desviou os olhos para outro ponto.

O trem apitou e a máquina ia pôr-se em movimento. Também a sua vida retomava aquele ritmo mecânico mas incessante, de fugir, eternamente fugir... Agora, para longe dos amigos e da própria vida! Julgava poder assim recomeçar noutra cidade, noutro ambiente, aquela condição de criatura normal; já não aspirava a ligações extraordinárias que pudessem desviar-lhe o sexo e amargurar-lhe o espírito até à idéia de morte. Oh! eterna e fraca Ilusão.

Rose pensava em fugir da vibração da vida a fim de reconquistá-la, além, numa forma amena e livre de perigos. Uma perene contradição cujo estigma impunha-lhe imensos sacrifícios. O sacrifício de sua própria vida! Os maiores perigos ela carregava consigo mesma; o amor pródigo que a exaltava ou o sexo pervertido que a torturava!

Tentou fumar novamente a fim de acalmar-se, mas o cigarro caiu-lhe sôbre o colo. Estava demasiado triste e nervosa. «**Quanto maior o sentimento, maior a tortura**». Tinha os lábios trêmulos...

— FIM —

ERRATA

ERRATA

As condições especialíssimas em que foi composto êste livro e o curto prazo de que dispunha o Autor para publicá-lo impediram um serviço de revisão adequado, do que resultou um sem número de lapsos, na maioria, de sua própria responsabilidade. Pode pois escusas ao leitor benévolo e, mais em caráter de satisfação do que mesmo no de corrigenda, dá a seguir alguns erros, de verificação menos fácil, esperando que a boa vontade do leitor o perdoe dos que não estão assinalados.

Pág.	Linha	Em vez de:	Leia-se:
4	8	pode	podem
4	8	deve	devem
20	17	atracação	altercação
25	antepenúltima	on name	on mame
30	14	abofado	afobado
31	23	al-	alguma
34	16	na velha	naquela
35	última	—	(Eliminar o verso inteiro)
47	22	graça	garça
72	14	que se houvesse, num golpe de mágica arrancando-lhe as calças!	que se lhe houvesse, num golpe de mágica, arrancado as calças!
81	6	vê	vêem
88	9	belicioso	belicoso
89	21	surpreender	a surpreender
97	6	responde	respondeu
151	10	acaba	acabava
173	6 (de baixo)	Ziembiensky	Ziembinsky
303	última	bezeleu	beleléu
304/389	—	"Madição"	"Maldição"
338	9	lembra-se	lembrasse
339	15	tenura	ternura
347	6	teria tornado-se	teria se tornado
348	1	Elas são demasiado inferior	Eles são demasiado inferiores
351	antep.	amassem-na	a amassem
353	11	como se houvesse	como se uma houvesse
374	19	Niezche	Nietzsche
393	6	Todavia, ela	Todavia, anteriormente, ela

«NÃO SEI SE VOLTAREI»

Conquanto seja um romance, não o é de ficção, pois todo êle repousa em dados e fatos absolutamente autênticos, sendo os personagens reais e fàcilmente reconhecíveis pelos que viveram no meio descrito por ANTONI DI MONTI.

Decerto memorialístico, porém espontâneo, sem adornos ou concessões remancizantes, é a história de um passado ainda próximo, na cidade de CAMPINAS cinco lustros atrás, um passado onde há vida, onde há paisagem (a paisagem tão ausente de nossa literatura dos últimos decênios), onde a infância é ingênua e simples como num conto infantil, onde a evolução do protagonista é humanamente descrita, sem exacerbamentos, e onde há cenas e episódios que valem isoladamente, como o da REVOLUÇÃO PAULISTA, a enchente do Rio Atibaia, a descrição do Ginásio, esta de uma ironia delicada, a aula de história natural, etc.

É UM LIVRO COM ALMA



— "NÃO SEI SE VOLTAREI" é a novela de um rapaz que, desde tenro se sentia isolado no seu universo mágico, entregue a turbilhões de pensamentos vagos, desejos fluidos, aspirações incertas. Toni é o jovem que se vê

nascer de si mesmo, que busca uma definição para seu temperamento ainda amorfo, que se aferra a uma concepção-de-beleza sem experiência, a um ideal de felicidade sem alicerces na vida real.

O romancista revela um amor quase infantil à paisagem, o gôsto do descritivo, a sensibilidade fora do comum, e sobretudo a simplicidade de narração. DI MONTI é, antes de tudo, um intuitivo, um homem que se guia pela sensibilidade. A sensibilidade é mesmo o seu único instrumento, a razão de ser de seu estilo. Dessa simplicidade às vêzes brota com muita fôrça uma poesia interior, sem preparação externa, o que faz com que o seu livro adquira delicados toques, sem falseamentos. Via de regra, a narração em "NÃO SEI SE VOLTAREI", é delicada, sem atavios, como na descrição do seu carinho pelos pássaros; enquanto o trecho dos balões é um dos mais acentuadamente líricos do romance.

Há em DI MONTI uma vocação tôda especial para a descrição de ambientes, de acontecimentos. O interior das salas de aula, com pitorescas observações em tôrno dos professores, os episódios da revolução de São Paulo e seus reflexos em Campinas, o clube de regatas — são todos trechos de boa expressividade. Os diálogos, em geral, são bem vivos, espontâneos. A transição dos capítulos obedece a uma continuidade de narração bastante satisfatória.

Fausto Cunha

Em "A Manhã", Rio 3-6-50.



"Um escritor paulista, muito jovem, o sr. Antoni Di Monti, publica um romance de reminiscências de infância e juventude, "NÃO SEI SE VOLTAREI".

O jovem sr. Di Monti começou muito cedo a viver. A sua origem italiana deu-lhe ao sangue a vibração trepidante dos peninsulares e daí a inquietação de que foi tomado, desde tenra idade, ansiando por novos horizontes mais vastos que os de Campinas, sua cidade natal. Preferindo o Rio a São Paulo, aqui trabalhou no Teatro do Estudante, revelando-se um bom intérprete do Orlando de "COMO QUISERES" de Shakespeare, quando contrariou a vocação teatral para correr às fileiras em serviço militar. Foi no quartel que escreveu "NÃO SEI SE VOLTAREI", sem dúvida premido pelas saudades e pelas circunstâncias. Revelou-se ao mesmo tempo lírico e prático, real e inquieto.

A apresentação de Campinas está redigida em tom doutoral. Mas, felizmente, logo na página seguinte, já se sentem as primeiras vibrações do prosador, um esfôrço mais prolongado para dar colorido à frase e mais sentido às palavras. Por exemplo, neste período: "Soavam, por tôda a cidade as rítmicas badaladas do sino da bela catedral; os pombos, assustados, levantavam vôo dos telhados coloniais e as mães pediam aos filhos para acertarem o relógio no alto da parede. Ouvia-se, ao longe, o apito melancólico de um trem que partia e tudo mergulhava de novo no silêncio. Assim era Campinas, nos dias de minha infância...".

Não são poucas as aventuras do menino que foge da casa paterna para cometer traquinadas por montes e vales, ladeiras e ruas de bairros anônimos. A sua inocência desapareceu no dia em que teve a revelação da presença de um homem sinistro, o Galileu, apelidado o Lobishomem.

Páginas evocativas muito agradáveis são as refe-

rentes aos dias passados no Arraial, entre a rapaziada do Clube de Regatas dos Souzas, a estirada de barco até a fazenda "Primavera", a desordem da natureza durante a estação das chuvas, a tasca dos balões nas noites de junho, a revoada das andorinhas perseguidas por um gavião. O menino vai crescendo e o seu espírito se desenvolve e se apura. Eis uma confissão que merece registro: "O meu mundo interior desenvolveu-se, ampliou-se enormemente. Não que me houvesse criado num ambiente onde só existia gente culta, cheia de profundos e elevados sentimentos. É que desde a infância já me sentia superior àqueles que me rodeavam, julgava impossível viver nesse meio sem o auxílio de uma resignação estoica, de um cepticismo. Daí ter começado a filosofar muito cedo. A minha imaginação abstraía-me a um outro plano e eu permanecia horas inteiras num silêncio extasiante... Dentro dêsse mundo absorvente devia parecer inacessível aos demais". Êsse complexo de superioridade aliado à queda para meditações profundas, conduziram o memorialista à encruzilhada de caminhos tormentosos. Daí, por sem dúvida, o desfecho cômico do seu primeiro romance de amor, quando se sentiu confuso e sentimental diante de uma garota que vivia perto de sua casa.

Deve-se salientar, no livrinho do sr. Antoni Di Monti, as reminiscências da revolução paulista de 32, que parecem bem gravadas, bem nítidas.

O autor tem talento e deve perseverar. E êste é o melhor elogio que poderíamos fazer ao seu livro de estréia".

Joaquim Thomaz

No "Jornal do Brasil", em 16-12-50.



"Não sei se voltarei" é o romance com o qual estréia literàriamente o sr. Antoni Di Monti, que nos ofereceu um exemplar. Sente-se desde o início da leitura que o autor nada mais desejou fazer que reunir memórias de sua infância e do princípio de sua mocidade. O livro, porém, careceria de interêsse e de valor como literatura se o autor não se tivesse preocupado com o problema de sua existência. Trata-se, embora não totalmente, de um romance de definição. Di Monti procura definir-se como indivíduo concreto, procura descobrir o seu próprio caminho. Êle sente a necessidade de conduzir-se a si próprio, e diz: "Algum dia renunciarei a essa vida. Terei o meu destino nas minhas mãos e o conduzirei ao rumo para o qual me julgo inclinado. Só mesmo a necessidade a que agora estou prêso, pode transtornar os meus planos. Só terei aventura, a aventura tal como eu a desejei, quando estiver totalmente entregue à minha concepção de trabalho e prazer. Aí, começarei vida nova!". Di Monti deseja realizar-se, viver sua própria existência intelectual. Mas êle não se preocupou em analisar devidamente êsse desejo, apenas o delineou, apenas o esboçou. Não era esta, talvez, a sua intenção. Êle se preocupa mais em expôr fatos, sucedidos em sua mocidade, que contribuem para sua formação individual.

Enquanto essa "vida nova" não principia desenrola-se sua infância. E' dono de uma conplexidade de sentimentos enorme. "Era escravo de uma inconstância única. Não sabia, ao certo, onde ficar nem para onde ir. As resoluções vinham-me num repente, e, então, revirava tôda minha vida. Eu próprio não atinava com o meu desejo. Tinha medo dêsses momentos de felicidade que, quando se prolongavam, enfraqueciam-me tornando-me leviano e irrequieto".

Vivendo em Campinas sente a necessidade de horizontes maiores e em busca de aventuras abandona a cidade e a família.

Nota-se no romance a sua facilidade de narrativa e capacidade de descrição. E' realista, de um realismo agradável e simples, não deformado por falsas romantizações.

Seu estilo é transparente. Flui, como fluem as fontes na sucessão dos dias e das noites, acalentado por um ritmo muito humano.

"Não sei se voltarei" é um romance que merece ser lido por todos que desejem conhecer um dos mais espontâneos escritores da nova geração. Antoni Di Monti revela tendências para o gênero e seguindo com o entusiasmo do início colocar-se-á entre nossos melhores escritores, tão carecidos — hoje — dessa vida e dêsse humanismo que êle possui.

Esperamos que os seus dois romances no prelo: "Iremos longe de mais" e "Os anjos morrem no Mar" sejam a afirmação dos valores que existem no seu primeiro trabalho.

Bernardo Castelo Branco

"O Mackenzie" — Maio/Junho 1951 (Órgão do Instituto Mackenzie — São Paulo).



UM JOVEM ROMANCISTA DE CAMPINAS

Antoni Di Monti, de uma família italiana por mais de meio século radicada em Campinas, é um jovem talentoso e idealista, que, desde bem cedo, se sentiu atraído, mercê do seu temperamento artístico, pelas atividades intelectuais e por um largo cenário em que pudesse expandir livremente todos os seus anseios.

Transportando-se para o Rio de Janeiro, ali se dedicou integralmente à realização dos ideais que lhe ferviam no cérebro e no coração.

Trabalhou no Teatro do Estudante e, foi a êsse tempo justamente que foi convocado para o serviço militar.

Nos vagares da vida da caserna, seu pensamento voltou-se para a literatura como uma válvula ao seu irrequieto sonho de artista. E lembrando então da meninice vivida na paisagem campineira, cinco lustros atrás, das ilusões e desencantos posteriores, dos dias em que atuara no palco, entregou-se à tarefa de condensar tudo isso em páginas repassadas de lirismo e experiência. E as memórias infantis se fixaram neste livro humano e comovedor que é "Não sei se voltarei", de que acaba de remeter um exemplar.

O outro intitula-se "Iremos longe demais" e é um depoimento acerca da curta mas profunda e agitada passagem do moço campineiro pelo ambiente teatral.

O romance que gentilmente me foi oferecido pelo autor contém capítulos de marcante beleza episódica. A revolução paulista é aí evocada em cenas que revelam qualidades incomuns do memorialista.

O livro é todo escrito com forte poder comunicativo. E, se não é ainda a obra de um escritor que definitivamente se incorpora à galeria dos grandes no gênero, dá-nos já, entretanto, uma nota bem viva e auspiciosa das possibilidades do romancista, a quem está, por certo, reservado um belo futuro se persistir em desenvolver as excelentes virtudes de que é dotado.

Corrêa Júnior

Em "A Gazeta", de S. Paulo, 9-7-951.

A SAIR:

«IREMOS LONGE DEMAIS»

Em continuação ao romance «Não sei se voltarei», ANTONI DI MONTI escreveu «IREMOS LONGE DEMAIS», a epopeia de uma geração de artistas.

Uma fase da luta pelo engrandecimento do teatro brasileiro. Sua fôrça nascente e renovadora.

Personagens reais narrando as suas idéias, os seus projetos, os seus problemas, suscitando polêmicas.

É um registro da vida dos palcos e dos itinerários ricos das viagens; apresentando, também, o intenso movimento artístico de uma grande metrópole — Buenos Aires.

São páginas cheias de inquietação, confissões e depoimentos, revelando sinceridade e delicadeza dos sentimentos, mesmo na atmosfera angustiosa dos dias da guerra.



diversos, cujos conflitos são observados pelo autor, com extrema argúcia e num estilo límpido e elegante.

DI MONTI analisa essas almas, com tôda fôrça do seu grande talento; por isso, a leitura desta obra prende do comêço ao fim com o seu conteúdo extraordinário.

Uma jovem excepcionalmente bela e sensível, porém inexperiente, mergulha num meio estranho e irregular que, aos poucos, vai influindo no seu caráter até extrair-lhe os mais ocultos segredos, tornando-a prisioneira de amarga fatalidade.

Rose, sonhadora e atraente, enreda-se em aventuras perigosas e funestas, que a conduzem às fronteiras da psicose.

Mesmo exausta, ainda eleva o seu pensamento e tenta a regeneração. Infelizmente, êsse desesperado desejo de atingir a beleza e a verdade não lhe dá fôrças suficientes para se livrar do mal que a subjuga. Encaminha-a apenas à mais grave aventura...

AGUARDEM:

OS ANJOS MORREM NO MAR

É a história flamante de um amor violento num ambiente de expectativa e frustração. O tema se desenvolve com sobriedade, e os personagens se locomovem, no meio de seus dramas, não como autômatos, antes como sêres possuídos de angústia, que procuram uma definição para a própria vida, e não recuam quando se lhes antolha a possibilidade de realizar-se ou redimir-se pela morte.

ANTONI DI MONTI enfrenta a devassa de um ambiente artístico um tanto mórbido, onde temperamentos versáteis se atiram a uma frenética afirmação de liberdade, afrontando as contingências do âmbito social.

A trama amorosa é desenrolada com sutileza, valendo-se o romancista de vários processos literários, inclusive cartas, as quais conferem aos personagens a necessária autenticidade psicológica. Dois sêres se encontram e se destroem mùtuamente, ardendo na própria chama do amor que acenderam.

Não é um documento de desespêro, nem um roteiro para a angústia como inutilidade sentimental. É mais, talvez, o sub-aspecto de um caso passional num ambiente que, parecendo propiciar uma boa ressonância, contribui à sua anulação e abre caminho para levar a um impasse definitivo.

OS ANJOS MORREM NO MAR é dêsses livros que precisam ser lidos «por dentro».

Composto e Impresso na Pan-America ndústrias Graficas - Rua Alexandre Mackenzie N • 74 — Tel. 23-3082